

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E MEIO AMBIENTE

SANDRA TIRECK JUNQUEIRA

**AVALIAÇÃO DAS INTERAÇÕES ENTRE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E
MECANISMOS DE DEFESA DOS RESIDENTES PRÓXIMOS AO RIO
CACHOEIRA**

JOINVILLE

2021

SANDRA TIRECK JUNQUEIRA

**AVALIAÇÃO DAS INTERAÇÕES ENTRE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E
MECANISMOS DE DEFESA DOS RESIDENTES PRÓXIMOS AO RIO
CACHOEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde e Meio Ambiente da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Coelho Prates

JOINVILLE

2021

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

J95a	<p>Junqueira, Sandra Tireck Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa dos residentes próximos ao Rio Cachoeira / Sandra Tireck Junqueira; orientador Dr. Rodolfo Coelho Prates. – Joinville: UNIVILLE, 2021.</p> <p>206 f.: il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Saúde e Meio Ambiente – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Degradação ambiental – Joinville, SC. 2. Conservação da natureza – Aspectos psicológicos. 3. Ego – Psicologia. I. Prates, Rodolfo Coelho (orient.). II. Título.</p> <p>CDD 333.7098164</p>
------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Termo de Aprovação

“Avaliação das Interações entre Conservação Ambiental e Mecanismos de Defesa dos Residentes Próximos ao Rio Cachoeira”

por

Sandra Tireck Junqueira

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Saúde e Meio Ambiente, área de concentração Saúde e Meio Ambiente e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente.

Prof. Dr. Rodolfo Coelho Prates
Orientador (UNIVILLE)

Profa. Dra. Marta Jussara Cremer
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rodolfo Coelho Prates
Orientador (UNIVILLE)

Prof. Dr. Junior Ruiz Garcia
(UFPR)

Prof. Dr. Luciano Lorenzi
(UNIVILLE)

Joinville, 21 de setembro de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo com muito amor aos meus filhos e netos, torcendo para que as gerações futuras não sejam afetadas de forma grave pelos riscos ambientais gerados até hoje.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado contou com essenciais apoios e incentivos sem os quais os desafios teriam sido ainda maiores. Meus agradecimentos às pessoas que participaram, incentivaram e de forma direta ou indireta contribuíram para esse trabalho.

Ao Professor Dr. Rodolfo Coelho Prates, primeiramente pelo aceite de ser meu orientador e por dedicar seu tempo, conhecimento e paciência para construirmos este trabalho, sempre demonstrando grande competência, confiança e incentivo na resolução das dificuldades encontradas.

Aos professores Dr. Júnior Ruíz Garcia, Dr. Luciano Lorenzi, Dra. Aliciene Machado, pelas importantes contribuições nas bancas de qualificação e apresentação, pela disponibilidade para ensinar a fazer ciência.

Aos professores do Mestrado em Saúde e Meio Ambiente da Univille, por onde tive a oportunidade de conhecer importantes disciplinas nesse campo de saber, que aumentaram a minha paixão pela temática da conservação ambiental.

À equipe da secretaria do Mestrado em Saúde e Meio Ambiente, especialmente à Patrícia Pilz, sempre atenciosa e prestativa em nos ajudar e apoiar.

Ao meu marido Ricardo Aurélio que sempre esteve junto comigo, me apoiando e contribuindo para que eu pudesse desenvolver o estudo.

Aos meus pais Rubens (in memoriam) e Waltrudes, por terem me propiciado o dom da vida, estando sempre no meu lado nos momentos mais difíceis.

Aos meus filhos amados, Luis Eugenio, Álvaro e Leonardo, e à minha nora amada Lilian Augusta, aos meus netos, Loys e Lauren, fonte de inspiração e de força para a conclusão desse trabalho.

Aos colegas do mestrado, pelas trocas do dia a dia, celebrações de amizade, dicas, sugestões e apoio mútuo e pelo conhecimento que construímos juntos, os quais ficarão para sempre guardados num lugar especial da memória.

À BFG, ao Sr. Tariq Daoud, aos participantes da pesquisa, especialmente aos entrevistados. Obrigada por tamanha contribuição!

RESUMO

A existência de processos inconscientes e reações emocionais diante de ameaças ambientais ocasiona tensões psicológicas, ansiedades e emoções que podem prejudicar as iniciativas que visam a conservação ambiental. Os mecanismos de defesa são respostas decorrentes destas tensões, destinadas ao alívio dos sentimentos negativos. Neste trabalho avaliou-se os mecanismos de defesa utilizados por residentes do entorno da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, severamente poluída e considerada a mais vulnerável à degradação no município de Joinville - SC. Os mecanismos de defesa foram descritos por Freud como processos inconscientes por meio dos quais o ego se dissocia de impulsos ou afetos que considere ameaçadores e que tragam sofrimento. A busca por equilíbrio e adaptação às situações ameaçadoras que trazem angústias são os mecanismos de defesa, como a idealização, a negação, a projeção, a cisão, a apatia, a racionalização e o recalque. Em relação às questões ambientais, estes mecanismos podem agir poderosamente para criar inconsistências entre atitudes e comportamentos professados em relação às normas contra a degradação ambiental, à cultura de diminuição de resíduos tóxicos, à mudança climática etc. Este é um estudo qualitativo, do qual participaram sete residentes avaliados a partir do emprego de três entrevistas individuais, nos moldes adotados por Lertzman (2015). As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas de maneira independente. A idealização, a projeção, a racionalização e a apatia foram os mecanismos de defesa identificados com maior frequência nos estudos de caso, corroborando a hipótese do surgimento de ansiedade e sofrimento diante de situações ambientais ameaçadoras. Conclui-se, com este estudo, que a compreensão do funcionamento defensivo das pessoas que se deparam com essas situações pode auxiliar no aprimoramento de intervenções mais eficazes em programas e campanhas voltadas à conservação ambiental.

Palavras-chave: Degradação ambiental; Psicanálise e Meio Ambiente; Defesas do ego;

ABSTRACT

The existence of unconscious processes and emotional reactions when faced with environmental threats causes psychological tensions, anxieties, and emotions that can hinder initiatives aimed at environmental conservation. Defense mechanisms are responses arising from these tensions, aimed at relieving negative feelings. In this work, the defense mechanisms used by residents in the surroundings of the Cachoeira River Hydrographic Watershed, severely polluted and considered the most vulnerable to degradation in the city of Joinville - SC, were evaluated. The defense mechanisms were described by Freud as unconscious processes by means of which the ego dissociates itself from impulses or affections it considers threatening and that bring suffering. The search for balance and adaptation to threatening situations that bring anguish are the defense mechanisms, such as idealization, denial, projection, splitting, apathy, rationalization, and repression. In relation to environmental issues, these mechanisms can act powerfully to create inconsistencies between professed attitudes and behaviors towards norms against environmental degradation, the culture of diminishing toxic waste, climate change, etc. This is a qualitative study in which seven residents participated and were evaluated using three individual interviews along the lines adopted by Lertzman (2015). The interviews were audio-recorded, transcribed, and analyzed independently. Idealization, projection, rationalization, and apathy were the most frequently identified defense mechanisms in the case studies, corroborating the hypothesis of the emergence of anxiety and suffering in the face of threatening environmental situations. This study concludes that understanding the defensive functioning of people facing these situations can help improve more effective interventions in programs and campaigns aimed at environmental conservation.

Keywords: Environmental degradation; Psychoanalysis and Environment; Ego Defenses

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização de Joinville	48
Figura 2 – Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira	49
Figura 3 – Rio Cachoeira	50
Figura 4 – Rio Cachoeira poluído.....	51
Figura 5 – Fluxograma síntese da rede de contatos.....	53
Figura 6 – Histograma das idades conforme o gênero	62
Figura 7 – Gráfico da escolaridade conforme o gênero.....	63
Figura 8 – Gráfico sobre o nível de preocupação ambiental conforme o gênero.....	64
Figura 9 – Gráfico sobre temáticas ambientais.....	66
Figura 10 – Ambientes onde se discutem a situação do rio.....	67
Figura 11 – Meios de obter de informações sobre a situação do Rio Cachoeira	68
Figura 12 – Ações para melhorar as condições do Rio Cachoeira.....	69
Figura 13 – Sentimentos associados à situação do Rio Cachoeira.....	70
Figura 14 – Frequência com que foram identificados os mecanismos de defesa	93

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Razão da escolha dos participantes.....	71
Quadro 2 – Caracterização dos participantes do presente estudo.....	73
Quadro 3 - Compilação dos resultados das análises dos mecanismos de defesa dos participantes do presente estudo.....	91
Quadro 4 – Identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas.....	92
Tabela 1 - Preocupação ambiental conforme o nível escolar.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNIM: *Biographical Narrative Interpretative Method* – Método Interpretativo Narrativo Biográfico

CCJ: Comitê de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas dos Rios Cubatão e Cachoeira

FANI: *Free Associative Narrative Interviews* – Entrevistas Narrativas através de Associação Livre

FBCN: Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

ONU: Organização das Nações Unidas

UC: Unidade de Conservação

PNRH: Política Nacional de Recursos Hídricos

PRI: *Psychoanalytic Research Interview* – Entrevista de Pesquisa Psicanalítica

RDI: *Relational Dialogical Interview* – Entrevista Dialógica Relacional

SINGREH: Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos

SNUC: Sistema Nacional de Conservação da Natureza

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	19
2.1 Objetivo geral	19
2.2 Objetivos específicos	19
3 REVISÃO DA LITERATURA	20
3.1 Conservação ambiental	20
3.1.1 Aspectos conceituais, legais e éticos	21
3.1.2 A modernidade, o consumo e a experiência da perda	27
3.2 A importância da psicanálise	28
3.2.1 As origens da teoria da defesa	29
3.2.2 Dos fundamentos da psicanálise	30
3.2.3 A angústia e a ansiedade ambiental	32
3.2.4 Os mecanismos de defesa	34
3.2.4.1 A negação	36
3.2.4.2 A apatia	37
3.2.4.3 A projeção	38
3.2.4.4 O recalque e a repressão	39
3.2.4.5 A regressão e a idealização	41
3.2.4.6 A cisão	42
3.2.4.7 A racionalização	43
3.2.5 Psicanálise: método, técnica e pesquisa social	44
4 METODOLOGIA	47
4.1 Dinâmica da pesquisa	47
4.2 Área do estudo	47
4.3 Seleção dos(as) participantes	53
4.4 Critérios de inclusão e exclusão	55
4.4.1 Critério de inclusão	55
4.4.2 Critério de exclusão	55
4.5 Entrevista Relacional Dialógica - DRI	55
4.6 Análise de dados	58
4.7 Interdisciplinaridade do estudo	59
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	61

5.1 Resultado da análise do questionário de triagem.....	61
5.2 Resultado das entrevistas	71
5.3 Caracterização dos participantes selecionados para as entrevistas	73
5.4 Estudos dos casos.....	75
5.4.1 Caso Alex.....	75
5.4.2 Caso Flávio.....	78
5.4.3 Caso Elisabet.....	80
5.4.4 Caso Jackson.....	81
5.4.5 Caso Izabel.....	85
5.4.6 Caso Roberto.....	87
5.6.7 Caso Sílvia.....	89
5.5 Compilação mecanismos de defesa identificados nos estudos de casos....	91
5.6 Identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas.....	91
5.7 Discussão e Análise.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES	118
APÊNDICE 1: TCLE Triagem.....	119
APÊNDICE 2: TCLE Entrevista	122
APÊNDICE 3: TCLE Uso de imagem e voz.....	125
APÊNDICE 4: Questionário de Triagem.....	126
APÊNDICE 5: Respostas de Triagem dos entrevistados	129
APÊNDICE 6: Roteiro de Entrevistas de abordagem dialógica relacional	137
APÊNDICE 7: Transcrição das entrevistas	140

1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX, surgiu nos EUA o conceito de conservação ambiental dentro da corrente ideológica do conservacionismo que se opõe ao crescimento econômico “a qualquer custo”, desconsiderando os impactos ao ambiente natural e o esgotamento de recursos naturais. De modo complementar, sobre a gênese da sensibilidade ecológica no mundo moderno, Pádua (2003, p.391), demonstra o surgimento de uma percepção da problemática ambiental, relacionada às transformações urbano-industriais a partir do final do século XIX na Europa e, também, dentre outros processos históricos, a expansão colonial europeia e a consolidação da ciência como modo privilegiado de compreensão do mundo. Declara assim que:

A crítica ecológica moderna mostra-se tributária, em boa medida, da compreensão por parte de cientistas e administradores, de que os processos econômicos adotados pelos colonizadores europeus em regiões...., assim como no Brasil, estavam provocando uma degradação ambiental acelerada e evidente.

Tal situação denota que a preocupação com a devastação da natureza era mundial e local, já na época das colonizações, após o advento da revolução industrial.

No Brasil, foi criada, em 1958, a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN). Esta foi, até a criação do IBAMA em 1989, a principal organização da sociedade civil brasileira dedicada à preservação e à conservação da natureza. Contribuiu, em parceria com o poder público nas principais formulações de políticas ambientais desse período. Conforme seus valores:

Entendia que a natureza, como conjunto de recursos econômicos, deveria ser explorada racionalmente no interesse das gerações presentes e futuras, e como diversidade biológica, objeto de ciência e contemplação estética, ela deveria ser protegida (FRANCO & DRUMMOND, 2013).

Mas, em 22 de fevereiro de 1989 com a promulgação da Lei nº 7.735, que cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a integração da gestão ambiental no país passa a ser uma realidade. Isto se dá a partir da fusão de quatro principais órgãos de regulamentação ambiental, junto a Secretaria Especial do Meio Ambiente, cujos desdobramentos apresentam constantes desafios de ordem social, política e econômica.

O pensamento conservacionista contempla o uso racional e o manejo criterioso da natureza, entendendo os cidadãos como gestores e integrantes do processo. Ele se encontra na base de muitos movimentos ambientalistas atuais. Desse modo, deve servir de alicerce para políticas de desenvolvimento sustentável, buscando um modelo de desenvolvimento que garanta a qualidade de vida, mas que não destrua os recursos necessários às gerações futuras. Seguindo esta premissa, esforços e iniciativas à educação e à conscientização ambiental dos cidadãos têm surgido nos últimos anos por meio de iniciativas de várias organizações em diversas nações. Programas de governos, das associações e das indústrias buscaram estabelecer padrões mais rígidos nas últimas décadas, inclusive aplicando incentivos econômicos para combater a poluição ambiental, a mudança climática e outros problemas ambientais globais, embora de eficácia questionável.

Embora a conscientização ambiental tenha melhorado nos últimos anos, “foi apontada uma lacuna entre atitude consciente e ação das pessoas em prol das questões de conservação ambiental” (HIRAMATSU, KURISU & HANAKI, 2016, p.8-24). Existe uma distância enorme entre o discurso e a prática. O discurso e a racionalização sobre a importância em relação ao meio ambiente são notórios, e não se dúvida disso, mas, por outro lado, há uma discrepância entre as ações relacionadas ao meio ambiente. Neste trabalho, defende-se que a compreensão de como os seres humanos lidam com seus conflitos, culpas, ambivalência, ansiedade ou angústia, medos e incertezas, ainda não entrou totalmente no repertório das abordagens de conscientização e educação ambiental que levem ao engajamento efetivo das pessoas em atitudes e iniciativas práticas. Neste sentido, Renée Lertzman, (2015, p.3) traz uma contribuição aos modos de organizar os programas em defesa e conservação do meio ambiente:

Ao invés de tentar motivar e inspirar as pessoas a agirem forçando-nos a remar contra a maré e enquadrar o nosso trabalho como sendo uma persuasão, eu tomo como ponto de partida que as pessoas já se importam bastante, mas que talvez estejam envolvidas em dilemas complicados que tornam difícil a ação.

A suposição de Lertzman aponta para os dilemas pessoais que podem paralisar uma ação positiva em favor do meio ambiente. Greene (2018), reconhecido por seu trabalho sobre como a racionalidade e a emoção afetam as decisões morais, aborda o processo dual das intuições éticas na atualidade, bem como a tragédia dos bens de

livre acesso, onde, se todo mundo fizer só o que é bom para si mesmo, todos irão acabar em pior situação. Assim, os maiores problemas sociais – guerras, terrorismo, destruição do meio ambiente – surgem da nossa tendência de aplicar o “senso comum” aos problemas da vida moderna. (GREENE,2018.p.10). A melhor forma de analisar o nosso raciocínio moral é, para Greene, por meio dos dilemas morais, ou seja, a moralidade é vista como uma espécie de ferramenta ou conjunto de ferramentas mentais vivas e que nos permite evitar a tragédia pensando não apenas em nós mesmos, mas também nos preocupando com o bem-estar da coletividade. A questão moral não é orgânica, ou seja, não existe uma área no cérebro relacionada à moralidade, que nos torna mais ou menos humanos. Não se trata, portanto, da anatomia, mas sim do funcionamento mental, tanto dos fatores racionais como dos emocionais. Neste aspecto observa-se o paralelismo com a psicanálise no estudo da subjetividade humana, que não se fundamenta a partir do cérebro humano, ou seja, da morfologia, e sim nos aspectos mentais, conscientes e inconscientes, racionais e emocionais. Kollmuss (2002) ilustra dizendo que:

A existência de processos inconscientes e reações emocionais diante de ameaças ambientais ocasiona tensões psicológicas, emoções e conflitos sem precedentes. A angústia que se instala levará a problemas psicológicos secundários, respostas destinadas ao alívio dos sentimentos negativos. (KOLLMUSS, 2002, p.239-260).

Muitas vezes essas respostas, que são defesas, impedem as pessoas de apresentarem comportamentos em prol da conservação ambiental. A psicanálise criada por Freud descreve os mecanismos de defesa, como o recalque, a negação, a racionalização, a idealização, a projeção e a apatia, por exemplo, que podem ser um dos maiores recursos ao examinar a questão do engajamento nas questões ambientais do ponto de vista do psiquismo. Freud (1888-1893) investigou sobre as defesas do Eu desde o início de sua prática como médico neurologista. A defesa consiste em repelir da consciência aquilo que provoca desprazer, ansiedade ou angústia. Promovida pelo ego¹, aspecto consciente do Eu, ela, ao mesmo tempo em que protege o psiquismo, pode originar sintomas e alterações do Eu, os quais geram sofrimento psíquico. Desde a criação da psicanálise por Freud, o tema dos processos

¹ O ego é uma das três instâncias do aparelho psíquico conforme descrito pela psicanálise. As três instâncias são o id, o ego e o superego, que em conjunto formam o Eu.

defensivos vem sendo desenvolvido e no presente estudo a pesquisadora cita alguns autores, como por exemplo: Anna Freud, Melanie Klein, Hanna Segal, Rene Lertzman, David Zimerman, Harold Searles, e Dovan Cartwright. O termo defesa, como se está mencionando nesta introdução, é uma noção geral que abrange diversos mecanismos, como os citados anteriormente. Dessa forma, em certos momentos desta dissertação é abordada a questão da defesa como um todo e, em outros momentos, suas manifestações através de um mecanismo específico.

A temática da felicidade e dos problemas culturais fez parte das reflexões freudianas que mostram a linha epistemológica que sua vida e seu trabalho seguiram: de “uma dedicação primeira à fisiologia do sistema nervoso para uma busca do inconsciente de cada um para a valorização da cultura e do social”. (FOLBERG, 1987, p.20). Nesse sentido, quando Freud (1933) escreve uma carta a Einstein, ele diz que “...a humanidade tem passado por um processo de evolução cultural” e que é “a esse processo que devemos o melhor daquilo que nos tornamos”, mas por outro lado “uma boa parte daquilo do que padecemos”. (FREUD, 1933/1980, p.245-259).

Nessa época, Freud passava por sérios problemas de saúde, devido à um câncer na mandíbula, que lhe traziam sofrimento e dificultavam a produção escrita. Mas esses acontecimentos, segundo seu médico particular, Max Schur, não alteraram as suas convicções, “sua capacidade de viver sem ilusões e negações, mas puseram à prova ao máximo sua crença na futura vitória – do logos e da razão”. Mais adiante, Schur comenta ainda que durante as férias de verão de 1929 em Schneewinkel, o que mais o impressionou foi o entusiasmo de Freud pela natureza, pela vista das montanhas, as flores e os prados. “Todo o sofrimento não conseguiu deteriorar essencialmente sua capacidade de desfrutar”. (SCHUR 1980, *apud* FOLBERG,1987,p.21).

Em 1930, no seu texto sobre “O mal-estar na cultura”, Freud declara que a relação do homem com a natureza é uma dentre as suas três maiores fontes causadoras de sofrimento, as quais são:

... o nosso corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; o mundo externo, com as forças da natureza, que podem

voltar-se contra nós com acontecimentos de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, os outros seres humanos, com os quais nos relacionamos. (FREUD, 1930, p. 49).

A segunda fonte, o sofrimento com o mundo externo, representado pelas forças indomáveis da natureza e grandes catástrofes, tais como incêndios, terremotos, enchentes e inundações. Na tentativa humana de um controle onipotente dessas forças, se perdeu a amplitude de visão, que inclui o saber sobre a subjetividade, o entendimento holístico dos sistemas naturais, trazendo uma dissociação com os sistemas bióticos.

A leitura de alguns trabalhos (HOLLANDER & STAATSEN, 2003), (HEEMANN, 2000), (STIGSDOTTER, 2010), que dizem respeito à preocupação ambiental, trouxeram um desconforto em ver muitas produções envolvendo as dimensões biológicas do meio ambiente e a saúde física das pessoas nesta relação, não se discutindo muito os aspectos subjetivos/emocionais do ser humano que subjazem os comportamentos diante do meio em que habita. Em alguns casos, os temas resvalam nas pesquisas sobre a percepção ambiental, as mudanças dos comportamentos indesejáveis para obter retornos em conservação ambiental. Encontra-se algo na literatura discorrendo sobre a conexão com a natureza, os modelos históricos de amor à vida selvagem, de reverências às fontes naturais da vida no planeta etc. No entanto, o que incontestavelmente se percebe é o quanto esta conexão é difícil. O quanto o ser humano é tenso, ansioso, agressivo, contraditório ou frágil, chegando a se colocar friamente alheio às questões de conservação ambiental, utilizando as defesas do Eu² como obstáculo ao desprazer e angústia que lhe chegam do mundo externo. Seguindo os estudos de Lertzman (2015, p. 3-13), a psicanálise, através de uma abordagem psicossocial, pode ser um campo que traz respostas à estas questões, com uma nova maneira, mais profunda, de investigar os mecanismos de defesa que estão por trás das atitudes de pouco caso no assunto da conservação ambiental.

² Na teoria psicanalítica o Eu compreende os aspectos conscientes e inconscientes da mente.

Sendo a subjetividade do mental o terreno aonde se irá trabalhar, este estudo visa avaliar os mecanismos de defesa utilizados por residentes do entorno da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, considerada a mais vulnerável à degradação no município de Joinville - SC.

A dissertação está dividida em cinco capítulos, iniciando por esta introdução, que traça um panorama geral do trabalho, apontando as razões, a justificativa da sua realização, seus objetivos e a devida contextualização.

Enfatiza, ainda, o lócus do estudo: a região urbana banhada pela Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira no Município de Joinville (SC). Destaca-se que a área urbanizada é de 72.60% do total do solo desta Bacia Hidrográfica (CCJ). Incorpora o Centro de Joinville e 28 bairros dentro do perímetro urbano. É o município mais populoso do estado de Santa Catarina, com 569.645 habitantes em 2016 (IBGE,2016). A qualidade da água é monitorada pelo Comitê de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas dos Rios Cubatão e Cachoeira (CCJ). Sendo que em 2015, nos três pontos amostrais monitorados, a qualidade da água em relação aos demais anos analisados, desde 2011, passou de ruim a regular em um dos pontos. Estes dados estão associados ao fato de a Bacia do Cachoeira possuir parte de seu território com sistema de esgotamento sanitário em operação (OLIVEIRA *et al* (2017). No tocante às Unidades de Conservação dentro desta área, encontra-se parte do Morro do Iriú e do Morro do Boa Vista. Estas áreas somam 3% de área protegida mediante Unidades de Conservação, segundo Oliveira et al (2017, p.56).

No capítulo sobre a Revisão da literatura, são analisados conceitos, aspectos legais e éticos, concomitante a uma visão do homem na modernidade e sua relação com a natureza e ainda a natureza degradada do Rio Cachoeira. A seguir introduz-se uma breve passagem pela teoria psicanalítica do sujeito e seus sintomas, agregando-se argumentações a respeito dos mecanismos de defesa inconscientes que a mente busca para se proteger da ansiedade, do desprazer e do mal-estar.

No terceiro capítulo se explicita a metodologia empregada no presente trabalho, que foi desenvolvida por meio da aplicação de procedimentos da pesquisa qualitativa, de fundamentação psicanalítica, através de entrevistas não estruturadas

com a associação livre de ideias, a respeito do tema da degradação do Rio Cachoeira.

O capítulo reservado aos resultados e discussões trouxe a lume os dados coletados com a pesquisa e possibilitou a análise dessas informações. Neste sentido foram descritos e avaliados os mecanismos de defesa presentes nas narrativas dos participantes dos estudos dos casos diante do impacto ambiental da degradação do Rio Cachoeira.

Nas considerações finais, etapa em que se avaliam os objetivos propostos na pesquisa frente aos resultados obtidos, foram apresentadas proposições futuras, que contribuam com o engajamento das pessoas em ações de conservação ambiental desse recurso hídrico e seu entorno, no Município de Joinville (SC).

2 OBJETIVOS

Perfazem o escopo geral do presente estudo os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo geral

Avaliar como os mecanismos de defesa decorrentes da degradação ambiental da Bacia do Rio Cachoeira afetam os residentes próximos de seu entorno.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar os mecanismos de defesa associados à questão da degradação ambiental;
- Analisar a sensibilidade das pessoas à temática ambiental.
- Avaliar o uso dos mecanismos de defesa em relação às questões de degradação ambiental.

3 REVISÃO DA LITERATURA

O texto da revisão da literatura foi dividido em dois grandes tópicos. O primeiro versa sobre a temática da conservação ambiental, apresentando a construção dos conceitos, dos aspectos legais e éticos. Inclui-se outros subtópicos como: a modernidade e a experiência da perda, a natureza como objeto de consumo e a degradação ambiental local. O segundo tópico discute a abordagem psicanalítica, que centraliza os mecanismos de defesa na compreensão dos sentimentos e afetos³ experimentados pelas ameaças ambientais, bem como as respostas a elas. Teoriza-se inicialmente sobre as origens da teoria da defesa⁴, seguindo com a descrição dos aspectos fundamentais da psicanálise, sobre as angústias e sobre os mecanismos de defesa.

O entendimento da teoria psicanalítica retratada nesta revisão situa um foco principal no conflito intrapsíquico⁵ entre partes preocupadas do Eu, orientadas para a realidade ambiental, e as partes mais narcísicas, que odeiam a realidade quando frustram nossos desejos ou esvaziam nossa visão de nós mesmos. Essa divisão interna do Eu e sua manifestação no mundo externo é usada para explicar os mecanismos de defesa subjacentes à negação e a negação da situação caótica ambiental.

3.1 Conservação Ambiental

A expressão "conservação", no contexto da proteção da natureza origina-se da noção de conservacionismo a qual, descreve Fernandez (2016.p.169), surgiu com as reflexões de Gifford Pinchot no final do século XIX nos Estados Unidos, que acreditava na conservação como o uso equilibrado e racional dos recursos naturais.

³ A psicanálise buscou o termo afeto na psicologia alemã, para exprimir qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, através do qual a energia pulsional se manifesta. Sendo esta energia a força que faz o organismo tender para um objetivo.

⁴ Trata-se de um conjunto de operações que buscam reduzir ou suprimir qualquer modificação que ameace colocar em perigo a integridade e a constância da pessoa no sentido biopsicológico.

⁵ A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano e ele ocorre em diversas perspectivas, aqui refere-se ao conflito entre as instâncias consciente e inconsciente do Eu.

Nesta visão entende-se o ar, água, solo, minerais e espécies vivas, incluindo as pessoas. No Brasil, a leitura de textos de Alceu Magnanini, dos anos de 1970, permite identificar o conceito de conservação baseado na manutenção e no uso racional de recursos naturais que, segundo Fernandez (2016.p.186), incluíam aspectos científicos, econômicos, legislativos e educativos, conforme segue:

a conservação da natureza e dos recursos naturais nada mais é que o procedimento inteligente adotado pelo homem de repúdio ao esbanjamento de um recurso natural, em quaisquer atividades, procurando obter maiores benefícios para um número cada vez maior de pessoas, perenemente (MAGNANINI,1971.p.2-7).

A evolução do conceito pressupõe, desse modo, conseguir a mais alta qualidade de vida humana com o menor impacto ambiental possível. Entretanto, na contemporaneidade vive-se um período de grandes contrastes no desenvolvimento econômico, político e social. Por um lado, o avanço econômico tem sido utilizado de forma a destruir o meio ambiente. A civilização aponta para um domínio da natureza, afastando-se cada vez mais da simbiose com a natureza, o que provoca no ser humano um senso de irresponsabilidade para com o ambiente. Para Reis e Vieira (2017.p.XVI), ele esquece que não está sozinho e que as suas atitudes visando interesses próprios implicam em danos ao ecossistema e estes “acabam refletindo também em sua própria sobrevivência”. A respeito de tal prejuízo já nos advertia Leopold (1949/2019), quando dizia que:

A Conservação está chegando a lugar nenhum porque é incompatível com nosso conceito abraâmico de terra. Nós abusamos das terras porque as vemos como objetos que nos pertencem. Quando vimos as terras como uma comunidade à qual pertencemos, talvez comecemos a usá-las com amor e respeito.

A citação acima convida à atualização das verdades vigentes a respeito da conexão do mundo humano e não humano em que se vive e sobre os quais busca-se discutir brevemente na sequência.

3.1.1 Aspectos conceituais, legais e éticos

A aproximação a esta temática traz algumas peculiaridades em relação ao desenvolvimento do conceito de ambiente, o qual, etimologicamente falando, é de

origem latina e pode assumir significados distintos, desde “aquilo que nos rodeia”, ou o “meio em que vivemos”. Também no Brasil a palavra “ambiente” porta o mesmo significado que a expressão “meio ambiente”. Embora os autores portugueses vejam nisto uma redundância, na prática o termo ‘ambiente’ e ‘meio’ são sinônimos, porque “‘meio’ é precisamente aquilo que nos envolve, ou seja, o ‘ambiente’”. (MACHADO, 2014,p.48). Existe uma grande diversidade na definição deste conceito, o que leva à uma dificuldade em estabelecer o significado do termo, sem considerar a época e o contexto do uso do mesmo. Dentre os vários entendimentos sobre o conceito de meio ambiente, encontramos em Silva (2013.p.20) a ideia de que o meio ambiente é composto por aspectos distintos, como o meio ambiente natural, cultural e artificial:

O meio ambiente é, assim, a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais que propiciem o desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas. A integração busca assumir uma concepção unitária do ambiente, compreensiva dos recursos naturais e culturais.

Para Costa (2010 *apud* REIS & VIEIRA, 2017,p.126), “o antropocentrismo é um aspecto comum” entre os conceitos, quando se busca por características presentes nos mesmos. Entretanto, declaram Reis & Vieira, existem autores direcionando o seu pensamento para a “superação dos conceitos antropocentristas na definição de meio ambiente”. Por exemplo Antunes (2014) considera como “um dos marcos de superação deste paradigma” a Resolução nº 37/7, de 28 de outubro de 1982 da Organização das Nações Unidas, que enuncia em Assembleia Geral:

Toda forma de vida é única e merece ser respeitada, qualquer que seja a sua utilidade para o homem, e, com a finalidade de reconhecer aos outros organismos vivos este direito, o homem deve se guiar por um código moral de ação.

Ainda, na opinião de Costa (2010 *apud* REIS & VIEIRA, 2017.p.127), a Lei n. 6.938, de 1981, Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, trouxe uma definição limitada de meio ambiente, visto que, na época, a defesa do meio ambiente não era prioritária para o governo e nem para a sociedade, especialmente dos chamados países do terceiro mundo. Esta lei foi definida da seguinte maneira em seu artigo 3º:

Para fins previstos nesta Lei, entende-se por: I – meio ambiente, o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas; [...]. (BRASIL,1981).

Esta lei, no entanto, promoveu um avanço no conceito de meio ambiente, porque mesmo que o texto destaque a legislação sem explicitar diretamente o ser humano em seu conteúdo, salientou o direito à vida, que é garantido quando se protege o meio ambiente.

Em 1992, com o advento da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92), esta concepção ambiental, vista como uma concepção holística (ABREU & FABRIS. 2014.p.9) se fortaleceu com a ideia de desenvolvimento sustentável. A Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ONU, 1992), em sua apresentação, estabelece várias premissas, dentre as quais a premissa de que os Estados estão encarregados de proteger a integridade do sistema global de meio ambiente e desenvolvimento, pois reconhecem a natureza integral e interdependente da Terra, como o lar do vivente.

Existem formas variadas de proteção, como áreas de preservação permanentes etc. É dever do poder público proteger as áreas naturais por meio de Unidades de Conservação (UC) - estratégia que busca promover a manutenção dos recursos naturais em longo prazo. Visando atingir esse objetivo foi instituído o Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC), através da promulgação da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. A Lei do SNUC representou grandes avanços à criação e gestão das UC nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal), pois o Sistema favorece uma visão de conjunto das áreas naturais a serem preservadas. Além disso, estabeleceu mecanismos que regulamentam a participação da sociedade na gestão das UC, potencializando a relação entre o Estado, os cidadãos e o meio ambiente.

Em janeiro de 1997 entrou em vigor a Lei nº 9.433/1997, também conhecida como Lei das Águas. O instrumento legal instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) e criou o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH). Segundo a Lei das Águas, a água é considerada um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico.

O direito de viver em um meio ambiente saudável está garantido pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), assim como outras leis também asseguram esta prerrogativa básica; que deixe às futuras gerações um pensamento de cuidado, no sentido de um ambiente ecológico equilibrado, sustentável e em harmonia. Existe um longo percurso a percorrer para se atingir o objetivo final de um desenvolvimento sustentável. A falta de conscientização por uma parcela da população torna imperativo que se busque implantar ações eficazes na busca por uma vida mais saudável. Seguindo Finoto (2017,p.5), destaca-se que “a responsabilidade não se restringe ao poder público, mas também às entidades não governamentais e a todos que dependem do meio ambiente para viver”.

A humanidade encontra-se atualmente num estado de desequilíbrio ambiental, a chamada crise do meio ambiente, resultante de ações humanas que foram ao limite e que em última instância ameaçam a própria espécie humana. Trata-se de uma questão ampla e complexa que se obriga a repensar a existência enquanto seres vivos sob várias perspectivas, principalmente a perspectiva ética.

No sentido de dar continuidade ao debate, buscou-se uma definição do que seja a ética. Conforme Oliveira e Borges (2008.p.14):

A palavra grega *ethos* tem sido reinventada atualmente para que se possa expressar a comunhão humana dentro do mundo. Na sua origem entre os gregos, ela está ligada à vida na polis (cidade), lugar das tradições, valores, místicas e religiosidade. *Ethos* liga-se à morada humana, e a sua compreensão mais profunda remete à condição do homem como coabitante de um mesmo lugar, onde partilha a vida com outros seres humanos e, numa versão mais atual, com outros seres vivos.

Em consonância com a formulação acima, pode-se dizer que a ética está intimamente associada à forma como as pessoas se percebem em conexão com o planeta. Construir uma ética ambiental implica o respeito e a interdependência de todos os seres em geral, sencientes ou não e isto se faz verdade também em relação a própria Terra, de acordo com Avzaradel (2013.p.67).

Também a Hipótese de Gaia, de Lovelock (2006, p.18), defende que a terra seria um organismo vivo e com ela todos estão em simbiose. Para este autor a terra estaria doente, vítima da “bactéria humana”, colocando em funcionamento o “sistema

imunológico de Gaia”, iria expulsar os seres humanos dela a fim de restabelecer um equilíbrio ambiental.

No momento de elaboração desse trabalho, a humanidade encontra-se abalada psicologicamente e fisicamente, com a propagação em nível mundial do COVID-19, que vem ceifando a vida de milhares de seres humanos, obrigando outros milhares a se exporem nos serviços de atendimentos indispensáveis à população e ainda tantos outros a permanecerem em isolamento social. Encontra-se a humanidade na premência da preservação da espécie, buscando desesperadamente o retorno à saúde e ao equilíbrio. Tal experiência trágica para a humanidade está inserida na discussão sobre o ser humano na sua relação com a cultura e com a natureza. Por cultura entendendo-se o relacionamento com os outros sujeitos: os que estão próximos, os outros de outros países, de outras áreas de interesse e de atuação, cada qual com as suas verdades e diferenças. No entanto, ao mesmo tempo numa completa interdependência, suscitando o melhor e o pior de cada um. Estão em busca do retorno à homeostase, ao princípio do prazer, contrário ao princípio da realidade. Sobre a qual, no caso do vírus, nem ao menos se sabe a origem, pois senão se teria algo ou alguém a quem culpar e aliviar a angústia. Prevalence ainda uma visão antropocêntrica, em oposição a Hipótese de Gaia como nos diz LOVELOCK (2006).

A ética baseada nos valores antropocêntricos e premissas como a superioridade da espécie humana sobre a natureza, dominada pela ciência, se desenvolveu a partir das premissas cartesianas (GRÜN, 2012. p. 37). Seguindo os comentários de Grün (2012), René Descartes é considerado o precursor do racionalismo e nos seus princípios filosóficos, que datam de 1685, declarou que:

na epistemologia cartesiana existe um observador que vê a natureza como quem olha para uma fotografia. Existe um “eu” que pensa e uma coisa que é pensada; esta coisa é o mundo transformado em objeto. O sujeito autônomo está fora da natureza. A autonomia da razão pode ser considerada como uma das principais causas a engendrar o antropocentrismo. Em uma postura antropocêntrica, o homem é considerado o centro de tudo e todas as demais coisas no universo existem única e exclusivamente em função dele.

[...]

Se a razão é autônoma, a natureza não pode sê-lo. Então, a natureza precisa ser dominada. A questão é simples: Como posso dominar

alguma coisa da qual faço parte? A resposta é que não posso; conseqüentemente, não posso fazer parte da natureza. (GRÜN, 2012. p.46).

A urgência em repensar a conexão humana com a natureza, em reconhecer a nossa influência sobre os seus desequilíbrios e como somos nós mesmos os mais prejudicados, apresenta-se como fator fundamental para se pensar um agir ético.

De grande contribuição para o referencial teórico das questões ambientais, encontram-se as contribuições de Jonas (2006), que realiza uma crítica de toda história da filosofia moral da ação humana, desenvolvendo o chamado princípio ético da responsabilidade. No campo ambiental, esta ética do cuidado e da responsabilidade não está preocupada em punir, reparar ou indenizar danos causados, considerando mais importante que tudo, estabelecer uma perspectiva de diálogo crítico em uma época altamente tecnicizada e cientificizada.

Para Zancanaro (1998, *apud* JUNGES, 2011.p.23), “a constatação da vulnerabilidade do mundo, da natureza e da vida humana compõe o grande legado de Jonas”. As exigências do nosso tempo lhe trouxeram uma reflexão sobre a “ética dos limites, do cuidado, da renúncia, da previsão, da prevenção, da antecipação dos riscos”, frente a eminência dos “efeitos tecnológicos conduzirem o planeta a consequências imprevisíveis”. Se as transformações tecnológicas criam a cada dia novos “espaços de ação”, o que significa ter responsabilidade para agir dentro desses espaços? Esta é a pergunta de Jonas, chamando a atenção para os exageros do poder ilimitado da moderna tecnologia. Sendo assim, Jonas (2006,p.90) defende uma eticidade para o mundo da natureza como um dever com a posteridade, “uma responsabilidade em relação à humanidade futura”, uma vez que “se deve supor a continuidade da existência”.

Hans Jonas destacou o princípio da responsabilidade como sendo uma ética em que o mundo animal, vegetal, mineral, biosfera e estratosfera sejam incluídos na esfera da responsabilidade. A dúvida sobre a incerteza da vida futura é resultante de um equívoco cometido ao isolar o ser humano do restante da natureza (sendo o homem a própria natureza). Apenas uma ética fundamentada na magnitude do ser poderia trazer um significado real e verdadeiro das coisas em si. Para “ser é necessário existir, e para existir é necessário viver e ter deveres, no entanto, (...)”

somente uma ética fundada na amplitude do ser pode ter significado” (JONAS, 2006, p. 17). Desta forma, entende-se que a humanidade é formada por seres com capacidades de entendimento, tendo liberdade para agir com responsabilidade frente aos seus atos. “O mais importante que devemos reconhecer, é a realidade transformadora do homem e seu trato com o mundo, incluindo a ameaça de sua existência futura” (JONAS, 2005, p. 349). Este novo princípio de responsabilidade apresenta como objeto concreto de entendimento a possibilidade da perpetuação da espécie, que no futuro poderá estar ameaçada pela degradação do meio ambiente, através da expansão de trabalhos de conscientização de que o homem é a própria natureza e não pode se excluir dos seus deveres éticos com ela.

A ética da responsabilidade possui também como um de seus fundamentos a chamada heurística do medo ou temor. Jonas entende que o temor é essencial para uma ética da responsabilidade, pois é através dele que o ser humano poderá agir e refletir sobre o destino da humanidade. “O sacrifício do futuro em prol do presente não é logicamente mais refutável do que o sacrifício do presente a favor do futuro. A diferença está apenas em que, em um caso, a série segue adiante e, no outro, não.” (JONAS, 2006, p. 47). A heurística do temor não se refere a algo paralisante ou patológico, mas sim a um temor que desperta para o pensamento e para a ação responsável. (JONAS, 2006, p. 71). Um agir em defesa do ser (p.176).

3.1.2 A modernidade, o consumo e a experiência da perda

Nas reflexões de Dunker (2011), a modernidade e seus modos de subjetivação são compostos por narrativas, discursos e teorias acerca da perda da experiência, ou seja, a incapacidade do sujeito de se reconhecer em sua própria história particular ou como dificuldade de estabelecer formas sociais universalmente compartilháveis. O autor denomina de alienação e fetichismo a figura fundamental para nomear esse bloqueio da experiência. Quando se pensa no tipo de subjetividade que caracteriza a modernidade, cita, dentre outros, o personagem de Dom Quixote, que enlouqueceu tendo lido livros de cavalaria em excesso e sonhado em habitar um tempo que não lhe foi mais contemporâneo. Denomina de monotonia esta posição de estar egoisticamente interessado em seus empreendimentos pessoais, seus atos, suas

obras, onde se faz reconhecer pelo seu desejo⁶, definindo-se pelo seu sintoma, pela sua falta a ser, num modo particular de divisão subjetiva. A partir das articulações de Dunker, pode-se identificar o sujeito moderno e a sua relação com a questão ambiental. Segundo Farias (2017), essa relação também é pautada por tais narrativas, cada vez mais se constatando que o sujeito moderno se encontra mergulhado em um processo de alienação. Nossa sociedade, de modo geral, se pauta na promessa de obter satisfação através de objetos de consumo que darão conta de uma insatisfação íntima. Tudo parece faltar, ao mesmo tempo que todos são conduzidos para um destino mórbido de destruição da vida em todos os seus aspectos.

Também a natureza, como objeto de consumo, encontra-se na relação das pessoas com o meio ambiente. Viveiros et al (2015.p.331), argumenta a existência de uma “ posse absoluta, como de exploração implacável sobre a natureza” em toda a sua amplitude, desde as terras, as águas, as florestas. Sendo que as fragilidades que o planeta apresenta na atualidade “ são reflexos dos modos pelos quais se deu essa relação”. Os autores salientam que “ o homem delapidou e continua delapidando os recursos naturais”, visando a produção de bens, com objetivos de acúmulo de riqueza e obtenção de poder. Na sua opinião, “ignorando que esses recursos são finitos”.

3.2 A importância da Psicanálise

Tem sido uma prática comum na área de conservação e sustentabilidade a concentração em abordagens baseadas em informações que investigam como tornar os achados mais tangíveis, convincentes e urgentes, ou nas abordagens baseadas em valores que avaliam se as pessoas irão agir se puderem ver como os problemas são mapeados em seu sistema de valores. O relatório de Crompton (2010), por exemplo, tem como premissa o fato de que campanhas políticas e de ONGs que buscam promover comportamentos pró-ambientais desejáveis, apelam aos valores culturais, para afetar as respostas do público. Outros estudos fazem uma análise baseada na estratégia da provocação do medo, como o de Weber (2006). Os

⁶ A noção de ‘desejo’ (*Wunsch* em alemão), em psicanálise, é fundamental e não pode ser delimitada. Refere-se especialmente ao desejo inconsciente, ligado as marcas infantis indestrutíveis, assim como o desejo é indestrutível. Freud demonstrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas, sob a forma de compromisso entre as instâncias psíquicas, para realizar o desejo de forma fantasiosa e assim aliviar a pressão psíquica.

levantamentos comportamentais nos últimos 30 anos fornecem uma série de lições sobre a importância do afeto nas percepções de risco e nas decisões de tomar ações que reduzam ou gerenciem os riscos percebidos. As evidências de uma variedade de domínios sugerem que o fator da preocupação direciona as decisões de gerenciamento de risco. Quando as pessoas deixam de alarmar-se sobre um risco ou perigo, elas não tomam precauções.

Isto pode se evidenciar, dependendo da postura do indivíduo diante de questões específicas de questionários de pesquisa, por várias razões: o modo como cada um processa as informações contidas no material de pesquisa, a falta de conhecimento suficiente da pessoa sobre o assunto e uma recusa interna em integrar os dados apresentados, por exemplo. Como garantir a certeza de se estar obtendo resultados verdadeiros ou obscuros sobre determinados fatos? É o que nos adverte Lertzman (2015, p.23), trazendo o exemplo do trabalho de Moser (2012) sobre ameaças às mudanças climáticas, por exemplo. Os estudos de Moser buscam cada vez mais analisar as dimensões emocionais das respostas de forma mais profunda, sugerindo a capacidade de incorporar as emoções e a experiência no modo de trabalhar com as pessoas em torno de mensagens sobre poluição, degradação ambiental e mudanças climáticas.

O desafio para os pesquisadores ambientais implica a inclusão de metodologias para medir a natureza emocional complicada dos seres humanos confrontados com os problemas ambientais. Como observa Maiteny (2000, p.339), “a política ambiental e a pesquisa social tendem a negligenciar as dimensões experienciais internas da vida humana”.

Como alternativa, a abordagem psicanalítica centraliza os mecanismos de defesa inconscientes na compreensão dos afetos, emoções e sentimentos experimentados pelas ameaças ambientais, bem como as respostas a elas. Com mais de um século em prática e pesquisa clínica, o saber psicanalítico oferece uma visão diferenciada de como a perda real ou antecipatória é geradora de ansiedade, como os sujeitos humanos se defendem contra o desprazer e a ansiedade, recuando desses estados através da utilização de alguns mecanismos de defesa como a negação, projeção, racionalização, a cisão, a apatia e outros.

3.2.1 As origens da teoria da defesa

A teoria psicanalítica sobre a defesa foi a primeira contribuição, ao mesmo tempo original e relevante, de Freud para o campo da medicina e da psicologia. Em meados da década de 1890, ela se tornou pública e se constituiria na “pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 2006, p. 25). Foi também chamada indistintamente de teoria do recalque ou da repressão. Recalque ou repressão foram os termos advindos da tradução da palavra alemã, criada por Freud, *Verdrängung*, a qual é oriunda do verbo *verdrängen*, cujo significado pode ser: desalojar, empurrar para o inconsciente. A noção de inconsciente ganhou sua especificidade no âmbito do pensamento freudiano a partir desta teoria, para mais tarde se transformar em um conceito metapsicológico fundamental. A teoria da defesa foi desenvolvida a partir da experiência clínica com as resistências⁷. Em outras palavras, as resistências eram vistas por Freud como os reflexos clínicos dos mecanismos de defesa utilizados pelas suas pacientes numa época em já havia abandonado o uso da hipnose, substituindo-a primeiramente pelo método catártico e posteriormente pela livre associação de ideias.

Apesar da primeira utilização do termo defesa por Freud aparecer em seu texto *Neuropsicoses de defesa* (1894/1991), antes disso ele já se empenhava no sentido de compreender esse processo, embora este ainda não fosse assim nomeado. Os textos mais importantes no estabelecimento da teoria da defesa em seus momentos iniciais foram *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/2006), *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa* (Freud, 1896/2006) e partes do livro *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/2006). O entendimento da ação dos mecanismos de defesa passou então por uma importante modificação. Segundo Fróes e Viana (2013), seguindo o texto *Comunicação preliminar de Breuer e Freud*, (1893/2006), o recalque, *Verdrängung*, agia sobre a lembrança do fato e o afeto a ele ligado, expulsando-os da consciência.

As elaborações construídas por Freud sobre o recalque perduram, com toda a originalidade da sua concepção, ao longo de sua obra.

3.2.2 Dos fundamentos da psicanálise

⁷ Chama-se resistência todo o comportamento e palavras do analisando, que se opõe ao acesso dele ao seu inconsciente.

A psicanálise apresenta-se como uma investigação que tem por objeto o inconsciente. Na pesquisa clínica situa-se como uma disciplina teórico-prática, que rompe com a psiquiatria, a neurologia e a psicologia do século 19. A inovação da psicanálise é ter desembocado na lógica do inconsciente. O inconsciente é o ponto chave da psicanálise desde o seu início.

Na conferência XXXI (1932), das Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Freud (1996), apresenta as três regiões, ou reinos: o id, o ego e o superego, em que divide nesta segunda concepção, o aparelho mental, de cujas relações mútuas Freud aqui se ocupa para chegar à justificativa do sintoma em psicanálise. Não foi uma coisa sem importância, para o curso do desenvolvimento da psicanálise ou para a acolhida que ela encontrou, o fato de ela ter começado seu trabalho sobre aquilo que é, dentre todos os conteúdos da mente, aquilo que é visto como algo que o sujeito não tem um completo conhecimento, isto é, o sintoma, apresentando-se como um território estrangeiro:

Os sintomas são derivados do reprimido, são, por assim dizer, seus representantes perante o ego, mas o reprimido é território estrangeiro para o ego – território estrangeiro interno – assim como a realidade (que me perdoem a expressão inusitada) é território estrangeiro externo (FREUD,1996,p.63).

Ao compreender o sintoma dessa maneira, Freud declara em sua obra que o sintoma é uma formação de compromisso entre id e superego, onde o ego desempenha o papel intermediário, ou seja, de moderador.

A trajetória conduziu dos sintomas ao inconsciente, às pulsões⁸ e à sexualidade. Foi então que a psicanálise se deparou com a brilhante objeção de que os seres humanos não são simplesmente criaturas sexuais, mas têm, também, impulsos mais nobres e mais elevados. O resultado dessa incursão apresenta os âmbitos que constituem os componentes essenciais em que se funda a dinâmica dos processos psíquicos do indivíduo. “Estas três estruturas que compõem o aparelho psíquico, representam a dissecção da personalidade psíquica”.(FREUD,1932,p.63). Inicialmente, isso abre para a psicologia a absoluta novidade do mecanismo do

8 Do alemão *Trieb*, é um conceito freudiano que implica o processo dinâmico, o qual consiste em pressão ou força, com carga energética, que faz o organismo tender para um objetivo, cuja meta é suprimir o estado de tensão que impera na fonte pulsional. (LAPLANCHE e PONTALIS. 1998.p.394).

recalcamento e do sintoma como consequência. Para Freud, o sintoma é o mais estranho ao ego, porque é resultado do recalcado e, ao mesmo tempo, representante desse recalcamento diante do ego.

Nos seus últimos trabalhos, Freud (1937-39, p. 115) explicita as condições segundo as quais se dá o retorno do recalcado: 1) por enfraquecimento do contra investimento por parte do ego; 2) por um esforço de pressão pulsional; 3) se uma experiência recente, por sua estreita semelhança como material recalcado, desperta este último (nesse caso, a experiência atual é reforçada pela energia do recalcado).

Seja qual for, porém, a condição que possibilita o retorno do recalcado, este nunca se dá na sua forma original e sem conflito. O material recalcado é invariavelmente submetido a deformação por exigência da censura pré-consciente que, mesmo nos casos em que sua função não é tão exigida, como durante o sono, por exemplo, ele não deixa de impor suas condições para que o recalcado tenha acesso à consciência. O deslocamento e a condensação são os meios mais frequentemente utilizados para que esse acesso seja possível.

Ainda no mesmo texto, Freud (1937) vai dizer que existe no ser humano o que se designa de resistência e que se opõe à associação livre de ideias. Diz ainda que a consideração teórica, decorrente da coincidência dessa resistência com uma amnésia, conduz inevitavelmente ao princípio da atividade mental inconsciente, peculiar à psicanálise.

3.2.3 A angústia e a ansiedade ambiental

Na conferência XXV, intitulada “A Angústia” ou “A Ansiedade”, Freud destaca o termo *Angst* como um estado afetivo associado a sensações diretas de prazer e desprazer. No entanto, foi em 1927, com o texto *Inibições, Sintomas e Angústia*, que Freud (1996) reformulou muitas das suas concepções sobre o tema da angústia, sendo a partir de então, vista como uma reação a uma situação ou sinal de perigo. Esta função de sinalizar o perigo é denominada de angústia real. O ego é a única sede da angústia, apenas o ego pode produzir e sentir angústia. Somente a angústia real é capaz de causar o recalque.

Nesta reviravolta teórica, Freud passou a considerar a angústia como causa do recalque. Ela engendra o recalque e traz a privação pulsional, em outras palavras, o impulso carregado de desejos não se realiza. Esta ideia de que o recalque é solidário

com a defesa contra uma pulsão é retomada por Soler (2012). Existem vários riscos específicos capazes de precipitar uma situação de angústia correlata a diferentes períodos da vida: o nascimento, a perda da mãe como objeto, o risco da castração, o risco de perder o amor do objeto e o amor do superego. Esses riscos possuem uma característica comum que envolve a separação ou perda de um objeto amado ou a perda do amor desse objeto, o que poderá ocasionar um acúmulo de desejos insatisfeitos, levando a uma situação de desamparo.

Freud teve a sua atenção atraída por uma relação altamente significativa entre a geração da angústia e a formação dos sintomas, ao verificar que essas duas se representam e se substituem uma à outra.

As teorizações sobre o tema da angústia e da ansiedade ambiental incluem uma preocupação com nossas capacidades de divisão subjetiva. Nesse sentido, Segal (1975) fala em termos de divisão interna, como a dissociação com partes de nós mesmos, muito ameaçadoras ou esmagadoras e como a necessidade de compartimentalizar nossa dependência dos sistemas terrestres (MISHAN, 1996).

Psicanaliticamente, segundo Searles (1960), essa capacidade de dissociação encontra-se imbricada com a ansiedade evocada em contextos de dependência e exemplificada pela relação humana com a natureza e com os sistemas ecológicos de sobrevivência. Segundo Lertzman (p.28), a proposição mais significativa de Searles para a fonte de ansiedade que impede a maior exploração desta questão é a ansiedade que em grande parte está ligada à defesa contra a perda primitiva do eu e o trauma do ego que diferencia o mundo.

Dito de outro modo, Searles(1960) afirma que, em essência, os seres humanos são dependentes e relacionados ao ambiente não-humano e que decorrente desse senso de unidade com o mundo, desde o seu processo evolutivo, que inicia na concepção e permanece como traço de memória arcaico, os seres humanos se defendem e negam ativamente a sua relação com o ambiente não-humano. Desse modo, afirma ele, acessar tal profunda relação com a natureza, a dimensão do não-humano, torna-se estímulo para despertar ansiedade e ambivalência em relação às nossas origens e o que significa ser humano. Intensas defesas podem surgir neste contexto, quando as relações afetivas com a natureza ou com o ambiente não-humano estão alinhadas e ao mesmo tempo ameaçadas.

Klein (1975) entende que quanto maior a ansiedade persecutória, maior a necessidade do indivíduo de idealizar. E esse mecanismo de defesa encontra-se

também relacionado ao processo de cisão. Hinshelwood (1991), nessa temática, descreve a cisão como um mecanismo de defesa da posição esquizoparanóide e supõe que é uma das formas mais arcaicas do ego se defender.

3.2.4 Os mecanismos de defesa

Os mecanismos de defesa foram, conforme anteriormente discutido, descritos por Freud (1938, p.173-4) como sendo processos inconscientes pelos quais o ego se dissocia de impulsos ou afetos que por algum motivo considere ameaçadores e tragam sofrimento. Lembra-se aqui que o ego é a função defensiva do aparato psíquico. Ele se posiciona como elemento mediador entre as instâncias do id (pulsões internas) e o superego (demandas da cultura). Corroborando a pesquisa de Fontenele e Silva (2012), a defesa obedece ao mesmo princípio de evitar o desprazer que aflui não só das exigências de gratificação pulsionais do id, mas também da realidade do mundo externo, na medida em que ela irá coibir a realização de desejos e continuamente trará ameaças de ser criticado pelo superego.

Segundo Freud (1924, p. 95), a partir do fracasso das defesas do ego no manejo das diversas exigências que lhe são dirigidas, surge o adoecimento neurótico. O conceito de id foi essencial para uma visão menos potente do ego, pois o inconsciente não recalcado adquiriu dimensões consideráveis. É a partir do id, caracterizado como terreno de expressão dos representantes pulsionais onde a realidade e os valores morais não são levados em conta, que surge o ego. Assim, o ego também é servo do id, apesar de defender-se das constantes exigências pulsionais, que chegam através do id, ele só o faz na medida em que a satisfação delas ocasione desprazer, seja por limitações oriundas do mundo externo ou por depois ser alvejado pelos julgamentos hiper morais do superego.

As bases dos mecanismos de defesa, conforme descrito anteriormente, são as angústias, os aspectos emocionais (os afetos) do ser humano, nunca o lado da razão. A busca pelo ajustamento e adaptação às situações ameaçadoras que trazem angústias são, então, os mecanismos de defesa, como expressões de resistência as mudanças no modo de pensar e atuar no mundo.

Em relação às questões ambientais, estes mecanismos podem agir poderosamente para criar contradições entre atitudes e comportamentos professados em relação, por exemplo, às normas contra a degradação ambiental, à cultura de

diminuição de resíduos tóxicos e às mudanças climáticas. Segundo a pesquisa de Stoll-Klemann, O’Riordan e Jaeguer (2001):

Vários estudos de opinião pública sobre as causas e consequências das mudanças climáticas revelam um reservatório profundo de preocupação, mas também uma falta de clareza sobre as causas, consequências e medidas políticas apropriadas para mitigação. (...) Os estudos com grupos focais, (...), com indivíduos selecionados aleatoriamente na Suíça analisaram modelos das possíveis consequências das alterações climáticas e questionaram especialistas quanto à sua precisão e significado, revelaram um rico conjunto de reações. Os entrevistados ficaram alarmados com imagens mostrando as consequências de um futuro com grande uso de energia e amenizados por imagens de um futuro com baixo uso de energia. No entanto, eles também ergueram uma série de barreiras psicológicas para justificar por que não deveriam agir individualmente ou por meio de instituições coletivas para mitigar as mudanças climáticas. Do ponto de vista da mudança de seus estilos de vida de conforto material e dependência de alto consumo de energia, eles consideraram as consequências de uma possível mudança de comportamento decorrente da necessidade de atender a medidas de mitigação como mais assustadoras. Para superar a dissonância criada em suas mentes, eles criaram uma série de mecanismos de defesa. Tais mecanismos aumentaram os custos de mudança de estilos de vida confortáveis, colocaram a culpa na inação de outros, incluindo governos, e enfatizaram as dúvidas quanto ao imediatismo da ação pessoal quando os efeitos da mudança climática pareciam incertos e distantes. Essas descobertas sugerem que mais atenção deve ser dada às motivações sociais e psicológicas pelas quais os indivíduos constroem barreiras ao seu compromisso pessoal com a mitigação das mudanças climáticas, mesmo quando professam ansiedade sobre o futuro do clima.

O estudo ilustrativo acima comparece como um exemplo claro das situações cotidianas que se vivencia em grupos que discutem ações de melhorias ambientais. Ou seja, todos ficam alarmados, se comovem com as ameaças dos desmatamentos, descartes inadequados de resíduos tóxicos e por aí afora, mas quando são convocados a renunciarem a certo conforto ou destinarem algum tempo em benefício de uma causa ambiental as coisas mudam. Isto demonstra que aparecerão mecanismos de defesa nas pessoas, que servirão para escamotear o mal-estar, ou desconforto em ficar de frente com a poluição ambiental.

Conforme discutido na seção sobre a ética, o legado de Jonas (2006) mostra que uma ética do cuidado e da responsabilidade não está preocupada em punir, reparar ou indenizar danos causados, considerando mais importante que tudo, um meio de utilizar os juízos éticos para evitar as próprias condutas entendidas como lesivas. Desse modo, os mecanismos de defesa não devem ser fatores de julgamento

de valor, mas, antes, uma constatação de que as campanhas, projetos e iniciativas em prol da conservação ambiental, devem incluir uma escuta atenciosa às pessoas e às comunidades, para que se sintam acolhidas também nas suas emoções e sentimentos causadores de medos e ansiedades.

3.2.4.1 A negação

A negação é um mecanismo de defesa que consiste em negar a realidade exterior e a substituir por outra realidade fictícia. Zimmerman (2000) considera que a negação é um mecanismo de defesa fundamental, pois, é por meio dele que ansiedades são rejeitadas. A negação em nível mágico é aquela em que uma realidade ficcional é criada para substituir uma realidade externa. O indivíduo sabe que aquela realidade existe, mas a nega com uma falsa convicção. Por isto, é considerado um dos mecanismos de defesa menos eficazes.

Pode-se dizer, por exemplo, que todos somos responsáveis por nossa negligência coletiva e já enraizada na nossa cultura, envolvidos que estamos na grande negação coletiva dos riscos ambientais a que expomos a nós e aos outros diariamente. Portanto, este mecanismo também pode surgir como resposta às ameaças e às ansiedades socioculturais mais amplas, não se limitando às psicologias individuais. Pode se manifestar como forma coletiva de defesa, como negação ou repúdio. Conforme a pesquisa de Stoll-Klemann, O’Riordan e Jaeguer (2001), mencionada anteriormente, a negação, em função de influências discursivas, pessoais, sociais e psíquicas, não muda com o acréscimo de informações sobre o problema ambiental ou com exortações à mudança de comportamento.

A negação da necessidade de ajustar padrões de comportamento e estilo de vida é uma função do discurso, pois é de influências pessoais, sociais e psicológicas mais fundamentais que não são prontamente alteradas pela linguagem ou pela exortação, a menos que o processo de conscientização seja prolongado e definido de maneira construtiva que implica o envolvimento com uma gama de normas morais aceitas socialmente. (p.108)

Como exemplo, as pessoas talvez demonstrem ansiedade em relação às mudanças climáticas, mas podem enfrentar ressentimentos internos ou até negar o que não conseguem aceitar como uma mudança justificável no seu comportamento.

Digamos que isto signifique utilizar transporte público, andar de bicicleta na chuva ou investir em isolamento doméstico de alto custo, Lertzman (2015,p.23).

Alguns estudos sobre práticas de educação ambiental, como o de O'Neil e Nicholson-Cole (2009, p.376), recomendam cautela ao utilizar-se o medo como a base da conscientização ambiental, para evitar os mecanismos de defesa de negação, apatia ou evasão, pois associações negativas podem fazer os indivíduos se sentirem obrigados a lidar com sentimentos negativos que são evocados pelo medo. Eles recomendam que as práticas educativas sejam feitas em combinação com outros tipos de representação positiva da temática em questão.

A presença do mecanismo de defesa da negação também pode ocorrer quando a base dos programas que utilizam o medo como forma de conscientização para as ameaças ambientais. Neste sentido os autores acima recomendam a combinação de comunicações positivas e otimistas obtidas através de boas ações, como forma de dirimir os sentimentos negativos.

3.2.4.2 A apatia

Lertzmann (2015), inspirada no trabalho de Freud (1917), sobre luto não resolvido, traz o conceito de melancolia ambiental como premissa da afirmação de que as ameaças ambientais envolvem uma dissolução potencial de certezas tradicionalmente mantidas, como a disponibilidade de água limpa e fresca, solo saudável e biodiversidade, por exemplo. De acordo com o tipo e o contexto da questão, as crises ambientais invocam rupturas em termos de quem somos, o que significa sermos seres humanos no contexto da natureza e o que conhecemos como seres racionais e científicos socialmente construídos. Embora isso raramente seja mencionado nos discursos pelas causas ambientais, “é o elefante proverbial na sala da qual estamos fugindo loucamente”. (MNGUNI, 2010.p.117-135). Essa situação faz referência direta às implicações dos mecanismos de defesa psíquica, como negação, apatia e distanciamento ou isolamento.

Assim, trabalhar o conceito de apatia como uma das principais barreiras a serem vencidas para se obter uma ação ambiental positiva é diretamente desafiado por uma orientação psicossocial que pressupõe processos inconscientes e frequentemente irracionais. Neste sentido, a apatia e os fenômenos relacionados de negação e projeção são envolvidos como processos e defesas contra experiências

inconscientes angustiantes, por exemplo, se manifestam como a perda e a ansiedade. Um dos primeiros pensadores psicanalíticos a abordar as crises ecológicas na década de 1970, Searles (1972) também reconheceu como a apatia é um sinal de processos e forças subjacentes que exigem nossa atenção:

O estado atual de deterioração ecológica é de modo a evocar em nós ansiedades amplamente inconscientes que são iguais às características de vários níveis da história de desenvolvimento do ego de um indivíduo. Assim, a apatia geral [...] é baseada em defesas do ego amplamente inconscientes contra essas ansiedades. (SEARLES, 1972, p. 363)

Desse modo, Searles nomeia o que raramente se fala sobre apatia - que ela deve ser entendida no contexto dos mecanismos de defesa e não tomada pelo valor nominal:

A minha hipótese é de que o homem fica paralisado sem conseguir se envolver com a crise ambiental por conta de uma apatia severa e generalizada, baseada principalmente em sentimentos e atitudes dos quais ele está inconsciente. Essa falta de literatura analítica sobre esse assunto sugere para mim que nós, analistas, estamos nas garras dessa apatia comum. (SEARLES, 1972, p. 362).

Segundo estes argumentos, o mundo ecologicamente deteriorado em que vivemos está indiscutivelmente promovendo em nós, em um nível inconsciente, um intenso medo de ser contaminado por tudo.

3.2.4.3 A projeção e a introjeção

O mecanismo da projeção foi apresentado por Freud em 1894, mas só foi nomeado dois anos depois (1896). Em 1920, passou a ser entendido como o mais arcaico mecanismo de defesa: “trata-se de uma tendência a lidar com essas excitações internas como se elas viessem do exterior” (FREUD, 1920, p.153). Este mecanismo de defesa diz respeito aos sentimentos, impulsos ou pensamentos que, não podendo ser tolerados, são atribuídos a outro objeto. Dito de outra maneira, colocar sentimentos internos no mundo externo, consistindo no fato de atribuir a uma pessoa, um animal, ou objeto, as qualidades, sentimentos ou intenções, que se originam em si próprio.

Zimerman (2001) observou que as concepções freudianas e kleinianas em relação à projeção se diferenciam. Em Freud a projeção acontece em objetos totais

projetados sobre o objeto. Para Klein existe hipótese de que objetos parciais são projetados dentro de outras figuras objetais.

Segal (1964), por sua vez, argumentou que o ego faz o possível para projetar o mau e introjetar o bom. Entretanto, o bom também é projetado assim como o mau também é introjetado em determinadas situações. Quando a ansiedade aumenta, a projeção e a introjeção são os mecanismos usados para manter afastados o objeto bom do objeto mau.

Klein (1975) aponta que a projeção é um mecanismo primitivo contra a ansiedade e promove a externalização da pulsão de morte. Ela sugere que a introjeção, como defesa, visa à preservação do ego e dos objetos bons que estão seguramente introjetados em si. A defesa contra a ansiedade e os processos de introjeção e projeção são utilizados pelo ego desde o começo da vida. Sendo que a introjeção e projeção operam e interagem constantemente.

Na pesquisa de Lertzman (2015.p.23), a autora salienta que embora o foco nas lacunas entre o que as pessoas afirmam valorizar nas questões ambientais e o que dizem as suas ações possa parecer algo intuitivo, afinal, as pessoas dizem uma coisa e fazem outra, pesquisadores psicanalistas estão mais inclinados a interpretar esses fenômenos como expressões externas de ambivalência, ansiedade, luto não resolvido e mecanismos de defesa como negação e projeção.

3.2.4.4 O recalque e a repressão

No campo psicanalítico recalque e repressão são vocábulos que possuem o mesmo significado. Isto se deve as questões da tradução da terminologia utilizada por Freud (1894). A origem da palavra foi traduzida como tendo significado semelhante em ambos os casos.

Para Hans (1996, p.358), o significado da expressão repressão é: “reprimir, esmagar, oprimir, impedir de se manifestar” [...] “reprimir sentimentos, refrear”. Distingue-se que a repressão é um movimento que acontece na consciência do indivíduo, em que ele está consciente desse fenômeno, e por isso o controla, e depende de sua vontade para que esse processo aconteça.

Em relação à diferença entre o significado de recalque e repressão, Chiaradia (2006, p.19) nos esclarece que: a diferença estaria em que repressão seria um mecanismo exercido de fora para dentro, conforme descrito no parágrafo anterior,

enquanto recalque seria um mecanismo exercido no interior de um mesmo organismo. Desse modo, repressão implica em exterioridade e recalque em interioridade. A repressão acontece quando em função de exigências exteriores o ego percebe algo nocivo ao psiquismo do sujeito, no caso, o objeto pulsional e por isso impede que este se mantenha no consciente, enquanto o recalque ocorre quando o objeto pulsional advindo do inconsciente, internamente ao indivíduo, é entendido pelo ego como inaceitável e por isso é bloqueado por ele, tem seu acesso a consciência negado. Com Garcia-Roza (1995) complementa-se com a ideia de que:

Se é verdadeiro que o recalque é um processo interno ao sujeito, é também verdadeiro que este processo se dá em decorrência da censura, da lei enquanto algo que é externo ao sujeito. Contudo, há uma diferença notável entre o modo segundo o qual uma proibição se exerce de forma direta e consciente, e uma outra em que ela se faz através da interiorização da instância que realiza a censura e num nível inconsciente (p. 165).

A partir desta reflexão, o recalque também pode ter como função a defesa contra objetos pulsionais os quais são oriundos da relação do sujeito com o mundo externo e suas normas morais, mas que em virtude desses aspectos serem internalizados pelo sujeito, situados na esfera inconsciente deles, ou seja, mesmo não sendo de forma consciente tendem a ser alvo da ação do mecanismo de defesa do recalque.

O recalque foi, por excelência, o mecanismo de defesa mais estudado por Freud, chegando até, em alguns momentos a se confundir com o próprio conceito de defesa. Somente em "Inibições, sintomas e ansiedade" (FREUD, 1926), ele tomou como necessária a delimitação do uso dos dois termos, sendo o recalque um mecanismo específico de defesa, ao lado de outros. É um mecanismo de defesa básico e precede a maioria dos outros, os quais, em geral, funcionam como reforços ou adjuntos. Certos traumas e conflitos não resolvidos são recalcados e, se não forem resolvidos, podem se tornar neuroses.

Sendo um poderoso mecanismo de defesa, conforme discutido em seções anteriores, é responsável por fazer esquecer os acontecimentos e momentos traumáticos de extrema angústia. Nos discursos das pessoas a repressão pode aparecer nas frases iniciando com 'Eu não sei', 'Eu não lembro'. É comum testemunharmos relatos de pessoas sobre tragédias, por exemplo ambientais, onde

moradias são destruídas e pessoas morreram, em que elas não lembram de alguns acontecimentos vividos nos dias do fato ocorrido. Como uma espécie de amnésia, lembranças foram apagadas, encobertas por horas, dias ou permanentemente.

3.2.4.5 A regressão e idealização

Na obra *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1926, p.108) apresenta a regressão como um importante auxiliar para o recalque. Utiliza-se a regressão para fantasiar, tendo como meta criar uma válvula de escape para o conteúdo que foi recalcado. Quanto à idealização Zimmerman (2001) observa que está relacionada a objetos parciais classificados como objeto bom, mau, persecutório e idealizado, todos estão sempre em interação. Esse mecanismo é necessário e estruturante, mas se sua permanência for excessiva pode provocar um auto esvaziamento e sentimentos persecutórios.

Trata-se de um mecanismo muito eficiente, pois dissipa a angústia e torna as pessoas capazes de enfrentar novamente o problema, sendo que de forma constante, afasta o ser humano da realidade, fornecendo falsos e efêmeros sentimentos de triunfo e o despertar para a realidade, através das constantes pressões do mundo externo, pode ser extremamente doloroso. Isso inclui a simbolização da poluição e sua ameaça para o futuro. A respeito disso diz Searles (1972, p.366):

A poluição serve não apenas para excluir o futuro de uma descendência que inconscientemente odiamos e invejamos, mas também para obscurecer um passado que, inconscientemente, resistimos a lembrar com clareza pungente. Igualamos o mundo idealizado de nossa infância perdida irrecuperável a um ambiente não poluído. Tendemos a assumir erroneamente que nada pode ser feito sobre a poluição do ambiente atual por causa de nosso profundo desespero por saber que não podemos recapturar o mundo de nossa infância e por sentir, além disso, que estamos idealizando retrospectivamente os aspectos dolorosos disso. . . Nesse sentido, poluentes representam inconscientemente remanescentes do passado aos quais estamos apegados, distorções e transferência de coisas que permeiam nosso ambiente atual.

Esse mundo idealizado da infância também é observado por Lertzman (2015, p.30), ao longo dos seus dados de entrevistas, quando os participantes se lembram de brincar nas águas espumantes e nas dunas de areia branca, o que tornou difícil analisar, ao longo das entrevistas, um profundo sentimento de nostalgia de uma

inocência perdida e da associação do mundo natural, antes da degradação ambiental, como por exemplo, algas, espécies invasoras, tóxicos etc.

Seguindo os argumentos de Searles (1972), a maneira pela qual os poluentes são difundidos e invisíveis pode nos paralisar pelo terror que isso causa. Nesse modo profundamente regredido, não somos suficientemente diferenciados do ambiente e, portanto, não temos um Eu claramente separado com o qual travar uma luta com uma ameaça externa.

3.2.4.6 A cisão

Seguindo as construções teóricas de Melanie Klein, a palavra cisão, ou *splitting*, possui uma ampla conotação. Para o presente estudo, significa um mecanismo de defesa, que pode aparecer na forma de cisão do objeto ou como cisão do ego. Aponta para processos maturacionais próprios do desenvolvimento psíquico desde o início de vida. Klein (1975) em seu artigo, 'Sobre a saúde mental', publicado em 1960, enfatiza que a cisão é um modo de preservar o objeto e os impulsos bons contra os impulsos destrutivos que criam objetos maus. Sempre que a ansiedade aumenta, esse mecanismo aparece mais efetivamente.

Adicionalmente, quando os mecanismos cisão e identificação projetiva estão presentes, pode-se compreender a mente como fragmentada em que as instâncias psíquicas não se relacionam. O processo de cisão pode ser considerado fundamental para qualquer indivíduo, já que ele tem a função de estabelecer a base para que os mecanismos menos primitivos sejam utilizados. Além disso, é ele que vai permitir que o funcionamento mental seja modificado e permaneça pela vida adulta. Conforme as ansiedades mudam, a pessoa passa a utilizar defesas mais maduras. Desse modo, esses movimentos entre as posições esquizoparanóide e depressiva são importantes para o amadurecimento. A personalidade é constituída de diversos níveis que ora atuam em harmonia, ora em conflito. Os aspectos infantis regredidos e adultos atuam simultaneamente. Há uma tendência à integração e à desintegração, e elas se alternam entre si (SEGAL, 1964). Ainda seguindo Klein (1966), mais tarde, nos estados mais integrados da posição depressiva, surge a necessidade da reparação. Voltando a sua atenção para a relação do homem com a natureza, Klein (1966) sugere que um envolvimento direto e ativo com a natureza ajuda a preservar o desejo de fazer reparações, enquanto uma desconexão com a natureza, por exemplo por meio

de práticas industriais, pode realmente interromper os processos de culpa que levam a reparações:

A luta contra a natureza, portanto, é percebida em parte como uma luta para preservá-la, pois também exprime o desejo de fazer reparações a ela (a mãe). Assim, as pessoas que lutam contra as dificuldades impostas pela natureza não só cuidam de si mesmas, mas também servem à própria natureza. Ao não romper sua ligação com ela, mantem viva a imagem da mãe dos primeiros dias. Preservam a si mesmas e a ela em sua fantasia ao continuarem junto da mãe – na verdade, ao não abandonarem seu país. O explorador, ao contrário, busca na fantasia uma nova mãe para substituir a verdadeira, da qual se sente afastado ou que ele inconscientemente tem medo de perder. (KLEIN, 1966, p.379).

Conforme demonstrado por Klein, apesar de parecer ambíguo, este gesto de apatia e distanciamento dos problemas ambientais pode servir também para alavancar motivações em prol da conservação ambiental, visto que é inerente a condição humana vivenciar certo sentimento de culpa e se empenhar em reparações delas, conservando uma ideia satisfatória de Eu.

3.2.4.7 A racionalização

O termo racionalização foi atribuído inicialmente ao biógrafo de Freud, Ernest Jones, que o apresentou em 1908, no Primeiro Congresso Psicanalítico Internacional. Para Freud (1913), que utilizou este mecanismo para descrever as defesas de seu paciente Daniel Paul Schreber, a racionalização ganhou o significado de um processo mental no qual o indivíduo busca tornar aceitável e racional uma determinada ação, ideia, explicação e sentimento.

Ana Freud (1936), em sua obra sobre os Mecanismos de Defesa, descreve a racionalização como o processo pelo qual o indivíduo procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, legal, religioso, para uma atitude, uma ação, um sentimento, de cujos motivos verdadeiros não está consciente.

A racionalização sobre algum fato, como por exemplo os problemas ambientais, não é apenas uma simples “explicação”, ela envolve um conjunto complexo de “explicações”, evitando assim ataques, ou seja, se uma for destruída haverá outra para substituí-la. O que difere o mecanismo de defesa da racionalização da dissimulação é o fato de que tais “explicações” não são mentiras, geralmente a

pessoa não tem a intenção de enganar, simplesmente não está consciente das deformações nos seus pensamentos. A racionalização também pode ser confundida com a razão, apesar de não existir uma linha muito clara que diferencie uma coisa da outra, e de que a razão também pode ser influenciada por fatores emocionais e motivacionais, pois na racionalização percebe-se uma preocupação em justificar a si mesmo.

3.2.5 Psicanálise: método, técnica e pesquisa social

A fim de que possa ser pensado com rigor científico, o trabalho nas interfaces da psicanálise apresenta interrogações, definições e discussões de aspectos essenciais, como, por exemplo, o método. Segundo Menezes (2016, p.17), no campo semântico das teorizações freudianas, “existem três termos que merecem ser esclarecidos: método, técnica e aplicação”. Freud faz uso deles indiscriminadamente, mas há uma diferenciação. Alguns autores comentam sobre estes termos, por exemplo, Laplanche (1992), enfatiza que a técnica vem a ser um conjunto de procedimentos que cria condições para que o método possa se concretizar como a associação livre e a atenção flutuante. O divã, ícone da psicanálise, não é uma regra técnica, apenas uma ferramenta que facilita o manejo da técnica. Diferente disso, o método diz respeito a direção para a investigação do inconsciente. Sendo assim, método psicanalítico é diferente de técnica de tratamento. O que caracteriza a psicanálise como ciência é o método com o qual ela trabalha, ou seja, a interpretação psicanalítica

Para Herrmann (1991, p.14-21), o método significa caminho para um fim, enquanto a técnica está referida aos princípios de como encaminhar o processo analítico em relação ao método: em conjunto, processo e técnica formam um todo solidário de adequação ao método. Sendo assim, a técnica é vista como a arte de bem conduzi-lo em relação ao método. A partir do método surge o critério geral de validade teórica, a exigência de adequação à origem e função. O sentido geral do processo, a forma da técnica, a origem e finalidade da teoria dependem dessa noção.

O método psicanalítico demonstrado nos estudos de Menezes (2016, p.18) é destacado do trabalho clínico, pois o *setting*⁹ analítico é o lugar privilegiado na “recuperação dos significados das formações psíquicas, na investigação do inconsciente, não como uma unidade universal, mas operando na relação com o outro ser humano”.

Com base na investigação clínica, Freud pôde fazer desdobramentos da psicanálise para uma teoria da cultura, apontando a dimensão de extensão do método interpretativo. A este respeito, Menezes (2016) associa que:

Assim como Freud partia do coração de sua clínica para refletir sobre a cultura, uma pesquisa psicanalítica caminha na mesma direção, do exercício de um patrimônio clínico compartilhado por todo psicanalista, em que seja possível, a partir de sua trajetória (do referencial psicanalítico que foi banhado por sua própria experiência clínica e transmissão da psicanálise), recortar uma abordagem do fenômeno psíquico, portanto, um lugar de observação psicanalítica. (p.18).

A Psicanálise se debruça sobre o mundo, sobre as vivências do cotidiano, desvelando sentidos outros, sob os quais estamos submetidos, determinados pelas regras do inconsciente. O inconsciente está presente em toda manifestação humana, na cultura, na arte, no social, nos acontecimentos do dia a dia, nas relações entre as pessoas e delas com as instituições. As manifestações do inconsciente não estão restritas ao espaço do tratamento analítico. Freud (1901) demonstra isso em seu trabalho “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, ao salientar a presença do inconsciente nos esquecimentos, nos atos-falhos e no tipo de humor. No texto “A questão da análise leiga” (1926a/1980), Freud reforça a importância da psicanálise na compreensão do funcionamento dinâmico e conflitante entre o homem e a civilização:

(...) como uma ‘psicologia profunda’, uma teoria do inconsciente mental, pode tornar-se indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como a arte, a religião e a ordem social. Em minha opinião ela já proporcionou a essa ciência considerável ajuda na solução de seus problemas. Mas essas são apenas pequenas contribuições em confronto com o que poderia ser alcançado se historiadores da civilização, psicólogos da religião, filósofos e assim por diante

⁹ Este é um termo anglicano amplamente utilizado no meio psicanalítico e significa o local aonde ocorre uma sessão de análise.

concordassem em manejar o novo instrumento de pesquisa que está a seu serviço. O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma das suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante.

Nessa passagem, pode-se constatar a importância da investigação psicanalítica das relações do sujeito com a cultura. Em outras palavras, ressalta a importância da abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, o que remete a outro texto freudiano “Psicologia de grupo e análise do Eu” (1921/1980), quando, logo no início, ao explicar a importância do outro na construção e funcionamento do psiquismo, conclui que as relações de que tratamos na pesquisa psicanalítica podem ser consideradas como fenômenos sociais.

O trabalho psicanalítico clínico oferece uma concepção diferenciada de subjetividade que pode ser altamente produtiva para aqueles que trabalham na área de subjetividade e respostas às ameaças ecológicas crônicas. Na opinião de Lertzman (2015, p.30), os estudos psicanalíticos demoraram a chegar aos temas sobre ambientalismo e ameaças ecológicas, com exceção de algumas pesquisas de estudiosos importantes como Searles, Segal e Lifton e debates na comunidade psicanalítica conforme comentam Ward(1993) e Weintrobe (2013). Como o trabalho psicanalítico tende a se concentrar nas dimensões intra e inter-psíquicas da experiência subjetiva, refere-se aqui à pesquisa qualitativa científico-social de inspiração psicanalítica.

Conclui-se, desse modo, o Capítulo sobre a Revisão Bibliográfica, que incluiu os principais subtemas pertinentes ao presente estudo. Nele, procurou-se elaborar inicialmente uma discussão sobre conservação ambiental, entendendo-se o ar, água, solo, minerais e espécies vivas, incluindo as pessoas como parte do meio ambiente. Discutiu-se extensamente sobre as questões éticas e algumas leis e diretrizes históricas e outras em vigor. Em seguida passou-se a explicar sobre a fundamentação psicanalítica, incluindo os mecanismos de defesa. Entende-se que esta fundamentação, com as suas contribuições, pode trazer um avanço ao campo das pesquisas que envolvem o bem-estar psicológico do ser humano nas questões que envolvem o meio ambiente e a sua degradação e conservação.

4 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar a utilização dos mecanismos de defesa, o presente estudo tomou como técnica de pesquisa os procedimentos adotados por Lertzman (2015), os quais, por meio de estudo de casos múltiplos, de abordagem qualitativa apoiado em Entrevista Relacional Dialógica – RDI (*Relational Dialogical Interview*), uso de entrevistas abertas com associação livre de ideias, permitiu avaliar as informações com maior profundidade, dentro da abordagem psicanalítica.

Este capítulo apresenta a seguir a descrição da dinâmica da pesquisa, do local onde o estudo foi realizado, de como se deu a seleção dos participantes, dos critérios de inclusão e exclusão, das entrevistas relacionais dialógicas, da psicanálise como método, técnica e pesquisa social e por fim a análise dos dados.

4.1 Dinâmica da pesquisa

A coleta de dados ocorreu no período de março de 2021 a abril de 2021. A pesquisa aconteceu de modo presencial, em ambiente privativo no endereço do participante ou indicado pelo participante, na presença do pesquisador e participante, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Parecer N°4.593.739, em 16 de março de 2021.

4.2 Área do estudo

O estudo foi realizado com residentes na cidade de Joinville – SC - Brasil, com domicílio na região da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, que está totalmente inserida na região urbana do Município de Joinville. Esta região ocupa 72,60% da área urbanizada, com 59,10 km².

Localizado na região Sul do País, conforme ilustra a Figura 1, Joinville é a maior cidade catarinense, responsável por cerca de 20% das exportações catarinenses. Segundo o IBGE (2008), é também o 3º pólo industrial da região Sul, com volume de receitas geradas aos cofres públicos inferior apenas às capitais Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR). Figura entre os quinze maiores arrecadadores

de tributos e taxas municipais, estaduais e federais. A cidade concentra grande parte da atividade econômica na indústria, com destaque para os setores metalmeccânico, têxtil, plástico, metalúrgico, químico e farmacêutico. O Produto Interno Bruto - PIB de Joinville também é um dos maiores do país, em torno de R\$ 52.792,59 por ano de acordo com o índice mais recente do IBGE (2018). Também segundo o IBGE (2021), a população estimada é de 604.788 pessoas. O percentual de escolarização de 6 anos a 14 anos é de 97,3% e o Índice de desenvolvimento humano municipal – IDHM, é de 0,809 de acordo com os últimos dados coletados pelo IBGE (2010).

Figura 1 – Mapa de localização Joinville, em relação ao estado de Santa Catarina e ao Brasil.



Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville – IPPUJ 2008

Algumas coordenadas da localização do município de Joinville, segundo o IPPUJ são:

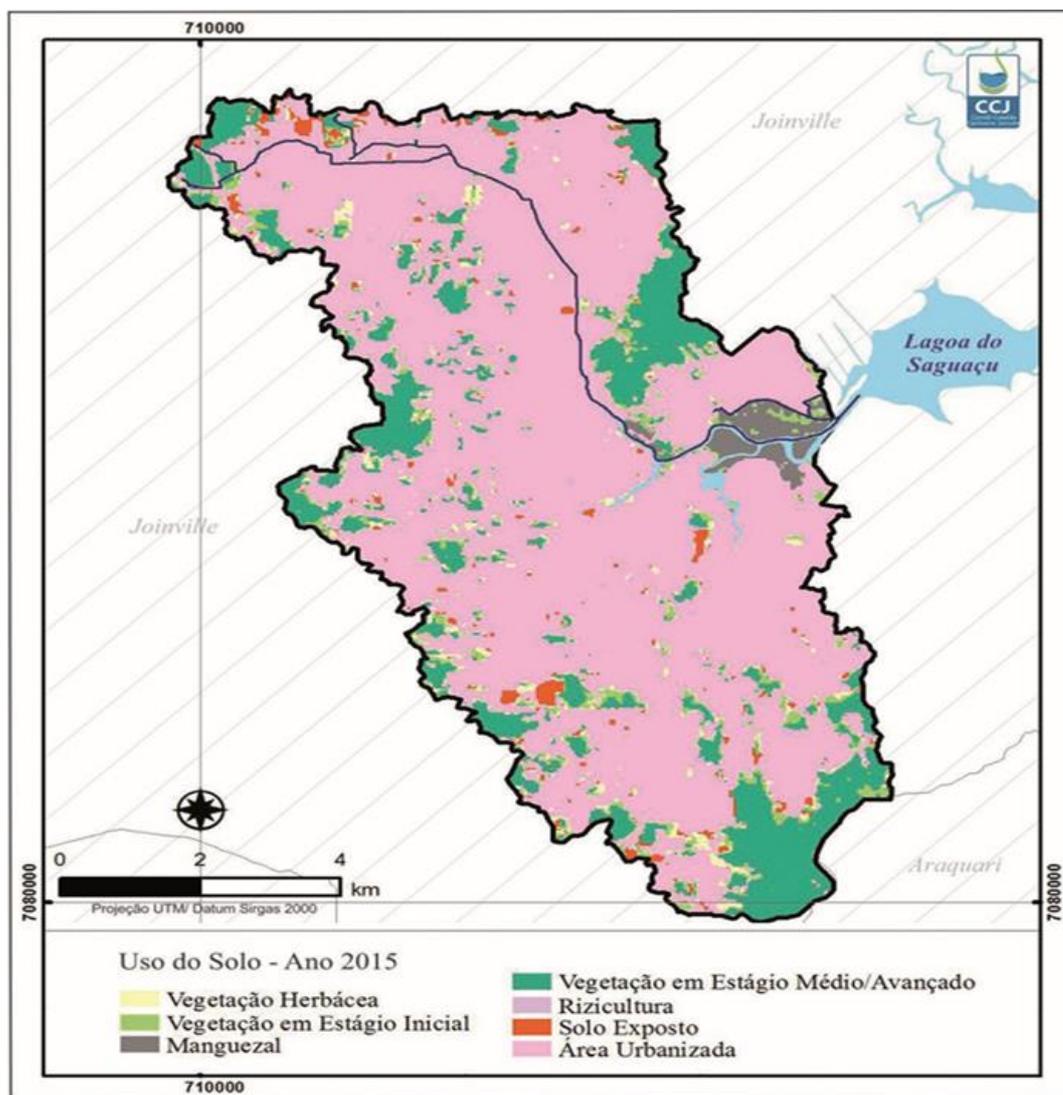
Latitude Sul 26° 18' 05''

Longitude Oeste 48° 50' 38''

Área do município 1.134,03 km²

Existe um total de sete bacias que compõe o ordenamento hidrográfico no município de Joinville, conforme demonstra a Figura 2, onde se encontram duas bacias mais importantes: a Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira e a Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão do Norte. A extensão do rio principal que é o Rio Cachoeira é de 16km. A lagoa do Saguçu é onde ocorre a sua foz, parte do complexo estuário da Baía da Babitonga. (IPPUJ,2013). O mapa da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira exibe o uso e ocupação do solo, apresentando uma legenda que permite visualizar os 72,60% da área urbanizada sobre esta Bacia (CCJ,2016).

Figura 2 – Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira – uso e ocupação do solo – 2016.



Fonte: Comitê Cubatão Cachoeira -CCJ (2016)– Editora UNIVILLE

A área da Bacia do Rio Cachoeira tem sido considerada a mais vulnerável à degradação ambiental na região. A cidade, como muitas outras, surgiu e se desenvolveu em torno de um rio, o Rio Cachoeira, fazendo parte do cenário urbano da cidade que vem tendo aumento exponencial em sua densidade demográfica.

De modo ilustrativo a Figura 3 apresenta uma imagem do Rio Cachoeira entre a área central e norte da cidade de Joinville -SC.

Figura 3 : Imagem do Rio Cachoeira entre a área central e norte da cidade de Joinville.



Fonte: Daniel Dalonso Fotografias

Por ter uma disposição para a industrialização desde a chegada dos colonizadores europeus, a degradação dos recursos naturais cresceu na mesma proporção que os avanços econômicos.

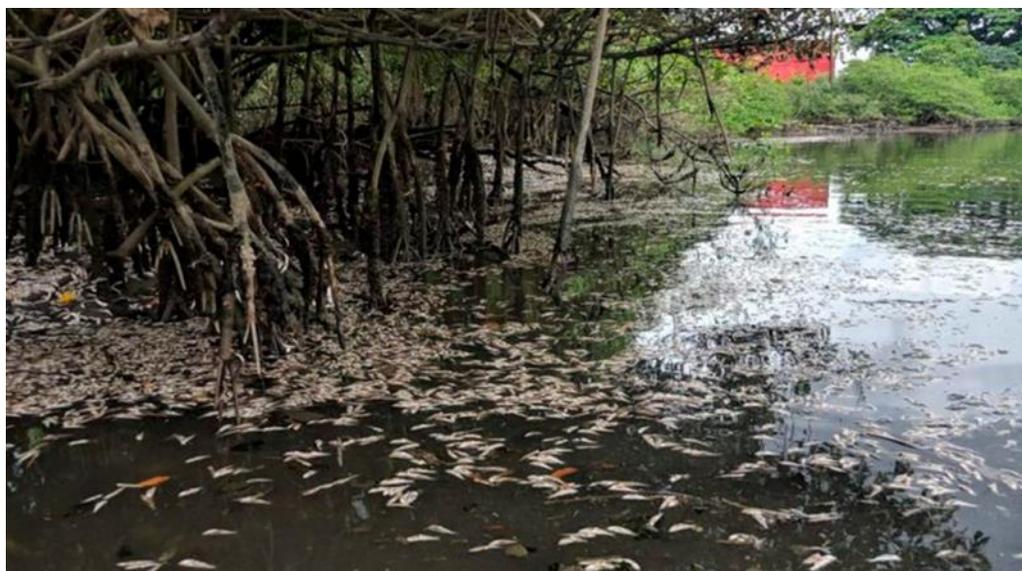
Conforme os levantamentos de Ferreira (2015, p.121), a respeito das causas da poluição e da degradação ambiental a muitos anos, os principais fatores responsáveis pela poluição das águas foi via “o esgoto doméstico sem tratamento, lançado desde o início da colonização até os dias atuais”; o “descarte incorreto de lixo” no rio e nas suas margens; desde muitos anos a “retirada da mata ciliar” e principalmente o uso do rio para o descarte de grandes volumes de “resíduos industriais quando a cidade se industrializou”. Em relação ao descarte irregular dos resíduos sólidos e seu gerenciamento, Araújo, Gouveia e Novais (2017, p.8) puderam perceber que, mesmo o município possuindo um sistema de gestão de resíduos sólidos nos anos recentes, foram identificados 50 pontos de descarte irregular, muitos

deles em locais de preservação permanente, próximos à curso d'água, rios e manguezais. Em outubro de 2016, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Joinville teve o Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos publicado em diário oficial após várias audiências públicas e a integração com o plano de saneamento básico do município.

Desse modo, várias ações vêm sendo tomadas pelo poder público, universidades e organizações no sentido de refrear esta situação de várias maneiras. Várias indústrias têm melhorado a cada ano seus processos de contenção de resíduos. Programas de conscientização ambiental sobre defensivos juntos à produtores agrícolas em terrenos à margem dos rios vêm sendo realizados. As escolas de educação básica vêm desenvolvendo um trabalho de conscientização e educação ambiental desde as séries iniciais.

Embora existam projetos de recuperação do rio e das margens em andamento, a realidade da degradação se exhibe por si só, conforme ilustra a Figura 2, na região sul da cidade, conhecida como o bairro Boa Vista.

Figura 4 : Imagem do Rio Cachoeira no bairro Boa Vista, próximo a Ponte do Trabalhador.



Fonte: Foto tirada no dia 11/02/21, no rio Cachoeira Juan Todescatt/Divulgação

Além do envolvimento coletivo, se faz necessário desenvolver modos de diminuir as resistências ao comportamento e à cultura da conservação ambiental. Iniciando com o reconhecimento fundamental de como as ameaças ao meio ambiente desencadeiam angústia, ansiedade, medo, conflitos e emoções nas pessoas. Isto leva

a um modo diferente de promover o engajamento delas nos cuidados ambientais. Ou seja, distanciando-se de um clima cada vez mais fixado em “discursos de esperança” (SWAISGOOD, 2011, p.95), por temer transmitir a “dura verdade” às pessoas, a abordagem psicanalítica pode ouvir e fazer falar a verdade da “tragédia ambiental”, o luto, a ambivalência, a ansiedade e outros sentimentos e afetos decorrentes disso, pois faz uma subversão, encarando como “acontecimentos sociais que não devem ser evitados mas, ao contrário, integrados, para se chegar a modos mais autênticos de envolvimento com um mundo dinâmico e incerto.”(LERTZMAN, 2015, p. 4).

Concorda-se com as ideias de Lidicker (2011), que foi realista ao colocar as questões ambientais para as pessoas e incluir conjuntamente um trabalho de escuta e acolhimento dos seus problemas, seus sentimentos e suas emoções, de modo que possam trabalhar estes aspectos mais profundos e se tornarem realmente parceiros na luta pela conservação ambiental. Lidicker salienta que:

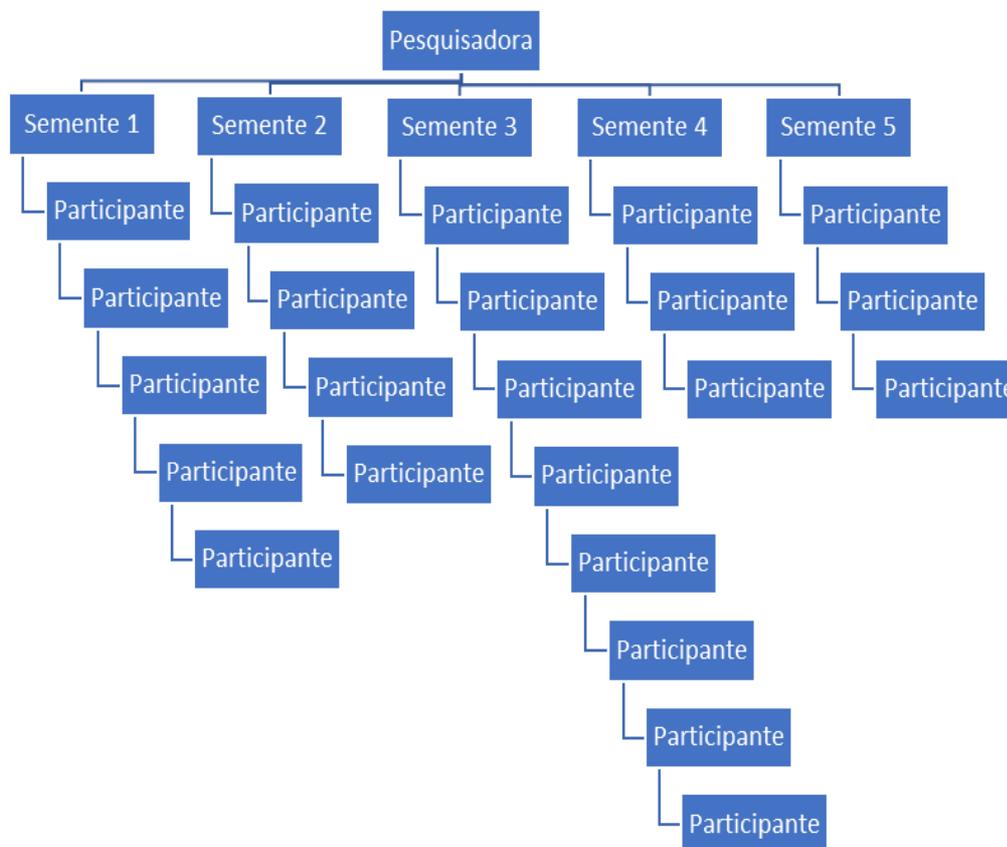
Embora salvar a biodiversidade seja incontestavelmente o elemento mais importante no grande contexto dos problemas ambientais da nossa espécie, a realidade exige que seja dada ênfase em como as preocupações com a biodiversidade estão intrincadas com os dilemas humanos em geral. (LIDICKER, 2011, p. 94).

Tais dilemas apresentam-se neste estudo, estando relacionados às emoções e sentimentos que podem trazer ansiedades geradoras de comportamentos defensivos que em nada contribuem para um comportamento positivo em relação às questões ambientais.

4.3 Seleção dos participantes

A amostra dos participantes foi apoiada na técnica bola de neve, também conhecida por *snowball sampling* ou cadeia de informantes (BIERNACKI e WALDORF, 1981). Com a distribuição conforme síntese da Figura 5, apresenta o fluxograma com o desenvolvimento sequencial.

Figura 5 – Fluxograma com o desenvolvimento sequencial da rede de contatos acionados para a realização de entrevistas, a partir da técnica bola de neve.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Segundo Vinuto (2014), o tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência. Em outras palavras, se favorece das redes sociais dos entrevistados identificados para indicar ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contatos potenciais. O processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação. Ou seja, não há novos nomes oferecidos ou, o que é mais recomendável, os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise. A partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos, mais difíceis de serem acessados, por se encontrarem espalhados por uma grande área.

O início da execução da amostragem em bola de neve aconteceu com 5 sementes, que são os informantes-chaves (Biernacki e Waldorf, 1981) e tiveram a função de localizar, dentro da população geral, as pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Isso aconteceu porque uma amostra probabilística inicial é, em

determinados contextos, impraticável, e assim as sementes ajudaram a pesquisadora a iniciar seus contatos e a multiplicar o grupo a ser pesquisado. Chegou-se a um total de 28 pessoas. Quando, então, foi realizado o convite de participação na pesquisa.

Após obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os interessados preencheram uma ficha com o perfil social (ocupação, idade, escolaridade, tempo de residência em Joinville e em qual região da bacia do Rio Cachoeira moram e se gostariam de ser entrevistados por 3 vezes). A seguir, responderam ao “questionário de triagem”, (Apêndice 4). O conjunto de dados gerado pela ferramenta de pesquisa forneceu uma triagem útil para selecionar sete participantes adequados para as entrevistas. A triagem foi projetada com dois tipos básicos de perguntas: questões fechadas e abertas. Foi idealizada com a intenção principal de medir níveis de preocupação ambiental, engajamento, conhecimento de questões ambientais e acuidade verbal.

As respostas dos participantes da triagem foram analisadas à luz de como eles classificaram seu próprio nível de preocupação em relação às questões ambientais e, em particular, a escala de classificação usada para medir com que frequência pensam sobre questões ambientais, também conhecida como Escala de Frequência. A Escala de Frequência tem o objetivo de mensurar, embora de forma indireta, o nível de preocupação que a pessoa tem em relação a algo, no caso, o Rio Cachoeira.

O objetivo foi selecionar alguns participantes que pudessem ser percebidos por ambientalistas e pesquisadores de opinião pública como “não se importando” com o meio ambiente nem com as causas ambientais. O grupo entrevistado não teve o propósito de ser uma “amostra” no sentido de ser representativo de um grupo maior. As prioridades foram a profundidade, em oposição à ‘amplitude’ e a microanálise em oposição a generalizações relativas a um determinado grupo demográfico. Pessoas que podem ser facilmente ignoradas e entrarem nas pesquisas como pessoas com baixa preocupação ambiental por motivo de problemas pessoais indeterminados.

Optou-se por entrevistar os que relataram no questionário que pensam sobre questões ambientais no intervalo intermediário das respostas “nunca” e “frequentemente” e que expressaram um nível moderado abaixo de pensamento consciente sobre questões ambientais, ou no caso de terem expressado pensamento “frequentemente”, não terem estado envolvidos em quaisquer atividades de conservação ambiental.

4.4 Critérios de inclusão e exclusão

4.4.1 - Critérios de inclusão: triagem com residentes na cidade de Joinville, acima de 18 anos, com domicílio na área da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira.

4.4.2 - Critérios de exclusão: possuírem algum vínculo com instituições relacionadas ao meio ambiente ou ao setor de empreendimentos ambientais ou imobiliários do município; sujeitos que não corresponderam aos requisitos da triagem; sujeitos que não apresentaram o desejo de participar do tipo de metodologia das entrevistas.

4.5 Entrevista Relacional Dialógica – DRI (*Relational Dialogical Interview*)

Historicamente, o DRI surgiu em 2007, a partir de uma demanda à Lertzman (2015) em projetar uma metodologia de pesquisa que pudesse efetivamente explorar processos e dinâmicas inconscientes e atender a relações de objeto e contextos ambientais da região altamente poluída dos Grandes Lagos, Wisconsin -EUA, uma região geográfica desconhecida para a pesquisa qualitativa psicossocial psicanalítica até então. O cerne dessa abordagem é o design do que Lertzman chama de Entrevistas Relacionais Dialógicas – DRI. Foi baseada em práticas correlacionadas e utilizadas por pesquisadores de ciências sociais psicanalíticas, notadamente as entrevistas de pesquisa psicanalítica de Cartwright (2002). Ela recorreu ainda a outras pesquisas, como recursos para criar o seu próprio método DRI, como por exemplo, estudou o método interpretativo narrativo biográfico (Wengraf, 2001) e as entrevistas narrativas através da associação livre (Hollway & Jefferson, 2000). O método DRI utiliza entrevistas dialógicas, sucessivas e interativas por participante, cada uma trazendo informações que foram se somando às informações precedentes.

Seguindo esta metodologia, no presente estudo buscou-se realizar três entrevistas individuais, com a duração média de 45 minutos cada, com os sete participantes selecionados na triagem. As entrevistas foram gravadas, para posterior análise mais precisa dos dados.

Na abertura da primeira das três entrevistas foi feita uma colocação única, como um convite à fala: “Conte-me onde você cresceu. Por favor, comece como desejar e diga o que vier à sua mente”. Essa questão foi projetada para ser abrangente e ampla e deliberadamente inconsciente em relação ao tópico do estudo, e teve também como objetivo estabelecer um relacionamento de confiança com a

entrevistadora. Comunicou-se que o(a) participante não seria interrompido(a) e seria incentivado(a) a falar longamente sobre tudo o que lhe ocorresse mentalmente, inclusive sobre a pesquisa em andamento. O uso dessa pergunta ampla e geral permitiu um contexto possível na entrevista para perceber que tipos de associações inconscientes foram formadas para começar com o tópico da água, da natureza, do meio ambiente e do Rio Cachoeira.

Após cada sessão de entrevista, seguiu-se uma pré-análise, com a percepção das narrativas e tópicos de interesse, bem como a importância de destacar os tópicos, as ideias, os pensamentos e os sentimentos que surgiram na entrevista que eram particularmente carregados ou significativos.

Embora se desejasse que os(as) participantes exercessem associação livre abertamente, para que se pudesse rastrear melhor e acompanhar as narrativas principais que ajudaram a fornecer determinados tópicos e significados, também foi desejável que eles(elas) demonstrassem os seus sentimentos, comportamentos defensivos ou não, relacionados à poluição do rio e do seu entorno. Neste sentido, a associação livre que se busca na entrevista de pesquisa qualitativa requer uma postura diferente da postura de um psicanalista no setting analítico: aqui o encontro já está enquadrado e contextualizado pelo foco e pelo tópico e tudo mais que o(a) participante deva conhecer a respeito do estudo. Inspirada em Cartwright (2004), Lertzman (2015) observa que se deve deixar claro aos entrevistados qual é o assunto específico da entrevista. Essa informação reforça a razão pela qual foram selecionados e fornece o contexto central em torno do qual eles foram incentivados a falar livremente, associando seus pensamentos conscientemente e inconscientemente. A partir deste ponto, o interesse do entrevistador está em saber como o entrevistado escolhe começar a sua narrativa e para onde a associação livre acaba levando a pessoa. Dito de outro modo, o entrevistador está interessado na estrutura emergente e na forma da narrativa nesta interação.

Eu vejo meu papel neste momento como sendo simplesmente uma facilitadora do processo, formulando notas mentais de afetos evocados e quaisquer dificuldades em atingir algum grau de empatia em direção ao entrevistado. (LERTZMANN 2015. p. 224)

A segunda entrevista continuou intencionalmente não estruturada e por associação livre, tornando-se progressivamente focada no tema ambiental, quando a

entrevistadora apresentava perguntas, esclarecimentos, feedbacks e interpretações ocasionais. Os entrevistados foram lembrados, no início da segunda entrevista, que a degradação do Rio Cachoeira era o assunto específico da entrevista, pelo qual foi selecionado(a) e em torno do qual ele(a) foi convidado(a) a associar suas ideias livremente. Neste ponto retomou-se algumas associações que o(a) participante trouxe na primeira entrevista em relação ao tópico, que poderiam ser mais explorados, estimulando a confiança em poder falar dele e das emoções que surgiam com tal conteúdo ou lembrança.

Quanto mais confiante o(a) participante se mostrava em compartilhar as suas reflexões, mas a entrevistadora podia levantar questões. Por exemplo: “o que estas coisas significam para você?” Desse modo, palavras, expressões, sentimentos, mecanismos defensivos presentes na mente do entrevistado foram registrados. A ideia de que os pensamentos estão associados uns com os outros, através do determinismo psíquico inconsciente, é de grande importância para compreender a entrevista dialógica.

No terceiro encontro buscou-se estreitar e aprofundar as associações. Assim como na segunda entrevista, iniciou-se a terceira entrevista fornecendo um feedback a(o) participante, sobre o que se ouviu no encontro anterior, baseada no material gravado ou nas anotações feitas, de modo mais claro possível, para que eles(a) percebessem o nível de atenção da escuta à sua fala. Foi possível, inclusive, demonstrar solidariedade através de breves comentários, em relação a depoimentos de dor, perdas e sofrimento, por exemplo. Este aspecto da abordagem dialógica foi central para a construção da relação de confiança na condução das entrevistas de pesquisa qualitativa.

Dessa forma, no encontro final, pode-se provocativamente levantar perguntas mais diretas sobre emoções sentidas em relação a algum tópico específico que o(a) participante trouxe, ou a alguma perda que ele(a) teve e sobre o qual utilizou mecanismos de defesa, sempre se demonstrado o mais transparente e acolhedor possível. Ao mesmo tempo que buscando bastante foco no tópico ambiental. Para isso exibiu-se ao(a) participante imagens relacionadas à poluição ou ao descarte de entulho no Rio Cachoeira, que cumpriria esta função de impactar o(a) participante. Este(a) então responderia ao estímulo visual e não à entrevistadora, evitando uma pergunta frontal e direta sobre seus sentimentos em relação a ameaças ecológicas

que enfrenta o Rio Cachoeira. Seguindo esta lógica, cada entrevista cumpriu uma função específica em relação ao conjunto de encontros.

4.6 Análise de dados

Os dados obtidos por meio da aplicação do “questionário de triagem” foram digitados e tratados estatisticamente. As variáveis qualitativas são apresentadas pela sua frequência absoluta e porcentagem, o que possibilitou a seleção dos setes participantes para a fase qualitativa. A análise qualitativa das entrevistas seguiu os princípios epistemológicos que puderam demonstrar a técnica da entrevista e a análise da entrevista em psicanálise. Primeiramente, a atenção cuidadosa ao estado de espírito e sentimentos (as angústias e ansiedades, os aspectos emocionais ou afetos) dos entrevistados, pois eles demonstraram estar na base dos mecanismos de defesa. Em seguida, buscou-se por narrativas essenciais, que no caso do presente estudo estão relacionadas ao meio ambiente, à poluição e degradação do Rio Cachoeira e ainda à relação homem-natureza. Em terceiro lugar a exploração das identificações dos participantes, se eles fizeram uma identificação positiva com a necessidade de frear a degradação ambiental no Rio Cachoeira e com outras formas de conservação ambiental; ou não se identificaram com essas causas e problemas ambientais. Em quarto lugar investigou-se quais foram as formas de se relacionar com o rio. A narrativa foi positiva? Ou existiram reclamações e marcas de experiências negativas como perdas?

Salienta-se aqui especificamente o tema dos mecanismos de defesa, central nesta pesquisa exploratória. Quais mecanismos de defesa puderam ser detectados a partir das narrativas dos participantes, decorrentes das respostas às questões acima formuladas? Que tipos de mecanismos de defesa ficaram evidenciados ao expressar o que pensam e como se posicionaram diante das questões ambientais?

As entrevistas de todos os participantes do presente estudo foram gravadas e registradas por escrito e encontram-se no Apêndice 7. Posteriormente, procedeu-se leituras minuciosas das mesmas pela pesquisadora, que analisou e avaliou os mecanismos de defesa presentes nas narrativas.

Nesse processo, foram considerados os seguintes mecanismos de defesa: negação; apatia; projeção; recalque; idealização; cisão; racionalização. Com o intuito de conferir coerência com a avaliação dos resultados, apoiou-se nas pesquisas e

definições de mecanismos de defesas propostas por Freud S.(1896-1996); Klein (1975); Freud A.(1936); Lertzman (2015); Segal(1964); Stoll-Klemann, O’Riordan e Jaeguer (2001), Silva(2010); Searles (1972) e Zimerman (2001).

Com a compilação dos resultados, optou-se por apresentar uma síntese de cada estudo de caso, ressaltando os mecanismos de defesa obtidos, que também são apresentados através da organização de um quadro das análises dos mecanismos de defesa dos participantes do presente estudo, para em seguida abrir para a discussão dos achados incluindo o diálogo com os autores estudados na revisão da literatura.

4.7 Interdisciplinaridade do estudo

O estudo do meio ambiente deve abordar a interdisciplinaridade dos conceitos, normas e doutrinas das diversas áreas que estudam o meio ambiente: Saúde, Psicologia Social, Educação, Direito, Política, Geografia e Biologia e outras.

Na busca por minimizar a atual problemática ambiental ocasionada pelas interferências humanas na natureza, a Educação Ambiental, por exemplo, surge como uma excelente ferramenta de ensino, podendo através de um trabalho didático-educativo, sensibilizar a população da importância de conservação dos ecossistemas, buscando através de ações sustentáveis, aumentar a conscientização para a conservação ambiental e evitar o desperdício e o consumo desnecessário.

Outro exemplo diz respeito à interdisciplinaridade entre Direito, Meio ambiente e Psicanálise, ilustrado pelo livro “Degradação Ambiental, um diálogo entre Direito e Psicanálise de Reis & Vieira (2017), cujo valor, segundo os autores citados, está no fato de considerar o direito ambiental como um instrumento capaz de abordar a questão da degradação ambiental como elemento do mal-estar que permeia a civilização atual, partindo de Sigmund Freud, na análise do princípio inato da tendência do ser humano para o mal, a agressão, a destruição, enfim, para a pulsão de morte.

Nesta dissertação salienta-se a interdisciplinaridade entre as áreas da Psicanálise e do Meio Ambiente, no que se refere à subjetividade e seus reflexos na maneira pelas quais os seres humanos têm persistentemente avançado sobre os limites ecológicos, bióticos e sociais do nosso planeta. Farias (2016) traz a ideia de que a psicanálise pode comparecer como o elemento articulador que possibilitará a construção de um novo saber, a partir do entendimento e a incorporação da

subjetividade humana nas questões ambientais. Abrindo-se, desse modo, a possibilidade de se avançar na compreensão do sujeito moderno e de seu sintoma, bem como do sintoma da modernidade. A contribuição específica através a avaliação dos mecanismos de defesa presentes em alguns residentes no entorno da Bacia do Rio Cachoeira, que foram selecionados por não apresentarem uma preocupação ativa com a poluição ambiental local, poderá trazer uma visão ampliada de como trabalhar programas de educação ambiental, incluindo a escuta e o acolhimento dessa parte de pessoas nas diversas comunidades.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo, que apresenta e analisa os resultados da pesquisa, está subdividido nas seguintes seções: discussão dos resultados do questionário de triagem, razão da escolha dos entrevistados, caracterização e apresentação dos entrevistados, síntese dos estudos dos casos, compilação dos mecanismos de defesa identificados, identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas, discussão e análise dos achados da pesquisa.

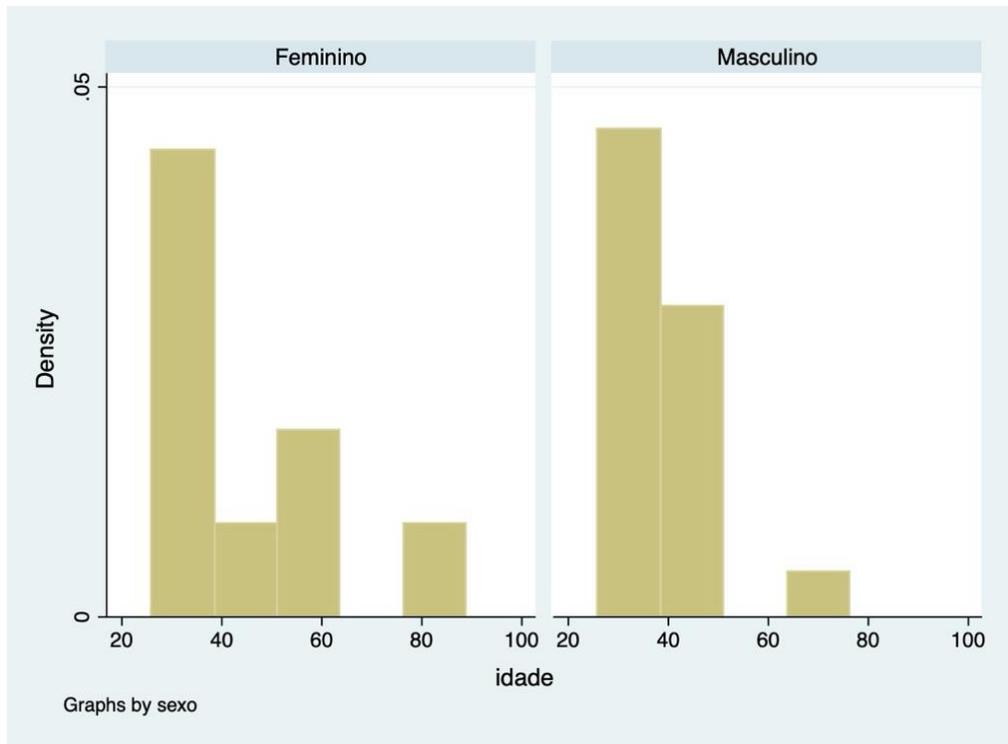
Na sequência são apresentados os resultados dos dados coletados nos questionários de triagem, por meio dos quais foram gerados gráficos das oito questões investigadas e esses resultados possibilitaram selecionar os sete participantes para a etapa das entrevistas e estudos de casos.

5.1 Resultado da análise do questionário de triagem

O questionário de triagem (apêndice 4) foi composto por 8 questões e aplicado a 28 participantes. Ele contemplou apenas variáveis qualitativas, cujos resultados são apresentados a seguir, por meio de gráficos de frequência. Destaca-se também que, pela natureza qualitativa dos dados, as figuras apresentam a sua frequência relativa das informações das 8 questões. Estas apresentaram, de forma preliminar, o posicionamento de cada participante diante de questões como: níveis de preocupação ambiental, engajamento, conhecimento de questões ambientais e sentimentos em relação ao tema.

Inicialmente vale ressaltar que participaram do questionário de triagem dezenove homens (67%) e nove mulheres (33%), totalizando, como afirmado anteriormente, 28 indivíduos. A figura 5 abaixo mostra o histograma das idades dos entrevistados, dividido entre os homens e as mulheres. A idade mínima dos entrevistados foi de 26 anos e a máxima de 89, onde ressalta-se uma maior concentração com pessoas de idade inferior a quarenta anos.

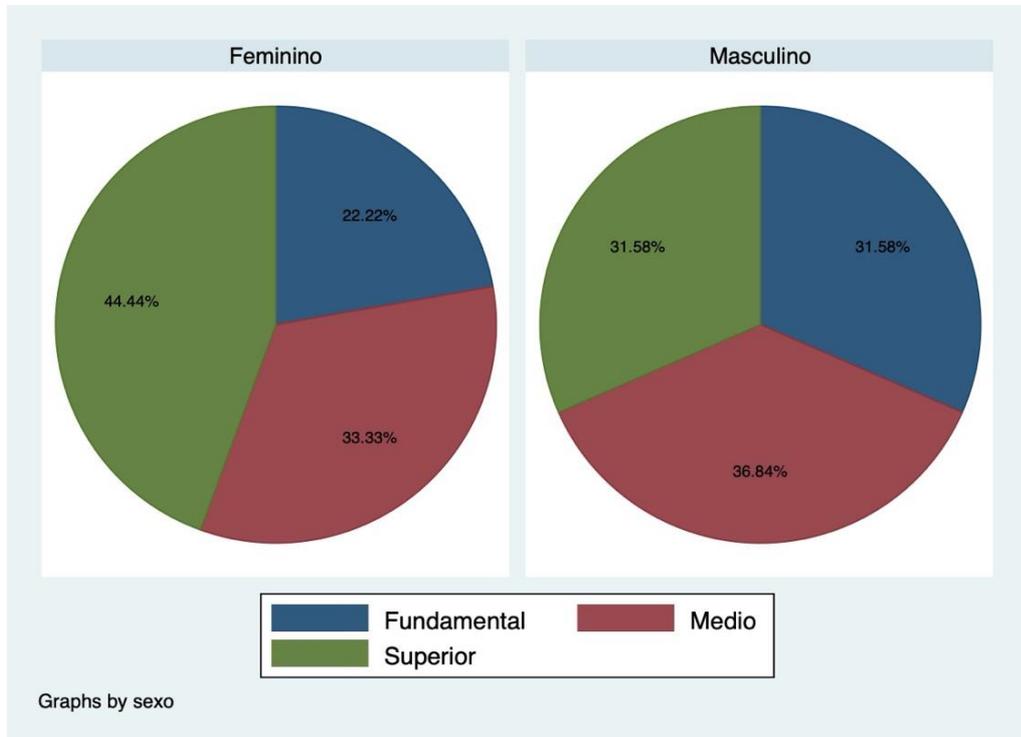
Figura 6: histograma das idades conforme o gênero



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Em termos de escolaridade, constata-se que os entrevistados estão divididos de forma similar entre os diversos níveis. Aproximadamente 29% têm apenas o fundamental, 36% concluíram o ensino médio e 36% têm o ensino superior. A figura 7 exibe o gráfico da escolaridade levando em consideração o gênero do entrevistado.

Figura 7: gráfico da escolaridade conforme o gênero

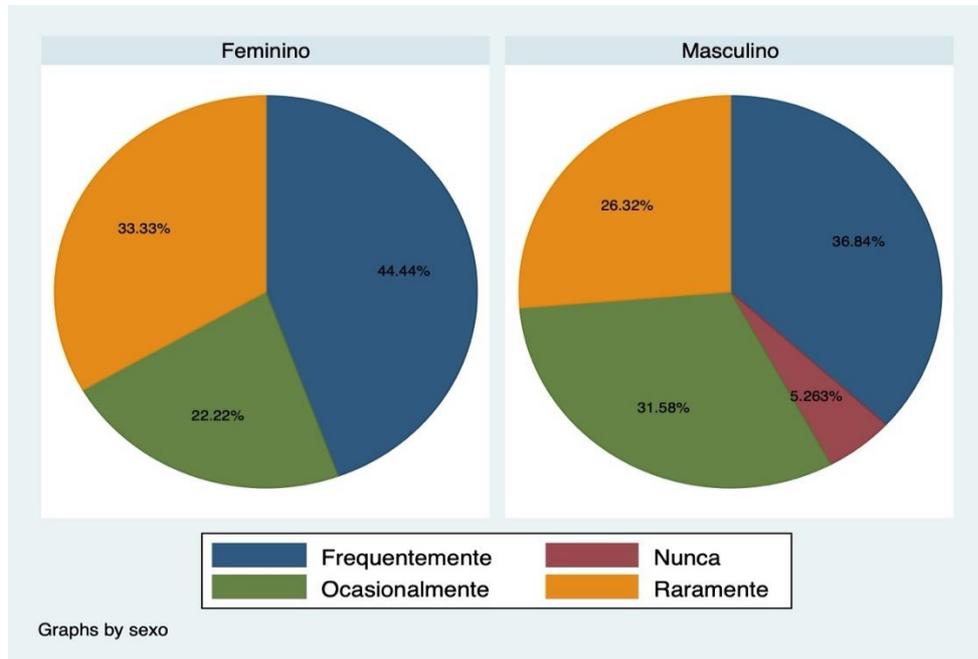


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Por meio do gráfico, observa-se que as mulheres apresentam maior nível de escolaridade do que os homens. Das mulheres, 44% alcançaram o nível superior, enquanto dos homens, 32% alcançaram; em relação ao ensino médio, 33% das mulheres têm esse nível e 37% dos homens; e 22% das mulheres e 32% dos homens concluíram o ensino fundamental.

De maneira geral, as pessoas se preocupam com a situação as questões ambientais, pois cerca de 40% pensam sobre essa temática de maneira frequente. Um pouco menos, 29%, pensam ocasionalmente e outros 29% pensam raramente sobre o tema, e um pouco mais de 5% se declararam nunca pensar sobre isso. Os dados revelam que as mulheres apresentam maior preocupação do que os homens, como pode ser visto na figura 8, logo abaixo.

Figura 8: gráfico sobre o nível de preocupação ambiental conforme o gênero



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Conforme descreve o gráfico 8, aproximadamente 45% das mulheres afirmam pensar frequentemente em questões ambientais, contra cerca de 37% dos homens. Por outro lado, apenas os homens se posicionaram em nunca pensar sobre o ambiente, com cerca de 5% deles.

A tabela 1 nos mostra a preocupação ambiental, mensurada pela declaração da frequência com que pensa nos temas ambientais, com o nível escolar. As pessoas que concluíram o ensino superior são aquelas que mais relataram pensar na questão ambiental, pois fazem isso frequentemente. Por outro lado, a única pessoa que ressaltou nunca pensar sobre temas ambientais apresentou nível fundamental de escolaridade. De certa forma, isso sugere, sem robustez, que o nível de escolaridade se mostra como um fator importante para tratar dos temas ambientais.

Tabela 1: Preocupação ambiental conforme o nível escolar

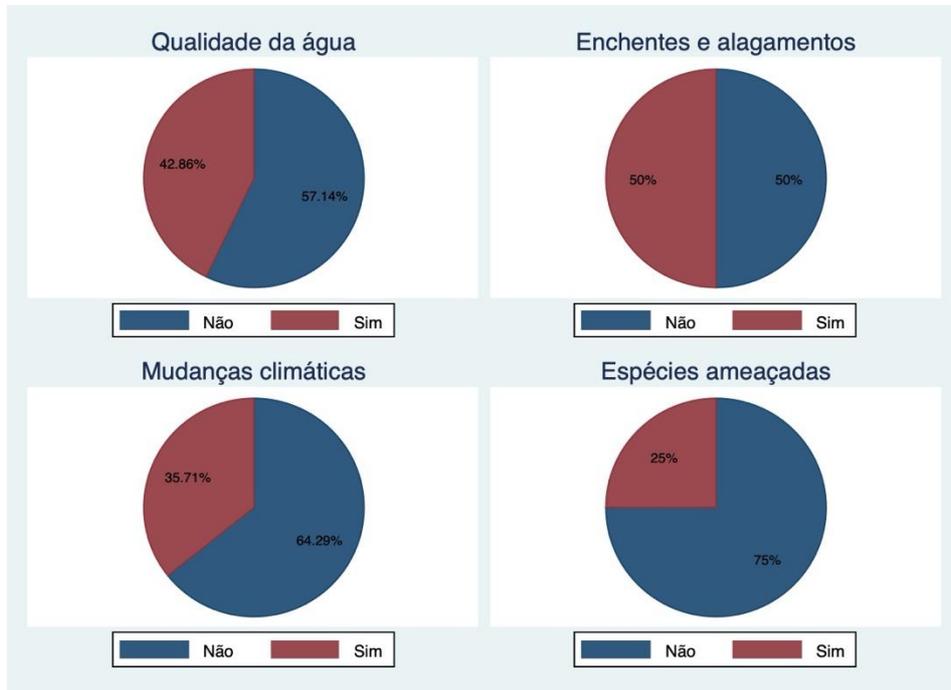
	Nível de escolaridade			Total
	Fundamental	Médio	Superior	
Frequentemente	4 36,36%	2 18,18%	5 45,45%	11 100%
Ocasionalmente	2 25%	4 50%	2 25%	8 100%
Raramente	1 12,50%	4 50%	3 37,50%	8 100%
Nunca	1 100%	0 0%	0 0%	1 100%
Total	8 28,57%	10 35,71%	10 35,71%	28 100%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

A figura 9, a seguir, exhibe a frequência sobre temas correlacionados aos problemas ambientais. Metade das pessoas entrevistadas mostrou preocupação com uma questão imediata, que são as enchentes e alagamentos. Vale ressaltar que o município de Joinville é bastante plano, cuja drenagem é difícil e lenta por conta da baixa declividade, por isso a preocupação com as enchentes. Essa preocupação apresenta um caráter utilitarista, pois pode representar um elemento que afeta diretamente e negativamente a vida das pessoas, trazendo transtornos de vários tipos, perdas materiais e até possibilitando a propagação de inúmeras doenças.

A qualidade da água do Rio Cachoeira é também um problema para cerca de 40% da população entrevistada. É natural e visível observar problemas relacionados com a qualidade da água, principalmente de um dos mais importantes rios que atravessam a cidade de Joinville.

Figura 9: gráfico sobre temáticas ambientais

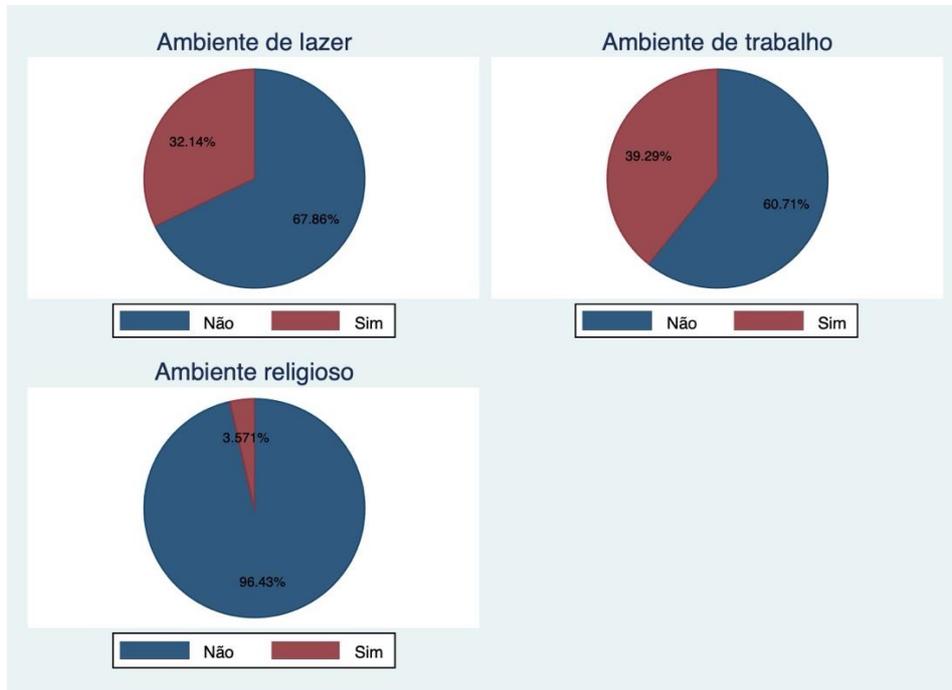


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Uma parcela significativa também se mostrou preocupada com as questões climáticas globais, alcançando mais de 35%. Essa preocupação, justificada, decorre também da grande exposição midiática sobre o tema. Um ponto de menor atenção foram as espécies da flora e fauna, lembrados por cerca de 25% dos entrevistados.

Além do ambiente familiar, onde cerca de 80% das pessoas discutem a temática, a figura 10 exhibe os demais ambientes onde os assuntos ambientais são tratados. A maior parte, aproximadamente 40%, discute no ambiente de trabalho. Cerca de um terço aborda o tema em situações de lazer e pouco se discute no ambiente religioso. Vale ressaltar que as religiões não têm salientado apreço por essa temática.

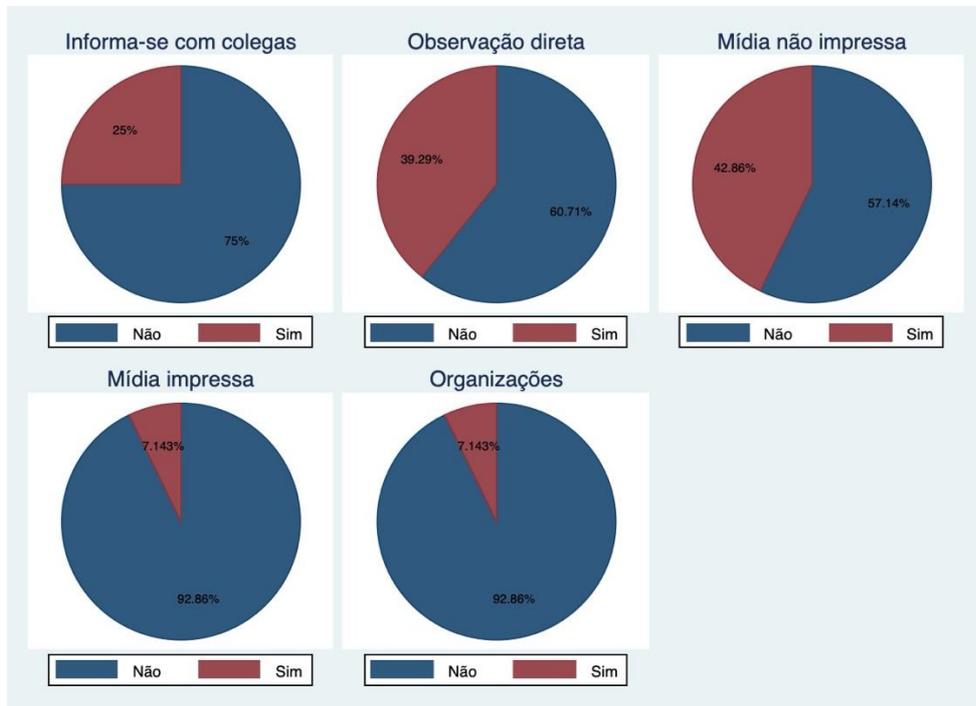
Figura 10: ambientes onde se discutem a situação do rio



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Conforme a figura 11, a seguir, a imprensa, principalmente jornais televisivos e mídias sociais, compondo a mídia não impressa, é a principal fonte de informações sobre a situação do Rio Cachoeira, representando aproximadamente 43%. A observação direta também foi lembrada por cerca de 40% dos entrevistados. Um quarto do total de entrevistados disse que ficam sabendo sobre o rio por meio de relatos de amigos ou colegas. E cerca de 7% apontaram recebem informações por meio da mídia impressa. Esse mesmo percentual advém de organizações e seus membros.

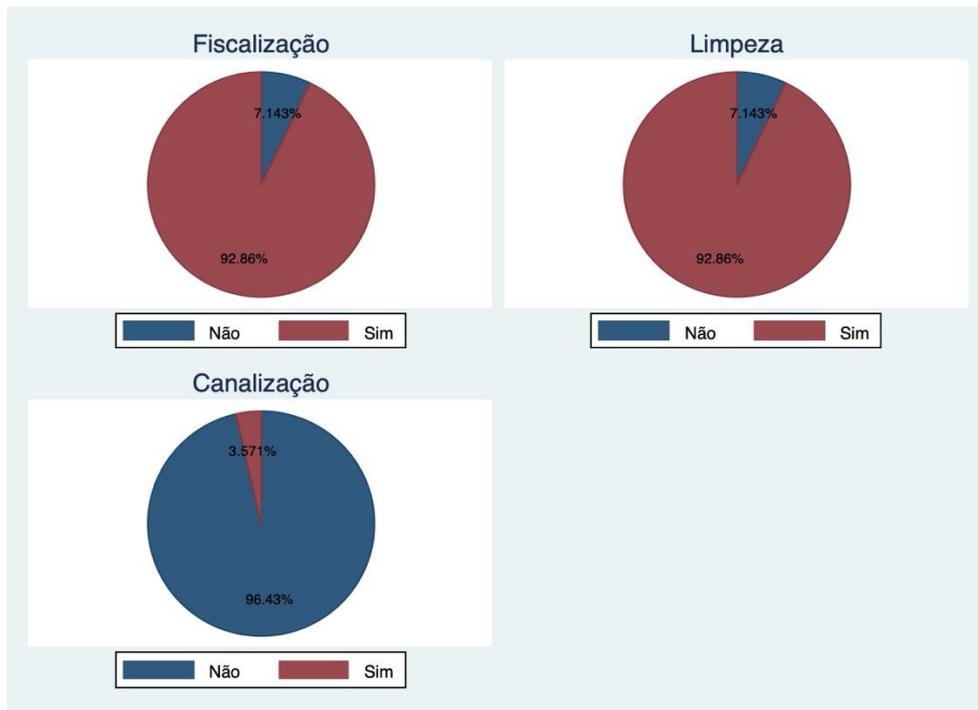
Figura 11: meios de obtenção de informações sobre a situação do Rio Cachoeira



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

De maneira igual, conforme exibe a figura 12, as duas ações que os participantes consideram mais importantes para os moradores próximos ao Rio Cachoeira são proporcionar a limpeza do rio (93%) e fiscalizar descarte de lixo no rio e nas margens (93%). Apenas 4% salientaram que a canalizaria seria a solução.

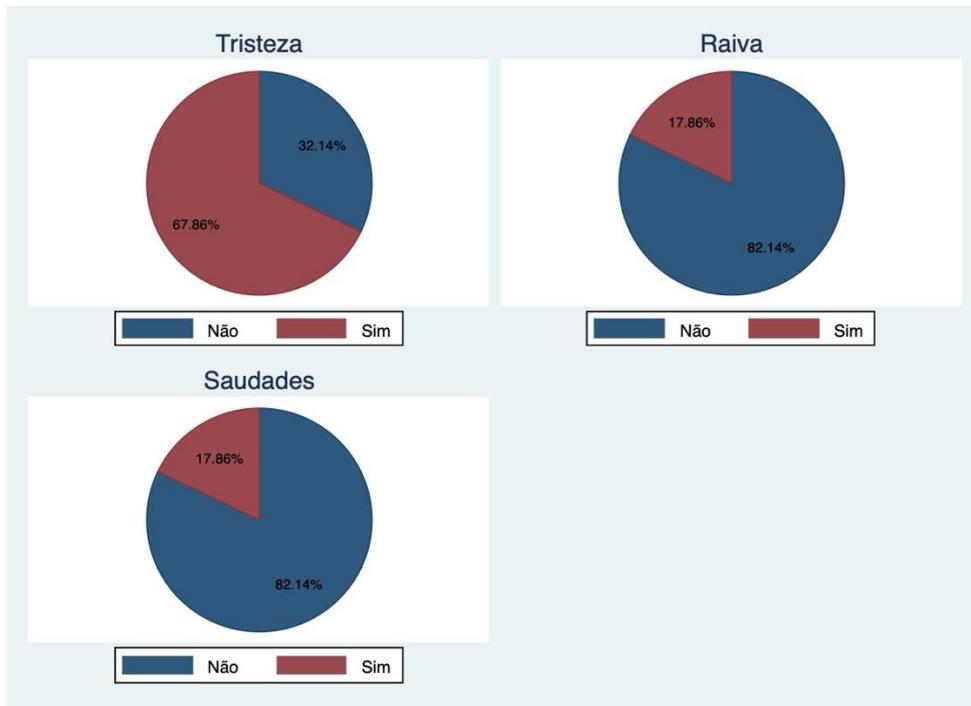
Figura 12: ações que o poder público deveria adotar ou intensificar para melhorar as condições do Rio Cachoeira



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

E finalmente, a figura 13 mostra o sentimento que as pessoas têm em relação à situação do Rio Cachoeira. Mais de dois terços salientaram que sentem tristeza com a condição poluída do rio. Aproximadamente 18% sinalizaram ter raiva de tal condição, e esse mesmo percentual de resposta foi também apontado por aqueles que sentem saudades da condição de um rio limpo e sem nenhum tipo de poluição.

Figura 13: sentimentos associados à situação do Rio Cachoeira



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Tais sentimentos são os potenciais elementos que desencadeiam os mecanismos de defesa, sendo necessários para equilibrar o aspecto psicológico da pessoa diante de algo que ela considera grave.

5.2 Resultados das entrevistas qualitativas

Dentre as 28 pessoas que responderam o questionário de triagem, foram selecionados sete participantes para a etapa das entrevistas, com idades de 26 anos a 89 anos, de diversas classes sociais e culturais, descrevendo a si mesmos como “não se importando” com o meio ambiente, e que foram a base para os estudos de casos. Eles atenderam aos critérios de seleção, onde optou-se por entrevistar os que relataram no questionário que pensam sobre questões ambientais no intervalo intermediário das respostas “nunca” e “frequentemente” e que expressam um nível moderado até baixo de pensamento consciente sobre questões ambientais, ou no caso de terem expressado pensamento “frequentemente”, não terem estado envolvidos em quaisquer atividades de conservação ambiental. A razão da escolha de cada selecionado é destacada a seguir no Quadro 1:

Quadro 1: Razão da escolha dos participantes

Participantes*	Razão da escolha
Alex	Pensa frequentemente sobre problemas ambientais, mas não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Flávio	Raramente pensa sobre os problemas ambientais, raramente o assunto é discutido em família e não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Elisabet	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvida em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Jackson	Nunca pensa nos problemas ambientais. Diz que o Rio Cachoeira tem mau cheiro e alaga o centro da cidade.
Izabel	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvida em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Roberto	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Silvio	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, raramente discute o assunto em família e não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.

*Os nomes dos participantes são fictícios.

Várias entrevistas deste estudo de casos múltiplos, que inclui a temática da poluição e a degradação do Rio Cachoeira e entorno, revelaram uma preocupação baixa, regular ou frequente com a conservação ambiental e com as consequências da poluição, descarte de resíduos, alagamentos, mau cheiro etc., por parte dos participantes. Alguns demonstram um desconhecimento sobre as causas, os efeitos, as medidas legais apropriadas a fim de diminuir as consequências para a vida e para a saúde da população desta região. Outros, embora apontem para o conhecimento dos problemas, não exercem um papel ativo que promova uma mudança de pensamento ou atitude na comunidade.

Por outro lado, cada um, ao seu modo, apresentou a existência de barreiras psicológicas para justificar o seu não envolvimento com a causa, visto que o tema da degradação e da poluição presente apontaram diretamente para o desprazer, o mal-estar, a tristeza, a ansiedade e a angústia. Como consequência, e com o objetivo de atenuar estas ameaças que implicam uma saída da homeostase psíquica, foi possível identificar a presença de uma série de mecanismos de defesa nos casos estudados. Estes achados estão alinhados com o objetivo deste estudo, o qual buscou avaliar alguns mecanismos de defesa e como eles podem gerar resistências ao comportamento e à cultura da conservação ambiental. Lembrando que esses mecanismos de defesa apontam para a existência de problemas pessoais, conflitos emocionais, ou desânimo inerente às ameaças ambientais que trazem medo e impotência, e que precisam ser resolvidos ou pelo menos ouvidos e encaminhados a fim de que cada pessoa se sinta disposta a colaborar com a causa ambiental.

Ao solicitar inicialmente que o(a) entrevistado(a) relatasse onde cresceu, livremente, foram ouvidas diferentes histórias de vidas, algumas comoventes, de muito sofrimento emocional em virtude de sérios problemas de saúde na família, outras de luto por perdas de entes queridos por violência social e ainda por relatos de famílias de imigrantes que lutam por sobrevivência e superação da distância de parentes que ficaram em seus países de origem. A escuta paciente da pesquisadora promoveu uma relação de confiança e foi fundamental para que a continuidade do trabalho ocorresse dentro da colaboração desejada dos participantes para a obtenção dos dados da pesquisa. Surpreendeu-se também com histórias de pessoas muito simples, mas ao mesmo tempo com grande capacidade de discernimento, que deixavam transparecer a satisfação por estarem sendo ouvidas, com ideias para futuras ações que promovam engajamento das comunidades. Inclusive um dos

participantes entregou fotos à pesquisadora de locais de despejo de lixo na área estudada.

A pesquisa foi bem recebida por todos os entrevistados e eles sentiram-se privilegiados por poder relatar suas percepções e contribuir com a pesquisa, tendo a maioria declarado que nunca havia falado sobre o assunto da poluição, do meio ambiente e do Rio Cachoeira de modo sério ou participado de pesquisa similar a esta. Foi unânime a opinião de que deveriam existir mais trabalhos assim, onde as pessoas poderiam ter voz e serem ouvidas e terem a oportunidade de trocar ideias em escolas ou comunidades, pois todos têm algo a contar e a contribuir, a partir daquilo que vivem e experimentam no dia a dia da cidade, da comunidade, da família e de seus problemas. Sem passar por esse acolhimento, questiona-se se seria o engajamento em programas ambientais um trabalho possível.

5.3 Caracterização dos participantes selecionados para as entrevistas

O quadro 2, a seguir, mostra as características gerais dos entrevistados, como estado civil, idade, formação e o bairro onde está localizada sua residência.

Quadro 2: Caracterização dos participantes do presente estudo

	Participantes						
Dados Pessoais	Caso 1 Alex	Caso 2 Flávio	Caso 3 Elisabet	Caso 4 Jackson	Caso 5 Izabel	Caso 6 Roberto	Caso 7 Sílvio
Estado civil	casado	casado	viúva	casado	casado	casado	divorciado
Idade	39	31	89	38	50	26	42
Formação	Ensino superior	Ensino médio	Funda-mental	Funda-mental	Funda-mental	Funda-mental	Funda-mental
Residência	Bucarem	Boehmer Wald	Centro	Guanabara	Jardim Paraíso	Itaum	Fátima

Alex, 39 anos, é engenheiro mecânico, natural do Rio Grande do Sul, mas reside em Joinville com a sua esposa e a filha, na região sul da cidade, num bairro que faz divisa com o Rio Cachoeira, próximo à Ponte do Trabalhador. Embora a sua história tenha desenvolvido nele uma consciência ambiental, não se mostrou

engajado durante o percurso das entrevistas e procurou racionalizar as respostas, como uma defesa diante de momentos em que se sentiu pressionado com a introdução do tema ambiental, chegando a declarar verbalmente a sua negação em relação à realidade dos problemas ambientais locais.

Flávio, 31 anos, nasceu e cresceu na região da Bacia do Rio Cachoeira. Trabalha como operador de produção industrial e divide a sua atenção com um filho menor, diagnosticado com deficiência intelectual e autismo. Mostra-se desejoso em falar durante as entrevistas, apresentando mecanismos de defesa de projeção, idealização, de apatia e de racionalização quando introduzido o tema ambiental relacionado ao Rio Cachoeira.

Elisabet, 89 anos, dona de casa, ficou no lar, residindo em região central da cidade de Joinville, mas em região de enchentes, próxima ao afluente conhecido como Rio Mathias. Muitas vezes teve a sua casa inundada. Nasceu em Joinville e, até se casar, residia numa grande propriedade que estava situada na beira do Rio Cachoeira, de onde lhe vieram muitas lembranças que permearam as entrevistas com mecanismos de regressão, idealização e apatia.

Jackson, 38 anos, haitiano, natural de Porto Príncipe, veio ao Brasil em busca de uma vida melhor para a família, que ficou dividida, parte dela no Haiti e parte no Brasil. Reside e trabalha em Joinville há alguns anos, na zona sul, próximo ao Rio Cachoeira. Tem esposa haitiana, um filho de 13 anos e um de 2 anos de idade. É pastor de uma igreja evangélica independente, onde encontra refúgio para o seu mal-estar e angústia através da fé, sugerindo uma apatia ambiental e uma defesa através da idealização.

Izabel, 50 anos, divide o seu tempo entre os serviços domésticos e o trabalho, o que não lhe permite muita disponibilidade de tempo e lazer com a família, segundo o seu relato. Há seis anos reside na Zona norte de Joinville com o seu atual marido. Considera a região um local muito bom para se morar, julga ter uma vida de muita qualidade na cidade de Joinville. Trouxe também os filhos para cá, mas estes já não moram mais com ela. Dentre os mecanismos de defesa que apresentou diante do tema ambiental predominaram a projeção e a idealização.

Roberto, 26 anos, natural de Joinville, criou-se no Bairro Itaum e desde os 13 anos tinha uma turma de amigos que conviviam na região do Rio Cachoeira, que, segundo ele, era mais poluído. Por diversas vezes presenciou o transbordamento do rio, que lhe impedia de ir ao trabalho ou de voltar para casa, e que lhe trazia muita

tristeza e ansiedade. Na sua narrativa percebe-se o constante uso dos mecanismos de defesas, fortemente os da idealização, projeção, recalçamento, racionalização e apatia.

Sílvio, 42 anos, nasceu e se criou no Bairro Fátima, na parte mais ao sul da Bacia do Rio Cachoeira, próximo à foz do rio. Vivenciou as invasões ao mangue, onde as pessoas começaram a construir casas sobre palafitas e onde depois vieram dragas e caminhões de areia, transformando o local que hoje conta com ruas asfaltadas. Apresenta-se às entrevistas com resistência à fala, tristeza e certa apatia, que vai se transformando em discurso conforme vai se estabelecendo um laço de confiança. Apesar da sua narrativa de consciência ambiental, seus graves problemas pessoais e familiares estavam sempre se sobrepondo à temática ambiental e não compareceu para as entrevistas posteriores.

5.4 Estudos de casos:

Ao escrever estudos de casos pretende-se ilustrar o alcance, a profundidade e a amplitude oferecidas através da realização de múltiplas entrevistas em profundidade usando a associação livre de ideias e um estilo dialógico. Lembrando que a abordagem psicanalítica centraliza os mecanismos de defesa inconscientes na compreensão dos sentimentos e afetos experimentados pelas ameaças ambientais, bem como as respostas a elas. A etapa das entrevistas elucida algumas referências destes a quem se desejou dar voz neste estudo e que constituem uma das partes mais importantes da pesquisa. Foram entrevistados na seguinte ordem os participantes sob os seus pseudônimos: Alex, Flávio, Elisabet, Jackson, Izabel, Roberto e Sílvio. Em virtude do número maior de casos analisados optou-se por apresentar uma síntese deles. As entrevistas completas encontram-se no Apêndice 7 desta dissertação.

5.4.1 Caso Alex

Dentre os participantes desse estudo, Alex é único com ensino Superior e as suas narrativas demonstram um saber sobre a problemática ambiental, tendo trazido várias passagens de sua vida durante as entrevistas, onde ficou demonstrado que

pensa frequentemente sobre problemas ambientais, embora não esteja envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.

A cisão, a racionalização, a negação, a idealização e a projeção foram os mecanismos de defesa identificados com maior frequência no estudo de caso de Alex. Constatou-se que a cisão, a negação e a racionalização foram preponderantes, tendo aparecido quatro vezes cada um no total das entrevistas. A idealização esteve presente três vezes e a projeção duas vezes. Ainda, a apatia uma vez e o recalque uma vez. Este resultado corrobora a hipótese do surgimento de ansiedade e sofrimento diante de situações ambientais ameaçadoras .

Alex relatou que estava achando interessante a pesquisa, porque ele nunca tinha feito um depoimento similar, do ponto de vista do meio ambiente. Teve uma educação de preservação e aprendeu a não jogar lixo no chão, não jogar coisas no rio, jogar as coisas no seu lugar devido, desde a infância. Apesar de sua conscientização ambiental, o que se ouviu de Alex aponta para uma ambivalência nas suas relações de objeto com os outros, tidos como “poluidores”. Neste caso, os objetos poluidores são as pessoas vistas como erradas. A sua relação positiva com a natureza, as águas, seu senso de preservação, fazem aqui neste momento que ele seja se sentindo o objeto bom. Mesmo tendo sido retribuído certa vez pelo achado de dinheiro dentro de um objeto poluidor, seu sentimento de tristeza remete a esta ambivalência, que pode ser caracterizada como produtora de ansiedades. O **mecanismo de defesa** que se apresenta aqui é a **cisão (splitting)**, pois se por um lado o entrevistado viu quem poluiu as águas do mar, percebe a si mesmo como fora disso.

Mais adiante, Alex declara que não se envolve em campanhas de cuidado com o Rio Cachoeira, que não irá dizer “vamos lá limpar o rio pessoal”, porém que tem consciência de que individualmente não vai pegar um objeto e jogar no rio e vai cuidar de canalizar o esgoto doméstico, pode-se identificar novamente o **mecanismo de defesa de negação**. Alex não pretende mudar o seu comportamento, não se inclui na coletividade, preserva a autoimagem, valorizando o fato ser ‘consciente’ nas suas ações individuais.

Seguindo com as entrevistas, na passagem a seguir verificou-se o aparecimento do **mecanismo de defesa da idealização**, quando o entrevistado discorre sobre a permacultura, dizendo que ela prega a autossuficiência, que tudo que existe de consumo dentro de uma família deve ser produzido por aquela família. Por

certo, o entrevistado idealizou que a permacultura poderia resolver o problema da conservação ambiental. As comunidades humanas deixariam de ser poluídas, atribuindo à permacultura esse poder. Alex também declara que quanto maior a educação das pessoas, maior a noção de preservação, o que o fez discursar sobre diversos aspectos técnicos das intervenções nos cursos dos rios Cubatão e Cachoeira e outras ações para mitigação da poluição nos bairros dos entornos dos rios e ainda na sua experiência profissional. Nestas narrativas prevaleceu o **mecanismo de defesa da racionalização**.

Também colocou várias perguntas acerca da questão hídrica, destacou-se que no questionário de triagem ele e vários outros participantes responderam que ficavam tristes com a poluição do Rio Cachoeira. Ele confirmou que foi esta sim a sua resposta e que utiliza o seu conhecimento técnico para que não fique tão triste, denotando aqui novamente o uso do **mecanismo de defesa da racionalização** que leva ao recalçamento do problema ambiental no inconsciente. Discorre longamente sobre os problemas da falta de saneamento, do não cumprimento das leis por parte das pessoas, no papel do povo e do governo, dos maiores poluidores, colocando diversas perguntas para no final desta entrevista colocar o seguinte: “Do ponto de vista do Alex o que posso fazer? Não posso fazer muito. Não tenho muito o que fazer. Fico chateado por não poder fazer muita coisa, vou sair fiscalizando? Vou sair batendo de casa em casa? Você está ligado na rede? Você está jogando lixo no rio? Aí eu fico sem saber o que fazer.” Certamente que a reflexão de Alex gerou nele afetos de ansiedade que subjazem ao **mecanismo de defesa de negação** “Não posso fazer muito! Não tenho muito o que fazer.”

No encontro final, quando a confiança se estabeleceu, o entrevistado demonstrou solidariedade às lembranças, sentimentos e emoções. Isto gerou uma mudança de posição subjetiva de Alex, que passou a ser vista como um aumento de motivação para a ação, embora trazendo consigo um aumento da ansiedade. Constatou-se em alguns momentos da sua fala, que o ponto de angústia não está fixado no fato de Alex ter consciência ambiental, mas sim na frustração em não ter o que contar sobre ações coletivas práticas. Para driblar este mal-estar, Alex utiliza o **mecanismo de defesa da idealização**, como estratégia inconsciente que lhe serve de amparo nestes encontros de entrevistas: idealiza ações práticas em prol da conservação ambiental, que assumem o lugar da possibilidade (imaginária) de tamponar a falta delas. Como no recorte a seguir: “O que acontece? Uma das outras

ações que podem funcionar são as limpezas generalizadas. Chega no local onde está sujo, faz uma limpeza geral e mostra, olha como estava antes e como deixamos agora? A preservação aqui é um assunto que não vai sair desse local. Fazer um processo de vigilância. As pessoas se sentem mais intimidadas. Não adianta, tem que controlar, fiscalizar, denunciar. Mostrar os benefícios do ambiente limpo, mostrar que terão benefícios, mais saúde física, biológica, até o ponto em que vai sozinho, fazer trabalhos sempre nestes locais.”

Também reconhece a sua falta de ação nesta passagem: “Hoje não participo de atividades. Agora aqui me abriu os olhos para me envolver mais com a cidade. O objetivo do ser humano é servir. O nosso serviço é preservar. Temos uma longa jornada aqui na terra. Hoje sou muito urbano.” Na parte final a entrevistadora fica surpreendida com a prova cabal da negação, declarada na primeira pessoa do singular, “Nós não queremos ver. Eu falo por mim. Como eu vivo? Passo com meu carro por cima de pontes, mas não faço nada. Esse não fazer nada me machuca, mas não me move.”

5.4.2 Caso Flávio

Flávio narra nas entrevistas o quanto a sua infância foi boa junto à natureza. No entanto, no questionário de triagem respondeu que raramente ele pensa sobre os problemas ambientais, que raramente o assunto é discutido em família e que não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental. No repertório de atividades relatadas sobre a sua infância, incluiu banhos e pescarias nos rios Cubatão, Cachoeira, Piraí e afluentes, brincadeiras nas matas com os amigos. Descreve que: “quando era criança tinha amigos que tinham sítios, no sítio é totalmente diferente, tu ouves o barulho da mata, dos passarinhos tu te ‘ambientalisa’ então tu relaxas.”

Quando se perguntou a ele se sentia falta do seu passado ele respondeu: “Ahh com certeza, com certeza, o meu passado era muito melhor!”. Detectou-se o **mecanismo de defesa da idealização** nesta afirmação e continuou-se ouvindo a suas colocações. Dentre elas falou que as crianças hoje em dia não querem mais brincar em locais aonde tem barro, que ele voltava sujo para casa, mas se divertia, ao que se perguntou se ele tem filhos. Ele respondeu que sim e passou-se o resto da entrevista ouvindo de modo acolhedor o seu drama de ter um filho especial de 7 anos, diagnosticado com deficiência intelectual, autismo e síndrome de West. A mudança

de vida, do ritmo familiar, a dificuldade de dormir à noite, a dedicação ao filho em inúmeras terapias, remédios e crises, é pesado e sufocante, segundo o seu desabafo. Como relata Flávio: “100% é ele, a gente se esquece um pouco para priorizar ele”. Constatou-se, desse modo, o porquê da idealização do seu passado e das suas respostas ao questionário de triagem.

Nas entrevistas seguintes Flávio foi sendo direcionado gradativamente para o foco ambiental das entrevistas e interagiu de maneira positiva e surpreendente, com muita vontade de falar, de dar a sua opinião, enfim, percebeu-se que os momentos de interação estavam sendo muito agradáveis para ele. Reconhece a sua **negação** em relação à questão ambiental do Rio Cachoeira, quando diz: “A gente vê o descaso nosso mesmo, não pode falar muito...não pode falar muito do governo, dos governantes, o descaso é nosso também....a gente não cobra tanto quanto deveria cobrar então está sendo um pouco radical”.

Este **mecanismo de defesa da negação** aparece em mais algumas passagens da sua narrativa, como: “É dito, né, que essa água, se ela estivesse tão poluída, que esses animais não viveriam.” Esta afirmação lhe parece trazer um certo alívio, de que talvez o rio não esteja tão poluído. Mais adiante aparece com a declaração em relação ainda aos peixes e tartarugas: “Eles vão se adequando, né? Vão se adequando. Aí a gente consegue ver, tipo, o ângulo da foto, né? Mostra a beleza do Rio Cachoeira, pode ver que ele esconde bastante. Mas aí você vê que existe poluição!!!” Nesta frase Flávio parece se dar conta da sua própria **negação**, finalizando a mesma de modo exclamativo. E depois mais diz: “A natureza sempre esteve ali, fomos nós que chegamos, então nós que temos que nos adequar.” Percebe-se a sua capacidade de reflexão sobre a problemática ambiental afinal.

Flávio utiliza o **mecanismo de defesa da idealização**, já mencionado acima, em mais alguns momentos das entrevistas, por exemplo, quando diz : “Ah, a minha avó quando veio morar pra Joinville, eles moravam ali perto do Rio Cubatão em Pirabeiraba. Daí tinha as casas ali perto da parte de dentro ali do rio, e as mulheres da casa lavavam roupa nas pedras lá, faziam uma bacia de roupa, iam lá no rio e lavavam as roupas e depois traziam.” Disse com alegria das coisas que a avó gostava desses rios e de como a água era limpinha, que possibilitava a limpeza das roupas. Fez aqui uma regressão ao passado idealizado, diante da sua vida atual difícil decorrente do seu filho especial. Outro mecanismo de defesa que foi predominante neste caso, pois apareceu em quatro momentos, foi o **mecanismo da projeção**.

Neste exemplo, projetou nos governantes a saída para o problema ambiental do Rio Cachoeira: “Se você olhar a gestão antiga, o jeito que deixou aí essa questão... o novo prefeito está começando agora... está bem legal. Mas o foco do Rio Cachoeira ainda falta muito, né?”

Também presente em todos os estudos dos casos, aparece o **mecanismo de defesa da apatia**, que se traduz em certo desânimo para agir em prol de ações eficazes a favor da conservação ambiental. Aqui encontramos este mecanismo na seguinte narrativa: “Ah, o sentimento é que é ruim a gente ver antigamente como que era e agora do jeito que está, do jeito que se tornou. E olhando, tipo, ainda tem muitos dejetos, muito esgoto que vai ali. Acho que é algo que, tipo, é lastimável.”

Em relação a este tema do esgoto doméstico, contribuiu informando que no bairro onde reside ainda existem muitas habitações que não possuem fossas sépticas, que os moradores ligam os tubos de esgoto das suas casas no “primeiro cano que aparecer e leve ao rio”. O diálogo que se seguiu sobre este assunto demonstrou que ele tem consciência e participaria de grupos de melhorias dos problemas de poluição do Rio Cachoeira.

Utilizou ainda como recurso para aliviar a sua ansiedade ambiental o **mecanismo de defesa da racionalização** em algumas narrativas que seguem: “ali eu acho que ainda deveria ser plantado mais árvores”, ou “Exato, é mais um descaso, né? Então, a falta de destinação certa aí, por própria ignorância da pessoa de não destinar certamente o lixo, joga em qualquer lugar, num terreno baldio. Aí a chuva vem e leva para algum lugar, né? Aí perto do rio, é a poluição do rio. Provavelmente deve ter aí peixe, alguma coisa, mas só que também deve ter algum tipo de contaminação.” E ainda: “É, a nossa biodiversidade aqui é muito bonita, né? Você vê tipo uma garça... o hábitat dela, assim, a gente podia auxiliar bastante. Só que, hoje, o crescimento nosso está cada vez afetando mais a biodiversidade.” Esta busca por saídas mais lógicas, buscando sentido, denotam a tentativa de um autoconvencimento de eficácia para alívio da ansiedade que causa ao ser humano a problemática ambiental.

5.4.3 Caso Elisabet

A Sra. Elisabet ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvida com nenhuma atividade de conservação ambiental. Ela representa

uma geração mais antiga de joinvillenses que residem no entorno da Bacia do Rio Cachoeira, desde a década de 1930. Pode-se dizer que a sua contribuição nesta pesquisa foi a de trazer dados sobre a cultura de conservação ambiental desde então, pois a sua narrativa traz durante todas as entrevistas o tom do saudosismo ligado ao **mecanismo de defesa da regressão e da idealização**.

Contou que cresceu na casa do seu avô, era uma propriedade um pouco ao norte do centro, que ia da Rua João Colin até o Rio Cachoeira. Lá os adultos da sua família iam buscar lírios brancos. Relata que o Rio Cachoeira tinha as margens bem baixinhas, era muito diferente de hoje. A água era limpinha, onde o seu avô a levava. A água foi sujando quando surgiram as indústrias de tecidos. Disse que: “antes a gente podia pescar, tinha peixes... não se tomava banho no rio, isso não era um comportamento comum para os meus avós nesta época, eram momentos muito bons onde eu sentia grande alegria”. O seu avô trabalhava no Moinho Joinville, que se situava na beira do Rio Cachoeira, localizado no centro de Joinville. Havia barcos que vinham até o Mercado Municipal, logo em frente do moinho. Faziam passeios até a praia de Paulas, em São Francisco do Sul, navegando pelo Rio Cachoeira. O rio não era nada poluído então, era um lugar de lazer. Desde a infância isso tudo, diz ela, denotando o predomínio dos **mecanismos de defesa da idealização**.

Mais tarde fizeram o Grupo Escolar Germano Timm, na Rua Orestes Guimarães, O Rio Cachoeira passava ao lado. Narra que existiam na época valetas fundas nas laterais das ruas para escoar as águas das chuvas, conforme a cidade foi crescendo canalizaram ao rio. Lembra que começaram a calçar a Rua 15 de **novembro quando ela tinha 15 anos, mais ou menos. Já chovia muito em Joinville** naquele tempo, mas não havia alagamentos. Acha que porque a cidade ainda era predominantemente área verde. Os operários que trabalhavam no moinho usavam pequenos barcos para atravessar o rio no início e no final do expediente.

Quando Elisabet se casou, foi morar num local próximo ao Rio Mathias, que é um afluente importante do Rio Cachoeira. Já era uma época totalmente diferente. Uma Joinville bem mais construída e impermeabilizada. As enchentes e alagamentos aumentavam ano a ano. Todos os anos no verão ela tinha água dentro de casa. Um ano, foi bem no dia de Natal que aconteceu de alagar a sala pronta para a festa em família. Ela desabafa: “A família passou o Natal esperando a água baixar e limpar o barro. Me senti muito triste e com muita raiva daquela situação, sem saber se me revoltava com a vida ou com o meu marido por ter escolhido aquela região para

construir a nossa casa nova.” Esta passagem traz de maneira muito clara o aparecimento do **mecanismo de defesa da apatia e da cisão**. Apatia por ter passado seguidamente por enchentes que afetavam anualmente a sua moradia, sem ter uma solução para a situação e cisão por ter convivido com os rios e suas águas limpinhas e que lhe significaram objetos bons e em outras épocas águas desses rios que lhe invadiam a casa, trazendo destruição.

Mais adiante perguntou-se o que significa a poluição geral e do Rio Cachoeira hoje para ela. Ao que responde que “são muitos habitantes”, “não cuidam das suas casas!”. “Não é como antigamente onde cada família tinha a sua casa, sua criação, sua autossuficiência!” “As pessoas jogam muita sujeira fora, lixo. Antigamente, cada casa fazia a sua composteira, nada ia fora, abria-se um buraco no jardim em um canto e ia se colocando os restos orgânicos e cobrindo com terra”. Nesta passagem observa-se o reflexo de uma vida mais natural, trazendo menor impacto ambiental.

Em relação aos seus sentimentos e ao problema ambiental ela narra que: “O crescimento da cidade traz coisas boas e coisas ruins.” “Tenho nojo do mau cheiro, culpo as indústrias, que não cuidaram.” Vê-se nesta afirmação que para aliviar a sua ansiedade ambiental utiliza o **mecanismo de defesa da projeção**, culpando diretamente as indústrias pelo fato da degradação ambiental. Diz ainda que “outra coisa é o esgoto familiar. Na época era tratado como um sistema de troca de latões que continham os dejetos da fossa. Chamados de ‘homens dos cubos’, passavam pelas casas à noite para realizar as trocas dos cubos ou latões cheios por outros vazios. Eu sei que era lá na nascente do Rio Mathias que eles lavavam os latões após terem jogado os dejetos em local seco. Não se tinha a visão de que isso era errado.” Neste caso, a ideia de que estas ações trariam prejuízos ambientais era totalmente recalcada, o **recalcamento** é o **mecanismo de defesa** inconsciente.

Seguindo-se as entrevistas perguntou-se à Elisabet se os problemas ambientais a incomodam. Ela narra que sim e reforça o que já havia dito antes, que antigamente era uma vida com uma população menor e menos poluição, hoje é muito povo, sem educação. Utiliza novamente o **mecanismo de defesa da projeção** no aumento da população como responsável pela poluição, bem como a falta de educação.

Em relação ao Rio Cachoeira diretamente, ela relata o seguinte: “Os problemas do Rio Cachoeira não interferem muito na minha vida hoje. Moro em apartamento confortável no centro e não tenho contato com o Rio Cachoeira nem com os afluentes,

gosto de ver o movimento das aves diariamente: pela manhã elas vem dos ninheiros situados na região da foz do Rio Cubatão para as plantações de arroz no oeste da cidade e no final da tarde retornam em bandos para dormir. Fazem uma formação em 'V' voando sobre a cidade, é muito lindo! Gosto muito da natureza!"

5.4.4 Caso Jackson

Jackson representa a parcela da população de imigrantes que nos anos recentes veio buscar em Joinville uma vida melhor. Neste trabalho deseja-se dar voz também a esta parte da população residindo no entorno da Bacia do Rio Cachoeira, a fim de que se possa investigar a existência de ansiedades ambientais que levem a utilização de mecanismos de defesa e paralitem estas pessoas diante dos problemas ambientais. No questionário de triagem, Jackson respondeu que nunca pensa nos problemas ambientais. Somente diz que o Rio Cachoeira tem mau cheiro e alaga o centro da cidade, sentindo tristeza com a poluição do rio. Nas entrevistas verificou-se o aparecimento de mecanismos de defesa como a negação, o recalque, a idealização, a apatia e a cisão.

Após um grande terremoto no Haiti, a situação ficou insustentável no seu país. Relata alguns problemas, como os bandidos que atearam fogo no seu caminhão com o qual fazia transportes. A perda do seu restaurante que lhe era uma fonte de renda importante, a perda da sua casa aonde vivia com a família. Chora o estado de saúde da mãe que não vê há 8 anos e a dificuldade da irmã que perdeu uma perna durante o terremoto. Ele agradece a Deus por ter conseguido trazer a esposa o filho de 13 anos para cá, depois de dois anos sem eles. Narra que para isso teve que ir trabalhar no Chile durante um ano, pois a vinda deles foi facilitada naquele país. Preferiu voltar ao Brasil por problemas de racismo no Chile, apesar de ganhar um salário muito baixo aqui e o real ser muito desvalorizado comparado ao dólar, o que não lhe permite enviar dinheiro para a parte da família que ficou no Haiti.

Está no Brasil por não ter outra opção. Tem um filho de 2 anos nascido no Brasil. Como cidadão brasileiro, começa a ver coisas boas na cidade e gostaria de ter mais tempo para o lazer junto com os filhos. Mas nunca pensa nos problemas ambientais da região em que mora, nem em mudanças climáticas ou outras questões ambientais, apresentando um total recalque e deslocamento dessas questões. Somente na segunda entrevista conseguiu-se introduzir o foco da pesquisa sobre a

poluição deste rio central da cidade que também é uma área de lazer em alguns pontos.

Como ele já havia sido ouvido pela entrevistadora no seu drama pessoal, ele demonstra cooperação e exclama: “É poluído né?”. Busca-se, a partir desse momento explorar melhor as suas impressões sobre o meio ambiente em geral, a sua vida presente e o fato dele ser agora cidadão brasileiro e ter um filho nascido aqui. Mesmo assim, predomina o **mecanismo de defesa da idealização** de Deus, colocando na mão d’Ele o seu destino e dos demais. Por exemplo, nesta passagem em que a entrevistadora comenta que aqui é tranquilo, mas a gente sabe que trabalha com muita preocupação com o clima, por causa das florestas que estão sendo desmatadas e está ficando muito quente então, essa poluição toda também fica na cabeça da gente, diz ele: “Mas tem coisa que ninguém consegue mudar, só Deus..., tem que ter fé, tem que ter fé.” Em outra passagem, quando foi que ele morava próximo ao mar no Haiti e que aqui existem locais a beira mar para ter lazer com os filhos, predominam os **mecanismos de defesa da idealização, da apatia e da projeção**. Diz ele: “eu não foi porque não dá tempo, porque trabalho a semana inteira e final de semana eu tenho que ajudar um pouco minha mulher, conseguir deixar ela descansar um pouco também. No domingo fui à igreja depois sai da igreja e fui visitar outro colega que não consegue trabalho, e eu fui fazer uma visita para conversar um pouco porque eu sou estrangeiro eu saber como um estrangeiro se sente. Fiquei muito triste quando fui conversar com ele, tem que ter fé, tem que conversar com ele para conseguir, pra saber que ele tem Deus lá que consegue ajudar, se ninguém dá oportunidade, não ajuda, tem que confiar que Deus não vai abandoná-lo.”

Detectou-se também o **mecanismo de defesa do recalque** em relação às questões ambientais, por encontrar-se imensamente mergulhado na luta pelo bem-estar da sua família e da sua comunidade de haitianos. Sempre que a entrevista introduzia o assunto da natureza, as suas respostas desviavam a sua continuidade. Como, por exemplo, quando se perguntou a ele diretamente se já conhecia o mar aqui no Brasil, ele justificou: “Sim eu fui, com o pastor. O pastor Elias chamou, eu fui com ele, esse trabalho de ir às casas e conversar com as pessoas também toma muito tempo, muito tempo de sair da minha casa de madrugada ou a noite, mas vou fazer um dia. Mas sábado eu saio pouco porque tenho que estudar um pouco e ajudar, para saber um pouco aqui.” Jackson diz que um dia pretende retornar ao Haiti, mas que os filhos permanecerão no Brasil, pois terão um futuro melhor aqui. A escola está

preparando o filho mais velho dentro da cultura brasileira e ele quer estudar, se formar e trabalhar logo aqui para ajudar os pais.

5.4.5 Caso Izabel

Izabel foi criada em uma chácara nas proximidades da cidade de Maringá-PR, onde passou por muitas dificuldades em virtude da situação financeira escassa da família. Mas apesar disso, o seu contato com a natureza foi marcado por momentos de grande alegria e prazer brincando junto com os 2 irmãos e 2 irmãs e convivendo com os pais e avós. Isso desenvolveu nela uma forte conexão com o ambiente natural aonde estas relações afetivas também estavam presentes. Durante o seu relato, descreve o quanto gosta de árvores e plantas, tendo conhecido o nome de muitas desde a infância, através dos pais e avós. Reside em Joinville há seis anos com a família, após ter saído do sítio e ter morado alguns anos na cidade de Curitiba.

Na sua casa atual cultiva muitas plantas. Conta que a sua netinha chegou dizendo que estavam fazendo uma horta na escola e que precisava que a avó comprasse um regador para ela. Izabel elogiou a escola pela iniciativa junto as crianças desde cedo, ensinando a plantar e mostrando que é preciso também cuidar das plantas.

Quando se introduziu o tema da poluição do Rio Cachoeira, Izabel interagiu na maior parte das vezes trazendo o seu ponto de vista a partir das referências dos lugares aonde tinha vivido. Como diz nesta passagem: “Então eu acho assim que ‘deixa muito a desejar’ para as crianças e para os idosos que gostam de andar passeando né, e aqui não tem isso. Lá em Curitiba final de semana, a gente saía com as crianças. Íamos para os parques, pescar. E a gente gosta muito de pescar.” Na sua narrativa predominaram os **mecanismos de defesa da projeção, oito vezes, e a idealização seis vezes**. Observou-se também a presença do **mecanismo de defesa da apatia, da cisão e da racionalização**, como modos de responder à sua ansiedade diante da temática ambiental, eminentemente ameaçadora.

Izabel pensa ocasionalmente sobre problemas ambientais, mas não está envolvida em quaisquer atividades de conservação ambiental. Sente tristeza com a poluição do Rio Cachoeira, suas exclamações são: “Meu Deus, que tristeza, porque matar tantos peixes assim deve ser muita poluição!” ou “É triste de ver!”. Nestes e em outros relatos percebe-se que a degradação ambiental lhe causa um impacto, mas ao

mesmo tempo as necessidades de respostas simpáticas à entrevistadora de modo a dirimir a gravidade da situação. Por exemplo, encontra-se o **mecanismo de defesa da projeção** em algumas passagens em que atribui ao poder público a responsabilidade pela atual situação. Diz ela: “a prefeitura devia arrumar mais próximo dos rios... para a população se sentir um pouco mais acolhida aqui em Joinville”. Encontra-se também o **mecanismo de defesa da idealização**: “Você vê, é o que eu digo para você, se ‘o pessoal’ tivesse paciência e quisesse, beirando esse rio, né? Uns quiosquinhos, plantasse umas árvores, teria mais motivo, né? O pessoal ficaria mais atraído para sentar-se, tomar um sorvete, passear com os filhos, tirar um descanso, namorar, né? Mas vai fazer como com o tanto de lixo, né, entulho beirando o rio, não tem como. Por que a gente olha, assim, e a gente fica até triste, né, porque é muita sujeira beirando o rio. E podia ser muito melhor... podia ter uma visão diferente, né?”

Conforme se continua com as entrevistas Izabel inclui a necessidade de conscientização da população, o que se considera um avanço nas suas associações. Falando sobre uma limpeza constante no rio, ela sugere que “Desde o começo até o fim dele deve haver fiscalização para ver se está tudo em ordem. Ou começar a arrumar uma maneira de cobrar mais, né? Do povo que mora próximo, porque geralmente, nesse caso, quem mora próximo, né, que joga o lixo... arrumar uma maneira de conscientizar o povo, né, mais próximo dali. Para ter noção de que o rio é importante para gente, e que a gente precisa cuidar dele.” Embora se saiba que as narrativas incluem certa projeção e idealização, Izabel percebe-se, como cidadã, implicada nesta luta.

Há ainda outra passagem a destacar, em que a entrevistadora perguntou se ela já tinha visto em algum jornal ou televisão falarem de alguma ação que se pensa para melhorar o Rio Cachoeira. Ela não lembrou exatamente disto, mas do suicídio de um jovem que se jogou dentro do rio algumas semanas antes, ou seja, de uma tragédia que envolveu uma morte no rio. Nas suas associações ela diz que o rio não tem culpa de nada. Infelizmente, mesmo assim, na sua mente ficou a lembrança do rio como local de um acontecimento ruim. Ela diz que o que passou na sua cabeça foi “pena” que não tinha ninguém passando lá no momento que pudesse ajudar o jovem que estava em “surto”, segundo ela ouviu na televisão. O que se presentificou em Izabel foi o sentimento de desamparo, o jovem estando sozinho, cuja saída foi se afogar no rio. Certamente tal situação aumenta o sentimento de tristeza e de

impotência, paralisando mais o indivíduo no sentido contrário à recuperação do rio, ou seja, o que se entende como o **mecanismo de defesa da apatia**.

5.4.6 Caso Roberto

Roberto é um jovem joinvillense que presenciou o transbordamento do Rio Cachoeira diversas vezes e que apresenta um certo desânimo com a temática da degradação ambiental da região como um todo. Diz ele: “Desde que eu me entendo por gente, vamos dizer assim, desde que eu passei pela primeira vez ali, eu nunca vi o rio limpo...”, trazendo a manifestação do **mecanismo de defesa da apatia**, diante de algo que considera um problema crônico da cidade e sem solução.

Com isto ele **projeta (mecanismo de defesa da projeção)**, nas autoridades públicas a responsabilidade pela tragédia ambiental e sua recuperação, conforme salienta: “É... sempre teve... um... um certo descaso, vamos dizer assim, das autoridades com relação ao cuidado com esta parte da cidade”, para em seguida minimizar a situação recalçando parcialmente a realidade e conviver com o drama que lhe traz ansiedade. E acrescenta: “Antigamente era mais poluído, porque tinham algumas empresas que se situavam ali nas margens ou nas redondezas do rio, que colocavam seu descarte ali para dentro do rio mesmo”. No seu relato muito interessante e consciente, continua discorrendo sobre o seu ponto de vista e reafirmando a **apatia como mecanismo de defesa**: “Eles meio que ignoraram o fato mesmo durante anos, mas depois a população começou a pegar um pouco mais em cima né? Porque querendo ou não às vezes... isso é uma coisa que acontece muito de a gente estar lá, por exemplo pelo centro, às vezes na social, o rio enche. Quando comecei já minha vida adulta no mercado de trabalho, um dia, de repente veio uma chuva e em questão de 15 minutinhos a água entrou nas ruas do centro e ficou tudo embaixo da água, e isso muito... muito por causa da... da poluição, né...?” “Como o rio suporta tanta coisa, né? Não é só água que tem dentro...então isso querendo ou não acabou prejudicando o rio, a profundidade do próprio rio ali, né? Que antigamente passavam até navios, né? A gente lê assim, nos livros de história... que... os colonizadores de Joinville chegaram por ali, né?... Foi por ali que eles chegaram, então... passava navio ali. Está certo que não era navios...eram barcos muito grandes, né?...Hoje em dia não chegam... não chega a conseguir comportar um barco desse porte hoje...Porque... sabe né?... Então fico assim... isso deixa a gente triste, né?”

Tanto que a gente não consegue... a gente acaba perdendo um pedaço da história da cidade... para um monte de lixo que acaba se tornando aquilo ali, né?” Este relato justifica porque ele respondeu no questionário de triagem que o rio tem mau cheiro e lhe dá raiva. Na entrevista ele confirma: “ Me causa revolta mesmo.” Mas apesar disso e de ocasionalmente pensar sobre problemas ambientais não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.

A partir da oportunidade de participar dessas entrevistas, ele parece se animar com projetos de conscientização ambiental e de ações de limpeza de locais onde ainda se despejam lixos no entorno. Sobre isso discorre longamente no decorrer da sua narrativa. Numa das passagens diz: “Mas assim, ó, no fundo eles sabem que estão errados, mas eles imputam a culpa de tudo isso à pessoa que colocou aquele primeiro sofá. Vamos supor, assim, ele vai fazer porque o outro fez, então a culpa é do outro. E... de certa forma ele só está mascarando o erro dele, né? Mas na verdade... no fundo, no fundo quem faz sabe que está errado, na verdade, né? [...] “Para começar, eu acho que uma exposição do que está acontecendo ali de uma maneira mais abrangente é um primeiro passo, vamos dizer assim. Você falar sobre aquilo de maneira que muitas pessoas escutem, e até aqueles que estão, de repente, de alguma forma fazendo isso, pensem duas vezes antes de fazer. [...] E... aí juntar aí o pessoal de maneira voluntária para poder tentar limpar, e tentar manter, né?” “Talvez de repente, aí, como a gente tem as prefeituras, as subprefeituras, dependendo dos locais aí, se pudesse... fazer essa limpeza. É que na verdade, acontece... não vou dizer que não acontece, acontece, porque... esse primeiro sofá, por exemplo, já não está mais lá, são outros lixos que se acumulam, vamos dizer assim, vai rotacionando ali. Então, não vou dizer assim, eu acho que o primeiro passo e o passo mais importante seria demonstrar para todo mundo, para o máximo de pessoas possíveis que isso está acontecendo e que isso é errado. Para daí então estar fazendo se segurar um pouco, né? De repente, sei lá, dar um fim adequado para o lixo que está acumulando ali. Seria um primeiro passo na minha opinião.” Neste momento foi questionado se teria alguma ação que faria diferença e que pudesse realizar. E Roberto respondeu: “Sim, eu poderia ser um desses voluntários ali na hora de fazer a limpeza sem problema nenhum. Acho que eu consigo tirar bem facilmente ali uma tarde ou uma manhã de algum dia para fazer isso.” Perguntou-se: “E o que faltaria para isso acontecer?” Roberto respondeu: “Agora o que falta, digamos assim, é um engajamento, né, um engajamento um pouco maior. Se tivesse alguém que... não que

eu não tomaria essa liderança, mas se tivesse... companhia nisso, entende? Acho que eu sozinho sou muito pequeno, né, para a quantidade de coisas que tem lá. Eu posso parar o carro lá e botar o que eu conseguir dentro do carro e tentar dar um fim... posso, claro.... Mas é uma gota no oceano isso, né... o ideal seria se tivesse uma comoção mesmo, né, pessoal, assim. Uma “galera” um pouquinho maior (risos). Com estrutura, com um caminhão para poder jogar as coisas dentro e mandar para longe... já com “bota fora” próprio... por exemplo eu enchi o porta-malas do meu “hondinha” uma vez com lixo e em casa eu tive que me virar lá”. Estas declarações revelam uma boa vontade, mas que são permeadas de **mecanismos de defesa como a idealização, a racionalização** em algumas passagens, e ainda **a projeção e a cisão**. De qualquer modo, o ânimo dá lugar a apatia ambiental, o que parece um exemplo promissor de que as ações em prol da conservação ambiental podem ser estimuladas através de um trabalho de escuta prévio das pessoas nas mais diversas comunidades.

5.4.7 Caso Sílvio

Sílvio traz um depoimento interessante em relação à degradação ambiental da região da Bacia do Rio Cachoeira, por ter acompanhado mudanças e invasões de áreas de preservação próximas ao local onde morou desde a sua infância. Ele se criou e está até hoje no Bairro Fátima, na Rua Marechal Luz. Próximo à sua rua, que fica na Zona Sul, encontram-se os rios que desembocam no Rio Cachoeira. Mais para o final da Rua Fátima está a região que recebe o apelido de Areião. Antigamente, quando ele tinha aproximadamente sete anos, começaram a invadir aquela área, que era a área de mangue. Os invasores fizeram aterro, começaram a fazer casas, colocar em cima de pilastras. Depois veio uma draga, começou a dragar o rio e jogar areia, por isso que chamado de Areião. Começaram a jogar areia e aterrar essa parte que as pessoas já tinham invadido e aí foram desmanchando as casas. Hoje em dia está tudo asfaltado. Diz ele: “Desde esse tempo aí já começaram a invadir e a estragar os rios.”

Relata que está morando com a mãe hoje e lá também, os vizinhos no final da rua, não param de aterrar o mangue, estão entrando e estão deixando cada vez o terreno mais comprido e ninguém vê isso. Salienta que estes aterros ilegais estão represando a água para vazar, provocando enchentes e que graças a Deus até na

casa da mãe dele nunca chegou água ainda, mas na rua as vezes chega a alagar de água. Neste início das entrevistas diz que é isto o que tem para contar.

Percebe-se que, apesar de apresentar o **mecanismo de defesa da apatia** ao relatar o descaso da comunidade em relação ao meio ambiente, ele está consciente do que deveria ser o comportamento correto das pessoas e se mostra colaborativo para o presente estudo. Perguntou-se como havia sido a sua infância e pode-se constatar o brilho nos seus olhos ao lembrar de como havia sido feliz. Diz ele: “Ahh, foi uma infância boa, graças a Deus. Naquele tempo o rio ainda era limpo. Estava começando a ser poluído, a gente tomava banho...eu não muito porque era pequeno né, mas muitos colegas que eram um pouco mais velhos que eu, tomaram muito banho lá, a gente ia lá na beiradinha às vezes, se jogava e brincava, mas aí já estava começando a poluição, daí para frente acabou-se, como está hoje”. Aparece aqui o **mecanismo de defesa da idealização**.

Reforçando esta constatação ele relata que lembra que brincava de taco na rua, soltava pipa, jogava peca e jogava futebol, com a barreira de chinelo, fazia brinquedos com a lata de leite ninho com areia para puxar, brincava de bater lata, perna de pau e que era muito divertido. “Tinha pega-pega, era muito bom! Hoje em dia, a turma só quer saber de celular.”, diz ele, e completa mencionando que “Hoje em dia está bem difícil..., as crianças só querem ficar na TV e no celular.... E não tinha tanta violência”. A palavra “violência” chamou a atenção da entrevistadora que perguntou se ele tinha filhos. A sua resposta refletiu o seu drama e revelou o motivo do tom apático com o qual se apresentou desde o início do diálogo.

Disse que tem três filhos, que uma era menina e a mataram! Isso se deu quatro anos atrás e logo depois também faleceram a sua esposa e o seu pai, deixando-o arrasado. A seguir abriu-se um espaço para que Sílvio pudesse compartilhar o que quisesse a respeito dessas perdas, que a entrevistadora estava ali também para ouvir qualquer coisa que ele quisesse falar. Ele contou então as circunstâncias cruéis nas quais perdeu a sua filha, podendo elaborar de certa forma uma história cujo final permanece na impossibilidade de que uma justiça seja feita. Quis contar também que era filho adotivo, que a sua mãe o pegou no seu primeiro dia de vida, assim, ela sempre foi a sua mãe. Contou ainda que o outro filho mais velho, mesmo com todos os seus conselhos está num caminho errado e Sílvio teme muito pelo seu neto, mas que foi proibido de vê-lo. Vendo o sofrimento, o seu filho mais novo diz a ele que só lhe dará alegria, que sempre irá estudar bastante para dar orgulho ao pai. Também

sentiu necessidade de contar que esteve muito envolvido em conhecer os irmãos de sangue nos últimos anos. E o assunto ambiental ficou desse modo **recalcado**.

Tendo visto que a sua infância ficou como uma época feliz da sua vida e de grande contato com a natureza, buscou-se retornar ao assunto por este viés, o que lhe oportunizou compartilhar momentos de contato com o mar, os rios, os cavalos, até recentemente. Utiliza nesses relatos o **mecanismo de defesa da idealização**, o que lhe atenua a ansiedade, não somente pelas perdas passadas, mas também pela ameaça das mudanças em relação à natureza sem poluição. Infelizmente Sílvio não retornou para as demais entrevistas.

5.5 Compilação dos mecanismos de defesa identificados nos estudos de casos

A fim de que se possa ter uma visão geral dos mecanismos de defesa identificados nos relatos dos casos estudados, criou-se um quadro demonstrativo desses mecanismos e a incidência deles por participante.

Quadro 3: Compilação dos resultados das análises dos mecanismos de defesa dos participantes do presente estudo.

Mecan. de Defesa	Participantes						
	Caso 1 Alex	Caso 2 Flávio	Caso 3 Elisabeth	Caso 4 Jackson	Caso 5 Izabel	Caso 6 Roberto	Caso 7 Sílvio
Negação (1)	4	3	1	-	-	2	-
Apatia (2)	1	1	1	2	1	7	2
Projeção (3)	2	4	1	1	8	7	-
Recalque (4)	1	1	1	2	-	4	1
Idealização (5)	4	4	2	3	6	11	1
Cisão (6)	4	1	3	1	1	3	-
Racionalização(7)	4	3	-	-	1	4	-

Nota: Os mecanismos de defesa foram numerados com o objetivo de identificar os mesmos nas passagens em que se apresentam nos relatos das entrevistas. (Apêndice 7)

5.6 Identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas

A seguir apresenta-se uma síntese dos mecanismos de defesa e como foi possível identificar cada um deles por meio das entrevistas:

Quadro 4 : Identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas

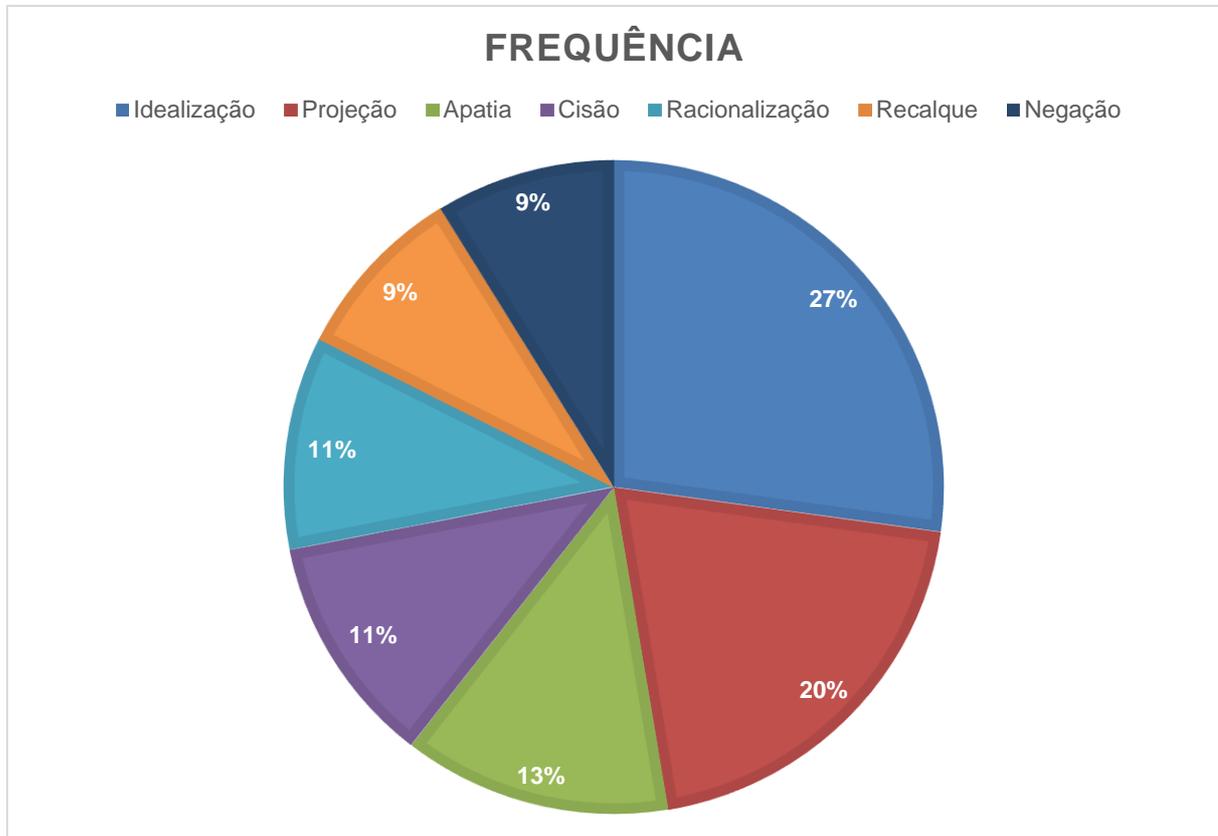
Mecanismo de Defesa	Como foram identificados nas entrevistas
Negação	As narrativas de negação apresentaram a palavra “não” diretamente ou mostraram-se como uma recusa dos entrevistados a aceitar a existência da situação penosa do Rio Cachoeira, evitando assim a angústia.
Apatia	A apatia mostrou-se presente como uma solução mental para as frustrações dos entrevistados diante da poluição e degradação local que não conseguiram solucionar ao nível da consciência, trazendo uma paralisia e falta de criatividade para lidar com a temática ambiental.
Projeção	Mecanismo utilizado com frequência, os participantes projetaram principalmente nos governantes a solução dos problemas ambientais locais, possibilitando um alívio das tensões internas.
Recalque	Este mecanismo apareceu nos discursos como um sinal de que a temática ambiental deveria ser evitada, não evocável. Os entrevistados que utilizaram este tipo de defesa mudavam de assunto para outros, de seus interesses, sempre que se tentava focar no assunto da natureza e da poluição do Rio Cachoeira.
Idealização	Prevaleceu nos discursos dos entrevistados, idealizando as interações que tiveram com o Rio Cachoeira no passado, ou idealizando a mudança da situação em Deus e ainda na tecnologia e na permacultura.
Cisão	Observou-se grande ambivalência entre a natureza como algo positivo e bom, e negativo e mau, gerando ansiedades e tensões internas. Por exemplo, ora o Rio Cachoeira era um lugar bom, ora as suas águas alagando a cidade o tornavam algo ruim.
Racionalização	Predominou em alguns entrevistados que buscaram dar explicações lógicas para os problemas ambientais, discorrendo de forma extensa sobre as suas teorias. Desse modo puderam estabelecer compromissos entre impulsos conflitantes que a poluição desencadeou, aliviando a ansiedade e frustração.

5.7 Discussão e Análise dos Resultados

No conjunto das três entrevistas dos sete participantes, conforme ilustra a Figura 14, foram identificados os seguintes mecanismos de defesa em ordem de frequência: idealização, 31 vezes; projeção, 23 vezes; apatia, 15 vezes; cisão, 13

vezes; racionalização, 12 vezes; recalque, 10 vezes e negação, 10 vezes; diretamente e de modo secundário junto com todos os outros mecanismos de defesa presentes.

Figura 14: Frequência com que foram identificados os mecanismos de defesa



Os relatos 1, 2, 3, 4 e 5 exemplificam a ocorrência da **negação** tal como identificadas pela pesquisadora e ilustram que as pessoas, quando da utilização de tal mecanismo de defesa, recusam-se a admitir que certas representações, mesmo sendo temporárias, alcancem o nível da consciência pelo sofrimento que podem causar. Isto está de acordo com o postulado por Freud (1938), o qual diz que estes processos permanecem inconscientes, o ego se dissocia de impulsos ou afetos que, por algum motivo, considere ameaçadores e tragam sofrimento.

Relato 1: “Quando fui cursar Engenharia Mecânica, aí eu fugi um pouco desse olhar do meio ambiente”.

Relato 2: “ Não me envolvo em campanhas do cuidado com o Rio Cachoeira, não digo ‘vamos lá limpar o rio pessoal’.”

Relato 3: Não posso fazer muito! Não tenho muito o que fazer.”

Relato 4: “Nós não queremos ver. Passo com meu carro por cima de pontes, mas não faço nada”.

Os relatos de 1 a 4 são de Alex, particularmente relacionados ao drama do Rio Cachoeira. Inicialmente ele não pretende mudar o seu comportamento, não se inclui na coletividade, preserva a autoimagem, valorizando o fato ser ‘consciente’ nas suas ações individuais.

Relato 5: “A gente vê o descaso nosso mesmo, não pode falar muito...não pode falar muito do governo, dos governantes, o descaso é nosso também....a gente não cobra tanto quanto deveria cobrar, então está sendo um pouco radical.”

Este último relato é de Flávio e converge com as ideias de Zimerman (2000), em relação ao mecanismo de defesa da negação, que diz que o indivíduo sabe que aquela realidade existe, mas a nega com uma falsa convicção e, por isto, a negação é considerada um dos mecanismos de defesa menos eficazes. Ele nos diz ainda que a negação é um mecanismo que, além de negar a realidade exterior, pode substituí-la por outra realidade fictícia. Pode-se incluir aqui a **idealização** como uma forma imaginária de diminuição da ansiedade.

O uso do mecanismo de defesa da **idealização** foi o que predominou no grupo pesquisado. Alex utilizou a **idealização**, pois idealizou que a permacultura poderia resolver o problema da conservação ambiental como a seguir:

Relato 6: “As comunidades humanas deixariam de ser poluídas”.

Ele atribuiu à permacultura esse poder. Segal (1964) apoia esse dado entendendo que a relação com o objeto bom pode ser idealizada e pode ocorrer em diversas situações. Neste caso, a **idealização** surge na formação de ideais sociais. Ainda, destaca-se Lertzman (2015), que observou o mundo idealizado da infância nas narrativas dos seus entrevistados. Neste caso, Alex descreveu seu prazer em brincar na natureza, no rio, no mar, os quais queria proteger contra os sinais de poluição. A permacultura seria a promessa de retorno a um mundo preservado de uma vida natural idealizada no seu imaginário.

Elisabet regride à sua infância e utiliza a **idealização** para voltar a sensação de prazer de outrora, conforme o relato 7.

Relato 7: “O Rio Cachoeira tinha as margens bem baixinhas, era muito diferente de hoje. A água era limpinha, onde o meu avô me levava. A água foi sujando quando surgiram as indústrias de tecidos. Antes a gente podia pescar, tinha peixes...”

Este retorno à infância é considerado uma regressão utilizada para idealizar. Desse modo, convergindo com Freud (1926), que apresenta a regressão como um importante auxiliar para o recalque. Utiliza-se a regressão para fantasiar, tendo como meta criar uma válvula de escape para o conteúdo ansiogênico que foi recalcado.

A **idealização** utilizada por Jackson, coloca nas mãos de Deus o poder pela mudança:

Relato 8: “Mas tem coisa que ninguém consegue mudar, só Deus...”

Já Roberto **idealiza** a tecnologia sendo a salvação, como vemos a seguir:

Relato 9: “Então eu acredito que a tecnologia e a informação irão salvar a humanidade do abismo da política, que tem responsabilidade sobre o meio ambiente.”

Conforme a avaliação da pesquisadora a **cisão** esteve presente nas entrevistas de forma mediana. Um exemplo é o relato de Alex:

Relato 10: “Teve um episódio que me impactou bastante, teve um vazamento de óleo no laboratório e eu, todos nós, que trabalhamos no laboratório, [...] tivemos que limpar esse óleo, senão ia vazar para as outras salas. Eu passei mal, foi ruim”. Nesta passagem identifica-se que o óleo apareceu como o objeto mau, vazando e causando consequências no ambiente. Alex ficou impactado e sentiu-se mal por causa disso. Pode-se dizer que estas expressões são vistas como uma ansiedade gerada pela situação ocorrida, mas que não lhe pertencia, ou seja, falou desta ansiedade como se fosse um objeto mau também. O mecanismo de defesa da **cisão** aparece nesta passagem duplamente e justifica-se tal interpretação com base em Hinshewood (1991), que adverte que a **cisão** pode aparecer de duas formas: como **cisão** do objeto ou do ego. No caso do óleo, observou-se a **cisão** do objeto e no caso da ansiedade a **cisão** do ego.

Roberto relata a sua relação com o Rio Cachoeira durante as enchentes como algo que lhe confere o mecanismo de defesa da **cisão** entre o rio como algo bom e como algo ruim por causar males à população.

Relato 11: “Sem contar as... as... as perdas aí, materiais, né? Das outras pessoas que... das pessoas que têm loja no centro mesmo, eu às vezes me coloco no lugar dessas pessoas, imagina...”. Na sua entrevista relatou também o lado bom do rio, que a mãe e outras pessoas iam ao Rio Cachoeira tomar banho no verão ao invés de irem para a praia, que é longe.

Também Elisabet traz uma ambivalência e a **cisão** em relação às águas do Rios Cachoeira e afluentes. Vivenciou muitos momentos da sua vida numa relação

positiva com o Rio Cachoeira e a área da cidade aonde morava enquanto era solteira, mas tudo mudou depois que se casou e mudou de residência, assim, traz um relato negativo sobre os alagamentos:

Relato 12: “Todos os anos no verão tinha água dentro de casa”, um ano, foi bem no dia de Natal que aconteceu de alagar a sala pronta para a festa em família”. Isto lhe deu muita raiva, a sua visão das águas nesse caso passou a ser negativa.

É em Melanie Klein que se pode ancorar, para justificar a **cisão** em relação as causas ambientais. Klein (1975) contempla a cisão como uma maneira de conservar o objeto e os impulsos bons, distanciando-os dos impulsos destrutivos que criam objetos maus. Klein verifica que a **cisão** é uma das formas mais primitivas do ego se defender, compatível com os sentimentos gerados em Elisabet na sua tenra idade. Enquanto bebê, o ser humano vive estas ansiedades em relação à mãe, seu objeto de amor, a quem não conhece totalmente, teme perder, o que lhe causa grande ansiedade. Na relação com a “mãe natureza”, onde todos estão inseridos, esta ansiedade pode se presentificar do mesmo modo quando a relação com ela é negativa. Voltando ainda a sua atenção para a relação do homem com a natureza, Klein (1966) sugere que um envolvimento direto e ativo com a natureza ajuda a preservar o desejo de fazer reparações a partir de um sentimento de culpa, superando a apatia nas causas ambientais. Este movimento é de suma importância, tratando-se de um ponto chave para o engajamento nos programas de conservação ambiental.

Adicionalmente, o mecanismo de defesa da **cisão** pode aparecer junto com os mecanismos de defesa da **projeção e introjeção**. Conforme argumentou Segal (1964), o ego faz o possível para projetar o mal e introjetar o bem. Nessa formação de compromisso há uma diminuição da ansiedade e uma possibilidade de conviver bem no mundo, vendo-se como um objeto bom.

A **projeção** foi observada pela pesquisadora por 23 vezes nas 3 entrevistas dos participantes. Os relatos a seguir exemplificam, na medida em que evidenciam que a pessoa depositou conteúdos internos em algo ou alguém externo. No caso Alex encontra-se:

Relato 13: “eu me assustava com isso [...]Tá, mas porque ele joga no rio? Porque ele não pega isso e joga em outro lugar?”

Relato 14: “Eu ficava chateado com o meu pai porque ele queria tirar uma área de mato para deixar só palmito.”

Relato 15: “Quem tem que tratar é o poder público.”

Evidencia-se o mecanismo de defesa da **projeção** também em Flávio (Relato16) e Izabel (Relato 17).

Relato 16: “Se você olhar a gestão antiga, o jeito que deixou aí essa questão... o novo prefeito está começando agora”.

Relato 17: “A prefeitura devia arrumar mais próximo dos rios... para a população se sentir um pouco mais acolhida aqui em Joinville.”

Nestes casos, o mecanismo de defesa da **projeção**, fica evidenciado ao atribuir inteiramente a responsabilidade sobre a poluição ao poder público.

Os achados do presente estudo vão de encontro à pesquisa de Lertzman (2015), onde a autora salienta que embora o foco nas lacunas entre o que as pessoas afirmam valorizar nas questões ambientais e o que dizem as suas ações possa parecer algo intuitivo, afinal, as pessoas dizem uma coisa e fazem outra, pesquisadores psicanalistas estão mais inclinados a interpretar esses fenômenos como expressões externas de ambivalência, ansiedade e mecanismos de defesa como **negação e projeção**.

A **racionalização** também foi observada nas entrevistas dos participantes, embora com menor ênfase no grupo pesquisado. Os relatos ilustram tal achado, pois denotam o caráter extremamente ansiógeno da situação ambiental, mas minimizado a partir de explicações coerentes do ponto de vista lógico, ainda que reducionista do ponto de vista ambiental.

Segundo Freud (1913), o mecanismo de defesa da **racionalização** diz respeito ao processo mental no qual o indivíduo busca tornar aceitável e racional uma determinada ação, ideia, explicação e sentimento. Nas associações de Alex (Relato 18 e 19) e no recorte de Izabel (Relato 20), por exemplo, pode-se perceber que suas explicações são racionais e técnicas, e são várias, de modo que fica evidente que se uma das explicações for contestada, haverá outra explicação, como nos diz Ana Freud (1936).

Relato 18: “fico triste sim com a poluição do Rio Cachoeira, esta foi a minha resposta no questionário de triagem” e “utilizo o meu **conhecimento técnico** para que não fique tão triste”. Outro exemplo de racionalização vem na continuidade da sua narrativa.

Relato 19: “No ponto sobre o lixo, eu tenho uma visão um pouco diferente. Qual é a minha visão? O cidadão unitário, individual pode reciclar lixo? Pode. Existe uma coleta de lixo reciclável, está resolvido. Tem uma coleta de lixo orgânico? Está

resolvido. Tem tratamento de esgoto? Está resolvido. Vamos lá no Jardim Paraíso, tem coleta de esgoto lá? Pode ser que não. Acho que não. O que um cidadão pode fazer? Não pode fazer nada. Ele não vai fazer nada. As vezes tem lixo na rua. Uma campanha direcionada para tratar o lixo é muito boa, a campanha direcionada para tratar o esgoto resolve onde tem linha de esgoto. Mas aonde eu quero chegar? Onde deve ser feita a campanha? Quem tem que tratar é o poder público. O que tem que fazer para diminuir a quantidade de esgoto lançado no rio? O cidadão é apenas um espectador, nós aqui, por mais que a gente coloque 10 mil pessoas em volta do rio para limpar, não vai adiantar se o esgoto continuará sendo lançado no rio. É uma campanha pessoal que é longa...Tratando-se do estado, já não é mais da nossa alçada. Tem que incomodar o órgão público responsável. Tem vários casos de rios mundo afora que foram recuperados do ponto de vista do turismo. O Rio Sena em Paris é um exemplo: houve uma campanha a partir do ponto de vista do turismo....”

Relato 20: “Porque as pessoas não encontram um lugar assim próximo do rio para poder observar um pouco mais ele... todo mundo vai achar um pouquinho para melhorar ele. “Nossa, podia fazer isso, podia fazer aquilo”, né? Então eu acho que o que falta é o pessoal ter mais comunicação com o rio, mais próximo dele.”

O uso do mecanismo de defesa da **racionalização**, leva ao **recalcamento** do problema ambiental no inconsciente, à **negação** e ao alívio da ansiedade ambiental (Lertzman,p.13).

Desse modo, a seguir analisa-se o mecanismo de defesa do **recalque**, que foi, por excelência, o mecanismo de defesa mais estudado por Freud (1926), ele tomou como necessária a delimitação do uso dos dois termos, sendo o **recalque** um mecanismo específico de defesa, ao lado de outros. É um mecanismo de defesa básico e precede a maioria dos outros, os quais, em geral, funcionam como reforços. Confirma-se ainda no presente estudo os achados de Hans (1996, p.358), onde o significado da expressão repressão é: “reprimir, esmagar, oprimir, impedir de se manifestar” [...] “reprimir sentimentos, refrear”.

No estudo de caso de Sílvia encontramos este mecanismo de defesa de modo indireto, visto que durante toda a sua narrativa o assunto ambiental é descartado (**recalcado**) assim que aparece, dando lugar à sua necessidade de elaborar a perda da sua filha em anos recentes. Também em Elisabet aparece esta tendência do **recalque** no discurso. Neste caso, atribui-se a falta de interesse em virtude da etapa

de vida avançada e o predomínio de **idealização**. Para Roberto, no início das entrevistas aparece defendendo-se através do **recalque** neste relato:

Relato 21: “Antigamente era mais poluído, porque tinham algumas empresas que se situavam ali nas margens ou nas redondezas do rio, que colocavam seu descarte ali para dentro do rio mesmo.” Destaca-se que Roberto busca escamotear a verdade de que esse comportamento continua existindo atualmente, embora esta realidade possa ser um desprazer para ele e que talvez nem perceba o que está dizendo, pois de certa forma esta realidade lhe permanece inconsciente.

Outro caso que exemplifica bem a presença do recalque é o caso de Jackson, completamente absorvido no seu drama como migrante, insatisfeito com a sua vida no Brasil e sem nenhuma possibilidade de valorizar o assunto ambiental na sua vida, o **recalca**. Conseqüentemente, os assuntos sobre os quais não dá conta, entrega nas mãos de Deus, idealizando e projetando em Deus as soluções. Um breve exemplo foi o momento em que se perguntou a ele diretamente se já conhecia o mar aqui no Brasil, ele justificou, mudando e direcionando o assunto para outros afazeres dele, conforme pode-se constatar em seu relato.

Relato 22: “Sim eu fui ver o mar com o pastor. O pastor Elias chamou, eu fui com ele, esse trabalho de ir às casas e conversar com as pessoas também toma muito tempo, muito tempo de sair da minha casa de madrugada ou a noite, mas vou levar os filhos um dia. Mas sábado eu saio pouco porque tenho que estudar um pouco e ajudar, para saber um pouco aqui.”

O estudo de Stoll-Klemann, O’Riordan e Jaeguer (2001) é um exemplo claro das situações cotidianas vivenciadas em grupos que discutem ações de melhorias ambientais. Ou seja, todos ficam alarmados, se comovem com as ameaças dos desmatamentos, descartes inadequados de resíduos tóxicos e por aí afora, mas quando são convocados a renunciarem a certo conforto ou destinarem algum tempo em benefício de uma causa ambiental as coisas mudam. Isto demonstrou-se verdadeiro no presente estudo. Surgiram mecanismos de defesa nas pessoas, como a **apatia**, que serviram para escamotear o mal-estar, ou desprazer em ficar frente a frente com o desafio ambiental que, no presente estudo, é a degradação do Rio Cachoeira e o seu entorno.

Seguem-se então algumas considerações sobre o mecanismo de defesa da **apatia**, presente em todos os participantes da pesquisa. A hipótese de Searles (1972), de que as pessoas ficam paralisadas sem conseguir se envolver com a crise ambiental

por conta de uma **apatia** severa e generalizada, baseada principalmente em sentimentos e atitudes dos quais elas estão inconscientes foi constatada nesta pesquisa, visto que este mecanismo de defesa apareceu em terceiro lugar em frequência, por 15 vezes. A apatia e os fenômenos relacionados de idealização e projeção são apontados como processos e defesas contra experiências inconscientes e angustiantes. Por exemplo, se manifestam como o sentimento de perda e a ansiedade em relação ao meio ambiente degradado na atualidade, mas que um dia já foi agradável .

Alguns exemplos de narrativas são descritos a seguir nos relatos de Izabel (Relato 23), Roberto (Relatos 24 e 25), Alex (Relatos 26 e 27).

Relato 23: “Mas é triste de ver, matou milhares de peixes.” Poderia alimentar muitas pessoas.”

Relato 24: “Então fico assim... isso deixa a gente triste, né? Tanto que a gente não consegue... a gente acaba perdendo um pedaço da história da cidade... para um monte de lixo que acaba se tornando aquilo ali, né?”

Relato 25: “A gente não vê isso, a gente vê um... um... um “Deixa pra lá, amanhã a gente vê...de repente o próximo prefeito vem com uma proposta de campanha ou coisa assim...”

Relato 26: “Nós não queremos ver. Eu falo por mim. Como eu vivo? Passo com meu carro por cima de pontes, mas não faço nada. Esse não fazer nada me machuca, mas não me move. O que teria que acontecer comigo?”. Alex traz nesta passagem um depoimento sobre a sua **apatia** diante da dimensão ameaçadora do problema ambiental que é a realidade no local de estudo foco desta pesquisa.

A **apatia** ambiental pode também estar relacionada a afetos como o medo. Sobre isso nos advertem O’Neal e Nicholson-Cole (2009), quando recomendam cuidado ao usar o medo como base da conscientização ambiental, visto que o medo pode suscitar o aparecimento da **apatia**, **negação** ou **evasão**. São associações negativas que podem forçar a pessoa a lidar com emoções evocadas pelo medo. Na seguinte passagem que se ouviu de Alex, consta-se a trilha dessas emoções.

Relato 27: “Quando eu olho a imagem do Rio Cachoeira penso quanto de dejetos não tem no fundo desse rio? Teria que retirar os dejetos. Correria o risco de se machucar se entrar no rio. Só que fora desse ambiente você tem uma segurança, água transparente, mas sei que tem dejetos. Isso tem para mim uma impressão negativa.”

Finalmente, tendo como base as três entrevistas analisadas, observou-se que o grupo estudado, apesar de ser composto por pessoas diferentes, com históricos de vida diferentes, diferentes nacionalidades e crenças religiosas, diferenças socioculturais e econômicas, apresentou duas posições distintas em relação às questões de conservação ambiental: ou o participante demonstrou-se impactado e ficou comovido com os problemas do meio ambiente ou apresentou o mecanismo de defesa da **apatia** em relação aos mesmos tomando uma posição passiva.

O padrão mais apático representou um ponto de convergência para a maioria dos entrevistados. Nestes, além da **apatia**, pode-se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da **idealização**, da **projeção**, da **cisão**, da **racionalização** e do **recalque** nos seus relatos.

Quando os entrevistados foram abordados nas entrevistas a hipótese inicial era de que se encontraria expressões de ansiedade de modo predominante, já que ela é uma dimensão afetiva central das ameaças ambientais do nosso tempo. Isso devido à escala de degradação que se apresenta no meio ambiente, a falta de ações de reparação que ameaçam a saúde e o bem-estar das pessoas. No entanto, em vez de ansiedade, descobriu-se que as narrativas de perdas dominaram as entrevistas. Logo no início, na abertura, com a frase: "Conte-me onde você cresceu, diga-se o, que vier à sua mente", surgiram histórias de perdas e de situações difíceis na vida pessoal, conforme já relatadas neste estudo. Em outros casos, apesar de não serem relatos dramáticos particulares, percebeu-se que as pessoas passaram por perdas e lutos em relação à qualidade do meio ambiente em que vivem e que se sentem minúsculas para realizar ações individuais de recuperação. Mas em todos eles os mecanismos de defesa compareceram como um modo de apaziguamento diante da temática ambiental em questão, nas entrevistas.

A outra parte do grupo mostrou-se mais impactada e ficou comovida com os problemas ambientais. Apesar de também aqui se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da **idealização**, da **projeção**, da **cisão**, da **racionalização**, do **recalque** e da **negação**, estes foram utilizados em menor intensidade ou como defesa dos participantes por não se encontrarem engajados em atividades de conservação ambiental na prática, mas reforça-se o fato de terem sido participantes mais criativos e dispostos a assumir o seu papel social nas questões ambientais em geral e na degradação do Rio Cachoeira e entorno em particular.

Salienta-se a seguir o relato de Roberto que, a partir da oportunidade de participar dessas entrevistas, parece se animar com projetos de conscientização ambiental e de ações de limpeza de locais onde ainda se descartam resíduos sólidos irregulares no entorno.

Relato 28: “Para começar, eu acho que uma exposição do que está acontecendo ali de uma maneira mais abrangente é um primeiro passo, vamos dizer assim. Você falar sobre aquilo de maneira que muitas pessoas escutem, e até aqueles que estão, de repente, de alguma forma fazendo isso, pensem duas vezes antes de fazer.”....“E... aí juntar aí o pessoal de maneira voluntária para poder tentar limpar, e tentar manter, né?” “Talvez de repente, aí, como a gente tem as prefeituras, as subprefeituras, dependendo dos locais aí, se pudesse... fazer essa limpeza. Eu acho que o primeiro passo e o passo mais importante seria demonstrar para todo mundo, para o máximo de pessoas possíveis que isso está acontecendo e que isso é errado. De repente, sei lá, dar um fim adequado para o lixo que está acumulando ali. Seria um primeiro passo na minha opinião. Eu poderia ser um desses voluntários ali na hora de fazer a limpeza sem problema nenhum”.

Também Alex declarou que estava achando interessante o trabalho da pesquisadora, porque ele nunca tinha feito um depoimento como este, do ponto de vista do meio ambiente.

Relato 29: “Hoje não participo de atividades. Agora aqui me abriu os olhos para me envolver mais com a cidade. O objetivo do ser humano é servir. O nosso serviço é preservar. Temos uma longa jornada aqui na terra.”

Estas declarações revelam uma boa vontade, mas que são permeadas de **mecanismos de defesa como a idealização, a racionalização em algumas passagens, e ainda a projeção e a cisão**. De qualquer modo, a apatia ambiental dá lugar ao ânimo e à criatividade, o que parece um exemplo promissor de que as ações em prol da conservação ambiental podem ser estimuladas através de um trabalho de escuta prévio das pessoas nas mais diversas comunidades.

Neste ponto, pode-se retomar à Lertzman (2015), na introdução desta dissertação, quando diz que, a abordagem psicanalítica pode ouvir e fazer falar a verdade da tragédia ambiental, o luto, a ambivalência e outros afetos decorrentes disso, pois faz uma subversão, encarando como acontecimentos sociais que não devem ser evitados, mas, ao contrário, integrados para se chegar a modos mais autênticos de envolvimento com um mundo dinâmico e incerto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, quando se fala em poluição, principalmente das águas, como dos cursos de água e dos mares, logo surge a imagem do rio Tietê na cidade de São Paulo ou da Baía de Guanabara, localizada no Rio de Janeiro. É recorrente também, principalmente nos rios e córregos, a imagem do transbordamento, que acarreta muitos transtornos, incluindo prejuízos materiais e danos à saúde humana por conta da exposição de elementos nocivos, como a leptospirose, por exemplo.

Sendo assim, a poluição das águas, além do aspecto visual, do odor e dos transtornos decorrentes de enchentes, não é associada a nenhum outro elemento de impacto direto e imediato ao ser humano. No entanto, um exame cuidadoso aponta justamente o contrário, ou seja, de que há elementos indiretos e subjetivos que afetam as pessoas, provocando um prejuízo à sua saúde e, por decorrência, ao seu bem-estar. E um dos pontos é o desenvolvimento dos mecanismos de defesa. Estes mecanismos também são considerados como adversidades a serem levadas em conta nos programas que visam uma mudança de postura diante dos problemas ecológicos.

Por meio do presente estudo foi possível verificar que a totalidade dos entrevistados e residentes do entorno da Bacia do Rio Cachoeira desenvolveram uma multiplicidade de mecanismos de defesa decorrentes da poluição do referido rio. Nota-se, a princípio, que não é possível realizar uma generalização de algum mecanismo de defesa, no entanto, há aqueles que se destacam mais em função das tensões psicológicas, das ansiedades e das emoções negativas decorrentes das ameaças ambientais.

Como discutido neste trabalho, para Freud, a noção de mecanismos de defesa é um processo inconsciente, por meio do qual o ego, parte consciente do aparelho psíquico, se dissocia de impulsos ou afetos que considera ameaçadores e que tragam sofrimento. Em suma, as defesas mantêm seu princípio de evitar aquilo que é difícil de lidar, dessa forma, cria-se uma barreira que protege a pessoa das realidades que possam, em qualquer grau, trazer sofrimento. No presente contexto, nota-se também que a questão ambiental é um fator desencadeador de sofrimento à pessoa, pois há uma dissociação entre o idealizado, como algo positivo, e a realidade posta, como algo negativo.

A diferença entre o idealizado e a realidade advém do fato que os entrevistados apresentam condições de comparação, ou seja, já experimentaram, em algum momento da vida, um ambiente em condições de ausência de poluição e de degradação. Mesmo supondo que o ambiente não estivesse livre de danos, fato bastante plausível em determinados locais e épocas, a poluição e a degradação não eram percebidas a determinado ponto que o ambiente pudesse ser qualificado como impróprio.

Essa condição de comparação se mostrou um fator bastante importante para o desenvolvimento de mecanismos de defesa, os quais buscam atingir uma condição de equilíbrio e adaptação às realidades ambientais ameaçadoras. Portanto, os mecanismos defensivos, como a negação, a idealização, a projeção, a racionalização e a apatia, por exemplo, constituem a luta interna decorrente de um fator externo, ou seja, de um dano ambiental.

Neste estudo foi possível identificar nas três rodadas de entrevistas com cada um dos sete participantes, sete tipos principais de mecanismos de defesa utilizados nas narrativas, na sua ordem de frequência: idealização, 31 vezes; projeção, 23 vezes; apatia, 15 vezes; cisão, 13 vezes; racionalização, 12 vezes; negação e recalque, 10 vezes cada.

Caracterizou-se como um grupo heterogêneo, ou seja, diversas faixas etárias, gêneros, níveis socioculturais, crenças religiosas e nacionalidades, onde o objetivo não foi o de selecionar uma amostra representativa de uma população maior, mas explorar as subjetividades com maior profundidade a fim de dar voz aos pensamentos e sentimentos das pessoas que, pela falta de interesse nos assuntos ambientais, não seriam priorizadas em pesquisas ou em iniciativas a favor do meio ambiente. Desejou-se investigar melhor que razões subjazem o seu comportamento de resistência e indiferença e atingiu-se o objetivo, pois através dos estudos dos casos foram obtidos relatos e depoimentos em profundidade. Foram coletadas histórias trágicas de perdas, lutos e sofrimentos relacionados à vida pessoal de alguns entrevistados, bem como perdas e ansiedades em relação às próprias questões do caos ambiental que está se vivendo na atualidade.

Constatou-se, assim, durante a etapa de discussão dos casos, ao analisar os mecanismos de defesa que surgiram nas narrativas, que houve uma convergência com a teoria psicanalítica de defesas, nos diversos autores que fundamentaram a pesquisa. Por exemplo, se mostrou em harmonia com Zimerman (2001), sobre o

mecanismo de defesa da idealização, que aparece com maior frequência no presente estudo. Ele observa que a idealização está relacionada a objetos parciais classificados como objeto bom, mau, persecutório e idealizado, todos estão sempre em interação. Segal (1964), de modo complementar entende que a relação com o objeto bom pode ser idealizada e pode ocorrer em diversas situações. E ainda se corroborou os achados da pesquisa de Lertzman (2015), sobre esse mundo idealizado da infância, ao longo dos seus dados de entrevistas, quando os participantes se lembraram de brincar nas águas espumantes e nas dunas de areia branca, o que tornou difícil analisar, diz ela, ao longo das entrevistas, um profundo sentimento de nostalgia de uma inocência perdida e da associação do mundo natural, antes da degradação ambiental, como por exemplo, algas, espécies invasoras, tóxicos etc.

Este grupo, apesar da ampla diversidade, apresentou duas posições distintas em relação às questões de conservação ambiental: ou o participante se mostrou impactado e ficou comovido com os problemas do meio ambiente e demonstrou iniciativa e criatividade em pensar ações práticas, ou apresentou-se apático, com uma paralisia ambiental em relação aos problemas de poluição e degradação.

O padrão mais apático representou um ponto de convergência para a maioria dos entrevistados. Nestes, além da apatia, pôde-se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da idealização, da projeção, da cisão, da racionalização e do recalque nos seus relatos.

A parte menor do grupo mostrou-se impactada e ficou comovida com os problemas ambientais. Apesar de também aqui se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da idealização, da projeção, da cisão, da racionalização, do recalque e da negação, mas estes foram utilizados em menor intensidade ou como defesa dos participantes por não se encontrarem engajados em atividades de conservação ambiental na prática. No entanto, reforça-se o fato de terem sido participantes mais criativos e dispostos a assumir o seu papel social nas questões ambientais em geral e na degradação do Rio Cachoeira e no seu entorno.

Partindo da suposição de que o engajamento e a conscientização ambiental podem se desenvolver muito mais pelo laço que se estabelece entre o agente e os moradores de uma comunidade do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro, este estudo buscou descrever algumas contribuições que pode a psicanálise oferecer ao campo da conservação ambiental, através da avaliação dos mecanismos de defesa.

Salientou também a valiosa contribuição do método das Entrevistas Relacionais Dialógicas, de fundamentação psicanalítica, tanto para a promoção da reflexão em profundidade sobre questões ambientais, quanto para os sentimentos e defesas que tais questões tragam às pessoas. Adicionalmente, contribui para a aplicação de uma Postura Dialógica, em programas educacionais e campanhas voltadas à conservação ambiental, que inclua todos os participantes como sujeitos detentores de um saber particular sobre a temática do meio ambiente, que são ouvidos e que constroem um modo de comunicação que inclui os afetos.

Neste momento histórico faz-se de suma importância trazer um entendimento profundo aos dolorosos dilemas que se experimenta em relação ao meio ambiente, para que se possa agir com o máximo de discernimento, cuidado e criatividade possíveis. Os programas e iniciativas que buscam ir ao fundo, fazer conexões incômodas para ter uma visão da situação ambiental com uma percepção mais aguçada, que leve até os lugares mais radicais e verdadeiros que a questão suscitada, apresenta desafios emocionais, morais, intelectuais e práticos da mais alta ordem, para os quais este estudo procurou ser um incentivo.

Uma limitação do presente estudo ocorre pelo fato de não poder se generalizar para a população, do modo como ocorre nas pesquisas quantitativas. De um modo diferente, as pesquisas qualitativas são capazes de aprofundar a complexidade dos fenômenos e particularidades de um determinado grupo, mas capaz de ser abrangido intensamente. Outra limitação deste método diz respeito ao tempo e à dedicação dispendidos no processo de três entrevistas profundas, os quais exigem recursos mentais e emocionais do entrevistador. Para a aplicação desta abordagem a longo prazo, seria interessante obter recursos para um trabalho em equipe, de profissionais qualificados que pudessem trabalhar de modo colaborativo, distribuindo-se tarefas. Isto possibilitaria inclusive trabalhar com um número maior de pessoas entrevistadas.

Finalmente, este estudo abre várias possibilidades: inicialmente a utilização dos resultados aqui alcançados para propor ações e reflexões acerca da gestão ambiental e do bem-estar. Adicionalmente para futuras pesquisas, dentre as quais pode-se sugerir temas como: a educação ambiental tem a capacidade de mitigar os mecanismos de defesa? Tais mecanismos desencadeados por questões ambientais são transitórios ou permanentes? As defesas ambientais impactam sobre os demais aspectos da vida da pessoa?

REFERÊNCIAS

ABREU, Ivy de Souza; FABRIZ, Daury César. **O dever fundamental de proteção do meio ambiente e seu fundamento na solidariedade**: uma análise à luz do holismo ambiental. *Derecho y Cambio Social*, v. 35, p. 1-13, jan. 2014.

ARAÚJO, Alexandre; GOUVEIA, Vinícius; Oliveira, Terezinha Maria Novais. **Problemática do descarte irregular de resíduos sólidos no município de Joinville – SC**. Anais do 8º Fórum Internacional de Resíduos Sólidos. Joinville: Univille, 2017.

AVZARADEL, Pedro. **Ética e educação ambiental**: um diálogo necessário / *Ethics and environmental education: a necessary dialogue*. *Revista de Direito da Cidade*. Vol.5. n.01. DOI:10.12957/rdc.9724. p.65-85, 2013.

BARATTO, Geselda. **A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração**. *Psicologia ciência e profissão*. V. 29, n. 1, p. 74-87, Brasília, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414

BEIVIDAS, W; SCHLACHTER, L. **Recalque, rejeição, denegação**: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. v.8, n.2, Agora, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>

BRASIL, Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasil, 1988.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 6.938/81. Dispõe sobre a **Política Nacional do Meio Ambiente**, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasil, 1981.

CARDOSO, Maurício Jose d'Escragnolle. **O esquecimento da metapsicologia**. Em: *Die Hexe – Revista de Psicanálise* Vol.1 n.1. UFPR, 2017. <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicanalise/>. Acesso em 28/03/2020.

CARTWRIGHT, Dovan. **Psychoanalysis, Violence, and Rage-type Murder: Murdering Minds**. London: Routledge, 2002.

CARTWRIGHT, Dovan, **The psychoanalytic research interview: preliminary suggestions**, *The Journal of the American Psychoanalytic Association* 52, p. 209–242. 2004.

CHIARADIA, Reginaldo José. **Repressão e recalque na psicanálise freudiana e a crítica de Foucault à hipótese repressiva da sexualidade**. Paraná: PUCP, 2006.

CROMPTON, Tom. **Common Cause: The Case for Working with Our Cultural Values**. Londres: WWF.UK, 2010.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista**. Tempo Social, São Paulo, v. 23, n. 1, p.115-136, São Paulo: Tempo Social, jan.2011.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

HOLLWAY, W., & JEFFERSON, T., **Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative, and the Interview Method**. London: Sage, 2000.

FARIAS, Ana Lizete. **A emergência do saber ambiental numa perspectiva psicanalítica**. Resultado de Pesquisa. Anais do XVI Encontro Paranaense de Educação Ambiental, Curitiba: UFPR, 2017 <http://www.epea2017.ufpr.br>

FARIAS, Ana Lizete. **Psicanálise e meio ambiente: saber em construção**. Trabalho apresentado ao I Congresso de Psicologia FAE, Curitiba, Paraná, 2016.

FARIAS, Ana Lizete; KNECHTEL, Maria do Rosário. **Uma perspectiva psicanalítica para a Educação Ambiental**. Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental, v. 23, p. 322-338. Curitiba, 2018.

FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. **O sertão formal da política brasileira de conservação da natureza**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 20, p. 165-204, Aug. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522016000200165&lng=en&nrm=iso>. access on 14 May 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220162005>.

FERREIRA, Claudia Oliveira. **Educação Ambiental: construindo novos valores, quebrando velhos paradigmas**, Joinville: UNIVILLE, 2015. Disponível em: www.univille.edu.br. Acesso em 23 fev.2020.

FINOTO, Luciano José de Oliveira. **Direito de viver em um meio ambiente saudável** Conteúdo Jurídico, Brasília-DF. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br>. Acesso em: 14 mar 2020.

FOLBERG, Maria N. **Cultura, mal-estar e psicanálise**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 39, n. 2, p. 18-28, abr. Rio de Janeiro, 1987. ISSN 0100-8692. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19587>>. Acesso em: 08 Mar. 2020.

FONTENELE, L. B SILVA.J.M.**Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan**. Revista aSEPHallus v. 8, n. 15, p.13-34, Rio de Janeiro, nov. 2012.

FRANCO, José Luiz de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. **Nature Protection: the FBCN and Conservation Initiatives in Brazil, 1958-1992**. Em: HALAC, Vol. 2, n. 2, março-agosto Belo Horizonte, 2013.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **A história ambiental no Brasil e os seus clássicos. Soc. estado.**, Brasília , v. 18, n. 1-2, p. 389-394, Dec. 2003 <<http://www.scielo.br/scielo.php?> Belo Horizonte, 2013. Acessado em 21 de abril de 2021.

FREUD, Ana. (1936). **O ego e os mecanismos de defesa**. Traduzido por Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund., em coautoria com BREUER, Joseph (1893-95). **Estudos sobre a Histeria**. Vol.2.Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1893) **Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas**. Em Obras Completas, ESB. Vol. 1. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

FREUD, Sigmund (1895) **Estudos sobre a histeria**. Em Obras Completas ESB. Vol. 2, p. 1-316. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Em Obras completas ESB. Vol 3. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1900) **A Interpretação de Sonhos**. Em Obras Completas, ESB. Vol. 4. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

Freud, S. (1914/2006). **A história do movimento psicanalítico**. Em Obras completas, ESB. Vol. 14. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1916-1917). **Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas**. Em Obras Completas, ESB. Vol 16. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1923). **Dois verbetes de enciclopédia**. Em Obras Completas, ESB. Vol 16. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1925). **A negação**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

FREUD, Sigmund. (1925). **A negativa**. Em Obras Completas ESB. Vol.19, p. 265-269. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1912) **A dinâmica da transferência**, Em Obras Completas ESB. Vol. 12, p. 107-119. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1894) **As neuropsicoses de defesa**, Em Obras Completas ESB. Vol.3. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1896) **Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa**, Em Obras Completas ESB. Vol.3. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1913) **O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos**. Em Obras Completas ESB. Rio de Janeiro: Imago,1996.

FREUD, Sigmund. (1923) **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Em Obras Completas ESB. Rio de Janeiro: Imago,1996.

FREUD, Sigmund.(1924) **A cisão do Eu no processo de defesa**, Em Obras Completas ESB – Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol.3, Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade**, Em Obras Completas ESB. Vol. 20, p. 79-171. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1933b) Por que a guerra? Em Obras Completas ESB.Vol.22, p. 245-259. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1938) **A cisão do eu no processo de defesa**, Em Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol 3, p. 171-179. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007.

FREUD, Sigmund. (1914) **Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II**. Em Obras Completas ESB. Vol. 12. 1996. p.163-171. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

FREUD, Sigmund. (1988).**Fragmentos da análise de um caso de histeria (Caso Dora)**. Em Obras Completas. ESB. Vol. 7. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1930).**O mal-estar na civilização**. Em Obras Completas. ESB. Tradução de Jayme Salomão. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1932-1933). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Em Obras Completas ESB. Vol.22. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago,1996.

FREUD, Sigmund. (1937-1939). **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Em Obras Completas ESB. Vol.23. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.1996.

FREUD, Sigmund. (1976). **Inibições, sintomas e ansiedade**. Em Obras Completas. ESB. Vol 20.Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRÓES, Henrique; VIANA, Terezinha de Camargo. **As noções de inconsciente derivadas da teoria da defesa: primeiras elaborações freudianas**. Vol.45.2. p.267-285. Rio de Janeiro:Tempo Psicanalítico, 2013.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE JOINVILLE – IPPUJ (Org.). **Joinville cidade em dados 2013**. p. 207. Joinville: Prefeitura Municipal, 2013.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GREENE, Joshua. **O mundo em desacordo. Democracia e guerras culturais**. São Paulo: Fronteiras do Pensamento, 2018.

GREENE, Joshua. **Tribos Morais. A tragédia da moralidade do senso comum**. São Paulo: Editora Record, 2018.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. p. 37-46, Campinas: Papirus, 2012.

HANS, A. L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

HEEMANN, Ademar. **Natureza e sociedade: a controvérsia sobre os alicerces da conduta humana**. Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPR, n.1, p.9.19, jan. /jun.2000. Curitiba: Editora da UFPR, 2000

HERRMANN, Fábio. **Andaimos do real**. São Paulo: Vozes, 1991.

HERRMANN, Fábio . **Pesquisa psicanalítica**. Ciência e Cultura. v.56. n.4. p.26-8. 2004.

HERRMANN, Fábio . **Clínica extensa**. Em: **BARONE, L. M. C. (Org.) A psicanálise e a clínica extensa**. p. 17-31. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

HINSHELWOOD, R. D. (1992). **Dicionário do pensamento Kleiniano**. Traduzido por José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HIRAMATSU, Ai; KURISU, Kiy; HANAKI, Keisuke. **Environmental consciousness in daily activities measured by negative prompts**. *Sustainability Journal*, 2016, 8, 24; DOI:10.3390/su8010024

HOLLANDER, A. E. M.; STAATSEN, B. A. M. **Health, environment, and quality of life: an epidemiological perspective on urban development**. *Landscape and Urban Planning*, Vol. 65. 2003.

HOLLWAY, W., e JEFFERSON, T. **Fazendo pesquisas qualitativas de maneira diferente: associação livre, narrativa e método de entrevista**. Londres: Sage. 2000. (Tradução nossa).

IBAMA,2021. INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE – IBAMA. Insitucional. Histórico. Valores.Disponível em www.ibama.gov.br. Acesso em abril de 2021.

IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420910>.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica**. Contraponto Ed. PUC Rio de janeiro, 2006.

JUNGES, Marcia. **Por uma ética do cuidado e da responsabilidade**. Revista do Instituto Humanistas Unisinos. Ed.371. São Leopoldo, 2011.

KLEIN,Melanie. **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940)**. Em Obras Completas de Melanie Klein. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Klein, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)** (4ª ed., vol. 3). Traduzido por Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

KOLLMUSS, Anja ; AGYEMAN, Julian. ***Mind the Gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior?*** *Environmental Education Research*, 8:3, 239-260, 2002. DOI: 10.1080/13504620220145401.

LACAN.J. **O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN.J., **O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

Lei das águas; Ministerio do Meio Ambiente; <http://www.mma.gov.br>.

LEOPOLD, Aldo. **Almanaque de um Condado Arenoso e Alguns Ensaio Sobre Outros Lugares**. 1ª Edição, Editora UFMG, 2019. ISBN-10: 8542302753. ISBN-13: 978-8542302752.

LERTZMAN, Renée. ***Environmental melancholia: Psychoanalytic dimensions of engagement***. London: Routledge. Macy, J. & Brown, M. 2015.

LIDICKER, William Z. Jr. **Hope and Realism in Conservation Biology**. BioScience. Vol. 61. N°2. Fev. 2011. Disponível: www.biosciencemag.org .

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LUMBER, R; RICHARDSON, M; SHEFFIELD, D. ***Beyond knowing nature: Contact, emotion, compassion, meaning, and beauty are pathways to nature connection***. PLoS ONE, 2017. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0177186>.

MACHADO, Paulo Afonso Leme. **Direito Ambiental Brasileiro**. 23 ed.rev., São Paulo: Malheiros, 2015.

MAGNABOSCO, M. ; SILVA, M. C. . **Psicologia Social e o Sintoma da Degradação Ambiental nas Cidades**. Em: 10° Encontro da ABRAPSO Regional Sul, 2004, Curitiba. X Encontro da ABRAPSO Regional Sul - Programa Oficial - Anais do Encontro. v. 1. p. 1-144. Curitiba: PUC PR, 2004.

MAGNANINI, Alceo. Conservação da natureza. A Lavoura, ano 74, p. 2-7, maio/jul. 1971.

MAITENY, P., 2000. ***The psychodynamics of meaning and action for a sustainable future***. p. 339. Futures 32 (3).

MAIA, Alexandre Campaneli Aguiar. **Kelsen e a filosofia da linguagem de wittgenstein**: Belo Horizonte: PUC, 2006. www.biblioteca.pucminas.br/teses.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna. **A dimensão de extensão do método psicanalítico**. Em: Boletim formação em psicanálise. Instituto de psicologia. Universidade Federal de Uberlândia. Vol.24.N.1. Uberlândia, 2016.

MENUZZI, T.S. ; SILVA, L.G.Z. **Interação entre economia e meio ambiente: uma discussão teórica**. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental da UFSM, v.19, n.1, jan./abr.2015,p.09-17. Santa Maria-RGS, 2015.

Millenium Eco system Assessment, ONU, 2005. Disponível em: <https://www.millenniumassessment.org>

MISHAN, Joseph (1996) ***Psychoanalysis and environmentalism: First thoughts***. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 10,1, p.59. 2006. DOI: 10.1080/02668739600700071.

MNGUNI, P.P. **Anxiety and defense in sustainability.** *Psychoanalysis, Culture & Society* Vol. 15, 2, p.117–135. 2010.

MNGUNI, P.P. **Mutuality, reciprocity, and mature relatedness: A psychodynamic perspective on sustainability.** *Unpublished PhD Thesis, Swinburne University of Technology, Melbourne. 2008.*

MOSER, Susanne & DILLING, Lisa. **Communicating Climate Change: Closing the Science-Action Gap.** *The Oxford Handbook of Climate Change and Society.* 10.1093/oxford/9780199566600.003.0011. 2012.

NICHOLSEN, S.W. **The love of nature and the End of the World: The Unspoken Dimensions of Environmental Concern.** Cambridge. MA:MIT Press. 2002.

OLIVEIRA, Jelson; BORGES, Wilton. **Ética de Gaia: ensaios de ética socioambiental.** São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Jelson Roberto. **Por que uma ética do futuro precisa de uma fundamentação ontológica Segundo Hans Jonas.** Em: *Revista Filos.* Vol. 24. N.35. Curitiba: Aurora, 2012.

OLIVEIRA, Terezinha Maria Novaes *et al.*, **Bacias Hidrográficas da Região de Joinville: Gestão de Dados – Joinville, SC: Editora Univille, 2017.**

O'NEILL, S. e NICHOLSON-COLE, S., **O medo não vai resolver: promover um envolvimento positivo com as mudanças climáticas por meio de representações visuais e icônicas.** *Science Communication* 30 (3). p.355-379. 2009.

PINHEIRO, Mariana ; KURY, Karla. **Conservação ambiental e conceitos básicos de ecologia.** *Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego.* 2. 15-28. 10.5935/2177-4560.20080007. Rio de Janeiro: Essentia, 2008.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

REIS, Émilien Vilas Boas; VIEIRA, Rogério Marcos Fonseca. **Degradação Ambiental: Um diálogo entre Direito e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

RIBEIRO, Glaucus Vinicius Biasetto. **A Origem Histórica do Conceito de Área de Preservação Permanente no Brasil.** *Revista Thema, [S.l.], v. 8, n. 1, jun. 2011. ISSN 2177-2894.*

Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/67>>.

ROSA, M. D. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos.** Metodologia e fundamentação teórica. Revista Mal-Estar e Subjetividade. v.4. Fortaleza, 2004.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio – **Aquele que diz “não”:** sobre um modo peculiar de falar de si. In: **A negação.** São Paulo: Cosac Naif, 2014.

SAUNDERS, Carol D.; BROOK, Amara T.; MYERS, Olean Eugene Jr. **Using Psychology to Save Biodiversity and Human Well-Being.** *Conservation Biology*, 20(3), 702-705. 2006. Retrieved from: <https://www.jstor.org/stable/3879236>

SCHUR, Max. **Sigmund Freud.** Buenos Aires: Paidós, 1980.

SEARLES, Harold. **Unconscious processes in relation to the environmental crisis,** *The Psychoanalytic Review* 59 (3), p. 361–374. 1972.

SEGAL, Hanna.(1966). **Introdução à obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Imago Editora,1975.

SESAIRINO, Jorge. **Epistemologia e história da psicanálise.** 21 páginas (texto digitado). Curitiba, 2006.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismos de defesa do ego.** Disponível em: www.psicologia.pt

SILVA, José Afonso. **Direito Ambiental e Constitucional.** 10 ed., São Paulo: Malheiros, 2013.

SNUC; Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br> Acesso em 10 set. 2019.

SOLER, Colette. **Declinações da Angústia.** São Paulo: Escuta, 2012.

SOUZA, Reginaldo Silva. **A Repressão e o Recalque na Psicanálise.** Psicologado. Edição 02/2019.

Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/a-repressao-e-o-recalque-na-psicanalise> >. Acesso em 28 Fev. 2020.

STEIN, Ernildo. **Anamnese: a filosofia do retorno do reprimido.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

STEIN, Ernildo. **Diferença e Metafísica, Ensaios sobre a desconstrução.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

STIGSDOTTER, U. K. et al., **Health promoting outdoor environments – Associations between green space, and health, health related quality of life and stress based on a Danish national representative survey.** *Scandinavian Journal of Public Health*, n. 38, 2010.

SWAISGOOD, Ronald R., SHEPPARD, James. ***Reconnecting People to Nature is a prerequisite for the Future Conservation Agenda: Response from Swaisgood and Sheppard.*** *BioScience*. Vol. 61.

<https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fwww.bioone.org%2Fdoi%2Ffull%2F10.1525%2Fbio.2011.61.2.22>

STOLL-KLEEMANN,S.;O'RIORDAN,T.; JAEGER,C.C. ***The psychology of denial concerning climate mitigation measure; Evidence from Swiss focus group.*** *Global environmental Change* 11.pp.107-117. 2001.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicações nas áreas de saúde e humanas.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** *Temáticas*. UNICAMP. v. 44. p. 201-218. Campinas: Unicamp, 2015.

VIVEIROS, Edna; MIRANDA, Maria; NOVAES, Ana; AVELAR, Kátia Eliane. **Por uma nova ética ambiental.** *Engenharia Sanitária e Ambiental*. 20. 331-336. 10.1590/S1413-41522015020000114401. 2015.

WEBER, Elke U. ***Experience-Based and Description-Based Perceptions of Long-Term Risk: Why Global Warming does not Scare us (Yet).*** *Climatic Change* 77. p. 103–120. 2006. <https://doi.org/10.1007/s10584-006-9060-3>

WEINTROBE, Sally. ***Engaging with Climate Change: Psychoanalytic Interdisciplinary Perspectives.*** New York: Routledge, 2013.

WENGRAF, T. ***Qualitative Research Interviewing: Biographic Narrative and Semi-structured Methods.*** London: Sage, 2001.

WINNICOTT, D. W. (1990). **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Huljmand temos 1965b).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ZANCANARO, Lourenço. **O Conceito de Responsabilidade em Hans Jonas**. Tese de Doutorado em Educação. 230f. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Zimerman, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias** (2ª. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Zimerman, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZYLSTRA, Matthew; KNIGHT, Andrew ; ESLER, Karen; LE GRANGE, Lesley. ***Connectedness as a Core Conservation Concern: An Interdisciplinary Review of Theory and Call for Practice***. Springer Science Review. 2014.
10.1007/s40362-014-0021-3.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no Questionário de Triagem

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa”, coordenada pela pesquisadora Sandra Tireck Junqueira. O objetivo deste estudo é avaliar os mecanismos de defesa e como eles são fatores que faltam ser levados em conta em muitos trabalhos e campanhas em defesa do meio ambiente.

Como participante desta pesquisa, você irá participar da etapa de Coleta de Dados, através do Questionário. O questionário de triagem foi projetado com dois tipos básicos de perguntas: de múltipla escolha e texto aberto. Foi idealizado com a intenção principal de medir níveis de preocupação ambiental.

Toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos. Com sua participação nesta pesquisa, você estará exposto a riscos classificados como mínimos, como por exemplo: 1) apresentar desconforto psicoemocional ao responder perguntas do questionário ; 2) inseguranças neste momento de pandemia do COVID-19, embora serão tomados todos os cuidados descritos no protocolo do Ministério da Saúde: Uso de máscara de proteção facial, manter distanciamento mínimo de um metro e meio entre o participante e o entrevistador, manter o ambiente limpo e ventilado, higienizar as mãos com água e sabão ou álcool, não compartilhar objetos de uso pessoal e remarcar a aplicação caso haja suspeita ou confirmação da doença. Caso eles venham a ocorrer, você terá a assistência necessária da pesquisadora responsável, a qual tem formação em psicologia, que após avaliação cuidadosa, poderá dar o encaminhamento adequado.

Esta pesquisa tem como benefícios colaborar com a conscientização sobre os problemas de poluição para a saúde e o bem-estar e o incentivo a implantação de ações de engajamento nas questões de conservação ambiental. Para o participante da pesquisa, o trabalho poderá trazer benefício de propiciar um momento de reflexão e conscientização sobre as questões de conservação ambiental e o próprio papel de responsabilidade a partir do autoconhecimento. A partir da coleta de dados, foi

realizada a análise destes e será elaborada uma dissertação com a apresentação dos resultados.

Sua participação é voluntária e você terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes, durante e após a pesquisa. É importante saber que não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois ela é voluntária pós assinatura. No entanto você será ressarcido por todas as despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa, no que diz respeito aos gastos com locomoção se realizar as entrevistas no endereço da pesquisadora. O ressarcimento dessa despesa será em espécie, no dia da entrevista, mediante comprovante da despesa. O pesquisador garante indenização diante de eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado e guardado pela pesquisadora responsável por no mínimo, cinco anos.

É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, antes, durante e após a aplicação da pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável por esta investigação, Sandra Tireck Junqueira, através do telefone ou WhatsApp (47) 99107-9001, ou se preferir, você também pode entrar em pelo e-mail stj@terra.com.br.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária e isenta de qualquer valor. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br.

Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este consentimento de participação, que está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse da pesquisadora responsável e esta via com você, participante.

Sandra Tireck Junqueira - Pesquisadora responsável

Consentimento de Participação:

Eu.....
.....concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada “Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa. ”, conforme informações contidas neste TCLE.

Joinville, ___/___/___ .

Assinatura do participante

Pesquisadores:

Sandra Tireck Junqueira; Rodolfo Coelho Prates

Endereço: Rua Expedicionário Holz, 149, fundos – Joinville, SC, Brasil Contato: (47) 99107 9001

Comitê de Ética em Pesquisa – UNIVILLE

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, 10 – Joinville, SC, Brasil – CEP 89.219-710

Contato: (47) 3461 9235

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação das Entrevistas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa”, coordenada pela pesquisadora Sandra Tireck Junqueira. O objetivo deste estudo é avaliar os mecanismos de defesa e como eles são fatores que faltam ser levados em conta em muitos trabalhos e campanhas em defesa do meio ambiente.

Como participante desta pesquisa, você irá participar da etapa de Entrevista, através de três encontros presenciais semiestruturadas, com a duração de uma hora cada, no endereço comercial da pesquisadora, localizado na Rua Expedicionário Holz, nº 149, fundos, centro de Joinville, ou no seu endereço, em horário a ser agendado previamente, que poderão ser gravadas. As entrevistas contêm perguntas abertas, sobre a poluição do Rio Cachoeira, como a degradação do rio e das margens provocaram mudanças na sua vida diária e sobre as suas ideias e seus sentimentos sobre essa poluição.

Toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos. Com sua participação nesta pesquisa, você estará exposto a riscos classificados como mínimos, como por exemplo: 1) apresentar desconforto psicoemocional ao responder perguntas da entrevista ou ao trazer as informações durante as entrevistas; 2) inseguranças neste momento de pandemia do COVID-19, embora serão tomados todos os cuidados descritos no protocolo do Ministério da Saúde: Uso de máscara de proteção facial, manter distanciamento mínimo de um metro e meio entre o participante e o entrevistador, manter o ambiente limpo e ventilado, higienizar as mãos com água e sabão ou álcool, não compartilhar objetos de uso pessoal e remarcar a entrevista caso haja suspeita ou confirmação da doença. Caso eles venham a ocorrer, você terá a assistência necessária da pesquisadora responsável, a qual tem formação em psicologia, que após avaliação cuidadosa, poderá dar o encaminhamento adequado.

Esta pesquisa tem como benefícios colaborar com a conscientização sobre os problemas de poluição para a saúde e o bem-estar e o incentivo a implantação de

ações de engajamento nas questões de conservação ambiental. Para o participante da pesquisa, o trabalho poderá trazer benefício de propiciar um momento de reflexão e conscientização sobre as questões de conservação ambiental e o próprio papel de responsabilidade a partir do autoconhecimento. A partir da coleta de dados, será realizada a análise destes e será elaborada uma dissertação com a apresentação dos resultados.

Sua participação é voluntária e você terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes, durante e após a pesquisa. É importante saber que não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois ela é voluntária pós assinatura. No entanto você será ressarcido por todas as despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa, no que diz respeito aos gastos com locomoção se realizar as entrevistas no endereço da pesquisadora. O ressarcimento dessa despesa será em espécie, no dia da entrevista, mediante comprovante da despesa. O pesquisador garante indenização diante de eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado e guardado pela pesquisadora responsável por no mínimo, cinco anos.

É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, antes, durante e após a aplicação da pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável por esta investigação, Sandra Tireck Junqueira, através do telefone ou WhatsApp (47) 99107-9001, ou se preferir, você também pode entrar em pelo e-mail stj@terra.com.br.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária e isenta de qualquer valor. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br.

Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este consentimento de participação, que está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse da pesquisadora responsável e esta via com você, participante.

Sandra Tireck Junqueira - Pesquisadora responsável

Consentimento de Participação:

Eu.....
.....concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada “Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa. ”, conforme informações contidas neste TCLE.

Joinville, ___/___/___ .

Assinatura do participante

Pesquisadores:

Sandra Tireck Junqueira; Rodolfo Coelho Prates

Endereço: Rua Expedicionário Holz, 149, fundos – Joinville, SC, Brasil Contato: (47) 99107 9001

Comitê de Ética em Pesquisa – UNIVILLE

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, 10 – Joinville, SC, Brasil – CEP 89.219-710

Contato: (47) 3461 9235

APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento de para utilização de imagem e/ou voz

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E/OU VOZ

Eu, _____ abaixo assinado (a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens e/ou voz será para fins da pesquisa: “Avaliação das interações entre conservação ambiental e mecanismos de defesa”, cujo objetivo é investigar e avaliar os mecanismos de defesa e como eles são fatores que faltam ser levados em conta em muitos trabalhos e campanhas em defesa do meio ambiente”, coordenada pela pesquisadora Sandra Tireck Junqueira.

Assinatura: _____

Joinville, _____ de _____ de _____

APÊNDICE 4 – Questionário de Triagem

Convido você a participar da triagem para a minha pesquisa de mestrado em Saúde e Meio Ambiente na UNIVILLE, sobre a poluição no Rio Cachoeira. A sua participação é muito importante e desde já agradeço a sua colaboração.

Sandra Tireck Junqueira

Nome: _____

Ocupação: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____

Você reside na região do Rio Cachoeira a mais de 5 anos?

() Sim () Não

Em que parte próxima, ao Rio Cachoeira você mora?

() Região norte () Centro () Região sul () Próximo à Foz

Você aceitaria de ser entrevistado (a) por 2 ou 3 vezes no seu endereço ou no endereço comercial da pesquisadora como parte desta pesquisa? (Os dados ficarão em sigilo)

() Sim () Não

1.Com que frequência você pensa nos problemas ambientais acerca do Rio Cachoeira? (inclusive sobre problemas locais ou fatos acontecendo em outros lugares do mundo).

(0) Nunca

(1) Raramente

(2) Ocasionalmente

(3) Frequentemente

2.O seu pensamento está relacionado a algum desses fatos ou momentos?

- (1) Mudanças climáticas globais
- (2) Ameaça às espécies de fauna e flora global
- (3) Qualidade da água no Rio Cachoeira
- (4) Enchentes e alagamentos regionais
- (5) Não penso em nada acima

O que você pensa sobre os temas acima?

.....

.....

.....

..

3.Esses assuntos são discutidos em família?

- (2) Sim
- (0) Não
- (1) Raramente
- (9) Não tenho certeza

4.Esses assuntos são discutidos com seus amigos, ou colegas?

- (2) No ambiente de trabalho
- (1) Em local de lazer
- (3) Na igreja
- (4) Na escola
- (0) Não são discutidos

5.Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?

- (1) Revistas, livros ou jornais
- (2) Televisão, rádio, redes sociais
- (3) Amigos
- (4) Membro de associações ou grupos
- (5) Observando as condições do rio

6. Quais ítems descrevem melhor seus sentimentos em relação ao Rio Cachoeira ?

- (1) Fico com saudades da época em que ele era limpo.
- (2) Não ligo para a poluição,
- (3) Gosto de usar o rio como local de lazer de qualquer maneira
- (4) Estou satisfeito em participar de ações para melhorar o rio.
- (5) Sinto tristeza com a poluição do rio.
- (6) Não me importo muito com o rio, tem lugares piores.
- (7) É um rio que tem mau cheiro e me dá raiva.
- (8) O Rio Cachoeira é lindo de qualquer jeito.

7. Marque com um X as duas ações que você considera importantes para os moradores próximos ao Rio Cachoeira:

- (1) Fiscalizar o descarte de lixo no rio e nas margens.
- (2) Canalizar ou construir muros para esconder o rio.
- (3) Retirar o despejo de esgoto do rio.
- (4) Incentivar o comércio e indústria nesta região para gerar mais empregos no local.

8. Em que a poluição do Rio Cachoeira te afeta?

.....

.....

.....

....

APÊNDICE 5 - Respostas de triagem dos entrevistados

A partir da metodologia de estudo de casos múltiplos, sentiu-se a necessidade de se extrair uma síntese individualizada dos resultados dos questionários de triagem dos participantes que seguiram para a etapa das entrevistas. Visto que este estudo discorre sobre vários estudos de casos, o que torna o trabalho extenso, esta síntese introdutória permitiu uma visão geral dos participantes a partir das respostas aos indicadores preliminares.

Quadro 1: Alex

<i>Ocupação</i>	Engenheiro mecânico
<i>Idade</i>	39
<i>Formação</i>	Ensino superior
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Centro
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequência com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Frequentemente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	Qualidade da água do Rio Cachoeira
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Acredito que a revitalização dos rios é a melhor alternativa, coleta correta dos efluentes domésticos e industriais, assim como filtragem de águas pluviais.
<i>Discutido em família?</i>	Sim
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	Em local de lazer
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Revistas, livros e jornais
<i>Como descreve os seus sentimentos em relação ao Rio Cachoeira?</i>	Sinto tristeza com a poluição do Rio Cachoeira.

Quadro 2: Flávio

<i>Ocupação</i>	Técnico mecânico
<i>Idade</i>	31
<i>Formação</i>	Ensino médio
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Região sul
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Raramente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	Enchentes e alagamentos
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Penso que realmente não nos preocupamos tanto com algo tão sério assim.
<i>Discutido em família?</i>	Raramente
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	Não são discutidos

Quadro 3: Elisabeth

<i>Ocupação</i>	Do lar
<i>Idade</i>	89
<i>Formação</i>	Ensino fundamental
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Centro
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Ocasionalmente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	Mudanças climáticas globais, ameaça às espécies de fauna e flora, enchentes e alagamentos na cidade de Joinville
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Penso que as pessoas não ligam e não cuidam mais como antigamente.
<i>Discutido em família?</i>	Raramente
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	Não são discutidos
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Televisão

Quadro 4: Jackson

<i>Ocupação</i>	Pastor
<i>Idade</i>	38
<i>Formação</i>	Ensino fundamental
<i>Tempo de residência na região do Rio Cahoeira</i>	3 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Região sul
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Nunca
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	.Não penso em nada acima
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Não conheço a história do Rio Cahoeira, mas ele faz parte da minha vida desde que moro próximo.
<i>Discutido em família?</i>	Não
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	Não são discutidos
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Amigos

Quadro 5: Izabel

<i>Ocupação</i>	Funcionária de indústria
<i>Idade</i>	50
<i>Formação</i>	Ensino médio
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Região norte
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Ocasionalmente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	. Enchentes e alagamentos regionais.
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Penso que o povo paga pela falta de planejamento.
<i>Discutido em família?</i>	Sim
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	No local de trabalho
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Observando as condições do rio.

Quadro 6: Roberto

<i>Ocupação</i>	Operador de máquinas
<i>Idade</i>	30
<i>Formação</i>	Ensino fundamental
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Região sul
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Ocasionalmente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	Enchentes e alagamentos regionais e a qualidade da água do Rio Cachoeira.
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Penso que além do mau cheiro e da poluição, o Rio Cachoeira ainda perde sua utilidade fluvial, que por sua vez poderia facilitar a vida dos moradores da cidade de Joinville.
<i>Discutido em família?</i>	Raramente
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	Em local de lazer
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Observando as condições do rio e através de amigos.

Quadro 7: Sílvio

<i>Ocupação</i>	Auxiliar de serviços gerais
<i>Idade</i>	42
<i>Formação</i>	Ensino médio incompleto
<i>Tempo de residência na região do Rio Cachoeira</i>	5 anos ou mais
<i>Proximidade do Rio Cachoeira</i>	Região sul
<i>Deseja participar da pesquisa?</i>	Sim
<i>Frequencia com que pensa acerca dos problemas ambientais do Rio Cachoeira</i>	Ocasionalmente
<i>Pode descrever com quais fatores o seu pensamento está relacionado?</i>	Enchentes e alagamentos regionais.
<i>O que você pensa sobre esses temas?</i>	Penso que é muito importante para o futuro de nossas crianças.
<i>Discutido em família?</i>	Raramente
<i>Discutido com amigos ou conhecidos?</i>	No local de lazer.
<i>Como você fica sabendo sobre a situação ambiental do Rio Cachoeira?</i>	Televisão, rádio e redes sociais.
<i>Como descreve os seus sentimentos em relação ao Rio Cachoeira?</i>	Fico com saudades da época em que era limpo.

APÊDICE 6 – Roteiro das entrevistas

ENTREVISTAS	PERGUNTAS, FRASES, ESTÍMULOS OU PONTUAÇÕES QUE DEMONSTREM A ENTREVISTADORA COMO PARTICIPANTE ATIVA E EMPÁTICA E NÃO PROVOQUEM RESISTÊNCIAS À FALA DO(A) PARTICIPANTE.
1ª Entrevista	Nesta entrevista será utilizada uma pergunta inicial de estímulo “Conte-me, onde você cresceu? Por favor, comece como desejar e diga o que vier à sua mente”. Essa questão foi projetada para ser abrangente e ampla e deliberadamente inconsciente em relação ao tópico do estudo. Comunica-se que o(a) participante não será interrompido(a) e será incentivado a falar longamente sobre tudo o que lhe ocorrer mentalmente. O uso dessa pergunta ampla e geral permite um contexto possível na entrevista para perceber que tipos de associações inconscientes são formadas para começar com o tópico da água, da natureza, do meio ambiente ou do Rio Cachoeira. A partir disso a entrevistadora poderá acrescentar questões, pontuações, incentivos, que promovam a continuidade das associações do (a) participante durante todo o processo, do modo mais amplo possível.
2ª Entrevista	Lembrar inicialmente a(o) participante qual é o assunto específico da entrevista, pelo qual foi selecionado(a) e em torno do qual ele (a) é convidado(a) a associar suas ideias livremente. Neste ponto, retoma-se alguma associação que o(a) participante trouxe na primeira entrevista, ou algum tópico que pode ser mais explorado, estimulando a confiança em poder falar dele e das emoções que surgem com tal conteúdo ou lembrança. Quanto mais confiante o(a) participante se mostra em compartilhar as suas reflexões, mas a entrevistadora pode levantar questões. Por exemplo: “o que estas coisas significam para você?” e recolher palavras, expressões, sentimentos, mecanismos de defesa presentes na sua mente. A ideia de que os pensamentos estão associados uns com os outros, através do determinismo psíquico inconsciente, é de grande importância para compreender a entrevista dialógica. Neste segundo encontro busca-se estreitar e aprofundar as associações.

<p>3^a Entrevista</p>	<p>Assim como na segunda entrevista, inicia-se dando um feedback a(o) participante, sobre o que se ouviu no encontro anterior, baseada no material gravado e nas anotações feitas, de modo mais claro possível, para que ele(a) percebam o nível de atenção e escuta à sua fala. Pode-se inclusive demonstrar solidariedade através de um breve comentário, em relação à depoimentos de dor, perdas, sofrimento etc. Este aspecto da abordagem dialógica é central para construção da relação de confiança ao se conduzir entrevistas na pesquisa qualitativa. Assim, neste encontro final, pode-se provocativamente levantar perguntas mais diretas sobre emoções sentidas em relação a algum tópico específico que o (a) participante trouxe, ou a alguma perda que ele(a) teve e sobre o qual utiliza mecanismos de defesa. Sempre se demonstrando ser o mais transparente e acolhedora possível. Ao mesmo tempo que buscando bastante foco no tópico ambiental. Para isso, leva-se um cartaz com uma imagem relacionada à poluição ou ao descarte de entulho no Rio Cachoeira, que cumpre esta função de impactar a (o) participante. Este(a) então responde ao cartaz e não à entrevistadora, evitando uma pergunta frontal e direta sobre seus sentimentos em relação a ameaças ecológicas que enfrenta o Rio Cachoeira. Assim, cada entrevista cumpre uma função específica em relação ao conjunto de encontros.</p>
-------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

APÊNDICE 7 – Entrevistas

Participante 1: Alex

Primeira entrevista

S: Bom dia Alex, Conte-me, onde você cresceu? Por favor comece como desejar e diga o que vier à sua mente. Você não será interrompido e pode falar longamente sobre o que quiser.

A: Então, cresci numa chácara na família da minha mãe, no Rio Grande do Sul. O sítio da família do meu pai é em Antonio Carlos. Nesse sítio sempre tive contato com a natureza e sempre tive contato com os animais. Ao longo da minha infância, nesse contato com a natureza, brincávamos no riacho que passavam pelo sítio, no mato, no vizinho. Esse riacho tinha algum contato, era contaminado com o esgoto do vizinho, no terreno ao lado.

S: Já tinha isso na sua infância?

A: Sim, eu me assustava com isso. Os meus primos comentavam que a gente podia brincar alí, mas que a gente não devia beber a água do rio, porque o vizinho às vezes matava boi e lavava a carne no rio. E ia sangue no riacho. Eu perguntava:

“Tá, mas porque ele joga no rio? Porque ele não pega isso e joga em outro lugar?”

Isso eu já perguntava na infância né? Eu sempre ficava encucado com isso. Como que as pessoas desrespeitavam uma questão hídrica? Das águas, rios e dos seus afluentes. Depois foi passando o tempo da minha infância e depois, nessa época da infância, ia para a praia, lá também via muito lixo e ajuntava e jogava na lixeira e ficava bastante triste quando tomava banho e tinha pedaços de plásticos e outros lixos boiando. Até uma vez tinha uma sacola, que eu abri e tinha uma nota de 100 dólares dentro, foi na praia do Jurerê. Provavelmente foi algum turista que perdeu.

S: Veja isso, que surpresa.

A: De fato, porém ficava triste com essas questões. E até estou achando interessante Sandra, porque eu nunca tinha feito um depoimento como este, do ponto de vista do meio ambiente. Tive uma educação de preservação e aprendi a não jogar lixo no chão, não jogar coisas no rio, jogar as coisas no seu lugar devido. Isto foi da minha infância e da minha adolescência.

Veio o início da vida adulta. Quando fui cursar Engenharia Mecânica, aí eu fugi um pouco desse olhar do meio ambiente e comecei a focar nos impactos que a minha atividade como engenheiro poderia ter no meio ambiente. Trabalhei num laboratório de hidráulica e o óleo hidráulico, desses de hidráulica de potência, são muito aditivados, eles possuem muitos solventes voláteis, então começamos a ver o que poderia ser feito para melhorar o ambiente, um sistema de exaustão, filtros na nossa unidade hidráulica e o impacto que esses óleos poderiam ter no ser humano, em nós alí. Teve um episódio que me impactou bastante, teve um vazamento de óleo no laboratório e todos nós que trabalhamos no laboratório, os bolsistas, os mestrandos, os doutorandos tivemos que limpar esse óleo. Eu passei mal, foi ruim. Nós pensamos, vamos procurar um óleo que seja mais biodegradável, menos danoso ao ser humano e a partir daí, como eu passamos a como tive uma educação voltada a preservação de recursos,

A: Eu ficava chateado com o meu pai porque ele queria tirar uma área de mato para deixar só palmito e eu dizia “ deixa as árvores, as plantas, as partes verdes preservadas, deixa a natureza se consolidar. Isso sempre fez parte . Tanto é que

comecei um período da minha vida profissional, depois de formado, plantando no sítio do meu pai. Eu enxerguei isso da maneira mais profissional possível, tudo orgânico. uma área que não tinha sido colocado o round up ainda nem tinha sido plantado nada. Tive um certo sucesso na área de aproximadamente 200 m2. Plantava cebolinha, salsa, alface, couve, rúcula e vendia para os amigos. Porém não era economicamente viável do ponto de vista prolongado. Fiz isto durante 6 meses, preparei terra, adubo, insumos certificados, orgânicos, que eram facilmente disponíveis na natureza. Comecei a aprimorar cada vez mais. Porém fiquei neste nível.

S: Mais para o uso pessoal.

A: Não me envolvo em campanhas do cuidado com o Rio Cachoeira, vamos lá limpar o rio pessoal. Porém eu tenho uma consciência de que não vou pegar esse computador e jogar no rio. Ou eu devo pegar o esgoto doméstico, canalizar e jogar no rio. Por mais que não tenhamos um saneamento básico 100% aqui na região, cabe a cada um, quando vai fazer a construção ou reforma, pegar o resíduo cinza, como chama, do vaso, da pia que tem que ter o processamento, fazer de uma maneira a conectar na rede pública ou filtragem dentro da sua própria propriedade.

A: Conhece Permacultura? Pode até anotar aí e procurar!

Ela prega que tudo que existe de consumo dentro de uma família deve ser produzido por aquela família. As águas cinzas são canalizadas, devem ser filtradas, então não está mais escura, já está mais limpa, pode ser utilizada para diversas finalidades, não para beber, mas para um lago de peixes por exemplo.

S: Você faz isso?

S: Não, ainda quero ter este recurso, esta engenharia, tão primitiva, mas tão inovadora...Muitas casas principalmente na área mais agrícola tem a possibilidade de instalar filtros. Essa questão de autossuficiência é muito importante. Do ponto de vista ambiental...do ponto de preservação de recursos naturais... , eu gosto bastante o desta área, sempre que eu posso eu leio sobre o assunto.

Sempre que tenho a ideia de construir a minha própria casa, penso em construir de maneira que eu consiga aproveitar a luz solar, criar um sistema que retire o calor por meios diferentes, diminuindo a temperatura, aí o vento passa entra vai embora....para diminuir o que? consumo do ar-condicionado, da energia elétrica...tudo está interligado.

A: E esta questão do Rio Cachoeira, ela pode ser trabalhada exatamente com esta questão de com filtros internos nessas residências, desde a sua origem.

O rio Cubatão e o Cachoeira vem do Quiriri, eram sinuosos e já foram canalizados, alinhados em alguns pontos, logo próximo a BR 101 a partir dali já foi mexido, a partir do momento em que foi realinhado, retificado já começa a ter um reflexo, a partir do momento em que foi feito isto, é uma intervenção física, tem um reflexo nas laterais, antes ele se acomodava aqui, enchia essas áreas, agora canalizaram, diminuíram isso, aprofundaram, mas como o passar dos anos ele assoreia e acaba jogando para fora e essa falta de controle traz consequências. Este assoreamento com o passar dos anos, acaba comprometendo a qualidade do rio, não só o Rio Cachoeira, mas os outros rios também.

S: Esse tipo de conhecimento você aprendeu por si mesmo? Você aprendeu na faculdade?

A: É, eu tive uma cadeira de Recursos Naturais que me impactou bastante. Eu tinha uma visão doméstica desta questão ambiental. E aí depois com o estudo abri para uma visão industrial da questão ambiental. Por exemplo: O que faço com esse pó contaminado que está aqui? Vou colocar num local adequado para contaminados e

ele será levado para o local de descarte adequado pela empresa que vem recolher este resíduo. Gera uma guia, um manifesto da FATMA e daí o controle já é terceirizado. Eu vou estudando as coisas, não consigo simplesmente e sair fazendo as coisas, eu não tenho uma característica psicossocial, não vou fazendo as coisas de qualquer jeito, deixando passar sem informações, eu paro, estudo, quando eu adquiero o conhecimento já tenho uma dinâmica mais facilitada e levo isso adiante. Posso fazer isso mais facilmente.

S: É justamente sobre esta sua fala de agora que estou focando a minha pesquisa. A minha meditação sobre o assunto ambiental no meu estudo tem a ver com isso.

As pessoas se incomodam, se preocupam com o meio ambiente. Elas vêem, estão conscientes de que as coisas não estão certas, devem ser feitas melhorias, mas as coisas não andam muito. O meu trabalho visa fazer um diagnóstico da história das pessoas de porquê que as coisas, apesar de a gente ter campanhas sobre o assunto, ter instituições que estão colocando essas orientações nas escolas para as crianças desde pequenas, e apesar de tudo isso, veja você, neste momento em que estamos em campanha política, eu não vi nenhum candidato falando a respeito do assunto ambiental. Então, de que forma a gente pode acolher melhor o ser humano e fazer um trabalho de conscientização nas diversas regiões? Eu penso, tenho uma hipótese que a gente tem que ir às comunidades, fazer grupos de conversas, escutar um pouco essas comunidades também. Não só chegar nas comunidades e dizer, olha eu vou ensinar a vocês a fazer algumas ações, filtragem de resíduos, separação de resíduos tóxicos, não só chegar como um professor ou mestre dizendo “olha, vocês têm que fazer assim”. A gente tem que escutar a pessoas, ver o que elas têm a dizer sobre isso? A gente sabe que elas têm algo a dizer. Como fazer as pessoas se engajarem mais nas questões ambientais? Essa é a minha pergunta. Eu não vou difundir uma solução. Eu vou diagnosticar o que são os mecanismos de defesa que as pessoas usam para dar conta de como a situação ambiental está. A gente não está achando legal, mas a gente meio que releva, faz de conta que isso não é assim tão importante. O dia que eu tiver a minha casa vou fazer, não sei se até o dia em você tiver sua casa vai dar tempo de fazer! A situação está muito caótica. Ver a postura psíquica das pessoas é importante. Seu depoimento hoje demonstrou que você tem uma ligação com a natureza de saber da importância que a natureza tem na vida do ser humano.

A: Nesse ponto sobre o lixo, eu tenho uma visão um pouco diferente. Qual é a minha visão? O cidadão unitário, individual pode reciclar lixo? Pode. Existe uma coleta de lixo reciclável, está resolvido. Tem uma coleta de lixo orgânico? Está resolvido. Tem tratamento de esgoto? Está resolvido. Vamos lá no Jardim Paraíso, tem coleta de esgoto lá? Pode ser que não. Acho que não. O que um cidadão pode fazer? Não pode fazer nada. Ele não vai fazer nada. As vezes tem lixo na rua. Aí entra a campanha com a ideia que você deu. A campanha direcionada para tratar o lixo ela é muito boa, a campanha direcionada para tratar o esgoto resolve onde tem linha de esgoto. Mas aonde eu quero chegar?

Você citou a campanha política. Onde deve ser feita a campanha?

Quem tem que tratar é o poder público.

Todo ano as pessoas se mobilizam, incomodam a prefeitura, em campanha para limpar o rio.

O que tem que fazer para diminuir a quantidade de esgoto lançado no rio?

O cidadão é apenas um espectador, nós aqui, por mais que a gente coloque 10 mil pessoas em volta para limpar, não vai adiantar se o esgoto continuará sendo lançado no rio. É uma campanha pessoal que é longa...Tratando-se do estado já não é mais da nossa alçada. Tem que incomodar o órgão público responsável.

Tem vários casos de rios mundo afora que foram recuperados do ponto de vista do turismo. O Rio Sena em Paris até 19... rio ao longo dos anos

Houve uma campanha a partir do ponto de vista do turismo

Pegar campanhas de revitalização de rios pelo Brasil.

S: Nós temos em Joinville o Comitê do Rio Cachoeira que é belíssimo.

De um modo ou do outro quais mecanismos de defesa a pessoa utiliza para continuar sobrevivendo a gente diminui o problema para poder suportar.

Vendo você e o que você fala, você diz coisas maravilhosas, cheio de ideias, no dia a dia do seu trabalho essas coisas ficam hibernando. Isso só comprova que você é mais um que se encontra neste senso comum.

A mídia faz um discurso de conservação, o governo faz, as empresas fazem, mesmo assim tem tantas coisas a serem feitas.

A: Esta negação dele interfere em mil pessoas.

S: Mas eu vejo também que as pessoas matam os bichos. Não podem ver uma ave voar, ou outro animalzinho que matam. O que significa isso para Antigamente o ser humano tinha como natural devastar a natureza.

A: Do ponto de vista da natureza eu não tenho como tolerar.

Meio ambiente para mim é muito delicado quem quer sujar, poluir, desmatar. Da mesma forma que penso sobre o racismo.

Eu gosto de trabalhar com madeira. Sei da importância da madeira para as construções, a marcenaria e de suma importância para a preservação para as gerações futuras, as crianças. E isso para mim é absolutamente importante. Eu enxergo isso.

S: O que você faz com a madeira?

A: Fiz uma cama Montessori

S: O que uma cama Montessori?

A: É assim em forma de casinha. Usei madeira de peroba rosa. Existe também eucalipto, que já foi introduzido de forma artificial na nossa flora.

Questão do meio ambiente voltada para a madeira, eu sei que temos muita maneira, mas é preciso fazer um manejo consciente. Vai rotacionando. Mas não, tiram tudo, não deixam nada, só que aqui vai durar mais tempo. É um manejo. Em 20, 30 anos você tem o local recuperado. A questão hídrica também é de extrema importância. Será que algum dia ficaremos sem água dessa maneira, de fácil acesso? Que tenhamos que ir ao interior, buscar águas percorrendo longos caminhos, gastando milhões para obter isso? Gastaremos muito.

S: E a gente não é indiferente a isso. Vocês escreveram no questionário que dá uma tristeza.

A: Sim, eu respondi isso.

S: E traz um certo mal-estar, por isso pensamos, melhor voltar o pensamento para outras coisas.

A: Florianópolis era assim.

S: Você nasceu lá?

A: Nasci em Florianópolis e depois fui para São José. Lá também tem um rio lá muito poluído, o Rio Araújo eu pensava, nossa se eu cair nesse rio, estar alí dentro, nesse cinza, me dá um coisa ruim.

S: Você tem alguma lembrança desse rio?

A: a minha lembrança é de que o rio era muito poluído!

Não adianta limpar esse rio e não limpar o rio que está lá no Biguaçu porque é de lá que vem esse rio aqui. É uma discussão longa. Como a

A: Eu me faço valer do meu conhecimento técnico para que eu não fique tão triste.

Eu sei que dá para despoluir de modo mais rápido, mesmo com custos mais altos. E começar um processo de limpeza, se fizer isso já é um avanço enorme.

S: Isso mesmo Alex.

A: Foi a nossa primeira conversa mais longa.

S: Muito obrigada pela sua participação e até a próxima entrevista.

Segunda entrevista

S: Bom dia A., agradeço a sua presença, lembro que os dados são gravados, mas é somente para o meu uso pessoal, é sigiloso, não fica exposta a sua identidade, apenas para a gente dar continuidade a minha pesquisa.

A: Bom dia

S: Como esta é a segunda entrevista, vamos focar um pouco mais na questão do Rio Cachoeira, na questão ambiental. A gente já tem alguns elementos gerais da sua história, onde você nasceu, onde você cresceu, narrados na primeira entrevista. A sua relação com a natureza, o seu gosto, a sua preocupação, você trouxe vários conhecimentos até a respeito de filosofias mais naturais que foram muito interessantes. Contou que você mudou para Joinville a alguns anos e reside na zona sul, próximo ao Rio Cachoeira, na região onde está a Ponte do Trabalhador, o estádio do JEC. Você vinha contando sobre a tua experiência na época em que morava em outra região costeira de Santa Catarina, a praia da Daniela em Florianópolis, e como você percebeu o cuidado de órgãos ambientais e das pessoas a respeito disso. Me conte um pouco sobre o que você pensa disso, a sua posição diante disso.

A: Pensando no Rio Cachoeira, que ele é um manancial que entra ao mar em uma região de mangue e eu tendo um pouco de conhecimento das regiões de mangue em que eu convivi nas regiões de Florianópolis, eu vejo que tem uma importância muito grande. Esse fato de o mangue ser um berço da vida aquática, você imagina o impacto que gera isso gera no rio, seja no Cachoeira ou nos rios de outras regiões, o impacto que isto gera na vida, na fauna marinha destas regiões. Dentro da minha história, do meu contato com o mangue que eu tive ao longo da minha infância na região da praia da Daniela, nas proximidades da praia de Jurerê. Eu vejo que desde a década de 90 eles já tinham um cuidado bastante grande e preocupação com a preservação, por que era um balneário que já tinha um público diferenciado, que requeria uma atenção a esta questão da conservação.

S: Você acha que dependendo da condição cultural das pessoas elas já tem mais noção, é isto que você quer dizer?

A: Sim, exatamente isso mesmo que eu quero dizer. Quanto maior a educação das pessoas, maior a noção de que a preservação é importante, mas tem um viés educacional, financeiro, nisso aí. Independente do posicionamento social da pessoa ela pode também ter esse impacto positivo no cuidado meio ambiente, uma educação ambiental eficiente que seja prolongada, a longo prazo. Nós temos visto hoje que há ações que são tão pontuais que elas perdem a validade com pouco tempo e elas tem que ser permanentes, não podem ser ações de uma prefeitura ou gestão e que na próxima gestão ela caduca.

S: Você lembra de alguma ação específica?

A: Eu, das ações que eu vejo, que eu li ao longo da minha vida, que deram certo, são ações que tiveram uma interferência do poder público para que pudessem ser efetivas. Porque quando a gente trata do recurso hídrico quem cuida dos recursos hídricos é a gestão pública. Não é a gestão privada. A não ser que você tenha alguma

empresa privada que tenha algum trecho de rio que possa cuidar, mas acho muito difícil isso acontecer.

S: O que você quer dizer com o “cuidar”?

A: Cuidar é em relação a preservação. Não emitir efluentes domésticos à rede pluvial, não jogar lixo na beira de rio. Então são ações tão simples de se falar, mas complexas de se resolver e isto impacta muito em algumas comunidades que ficam mais próximas aos rios.

S: Que já não tem tanta escolaridade e um nível socioeconômico menor, é isso que você quer dizer?

A: Exatamente, existem algumas comunidades que estão numa situação social abaixo do desejado, abaixo do limite de pobreza, onde o dinheiro não é para fazer saneamento básico, mas para botar comida na mesa. Agora temos eventualmente exceções de pessoas com poder aquisitivo maior que acabam jogando lixo doméstico nos rios. Mas essas pessoas têm muito mais acesso ao saneamento básico que as outras. As prefeituras acabam provendo o saneamento básico muito mais às comunidades com maior poder aquisitivo, os bairros mais nobres e os bairros mais pobres acabam ficando sem saneamento básico.

S: E as pessoas que têm maior poder aquisitivo e acabam se protegendo e não ficando nas áreas mais degradadas, o que você acha disso?

A: Também, exatamente, as ocupações urbanas se tornam mais direcionadas para locais onde possam ter uma condição de vida mais agradável, com uma qualidade de vida melhor, mais acesso à internet, rede de água e saneamento básico.

S: Seria uma maneira de se proteger, digamos, de que elas não sejam afetadas por esta falta de saneamento e recursos?

A: Também, já é histórico, isso já é formado que o saneamento e a saúde pública estão intrinsicamente ligados, quanto mais saneamento básico, menos lixo sendo jogado fora do sistema de tratamento, maior é a saúde dessas pessoas. Existem mapas urbanos que mostram isso. O sistema de saúde também mostra isso. Quando se pensa em saúde pública se pensa em saneamento básico. Não tem como desvincular as duas coisas.

S: Quando você fala assim A., vejo que você fala de um ponto de vista de organização de uma cidade, e você como ser humano quando se vê inserido numa cidade que tem uma área vulnerável? Onde existe uma área vulnerável, que está num nível de degradação, você acha que mesmo com o poder público buscando esta integração entre saúde e controle de saneamento básico, você acha que isto é suficiente? Você como morador dessa cidade como você vive esta realidade?

A: Primeiramente tenho que imaginar que no local onde eu estou indo morar eu tenha garantia de que os resíduos que eu gero sejam tratados. A partir do momento em que eu veja que não há uma rede que me atenda, vou ter que providenciar um tratamento, seja através de filtragens sucessivas de águas cinzas, o lixo reciclável fazer uma separação e levar para outro local, um lixo que possa ser incinerado, ser incinerado. Mas eu digo isso porque eu conheço isso, mas as pessoas que não conhecem irão fazer um buraco na terra, ou vão acabar jogando em algum córrego.

S: É neste sentido que eu queria buscar os seus sentimentos em relação a isso.

A: O meu sentimento é de que todos devem ter acesso a mesma informação que eu. Não precisa dominar o conteúdo, mas saber e aquilo que elas estão fazendo ao meio ambiente é danoso ou não.

S: Mas se você lembrar alguma situação que faça parte da tua experiência pode falar, se você teve alguma consequência negativa decorrente de alguma experiência.

A: Sim, lembro que no sítio do meu pai tinha um vizinho que acabava fazendo algumas atividades de açougueiro e lavava a carne no local e esta água e dejetos ia toda diretamente para o córrego que passava por dentro do nosso sítio, com o sangue. E eventualmente eu e meus irmãos gostávamos de brincar neste córrego local: pescar, nadar, eu tinha 10, 12 anos de idade, e de vez em quando apareciam partes de gordura e restos. Isto me impactou muito. Juntava insetos e animais diferentes para consumir aqueles restos, como os urubus, por exemplo. Essa condição não foi muito agradável para uma criança que quer brincar num local saudável. Eu tinha consciência de que aquilo não era legal de se fazer.

S: O que acontece na cabeça de uma criança/adolescente, naquele momento em que a natureza é algo positivo, rio bom para se banhar, boa natureza? Aqueles animais apareceram na paisagem como algo estranho, até pelo lado ruim.

A: Eram insetos, ratos, isso não existia alí e apareceu devido a esses restos mencionados. É notório que se encontra isso em regiões de comunidades carentes em que a população tem a saúde prejudicada, não há saneamento. Há a incidência de animais peçonhentos, roedores, insetos que são potenciais vetores de doenças.

S: Na cabeça daquela criança, não é essa a racionalização que aparece, a criança vai ter um sentimento, não é mesmo?

A: Um sentimento, “nossa que cheiro ruim!”, “não é legal estar aqui”, “eu não gosto estar aqui mais”, “aí” eu não vou lá porque tem isso”, cria uma aversão aquele local.

S: Uma aversão que poderia trazer uma ideia de que podia perder esse bom local, uma apatia?

A: Não chegava a esse ponto pois eu sabia que isso não ocorria o tempo todo, seria somente uma questão de horas na semana, não afetou a minha ideia positiva que eu tinha daquele local. Mas isso é diferente para quem, desde cedo mora sobre uma palafita e abaixo dela passa esgoto, lixo. Nós vemos também crianças assim como eu, que eventualmente estão descalços, se banhando num local assim. O que acontece? Aí advém uma educação adulta. De cima para baixo. E não de baixo para cima. A partir do momento em que a criança começa querer ensinar o adulto que proteger o meio ambiente é bom, é sinal que o adulto falhou e a criança está aprendendo de um terceiro. Eu recebi educação ecológica na minha escola e eu levava para a minha casa, transferia para os meus pais, para os meus primos. Isto era inconsciente, eu lembrava o que tinha aprendido na escola, e acabava falando o que eu havia aprendido. Desde sempre eu tenho essa consciência de que não deixar lixo no local onde não deve ser deixado. Não se pode deixar as crianças e os adolescentes sem educação ambiental.

S: Enquanto você falava eu pensava na diferença que existe mesmo entre as famílias de poder aquisitivo mais baixo que moram em lugares sem saneamento e ao mesmo tempo quando eu escuto uma família de imigrantes que vieram morar em Joinville, passando por problemas da falta de saneamento também, mas com outros hábitos. Você está falando nesta questão da educação, mas elas também não têm nelas isto que você fala que as coisas são passadas de geração em geração. Eles moram nestes lugares e não fazem nada com esses seus dejetos, seu lixo.

A: Fora que somos amparados por leis ambientais muito rígidas no Brasil e que não são cumpridas. Sabem que existe a lei e a população não segue e deveria seguir a mesma lei, mas se aloja numa área invadida, onde não tem luz elétrica. Qual o papel do povo e qual o papel do poder público e da prefeitura? Isto me dói.....se alojam numa área invadida, a pessoa não tem energia elétrica, água encanada, as pessoas vão ter que se virar de outra maneira, então qual o papel do povo e dos órgãos públicos? Os papéis não são os mesmos. Eu não iria construir o saneamento básico,

eu mesmo vou construir? Quem vai fazer? Vai subindo as instancias. E qual o interesse do poder público em resolver isso? Hoje a gente está tratando de água, de efluente, mas e as outras coisas? Isso é um trabalho de longo prazo, eterno. Para que, voltando ao Rio Cachoeira, o que tem que ser feito para deixá-lo 100% limpo? Tem que começar de cima, o que está acontecendo lá em cima? quais são os maiores poluidores do rio? Isto é um problema que deve ser visto desde a nascente. Será que é aquele povo que joga sofá no rio, ou a indústria que está jogando os resíduos.....o saneamento demanda muito dinheiro. Concordo mesmo.

Do ponto de vista do Alessandro o que posso fazer? Não posso fazer muito. Não tenho muito o que fazer. Fico chateando por não poder fazer muita coisa, vou sair fiscalizando? Vou sair batendo de casa em casa? Você está ligado na rede? Você está jogando lixo no rio?

Aí eu fico sem saber.

Terceira entrevista

S: Estamos na terceira entrevista, você está vendo algumas imagens projetadas que mostram “cenas” e no nosso último encontro você terminou falando sobre coisas bem importantes, sobre seus sentimentos em relação a conservação ambiental, particularmente em relação ao Rio Cachoeira. Agora você pode trazer as suas impressões.

A: Então esse tipo de imagem é muito mais impactante do que um sofá sendo jogado no rio. Porque são efluentes domésticos que são jogados constantemente, existe uma continuidade, e este tipo de situação que provavelmente era que já vem de longa data. Já começou errado lá no passado. Esse passivo que existe, precisa ser eliminado de qualquer maneira. Qualquer conexão que exista da cidade para o rio precisa ser eliminada. As águas pluviais precisam ser filtradas, precisam ser colocadas redes de contenção para os objetos poluentes, para que as águas sejam devolvidas para o rio e do rio para o mar. Não tem problema você deixar ir para o rio águas que tem barro, por exemplo, isso faz parte da natureza, mas o que a gente não pode permitir é que esses lixos domésticos sejam atirados no rio de maneira criminosa..... Esta questão precisa ser abordada. O que eu posso fazer?

A segunda imagem que dá a impressão de que há uma estrada e de que as pessoas simplesmente param e vão jogando o lixo aí. As pessoas estão fazendo uma limpeza no rio e esse movimento com as crianças é extremamente importante. As escolas. As gerações que estão vindo, nas crianças terão uma consciência ecológica e daqui a 15 20 anos teremos um rio Cachoeira renovado onde poderemos pescar, navegar, utilizar algumas áreas com remo.

Esta foto é um retrato fiel do que deve ser feito desde sempre.

Agora o que eu posso fazer?

Hoje não participo de atividades. Agora aqui me abriu os olhos para me envolver mais com a cidade. O objetivo do ser humano é servir. O nosso serviço é preservar. Temos uma longa jornada aqui na terra.

S: Aqui outra imagem, atividade de lazer, as coisas parecem estar um pouco melhor e as pessoas podem voltar a ter uma conexão com esta área onde se mora como uma área de contato com a natureza, que você demonstrou uma grande afinidade com a natureza durante a sua história de vida.

A: Hoje estou muito urbano. Gosto da região do Quiriri.

S: O que significa para você estar em contato com estes espaços naturais no nosso entrono?

A: Acho muito importante saber que isso existe, para que a importância desses espaços verdes sempre e perpetue, de você ir e ver que tem um rio totalmente limpo. Porque eu tenho que ir longe 10km se eu posso ter o rio limpo do lado da minha casa? Quando eu olho a imagem do Rio Cachoeira penso quanto de dejetos não tem no fundo desse rio? Ao longo de todos esses anos? Teria que retirar os dejetos. Correria o risco de se machucar se entrar no rio. Só que fora desse ambiente você tem uma segurança água transparente, mas sei que tem dejetos. Isso tem para mim uma impressão negativa.

S: Essa imagem é da região sul, a Ponte do Trabalhador. Vê-se a mata ciliar preservada. O mirante, a Baía da Babitonga.

A: A gente vê que tem tanto campo para preservar este rio, a gente vê que ele não está morto. Quando o rio está morto fica mais difícil, quando o rio está vivo e a flora toda então ações para serem tomadas. Qual o meu papel aqui então? Meu papel é começar mobilizações, mobilizações locais.

S: Como você faria?

A: O que podemos mobilizar para colocar uma coleta seletiva o que vocês precisam receber para tratamento em fossas caseiras., o que pode ser feito preventivamente para um tratamento prévio, porque não tem problema uma matéria orgânica lá. Essa matéria orgânica vai para o rio e o rio consome isso, através de bactérias. Também tem que denunciar, a denúncia é o pai da retratação, a mãe da preservação porque a partir de uma denúncia a pessoa pensa “então não vou mais fazer isso”, vou jogar em outro lugar. Esses são os instrumentos que eu tenho na minha mão, claro, que isso envolve mais tempo, mais recurso, contatos e tem que denunciar.

S: Eu achei interessante você falar como este espaço que a pesquisa está favorecendo para rever o que está escondido dentro da gente.

A: Nós não queremos ver. Eu falo por mim. Como eu vivo? Passo com meu carro por cima de pontes, mas não faço nada.... esse não fazer nada me machuca, mas não me move. O que teria que acontecer comigo? Algo referente a poluição. Essa conversa aqui contigo é de suma importância. Isso tem que ser estendido a mais pessoas. Pessoas que tem maior influência num ponto como este tem maior importância. Pessoas que estão lá comunidade também tem importância.

S: como ela vai ser mobilizada para fazer isso, o que você acha?

A : Ela precisa ser abordada, a não ser que você vá lá, faça uma entrevista,

S: Você acha que só eu indo lá e dizendo, isso será suficiente?

A: Não só isso. Faz com que as pessoas pensem sobre o tema. Soluções que são impostas, obrigatórias, faz com que as pessoas se sintam avessas. Por exemplo, dizer que elas não podem mais jogar o lixo no rio não é o caminho. A conversa deve ser mais agradável para a pessoa ter um bate-papo como se fosse um seminário. Mostrar as imagens, colocar perguntas sobre como poderia ser melhorada a região.

Eles não enxergam o benefício. Eu tenho mais o benefício visual da área, de odor, da fauna marinha, lá na Baía da Babitonga, que já está bem melhor, já foi uma das áreas mais poluídas...Acho que com as empresas já foi feito um trabalho acho que agora é mais o esgoto doméstico. Agora tem que ser feito mais um trabalho com as pessoas. A melhor ferramenta que nós temos hoje.

S: Interessante as suas observações. Essas coisas que a gente discutiu. Elas já existem no mundo todo. Eu sigo uma proposta de uma jornalista de colocar em prática esses tipos de ações que você mencionou e pontuou.

Há algo nas nossas entrevistas que seguem uma escuta psicanalítica, mas que transpõe o setting analítico e vai para o social. Vai com a ideia de Freud, ele já dizia isso. A gente começa na primeira entrevista. O cerne da pesquisa. Esta ida às

comunidades serviria também para ouvi-las. Não adianta chegar lá e dizer o que está errado. Com soluções expostas. As pessoas podem criar uma resistência maior ainda. No entanto quando a gente ouve as pessoas elas dizem todos os problemas que elas têm, elas se sentem tão acolhidas. Inclusive podem ter passado por problemas diretamente associados à poluição.

A: O que acontece? Uma das outras ações que podem funcionar são as limpezas generalizadas. Chega no local onde está sujo, faz uma limpeza geral e mostra, olha como estava antes e como deixamos agora? A preservação aqui é um assunto que não vai sair desse local. Fazer um processo de vigilância. As pessoas se sentem mais intimidadas. Não adianta, tem que controlar, fiscalizar, denunciar. Mostrar os benefícios do ambiente limpo, mostrar que terão benefícios, mais saúde física, biológica, até o ponto em que vai sozinho, fazer trabalhos sempre nestes locais. Algumas pessoas pensam que tem o direito de degradar, jogar lixo. Mas também tem o direito de preservar, conservar. A mata ciliar também é uma forma de barrar o acesso ao rio para evitar o descarte de lixo e móveis no rio.

S: Esta imagem é próxima ao Rio Cachoeira no centro, um passeio, com uma exposição de artes, o local sendo utilizado para lazer.

A: Porque a Prefeitura não faz nada? Que cheiro ruim!

S: Foto das aves que migram da costa para as plantações de arroz e voltam ao entardecer.

S: Foto antiga com o local onde chegavam os barcos dos imigrantes.

A: Fotos antigas nos tocam, vemos a mudança que foi feita .

S: muito obrigada pela sua participação.

Participante 2: Flávio

Primeira entrevista

S: Eu gostaria de te escutar, não vou te interromper, por exemplo, me conte onde você cresceu? Fale um pouco de você. Por favor comece como desejar e diga o que vier à sua mente.

F: Eu sou natural aqui de Joinville, tenho 31 anos eu nasci e cresci até os 7 anos em Pirabeiraba, eu tive bastante contato com o rio Cubatão. O rio Cubatão passava no final da minha rua, toda oportunidade que tinha a gente ia para o rio.

S: Que lembrança boa!

F: Com 7 anos eu fui morar no Morro do Meio. Nesta época eu tive bastante contato com o rio Piraí, também sempre quando tive oportunidade estava indo para o rio, me divertindo com os amigos. Estava piazão assim e ia para o meio do mato para brincar e agora eu moro no Boehmerwald, to ali a 3 anos e tal, não tive muita experiência assim ali até mesmo na área que eu moro não tem muita vegetação.

S: Não?

F: Não...

S: E como você se sente com isso?

F-Ahh... a gente é acostumado antigamente ali quando morava no Morro do Meio ter o convívio perto de matas e de rios então isso é bem importante...

S: E porque você foi para lá?

F: Foi porque eu me casei e minha esposa era de lá.

S: Entendi.

F: E me mudei, ficava melhor para ela.

S: Sim, e como é para você Fábio, ouvir essas notícias todas, quero dizer do clima em geral dessas mudanças climáticas, como você recebe essas notícias?

F: Na verdade é o que sente né? Porque eu tenho 31 anos e há 20 anos atrás não era esse calor todo, esses temporais que tão dando hoje, então hoje a gente tem na pele o que não sentia antigamente. A gente vê o descaso nosso mesmo não pode falar muito... não pode falar muito do governo, dos governantes, o descaso é nosso também... a gente não cobra tanto quanto deveria cobrar então está sendo um pouco radical.

S: Ainda mais para você que nunca precisou pensar nisso, teve uma infância boa, brincou nos rios quando eles eram bons né...

F: Exatamente, convívio no mato, ali era mais fresco, morar perto de rio e mato é mais fresco. E tu vai para uma área mais situada e já sente um pouco mais. Até o ar que tu respiras é diferente não é o mesmo ar.

S: Enquanto criança vai para a água com os amigos, vai pra natureza hoje você está num lugar onde se sente abafado, parece que não tem fim de semana não é mesmo?

F: Quando era criança tinha amigos que tinham sítios, no sítio é totalmente diferente, tu ouves o barulho da mata, dos passarinhos tu se 'ambientalisa' então tu relaxas, agora na cidade não relaxa mais... vizinho berrando, moto buzinando, carro passando daí eu moro perto de um colégio e as crianças berram.

S: Você sente falta um pouco do teu passado?

F: Ahh com certeza, com certeza, **o meu passado era muito melhor!(5)**

S: Você tem alguma lembrança, que te passa na cabeça para me contar, uma coisa boa, assim, alguma cena assim de você criança, que você lembra?

F: Sim, lembro lá onde é a parte de trás do Golf Clube em Pirabeiraba, dava bem certinho na minha rua, bem no finalzinho da rua, daí ali passava um rio, daí a gente juntava todo mundo, toda a molecada ia lá, passava basicamente o final de semana inteiro no rio pescando.

S: E o que pegava naquela época no rio?

F: Cascudo, cará, as piavinhas.

F: Daí ali mesmo muitas vezes a gente levava as coisas de casa, panela, pegava da mãe escondido, fritava lá mesmo. Brincava de acampamento, passava o dia inteiro lá, daí a gente não incomodava os pais, tinham um pouco de sossego e a gente estava lá se divertindo, sempre tinha alguns mais velhos, a gente se divertia. Vinha sujo para casa, era sinal de que tinha se divertido.

S: Isso é luxo hoje em dia.

F: É luxo e muitas crianças já não querem mais fazer isso agora. Pega uma criança e leva num lugar, num barreiro para brincar e brincar na lama, as crianças não querem fazer isso, -"não, hoje não, não".

S: Você tem filhos?

F: Sim, tenho, mas meu filho é especial, então...ele tem, teve hemorragia cerebral quando ele nasceu, três dias depois. Daí tem epilepsia e deficiência intelectual.

S: Deficiência...?

F: Intelectual

S: Não entendi

F: Deficiência intelectual

S: Intelectual

F: Isso, e a dele é a severa...

S: Deve ser difícil.

F: Em decorrência da hemorragia que ele teve.

S: Ele tem que idade agora?

F: Tem 7 anos

S: Ele já vai para a APAE, alguma coisa assim ou ainda não?

F: Não, atualmente ele está fazendo acompanhamento no Instituto Dona Ana, ali no bairro São Marcos. Mas ele já acompanhou na ACD, na ACD ali no Adhemar Garcia e no NAIPE também.

S: Sua esposa dá apoio?

F: Isso, ela tem feito corridas de consulta, terapia, atrás de remédio, e então ela está sempre ocupada com ele. Não trabalha.

S: É uma luta hein?

F: É uma luta, é uma luta, uma luta diária.

S: Eu sei é difícil.

F: O meu filho usa fralda, com todas as neurologistas que ele acompanhou até hoje falam que ele tem traços autistas também, mas só que ninguém fecha diagnóstico então a gente não pode dizer que ele é autista, mas tem agressividade, falta de comunicação ele não fala e a falta de interação que ele tem com as crianças. Estes são traços autistas, mas só que eles não fecham, não fecham o diagnóstico.

S: A questão não é tanto você ter o diagnóstico, mas começar mesmo a botar ele em estímulos, leva nos lugares para começar a aprender, a educar, pelo menos socializar alguma coisa sempre ajuda.

F: É... ele faz a equoterapia ali em Pirabeiraba, é o que mais ajudou no desenvolvimento dele, foi esse contato com os animais. Fica ali perto do Rancho Timbó, o nome do lugar é Viver equoterapia, é pela faculdade, ACE. Os terapeutas de lá são alunos e fazem o estágio deles lá e fazem a terapia e ali tem um convívio com a natureza.

F: É bem retirado. Ele também gosta muito de água né então a gente leva para a praia.

S: Como é o nomezinho dele?

F: Cauã

F: Levamos para a praia, para rio e ele faz a festa, piscina. São curiosos, querem sentir as coisas. Ele toma bastante medicamentos e os medicamentos dão sono nele. Uma época minha esposa o levou e a moça falou que a dose dele era muito alta e mesmo assim ele está lutando agora para dormir. Ele toma o que é para a epilepsia o Clonazepam para a epilepsia, Oxelanepina e tem vários outros medicamentos que ele tomou também.

S: E daí está segurando um pouco as convulsões? Ou ele convulsiona do mesmo jeito?

F: Ele convulsiona bastante... ele começou quando era pequeno com o fenobarbital e daí com 6 meses deu uma crise severa nele e daí fecharam o diagnóstico Síndrome de West. Tem muitas convulsões uma atrás da outra, até 60 convulsões por dia

S: Pois é...

F: Daí começou a fazer o acompanhamento para ver quais medicamentos iria fazer o efeito.

S: Isso acaba com os pais né?

F: É assim né... é pesado é sufocante.

S: É pesado né?

F: Sim, porque denota uma atenção muito maior.

S: Sim

F: Então tem que estar sempre focado nele e ultimamente as crises que dão nele geram refluxo, vomito, então muitas vezes a noite tem que estar dormindo e ao mesmo não dormindo.

S: E você tem que descansar para poder trabalhar...

F: Descansar para poder trabalhar..., mesmo assim é... pai né. Hoje a gente está levando-o para dormir um pouco mais tarde porque, igual hoje era quatro hora da manhã ele estava acordado. Eu tenho o sono muito leve eu não consigo voltar a dormir. Quando chego em casa do trabalho brinco um pouco com ele, tomo banho, converso com a minha esposa até 21h, 22h por aí e daí que eu vou dormir. Daí é relaxante, igual por exemplo, toda sexta feira a gente faz um futebolzinho então da aquela distraída.

S: Sim, precisa... e a tua esposa, ela está aguentando firme ou ela reclama?

F: Não, ela reclama, a reclamação dela é mais quando dá esses picos agressivos nele, porque daí realmente é, quando a gente está em casa com ele é estressante, porque ele vem, ele quer atenção, morde, ele puxa o cabelo, ele belisca, então ele vem para cima. Hoje o que ajuda bastante é música, algumas músicas assim que ele gosta então vai passando bastante tempo quando ele está em casa, ela coloca música para dar uma relaxada. Com o brinquedo que faz barulho, tem um tecladinho dele lá que faz um monte de barulho, é irritante, mas para ele é a melhor coisa. Sempre escolhe esse, e está escondidinho lá. Ele vai procurando, procurando e achando os brinquedos. Ele não tem ciúmes dos brinquedos, pode ir qualquer criança lá, eu tenho os afilhados que vão lá de vez em quando e brincam..., mas tu podes levar um carrinho, uma bola para ele é a mesma coisa que nada. Ele gosta do que faz som. A gente foi sempre tentando, sempre tentando dando as coisas para ele para ver o que aliviava, quando estava lá ACD a psicóloga sempre falava tenta ver o que é agradável para ele. A gente sempre foi se adaptando para o desenvolvimento dele.

S: Então está bem F., primeira entrevista é isso aí que eu queria mesmo, te conhecer, conhecer um pouco assim onde você cresceu, teu contato com a natureza, teu estilo de vida hoje, como você sente falta e como essa situação também do teu filho acaba sendo a prioridade.

F: 100% é ele, a gente se esquece um pouco para priorizar ele.

S: Obrigada pela tua cooperação.

Segunda entrevista

S: Bom dia Flavio. A gente começa agora a segunda entrevista da nossa pesquisa, e quero te agradecer novamente a participação. E... isso, então nessa segunda entrevista vamos retomar um pouco, né, as partes importantes que você trouxe na sua primeira entrevista. Você contou um pouquinho da sua história, e nessa segunda entrevista, então, é associação livre, você vai associando livremente. Mas lembrando que o foco da pesquisa é a poluição ambiental do Rio Cachoeira, essa área tão degradada da nossa cidade. E da outra vez você contou, até, da sua infância, da sua relação com o rio, né? E nesse momento, então, depois daquela primeira fala, eu não sei se te ocorreu durante esse tempo que a gente deu de espaço entre a primeira entrevista e agora, se te ocorreu mais alguma coisa, assim, que passou na tua cabeça. Às vezes nos dias seguintes, fica pensando mais alguma coisa sobre esse rio, ou sobre a poluição em geral, no mundo... eu queria que você falasse um pouquinho em relação a isso.

F: Então, em relação ao Rio Cachoeira, assim, falando politicamente sobre essa questão, eu acho que já está um pouco melhor do que a gestão antiga. Você já vê que o centro, hoje... o visual do centro hoje é melhor.

S: Verdade.

F: É verdade. **Se você olhar a gestão antiga, o jeito que deixou aí essa questão... o novo prefeito está começando agora...(3)** está bem legal. Mas o foco do Rio Cachoeira ainda falta muito, né?

S: Falta!

F: Falta muito, falta muito ali. Não tem um... eu acredito que não tenha um foco geral só nele. O governo passado até tentava fazer uns tratamentos com cloro, para limpeza da água. Mas atualmente está bem defasado, assim.

S: Você tem passeado pela região do Rio Cachoeira?

F: Até, no final de semana passado a gente, eu e minha esposa, fomos dar uma volta no centro e passamos perto ali. Mas ainda está com o cheiro ruim, pode melhorar mais.

S: É, muda com a maré cheia e com a maré vazia, né?

F: Muda muito, e assim, você passando perto ali sente um odor. Ainda está cheiro ruim.

S: Está feio, né?

F: Está feio. E como houve bastante erosão as árvores que estavam ali perto que tiravam um pouco desse cheiro, assim, caíram, né? Então...

S: A mata ciliar, né?

F: Mata ciliar, isso.

S: É muito importante. Às vezes as pessoas não entendem o quão importante são os verdes para filtrar, justamente, né?

F: Exatamente, ali **eu acho que ainda deveria ser plantado mais árvores(7)**, para auxiliar mais.

S: É.

F: Até mesmo na questão do assoreamento, né? Se você for olhar na rua ali da prefeitura, ali o asfalto é todo rachado. Então, se tivesse um contingenciamento ali com árvores acho que seria...

S: Seria melhor né?

F: Seria melhor.

S: Aham. Tua esposa também comentou do mau cheiro?

F: Ah, sempre comenta, né? Não tem, acho quem passe naquela região não reclamar do cheiro. O cheiro é muito forte. Até mesmo o visual, né? Aquela água ali está muito turva, preta. Aí a gente sente.

S: Vocês tiveram algum sentimento, você lembra, assim, de... o que veio dentro de ti quando você estava lá no centro passeando com a tua esposa? Naquele ambiente natural.

F: Ah, **o sentimento é que é ruim a gente ver antigamente como que era e agora do jeito que está, do jeito que se tornou. E olhando, tipo, ainda tem muitos dejetos, muito esgoto que vai ali. Acho que é algo que, tipo, é lastimável.(2)** Por que uma cidade tão grande quanto Joinville e o tratamento de esgoto não chega nem a 50% ainda...

S: É.

F: Daí, até resolverem isso vai demorar.

S: No bairro que vocês moram, ali nessa região, agora está mais na região sul, lá não tem ainda esse saneamento... não tem esgoto, ligação?

F: Não, ainda não.

S: Não, né?

F: Lá é só em áreas específicas. Acho que é mais na região ali do Paranaguamirim.

S: Entendo.

F: Que é perto, lá, da área de tratamento de esgoto.

S: A sua residência tem a fossa séptica?

F: Sim. Tem porque eu moro numa casa alugada, então o dono teve que se adequar.

S: Teve que se adequar, mas não era antes?

F: Não.

S: Como que eles faziam? Achavam uma tubulação e ligavam clandestino?

F: Acho que era direto no esgoto, né? Na tubulação do esgoto lá.

S: É. Esse dado eu colhi de uma outra entrevista, e eu fiquei pensando sobre isso. Tá, se não tem fossa séptica, mas como que as pessoas têm suas casas, o que fazem? Por que bem antigamente tinha aquela famosa casinha no sítio, assim, né?

F: Verdade.

S: E então na área urbana como que é? Daí eu tive um relato de uma pessoa que falou “ah Sandra, mas o pessoal liga no primeiro tubo que encontrar, não sabe pra onde vai, mas liga”.

F: É, isso é ruim, né? Ainda mais hoje a... A vigilância ali é bem rigorosa.

S: É? Tem fiscalização?

F: Tem fiscalização.

S: Você já encontrou fiscal na região?

F: Já, até mesmo na casa do meu irmão lá, quando a gente foi construir... meu falecido irmão... quando ele foi construir teve um fiscal lá e falou que tem que ter a fossa, assim, tudo certo. E eles foram lá e fiscalizaram.

S: Olha só, que legal.

F: Ah, tem que ter, né? Tem que ter.

S: É. Será que é muito caro para as pessoas fazerem isso?

F: Ah, hoje em dia eu não sei o valor, o preço.

S: É, por que não fazem, né?

F: Tem que fazer, né, é uma coisa que vai ajudar toda a geração futura. Então... e a questão de saúde, então... porque muitas vezes quando você liga uma tubulação direto lá no tubo da rua, muitas vezes isso ali é uma água fluvial. Então você está poluindo ao invés de estar ajudando.

S: E outras formas de consciência ambiental, elas são conversadas na sua casa? Você e a sua esposa fazem algum tipo de... separam material plástico, papelão do material orgânico?

F: Ah, sim, sim. A gente separa, até mesmo porque o dono da casa também é dono de uns comércios ali também, então a gente usa o mesmo lixeiro, e ali é tudo separado. Então a gente não pode jogar...

S: Fantástico! Olha só, que bacana. Legal mesmo.

F: É, e se a gente precisa algum móvel jogar fora ele fala “ó, segura dentro da sua casa, liga pra prefeitura e no dia que for vir recolher você coloca pra rua”.

S: Entendi.

F: Aí a gente tem essa consciência.

S: E no teu trabalho, o que você sente, assim, na empresa que você trabalha, a empresa tem consciência ambiental?

F: Tem, tem. Ultimamente está sendo bem criterioso. A nossa técnica de segurança está sempre cobrando, para a gente estar se analisando e analisando os outros para ver se está sendo feito esse descarte correto. Tanto do lixo contaminado quanto do lixo comum e lixo reciclável.

S: Você acha que tem alguma forma a mais de melhorar a qualidade de vida do ser humano nesses anos atuais que a gente vive? Assim, a gente como cidadão consegue fazer alguma coisa? Ou você acha, assim, que a gente vai ter que esperar o poder público fazer alguma coisa? O que você pensa a respeito disso?

F: Hoje muita conscientização própria. Tipo, a pessoa fica esperando muito do governo, mas não tem a consciência própria de querer mudar. Então hoje, se você analisar, se for no centro de Joinville as pessoas estão muito à mercê do automóvel. A Joinville que já foi famosa por ser a cidade das bicicletas, hoje você vê pouca bicicleta. As pessoas não estão fazendo isso na rotina, as pessoas estão fazendo isso mais como um exercício do final de semana, “ah vamos pegar a bicicletinha e vamos dar uma pedalada”.

S: Entendi.

F: Já passou a época que “ah, vou trabalhar de bicicleta pra economizar”, tanto economizar financeiramente como para ajudar o meio ambiente.

S: E você acha legal, Fábio, assim, a gente fazer movimentos em grupos? Por exemplo uma associação do bairro, uma conversa com as pessoas, para ver o que elas pensam sobre isso. Você acha que isso seria uma maneira de conseguir que as pessoas se engajassem mais nessa questão?

F: Ah, **seria interessante, seria interessante.(3)** A gente não vê isso acontecer.

S: Você nunca participou de nada?

F: Não, não. Nunca... é a primeira vez que eu estou vendo uma pessoa ressignificando tudo.

S: Muito bom.

F: Então seria interessante uma associação de bairros, a igreja, ou até mesmo com órgãos da prefeitura estar fazendo essa pesquisa com a população. Tanto se conscientizando como também pegando sugestões.

S: Isso. Ouvindo.

F: Isso, ouvindo.

S: Porque o grande propósito do meu trabalho é justamente ouvir pessoas como você, que nunca participaram, que nunca deram a sua opinião, o que você pensa não está registrado em lugar nenhum. Então, agora você vai ter voz, vai estar aqui em algum lugar essas tuas sensações sobre esse assunto, né?

F: Ah, que bom.

S: Que bom, né? Também fico feliz de estar... de ter tido essa iniciativa, assim, sabe? E então está bem, Fábio, então tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, que te passou na mente, assim, enquanto a gente conversava? Qualquer coisa, não precisa ser desse assunto, uma outra coisa que você gostaria de falar?

F: Não, acho que... agora seria mais nesse foco mesmo. Mas eu te parabenezo também pela iniciativa. Foi muito gratificante participar.

S: Até a próxima, temos mais uma entrevista ainda.

Terceira entrevista

S: Olá, Flávio! Tudo bem?

F: Tudo.

S: Então, Flávio, cá estamos nós na terceira entrevista, né? Essa é a entrevista final dessa sequência que a gente vem trabalhando, a nossa visão sobre essa área maravilhosa da nossa cidade, e ao mesmo tempo tão poluída.

F: Tão poluída.

S: E se passa desde lá da nascente, que começa lá no norte do município e desemboca ali na foz, na Baía de Saguassú ali na Tupy. Que também leva sedimentos enormes. Então, para a gente ter uma aproximação visual do tema, irei projetar aqui para você algumas fotos. E daí eu queria que você comentasse um pouquinho sobre o que você imagina que seja isso.

F: Aí é uma destinação errada, né? Porque se tu olhar hoje, aqui em Joinville a gente tem uma coleta de móveis que tem uma destinação certa, então, aí foi a destinação errada. Ao invés de chamar a prefeitura para recolher, provavelmente o cidadão deixou esta cadeira perto de um rio ou até mesmo na rua.

S: Pois é, você vê, né? E essa cadeira parece que é até usável ainda, de certo modo. Por que alguém faria isso? Nos tempos atuais?

F: Exato, né? Poderia doar, tem tantas pessoas hoje que estão iniciando a sua vida sozinhas e precisam de alguma coisa, poderia ter usado.

S: E tanto que a gente conversa sobre... tem um lugar para descartes e as pessoas ainda...

F: Ainda... **a educação ambiental aí é essencial.(3)**

S: Aqui a gente tem uma espécie de ave marinha que habita essa região.

F: É, a nossa biodiversidade aqui é muito bonita, né? Você vê tipo uma garça... o habitat dela, assim, a gente podia auxiliar bastante. Só que, hoje, **o crescimento nosso está cada vez afetando mais a biodiversidade.(7)**

S: Pois é. E eu até vejo nos teus olhos, assim, tu até achou tão bonito, dá uma alegria, não é mesmo?

F: Ah, dá, né? Tu ir para um campo, tipo, para umas áreas mais retiradas de Joinville aqui, tu vê isso aí, e tu vê que a gente está se encaminhando para que isso se acabe. A política ambiental, hoje, é muito aquém do que a política de construção para a ampliação da cidade.

S: Imobiliária, né?

F: Isso, imobiliária.

S: Por isso que não tem ninguém dessa área na minha pesquisa (risos). Porque influência de modo negativo.

F: Exatamente. Aí está o ícone da cidade, né? (risos), a capivara. Ali no zoo botânico isso... tu vê várias delas.

S: Você vai muito lá?

F: Ultimamente eu vou pouco, até com essa questão da pandemia aí. Mas sempre eu e minha esposa, meu filho, até os amigos gostavam de fazer piquenique ali.

S: Ele entende, o teu filho, se ele vai lá, se ele vê os bichos ele gosta?

F: Ele gosta de estar livre, né? Nessa... no ar fresco. Mas assim, o entendimento dele é bem pouco. Mas só que, um cachorro, um cachorro ele gosta, ele aperta, sente o pelo.

S: Vocês têm cachorro?

F: Não. Ele gosta quando a gente vai na minha cunhada, que lá tem cachorro. Daí ele vai lá, amassa o cachorro, aperta.

S: Que idade ele está mesmo?

F: Ele está com sete anos.

S: Sete...

F: Sete.

S: E está indo na AMA, né? Ou não?

F: Ultimamente ele vai no Instituto Dona Ana.

S: Dona Ana?

F: Isso, Instituto Dona Ana. Aí também, né, mais um dos ícones, que é o jacaré. Mas se você olhar a água, a coloração da água não está tão ideal.

S: É. **É dito, né, que essa água, se ela estivesse tão poluída, que esses animais não viveriam.(1)**

F: Exato.

S: Mas, se adaptaram, né?

F: É, isso aí é se adaptar, né? Não é o habitat ideal para eles, mas daí eles se adaptaram.

S: Essas aves que você falou também, né?

F: Isso. Essa aí é... se você olhar às sete horas da manhã pro céu você vai ver bastante dessas revoadas, tão fazendo o ciclo delas, indo pra onde elas se alimentam. E se você olhar também às 5 horas da tarde elas tão fazendo o inverso, né?

S: É. Imagina se a água estiver contaminada com metais pesados, elas beberem a água elas sucumbem.

F: Sucumbem. Não tem salvação, sinto tristeza.

S: Quero mostrar uma outra foto aqui. Aqui novamente, né? Nós temos...

F: Exato. É mais um descaso, né? **Então, a falta de destinação certa aí, por própria ignorância da pessoa de não destinar certamente o lixo, joga em qualquer lugar, num terreno baldio. Aí a chuva vem e leva para algum lugar, né? Aí perto do rio, é a poluição do rio. Provavelmente deve ter aí peixe, alguma coisa, mas só que também deve ter algum tipo de contaminação.(7)**

S: É, porque essas embalagens, elas podem carregar materiais tóxicos, né?

F: Até marmita, PET, latas, então é tudo contaminado. Igual você falou, se tiver algum material pesado, algum metal pesado ali...

S: Pois é.

F: Olha, uma lâmpada. Isso tudo vai contaminar tudo, a água, a fauna e a flora da região ali.

S: Tudo isso aqui no rio, né?

F: Tudo. Desde a sua nascente, como está!!!

S: É, isso aqui é uma tubulação, né?

F: Isso, exato, é uma tubulação. E é antiga, provavelmente o descarte de esgoto ali era feito diretamente ali, porque antigamente as pessoas também por uma certa ignorância e um desprezo com o rio, com o próprio meio ambiente, aí igual eu tinha comentado na outra entrevista, direto na rede de esgoto. Sem o tratamento ideal, sem o tratamento de esgoto, né?

S: Isso mesmo.

F: Aí, para você ver, é uma área com bastante planta nativa aí, do mangue, e olha como tá a poluição. Matou os peixes aí, algo contaminante e pesado que caiu no rio, ou o dejetos de alguma empresa, alguma coisa.

S: E olha o dia que foi tirada essa foto, início de 2021.

F: Ah, começo do ano, começo desse ano. Para você ver, né? É um descaso.

S: Então, a gente pensa que isso é antigo, mas é desse ano.

F: É desse ano, é.

S: O que será que jogaram aí? É uma contaminação industrial, né?

F: Exato, aí é industrial. É muito peixe morto aí, então é algum material bem pesado.

S: Dá uma sensação ruim né?

F: Dá, raiva, né? Pensa, esse ano.

S: É quase inaceitável, né?

F: Aí está o descarte inadequado do lixo.

S: É. Com tantos postos de descarte com a ambiental passando para lá e para cá, né?

F: Exato. Até mesmo...

S: Não dá para entender as pessoas, né?

F: Aquelas caçambas de entulho mesmo, que você aluga para dar a destinação certa, não é tão caro.

S: Não é.

F: Não é tão caro. Então, vai sair mais caro para pessoa se vier a prefeitura e te der uma multa...

S: Pois é.

F: Por contaminação ambiental. Então, muitas vezes o barato se torna caro.

S: É. O que será que teria que fazer para essas pessoas mudarem? (risos)

F: Então, isso aí é... é difícil entender as pessoas, né?

S: É difícil, né?

F: É. Cada um tem a sua consciência, o seu discernimento do que é certo e errado, mas aí tu... em pleno século XXI tu ver isso aí, é...

S: Você já viu, assim, alguém ou algum lugar próximo de onde você circula, pessoas que ainda fazem isso?

F: Não, lá onde eu estou atualmente não, no Bohemerwald. Mas quando eu morava lá no Morro do Meio, há uns 6 anos atrás, aí ainda tinha bastante.

S: No Bohemerwald passa um afluente importante do Rio Cachoeira.

F: É, ali vai o Rio Águas Vermelhas, né? Tem o Rio Águas Vermelhas ali, tem o Rio Pirabeiraba lá embaixo.

S: Sim

F: O do Águas Vermelhas agora está melhorando, porque antigamente há uns 16, 17 anos atrás, tinha bastante poluição ali perto do Águas Vermelhas. Então, a contaminação por veneno de tingimento de tecidos tinha bastante. Agora quando saiu, agora fizeram um aterro bom ali. Então agora a gente já vê pessoas começando a pescar ali para se alimentar.

S: Ah, é?

F: Sim, tem bastante.

S: E vem peixes?

F: Tem, tem bastante gente lá até.

S: Sério? Que legal. Isso aqui é uma foto de Joinville antiga... 1906. Então, viagem no tempo, de 2021 vamos lá para trás em 1906. Aqui, olha só que bonito aqui, é o Moinho lá atrás, aqui é o Mercado Municipal. Era um porto, Joinville era um porto mesmo, né? Mas veja assim, como a margem era rasa, os barcos paravam e...

F: Exato.

S: Isso por toda a cidade.

F: Tudo. O crescimento desenfreado aí que acabou...

S: É. É uma pena.

F: Uma pena.

S: Essa foto aqui também eu gosto... essa aqui. Porque você vê, isso aqui é uma verdade, né? As pessoas lavando roupa na água do rio.

F: Sim, exatamente.

S: Que sonho, né?

F: Ah, a minha vó quando veio morar pra Joinville, eles moravam ali perto do Rio Cubatão em Pirabeiraba. Daí tinha as casas ali perto da parte de dentro ali do rio, e as mulheres da casa lavavam roupa nas pedras lá, faziam uma bacia de roupa, ia lá no rio e lavavam as roupas e depois traziam.(5)

S: Quando ela te contou isso?

F: Ah, faz muito tempo.

S: Ela vive ainda?

F: Está viva ainda, está com 82 anos. Bem velhinha já, bem debilitada. Mas quando ela estava mais lúcida ela contava as histórias de quando vieram para cá, toda a família.

S: Tem mais alguma lembrança, assim, da imagem que ela tinha do rio, eles também além de lavar roupa, eles tinham lazer no rio? Faziam piquenique no verão, essas coisas, não?

F: Não, ela contava bem pouco. Mas até mesmo, eles moravam ali em Pirabeiraba até... não sei quando teve uma enchente lá, daí eles se mudaram mais perto ali da Embraco. Teve bastante famílias que vieram do Paraná, e eles se estabeleceram naquela região ali. Se você for lá vai ver que tem bastante gente que veio do Paraná, de São Paulo e que se estabeleceram naquela região ali.

S: Qual é o local que passa o rio?

F: O Rio Cubatão, ali em Pirabeiraba.

S: É lá onde eles alinharam o rio?

F: Isso, ali perto da BR 101.

S: Para cá da BR ou para lá da BR?

F: Não, ali perto da Polícia Rodoviária. O rio está lá para o lado direito.

S: Entendi. É tão bonito lá, né?

F: Muito, é muito bonito. Agora eles fizeram uma represa, depois que teve a enchente eles fizeram lá uma represinha de concreto ali, ficou tudo certinho. Mesmo assim, ele não deixa de ser bonito. Se você for no verão...

S: Sim, eu conheço pessoas que vão caminhar lá na beira do rio.

F: É, isso aí. Se você for em época quente, no verão, isso lá está cheio de gente tomando banho, se banhando, fazendo churrasco ali perto, gostando.

S: E lá ainda é mais limpo, né?

F: Ah sim, ali é bem limpo.

S: Não pega ainda área industrial.

F: Não. Por mais que tenha ali aquela empresa de tecidos ali, tipo, eles não jogam...

S: Eu não lembro qual empresa...

F: Acho que é a Fiobrás... não sei se ainda tem lá.

S: Legal. Essa também é uma espécie que a gente chama de Guará, né? Também é uma ave que ela achou a sua moradia no delta do Rio Cachoeira. Sabe quando desemboca lá na lagoa do Saguassú?

F: Sei.

S: Lá tem uma ilhazinha no meio onde vivem esses pássaros. A gente vai ver eles também lá no Canal do Linguado, quando a gente vai para São Francisco do Sul, eles vão até lá. Então é isso, né? Essas fotos aí tão para gente ver um pouco o que pode ser feito, né? E tem até uma outra foto também que eu queria te mostrar aqui, que algumas pessoas, mesmo com o rio nesse estado, eles usam o rio para aproveitar, assim, como lazer mesmo, né? Esperamos que aos poucos a gente possa utilizar, né?

F: Exato. Até esses tempos atrás eu vi um comentário ali que tinha... que eles estavam andando de Jet Ski ali no Rio Cachoeira.

S: No rio? É?

F: É legal, é bom...

S: Super. Claro.

F: Saber que estão aproveitando. Até mesmo foi uma pena que não foi para frente a ideia do JetBus lá em São Francisco, que seria um passeio. Se você for no Barco Príncipe, ali é um passeio muito bom.(5)

S: Você já foi?

F: Já fui. Fui com a minha esposa, meu filho.

S: Teu filho também?

F: É...

S: E ele não ficou com medo de andar de barco?

F: Não, não, foi tranquilo. Minha esposa teve mais medo que ele (risos).

S: E pegaram o dia bonito na Lagoa de Saguassú?

F: Não, no dia que a gente foi, domingo, estava meio nublado, quando a gente chegou lá em São Francisco estava chovendo.

S: Mesmo assim é diferente, né?

F: É totalmente diferente do que a gente sempre faz. É ônibus, é carro, é isso, é aquilo. Daí a gente vai num barco, é totalmente diferente. Você vê tudo ali a natureza, você vai passando, você vê a fauna, o tanto de mato que ainda tem ali, de árvores que ainda tem.

S: É muito lindo. Essa nossa região aqui é dez. Aqui também, aquela ponte bem em frente do Centrentos. Os bailarinos fazendo pose, de certo foi em uma época de Festival de Dança, jogaram as mochilas no chão. E aqui bem no rio, você vê, um rio que tem esse mau cheiro, não dá para admitir, né?

F: Não, a cidade da dança, tão famosa.

S: Pessoas internacionais que a gente recebe, né?

F: Exato. Uma cidade tão cultural, que é Joinville...

S: Pois é. Isso aqui também, olha, as crianças na beira do rio. Tem que limpar, porque senão é doença, né?

F: Ah, tudo gera doença, qualquer contaminação que tiver ali... além dos animais se contaminarem, ter doenças e poder passar para o ser humano também.(6)

S: Aqui foi uma exposição de fuscas antigos na Beira Rio, essa rua onde eles fecham para ter domingo área de lazer, você já veio ali?

F: Já, já fui algumas vezes. É interessante.

S: Aqui é uma bicicletinha.

F: Uma bicicletinha (risos).

S: E ali a nossa capivara.

F: A capivara, é. Aí, olha, essa aí deve estar falando então.

S: É.

F: Aí já não tem tanto... todas essas árvores ali.

S: Pois é. Aqui nós voltamos. Mas aqui tem uma foto que a gente mostrou há pouco, que eu também acho legal. Ah, aqui está o que você falou, olha.

F: Isso, o JetBus. **Isso aí tinha que ser uma ideia que tinha que ir para frente.(3)**

S: É, né?

F: Não ficar estagnado ali.

S: Pois é.

F: Além de desafogar o trânsito ali na (BR)280, seria um passeio...

S: É. Olha essa foto. Você sabia que tinha tartarugas ali?

F: Não, isso aí é novidade.

S: Pois é, que legal.

F: **Eles vão se adequando, né? Vão se adequando. Aí a gente consegue ver, tipo, o ângulo da foto, né? Mostra a beleza do Rio Cachoeira, pode ver que ele esconde bastante. Mas aí você vê que existe poluição!!!(1)**

S: É que o cheiro não sai na foto, né?

F: Não sai na foto. Mas, visualmente, indo lá, a gente consegue ver como que tá, né? Mas daí o ângulo que o fotógrafo tirou mostra só o que realmente deveria ser.

S: Só maquiagem, né? Refletindo o verde na água não aparece a verdade, né?

- F: Verdade. Aí, olha o tamanho do rio.
S: Também, né? Até as nuvens azuis, assim...
F: Tudo reflete.
S: Entendi. Essa foto é um pouco mais ampla, né? Já é um pouco mais... aqui, acho que mais na região sul.
F: Isso. Ali tem um pessoal de barco, já tão andando mais.
S: Isso aqui é bem em frente à prefeitura.
F: Exato.
S: Que caos, né?
F: Caos. Ali é... agora eles tão arrumando a praça ali dessa área. Já está ficando bonito lá de novo, o chafariz que antigamente tinha na Praça Dario Salles.
S: Pois é. Achei lindo aquilo.
F: Isso, agora a gente pode levar as crianças, a água é tratada, não tem mosquitos.
S: Essa foto é chocante, também (risos).
F: É, mas é a realidade, né?
S: Recebemos uma água pura, límpida, uma cascata alimentando o rio e devolvemos esgoto (risos).
F: É.
S: Aqui dá para ver bem, olha, ali é o Rio Cachoeira.
F: Sim.
S: Ali ele desemboca no delta, né?
F: Sim.
S: E esse aqui é uma afluyente que banha toda a região bem sul de Joinville.
F: Para você ver a beleza, né? É tudo muito grandioso.
S: Muito lindo, né? Dá para ver lá de cima do mirante, né? Mas aqui o próprio cidadão comum fica ali jogando fralda, leite, essas coisas, né? Uma televisão.
F: Olha, uma televisão...
S: Essa aqui é a única foto que eu tirei passeando lá num domingo. Para que isso, né?
F: É, isso aí é totalmente um descaso, né?
S: Conhece essa ponte? Lá na zona sul também.
F: É, não estou reconhecendo.
S: É a ponte do trabalhador.
F: Ah... verdade.
S: Lá vai para o Boa Vista, né? E aqui vem para a Rua Graciosa, vai para o Bairro Fátima, para a Rua Guanabara, para lá. Aqui de novo umas fotos bonitas. Mas tem uma foto aqui também que a gente colocou há pouco, e que ainda quero mostrar, que é um pessoal fazendo uma exposição de telas usando essa área da cidade. Olha a ideia da pessoa, é bem ali na margem do rio.
F: Um trabalho mostrando toda a fauna.
S: Isso, mostrou as capivaras, as aves. Resolveram fazer num domingo, assim, para aproveitar essa área de lazer.
F: Exatamente. E é um lugar bonito, né? Olha ali...
S: Lindo, né? Então, o potencial que Joinville tem para explorar a beira do rio.
F: **Mal aproveitado, né? Mal aproveitado. Podia ser bem mais aproveitado. Principalmente as áreas rurais poderiam ser...(5)**
S: Pois é.
F: Muito mais bem aproveitado.
S: Acho que é isso que eu queria mostrar para você. Tem uma de um passeio tipo calçadão na beira do rio.
F: É, perto do mercado municipal, né?

S: Isso.

F: Muito bonito.

S: Como a prefeitura fez, o passeio e tudo, né?

F: Sim, ficou bonito. É isso aí, a gente que tem que se adequar, não a natureza se adequar a nós, né? Então...

S: A gente não pode (?), não pode deixar a sujeira tomar conta, né?

F: Exato. **A natureza sempre esteve ali, fomos nós que chegamos, então nós que temos que nos adequar.(1)**

S: Então é isso. Tem mais alguma coisa, assim que você queira manifestar, algum sentimento, alguma declaração, algo que você queira concluir?

F: Não, realmente é só... tipo, esperar que a nossa população melhore. Que a nossa população tenha um pouco mais de consciência. Espero que não demore muito, para não ser tarde.

S: É, isso aí. Está bem, então, muito obrigada por ajudar nessa pesquisa tão importante.

F: Eu que agradeço.

Participante 3: Elisabet

Primeira entrevista

S: Conte-me, onde você cresceu? Por favor comece como desejar e diga o que vier à sua mente.

E: Na casa do meu avô, era uma propriedade um pouco ao norte do centro, que ia da Rua João Colin até o Rio Cachoeira, atravessando a Rua Orestes Guimarães que ainda não existia. Havia um caminho até o rio. Lá os adultos da minha família iam buscar lírios brancos, buscavam também capim para uma vaca e plantavam cana de elefante. Colocavam esta cana de elefante numa grande máquina que tinha duas rodas e uma faca que cortava o capim e a cana. Eu ajudava, por brincadeira, pois é claro que eu era muito pequena. O meu avô também plantava muitas orquídeas da espécie Catlêia, aqui da região, ele as cultivava sob uma enorme árvore de cereja preta. **O Rio Cachoeira tinha as margens bem baixinhas, era muito diferente de hoje. A água era limpinha, onde o meu avô me levava. A água foi sujando quando surgiram as indústrias de tecidos. Antes a gente podia pescar, tinha peixes...(5),(6).**

(ihhh...) Me davam um anzol e minhocas catadas alí mesmo, no local. Havia carás, piavas... não se tomava banho no rio, isso não era um comportamento comum para os meus avós nesta época. Essas lembranças com meu avô Augusto e avó Helena, eram momentos muito bons onde eu sentia grande alegria. Na beira do rio havia uma árvore frondosa com frutinhas roxas. Quando a minha avó plantava batata doce, ela fazia valetas e raspava o capim cana de elefante para dentro da valeta, dizia que isso formava um adubo natural. O meu avô trabalhava no Moinho Joinville, que se situava na beira do Rio Cachoeira, localizado no centro de Joinville. A construção se encontra lá até hoje. Havia barcos que vinham até o Mercado Municipal, logo em frente do moinho. Lembro do nome de alguns barcos, Oscar, Babitonga. Com este último fazíamos passeios até a praia de Paulas, em São Francisco do Sul, navegando pelo Rio Cachoeira. Também ia a passeios com amigos e conhecidos que chamavam para fazer piqueniques. Faziam churrasco ao ar livre e tomávamos banho de rio. O rio não

era nada poluído então, era um lugar de lazer, principalmente no verão. **Desde a infância isso tudo.(5)**

P: Quantas lembranças boas!

E: Sim, depois fizeram o Grupo Escolar Germano Timm, lá atrás na Rua Orestes Guimarães, A minha tia se casou e morava ao lado, onde o meu avô fez uma casa para ela. A garotada do grupo escolar jogava bola, que as vezes ia parar no meio da plantação dos avós. O Rio Cachoeira passava no meio desse mato. Eu sabia que tinha a Rua Dona Francisca mais ao norte, era uma das principais, mas eu não ia para lá.

S: Muito diferente de hoje!

E: Havia valetas fundas nas laterais das ruas para escoar as águas das chuvas. Depois canalizaram o rio.

S: A cidade foi crescendo!

E: Lembro que começaram a calçar a Rua 15 de novembro, eu tinha 15 anos, mais ou menos, na época e já trabalhava num comércio de roupas naquela rua. A minha tia passava por lá muitas vezes e me levava para comer doces especiais numa confeitaria próxima. Lembro dos locais importantes da época, o Palace Hotel, o Hotel Flórida, a Sociedade Harmonia Lyra, o Clube Joinville, as panificadoras, as confeitarias. Já chovia muito em Joinville naquele tempo, mas não havia alagamentos. Acho que porque a cidade ainda era predominantemente área verde. Os operários que trabalhavam no moinho usavam pequenos barcos para atravessar o rio no início e no final do expediente. Quando me casei fui morar num local próximo ao Rio Mathias, que é um afluente importante do Rio Cachoeira. Já era uma época totalmente diferente. Uma Joinville bem mais construída. Muitas enchentes e alagamentos, aumentavam ano a ano. Todos os anos no verão eu tinha água dentro de casa. Um ano, foi bem no dia de Natal que aconteceu de alagar a sala pronta para a festa em família. Fomos pegos de surpresa neste dia, pois estávamos na casa dos meus sogros conversando enquanto chovia. Ao retornarmos, encontramos a água já na altura dos joelhos e os presentes boiando pelo ambiente ou submersos assim como a árvore de Natal. **A família passou o Natal esperando a água baixar e limpar o barro. Me senti muito triste e com muita raiva daquela situação, sem saber se me revoltava com a vida ou com o meu marido por ter escolhido aquela região para construir a nossa casa nova.(2)**

(Aqui nesta parte se fez silêncio demorado. O impacto da lembrança foi grande).

Encerramos a entrevista.

Segunda entrevista:

S: Boa tarde Dona Elisabeth, agradeço a sua presença, lembro que os dados são gravados, mas é somente para o meu uso pessoal, é sigiloso, não fica exposta a sua identidade, apenas para a gente dar continuidade a minha pesquisa.

E: Boa tarde, o que posso ajudar hoje?

S: O que significa a poluição geral e do Rio Cachoeira hoje para a senhora?

E: **Muitos habitantes, não cuidam das suas casas! Não é como antigamente onde cada família tinha a sua casa, sua criação, sua autossuficiência! As pessoas jogam muita sujeira fora, lixo. Antigamente, cada casa fazia a sua composteira, nada ia fora, abria-se um buraco no jardim em um canto e ia se colocando os restos orgânicos e cobrindo com terra.(6)**

S: O que a senhora sente quando vê essa situação hoje em dia?

E: O crescimento da cidade traz coisas boas e coisas ruins. Tenho nojo do mau cheiro, culpo as indústrias, que não cuidaram. Outra coisa é o esgoto familiar. Na época era tratado como um sistema de troca de latões que continham os dejetos da fossa. Chamados de 'homens dos Cubos', passavam pelas casas à noite para realizar as trocas dos cubos ou latões cheios por outros vazios. Eu sei que era lá na nascente do Rio Mathias que eles lavavam os latões após terem jogado os dejetos em local seco. Não se tinha a visão de que isso era errado. Outra coisa que lembro é que a água era de poço e desde novinha meus avós me davam vermífugo para tomar com muita frequência, eu não entendia porquê, mas obedecia.

S: Os problemas ambientais lhe incomodam?

E: **Sim, antigamente era uma vida com uma população menor e menos poluição, hoje é muito povo, sem educação. (6) (1)(3)**

S: E o Rio Cachoeira?

E: **Os problemas do Rio Cachoeira não interferem muito na minha vida hoje. Moro em apartamento confortável no centro e não tenho contato com o rio. Gosto de ver o movimento das aves diariamente: pela manhã elas vem dos ninheiros situados na região da foz do Rio Cubatão para as plantações de arroz no oeste da cidade e no final da tarde retornam em bandos para dormir. Fazem uma formação em 'V' voando sobre a cidade, é muito lindo! Gosto muito da natureza!(1) (4)**

Participante 4: Jackson

Primeira entrevista

S- Olá Jackson, gostaria de fazer um pedido inicial na nossa conversa de hoje está bem? Você pode me contar um pouco de você, aonde você cresceu.

J: Tá, como tu já sabe meu nome é Jackson sobre nome é Saintsonci, eu não falo muito bem o português, mas, acho que vai entender. Eu sou haitiano, eu nasci na Capital, Porto Príncipe, depois de três anos, parente trazer me trazer a Capital, três anos depois de eu nascer.

S: Sim.

J: Eu morei um ano na cidade, bem pertinho da casa da presidente mas esse lugar está um pouco pior, esse lugar tem cheio de bandido mas graças a Deus, com minha família, crescer com uma educação perfeita, graças a Deus, fui crescendo até estudar e chegar um tempo a vida vai parecer um pouco difícil, a vida da gente fica um pouco difícil, mas também graças a Deus eu trabalho só comigo, não eu nunca com governo com ninguém, eu trabalho só comigo, só comigo e depois também eu consigo abrir um restaurante, para eu e minha esposa trabalhar lá, e também comprou um caminhão e fez transporte. E bandido na rua só pega e bota fogo queima a vida vem mais difícil também tenho crise, eu perder a minha casa e vida ficou um pouco difícil essas coisas que puxaram para eu sair fora de meu país até chegar aqui. Quando cheguei aqui no Brasil a vida era muito difícil, muito difícil. Porque chegou sozinho deixou esposa e filho, ficou triste choro muito, até depois de três anos, não conseguiu trazer minha esposa e filho, também não tem, não tem tanta capacidade de ajudar ela, eu saí fora, saí de novo do Brasil, saí fora do Brasil e fui lá no Chile, eu fui Chile e trabalhar um pouco, mas não gostou do Chile na verdade, eu mais gosto aqui, mas eu fiz muitas coisas para trazer minha esposa, está bem fácil nesse momento. Eu fui

morar lá no Chile um ano para conseguir trazer minha família, de um ano pra cá, porque eu não gosto de lá porque lá é bem racista. Na verdade, aqui é todo mundo bem-vindo, para mim aqui é bem melhor, bem quietinho. Para mim, minha história é assim, agora fico com alegria porque to com minha família, tudo certo, porque para viver melhor seria ficar na sua terra, onde nasceu, mas fora do seu país, vive, mas não é a mesma coisa. Imagine, deixei minha casa, e vim em um país estrangeiro, nova língua com isso, vai trabalhar em uma empresa tem gente que deixou triste e trata mal, mas é importante pra mim eu tenho a vida, Deus me deu, eu fico satisfeito e é isso, tem mais coisa, mas não vou falar tudo. E eu não falo muito bem o português, tenho muita coisa para falar, mas não consigo falar tanto é isso.

S: E hoje então você fala na família, quem são as pessoas da tua família?

J: É minha esposa e eu tenho dois filhos, o primeiro nasceu lá, Edi. Minha esposa vem junto e agora tenho dois.

S: Tem um brasileirinho?

J: É, tem um que nasceu lá e já tem treze anos.

S: Treze?

J: Treze é. Esse que nasceu aqui tem dois anos só, tem dois, e, pois, eu tenho um irmão aqui, um irmão só, mas toda a minha família está lá, mãe tudo está lá. E outra coisa que deixou um pouco triste também, eu tenho quase oito anos e não venho e não consigo voltar para ver minha mãe, minha família, essa realidade me deixou triste. Eu não posso voltar, também não tenho tanta capacidade para ajudar ela. Meu pai morreu, minha mãe foi morar comigo, mas a situação ficou impossível lá e eu saí fora, e agora eu não consigo voltar. Eu não consigo também conversar com ela, porque quando vou conversar com ela, ela chora e eu também choro, eu também choro, é isso. Eu deixo tudo nas mãos de Deus. Porque eu não sei nada da minha vida, só Deus sabe.

S: Vocês vão a igreja aqui no Brasil?

J: Sim, sim. Antigamente estava na Assembleia de Deus, mas depois veio um tempo um pouco difícil para nós.

S: Porque?

J: Porque junto da Assembleia de Deus tem bastante haitiano que não foi na igreja, porque não foi na igreja, porque não consegue entender nada em português, e não consegue entender e não foi mais. Por isso, abriu uma igreja, nós congregamos junto com a Assembleia de Deus, mas chegou um momento pessoas responsáveis que, exemplo pastor responsável também, chega um tempo não quer ninguém haitiano converse entre nós, para falar crioulo, francês e porque haitiano não ia na igreja, porque não conseguia entender e se vem também na igreja, haitiano, mas tem que conversar em nosso idioma.

S: Claro.

J: Eles falam que é proibido. Por isso chegou um tempo muito difícil pra nós também, mas fui lá na prefeitura conversar com eles, eles explicam pra nós como consegue abrir uma igreja pra nós com haitianos.

S: Uma boa iniciativa de vocês.

J: Verdade e pegou, advogado também para acompanhar e agora tem uma igreja muito grande, muito grande, ele está lá no Fátima, está bem grande.

S: E o pastor é de vocês mesmo? Que fala crioulo e francês.

J: É quando tem visita tem brasileiro, tem pessoa para traduzir, sou o presbítero dessa igreja, da igreja.

S: E essa igreja, é... ela segue a fé cristã que você tinha lá no Haiti?

J: Sim, é a mesma coisa.

S: É uma igreja evangélica?

J: Evangélica. Igreja de Deus Pentecostal Unido Independente, no Bairro Guanabara.

S: É bom porque ali vocês conseguem fazer amizades, socializar com a comunidade de vocês. Isso é natural isso porque no passado Joinville não existia, Joinville era o nome de um francês filho do imperador da França, Felipe, era o pai dele lá, na época da guerra de Napoleão ele foi pra Alemanha e vendeu as terras pra pagar dívidas e uma das terras então é que foi vendida, foi Joinville. Companhia de imigração Hamburgo, eu acho. Foi nessa época lá antes das guerras que vieram os primeiros imigrantes alemães com a barca Colon, então nós somos todos de fora.

J: É verdade.

S: Todo mundo aqui é de fora, então vocês estão fazendo um acréscimo a essa sociedade que já existe, mas aqui na época também só se falava alemão, que era a língua deles, daí vieram os italianos, vieram pessoas de todos os lugares, então agora, vocês estão fazendo a mesma coisa por causa do terremoto, a gente acompanhou da televisão a tristeza que foi isso tudo né... e você, a tua mãe ficou morando lá com quem?

J: É. ela está na casa dela, mas as vezes eu tenho minha irmã, mas ela não consegue morar junto dela, porque ela mora na capital, tem filho, ela estuda e ele também tem que ir a pé, é difícil para ela se movimentar.

S: Dificuldade para se locomover, a tua mãe ou a tua irmã?

J: Minha irmã. Está um pouco difícil.

S: Quantos anos ela tem?

J: Ela tem 42.

S: Eles gostariam de vim para o Brasil também ou não?

J: Não. Só para passear.

J: Porque está difícil, porque viver em uma terra estrangeira tem muita obrigação pra trabalhar e com pena. É difícil porque se eles vêm eu tenho que ajudar pra fazer todas as coisas, em casa também. Para mim já é difícil, pra mim, por exemplo, minha mulher já está a 3 anos aqui, nunca trabalhou, nunca, nunca, nunca, nunca, e também ela quer voltar. Também porque, deixou o restaurante fechado e veio aqui e ficou sentada, não faz nada e não consegue voltar também porque se voltar a gente tem que voltar junto. Essas coisas é uma coisa que Deus. Não gosto, se casou, tem que morar junto, é errado na bíblia, errado, por isso que eu não quero que ela volte, se é para voltar tem que voltar junto, tem que voltar junto. É difícil, mas...

S: É difícil né?

J: É difícil...

S: E ela também está com uma criança pequena, daí ela não consegue sair de casa mesmo, porque tem que ficar cuidando do pequeno. É menino?

J: Sim, dois meninos.

S: E agora sem aula também né, com essa pandemia...tudo é mais difícil.

J: Sim, mais difícil, é mais difícil.

S: Ela conseguiu fazer alguma amizade com alguém da igreja, da comunidade de vocês?

J: Sim, consegue.

S: Isso é bom... esses colegas moram perto também ali no Fátima, no Guanabara?

J: Sim, sim moram perto...

S: Um ajuda o outro um pouco, e vocês tem ajuda social de Joinville? Vocês têm algum tipo de apoio, apoio para imigrantes?

J: Não, ainda não.

J: Não, nada, nada, nada.

S: Para aprender o português como fizeram?

J: Entre nós, um ajuda o outro. Quando eu estava junto com Assembleia de Deus, tem pessoa que faz curso para nós, mas quando foi sair, daí não tem mais. Mas entre nós, um ajuda o outro, um ajuda o outro.

S: Então com isso, agora os teus filhos né, é que vão crescer nesse lugar que vocês estão morando né... eles é que vão aprender a gostar daqui ou não, então talvez isso, sobre a poluição, morar num lugar com mais qualidade vai ser melhor para seus filhos se vocês continuam aqui, o que você acha?

J: Não, na verdade, é por ele que eu não volto já, porque não quero voltar, não quero voltar com eles. Se for para voltar só vou eu e minha esposa. É por isso que eu vou demorar mais um pouco por aqui, para deixá-los mais crescendo e ficam maior antes de sair daqui, não quero voltar com eles, na verdade gosto muito daqui eu gosto!

S: Que bom! Que bom!

J: É verdade, eu gosto, mas o problema que eu tenho é a minha família lá, minha irmã é tudo, é isso, mas eu gosto daqui eu gosto. Por isso eu nunca sai fora, não, já tem mais ou menos 5 anos. Bastante haitianos saíram para entrar nos Estados Unidos, eu falo, não vou, não vou. Na verdade, Estados Unidos são melhor para nós, é melhor...

S- Estados Unidos?

J: Lugar que dá dinheiro. Aqui, trabalhar ganhar em reais, né.

S: Sim.

J: Para mandar lá tem que trocar, quando eu fui trocar dá bem pouquinho.

S: Verdade, comparado ao dólar a nossa moeda não vale quase nada.

J: Não vale quase nada, por isso que está difícil, porque? Exemplo: eu trabalho, ganhei mais ou menos, depois do desconto, ganhei mais ou menos 1.300 reais ou 1.400 reais. Tem que pagar aluguel, tem que fazer compra e se pra mandar pra lá tem que trocar em dólar e não vai ter nada, é difícil...

S: Sim, é difícil.

J: E lá nos EUA os haitianos trabalham e já mandam para o Haiti direto e não dá problema, mas também eu falo, eu não vou, eu não vou porque eu gosto de viver aqui, lá nos Estados Unidos é bom, mas as vezes também, é igual a outro país e aqui é tranquilo, não faz muito dinheiro, mas tranquilo, tranquilo.

S: Sim, tem que pensar no presente, agora, se você pensar no passado e no futuro não faz bem para tua saúde.

J: É, é verdade.

S: Tem que pensar hoje, né? Para tua família, teu trabalho aqui.

J: É verdade o que tu estás falando.

S: Porque é muito problema, ficar preocupado demais, você não vai nem conseguir trabalhar.

J: E se você vir as fotos que eu tenho, foto antiga, não vai parecer que sou eu, tá bem diferente. Porque agora to magrinho, porque? Muito pensamento.

S: Entendi.

J: É bem diferente, eu não pareço nada como eu.

S: Mas é bom, magrinho para a saúde.

J: É sim é bom, mas...

S: A vida é difícil né?

J: É difícil, é difícil, é difícil.

S: E me diz uma coisa Jackson, em relação então a essa catástrofe, sabe? Palavra catástrofe?

J: Sei, sei.

S: Morte né... é... isso afetou a vida de vocês de um modo, uma tragédia né? Então é isso que eu quero trabalhar um pouco. Assim, isso que está acontecendo no mundo todo, né que a gente como ser humano fica tão pequeno perto dessas forças da natureza, eu não sei se o Haiti, ele sofreu só com o terremoto ou se tinha também como tem sempre nos Estados Unidos aqueles furacões uma época do ano.

J: Não, só o terremoto, só o terremoto, só o terremoto.

S: Teve mais do que esse que foi tão grave? Vocês já tinham outros terremotos no Haiti ou não?

J: Não, só as pessoas mais velhas falaram que chega um tempo e vem de novo, faz muito tempo, mas esse terremoto acho que... 2010. Para mim foi primeira vez, primeira vez.

S: Então as pessoas mais velhas, tinham tido outros pequenos já?

J: Falam, falam, falam que teve um pequeno, mas não fez mal, mas esse grande é a primeira vez.

S: Aqui no Brasil então nós não temos terremoto né?

J: Não...

S: Isso te deixa em paz?

J: É.

S: Não é uma ameaça a vida, não tem terremoto, as pessoas não se sentem ameaçadas né? É um lugar seguro.

J: Lá no Chile quase todo dia, na verdade, não faz mal, as vezes tem alguma casa que quebrou, mas não faz mal como no Haiti.

S: Verdade.

S: É, aqui é tranquilo, mas a gente sabe que trabalha com muita preocupação com o clima né, por causa das florestas que estão sendo desmatadas e está ficando muito quente então, essa poluição toda aí, também as vezes fica na cabeça da gente né?

J: **Mas tem coisa que ninguém consegue mudar, só Deus...(5)**

S: Isso é importante né? A gente ter fé.

J: É, tem que ter, tem que ter.

S: Mas assim, se você pensar nessa parte aqui onde vocês moram, se a população também pode ajudar um pouco a não jogar resíduos no rio coisas que vocês, assim, as vezes vêm na região, pessoas que as vezes não são tão cuidadosas, também é ruim para a qualidade de vida dos filhos, começa a juntar rato na rua né? Onde você mora aqui em Joinville é limpinho? É bom? Ou mais ou menos...

J: É bom, bom.

S: É bom?

J: Não vê essas coisas, jogar, cata o lixo na rua... é bem limpinho.

S: O teu filho está em qual escola? O de 13 anos.

J: Acho que... esqueci o nome.

S: Ele já fala bem o português?

J: Ele fala bem.

S: Ele já começou desde pequenininho né?

J: É.

S: Ahh que legal, e você sente nele que ele tem alguma tendência de trabalho, assim aquilo que ele quer fazer na vida?

J: Sim, porque ele já tem, ele não conversa comigo. Mas semana passada, eu fui à casa de um irmão da igreja e ele falou para mim que ele queria conversar com ele, ele daqui a pouco ele vai, decidir para trabalhar no que ele quer, ele quer ajudar eu a mãe dele.

S: Muito bom, percebeu já a dificuldade.

J: Ele sabe que eu não vou ficar aqui, ele falou para nós, que ele tem que trabalhar, quando eu sair daqui ele tem que trabalhar.

S: Ahh ..., mas ele não quer ir para lá?

J: Não, ele também não quer, não quer, porque agora mesmo, agora mesmo Haiti está bem difícil, difícil coisa de dinheiro e trabalho, o problema é: falta segurança. Agora tem bastante família, fico com medo, porque? Já tem mais ou menos um, quatro, cinco meses até hoje é bem difícil, bastante e jovem, fui à escola e recebi um tiro, as vezes na rua, as vezes na escola e na universidade, pegou entrou na casa, pegou e levar e matar...

S: Nossa...

J: E jogar fora era jovem, todas coisas... agora mesmo eu tenho um, uma pessoa, que não é família, mas ele conversa comigo para conseguir ajudar ele, ele quer tirar o filho dele de lá, porque, ninguém sabe porque fazem isso, ninguém sabe porquê.

S: Pois é, porquê?

J: Ninguém sabe porque, ninguém tem capacidade de tirar o bandido para fora..., mas não deixaram, porque, não sei porque. Não sei também que é responsável por isso, ninguém sabe. Na verdade, é um problema para viver, é uma crise...

S: É... quem sabe você vai para lá e depois vai querer voltar para o Brasil.

J: **É... é verdade. Exemplo: to aqui, eu fico triste porque não consegue voltar para ver minha mãe, minha família.(6)(2)**

S: Sim.

J: Também minha mãe está com saudades.

S: Sim.

J: Quero ver a minha mãe.

S: Sim.

J: Mas agora assim, se eu falo pra ela que vou lá, mas vou não..., eu sei que ela está com saudades.

S: É.

J: Mãe, vou lá. Vou te visitar. Ela falou “não vem”, “agora não”.

S: É.

J: Porque tem bastante haitiano que vai para o seu outro país, volta para visitar a família e não volta mais, é...sim..., soube de 30 a 40.

S: Que pena, mas a sua mãe poderia vir para cá.

J: A minha mãe é deficiente de uma perna, perdeu a perna, a minha irmã cuida dela. Minha irmã mais velha, e minha mãe trabalham lá, minha irmã ajuda... eu não sei, mas também é difícil porque ela tem três filhos e o marido dela. Fica difícil pra todo mundo sair fora...um filho já está na universidade e o segundo também.

S: Eles estão em Porto Príncipe?

J: Porto Príncipe.

S: E você vê todas as notícias de lá?

J: **Todo dia, todo dia, todo dia.(5)**

S: Todo mundo que uma vida melhor né, Jackson?

J: Todo... todo mundo.

S: Pois é... então acho que hoje está bom assim, eu agradeço muito a você, Jackson, não sei quando ainda, nós vamos ter mais duas conversas. E isso aqui é muito importante para mim.

Segunda entrevista

S: Olá Jackson, boa tarde. Como esta é a segunda entrevista, vamos focar um pouco mais na questão do Rio Cachoeira, na questão ambiental. A gente já tem alguns elementos gerais da sua história, onde você nasceu, onde você cresceu, narrados na primeira entrevista.

Agora você tem nacionalidade brasileira, você tem filhos aqui, então a minha preocupação é a gente cuidar do meio ambiente, então estou estudando essa parte de Joinville, que é esse Rio Cachoeira, que era tão lindo antigamente, que tinha peixes, as pessoas iam no fim de semana passear, ir para o mar, tinha passagem do rio e agora o rio está muito poluído.

J: **É poluído né?(4)**

S: É..., a gente tem esperança de recuperar isso, sabe, então a gente quer escutar umas famílias assim, né para ver o que, o que isso significa para cada um..., porque parte da tua vida a tua família está aqui.

J: Sim, sim.

S: Teu filho vai ficar aqui... então ele tem que cuidar para não... como é que eu posso dizer assim, para ter esse lugar bonito e bom pra morar e já que vocês vêm de uma história tão horrível desse terremoto que acabou com o país de vocês... então se a gente tem que viver no presente não pode passar uma borracha no passado, não dá para apagar. Fica essa tristeza muito grande, eu entendo.

J: É sim e agora, agora até cabelo já tenho. Caiu tudo... por causa do pensamento, pensamento. É a vida, faz parte da vida, tudo faz parte da vida...

S: Lá no Haiti é perto da água né, vocês em Porto Príncipe, é no mar né?

J: Sim, fica bem no meio.

S: E vocês costumavam muito ir para o mar, tomar banho, pescar essas coisas?

J: Sim.

S: E , fim de semana você não vai?

J: Não... **porque eu não foi porque não dá tempo, porque trabalho a semana inteira numa empresa e final de semana eu tenho que ajudar um pouco minha mulher, conseguir deixar ela descansar um pouco também. No domingo fui à igreja depois sai da igreja e fui visitar outro colega que não consegue trabalho, e eu fui fazer uma visita pra conversar um pouco porque eu sou estrangeiro eu saber como um estrangeiro se sente. Fiquei muito triste quando fui conversar com ele, tem que ter fé, tem que conversar com ele pra conseguir, pra saber que ele tem Deus lá que consegue ajudar, se ninguém dá oportunidade, não ajuda, tem que confiar que Deus não vai abandoná-lo.(5) (2) (3)**

S: Tipo um missionário.

J: Sim, tem que conversar, por isso eu saio da igreja e faço visita, faço visita.

S: Sim, mas tem que tirar um dia para passear com a família também.

J: Sim.

S: Levar os filhos.

J: É, eu vou fazer essas coisas, qualquer dia, acho que semana que vem, eu converso brincar... todas as coisas.

S: Você não sente falta do mar?

J: Sinto, mas...

S: Já conhece o mar aqui?

J: Sim, eu fui uma vez lá na praia, como chama...

S: São Francisco?

J: **Sim eu fui, com o pastor. Chamo o pastor Elias, eu fui com ele, esse trabalho de ir às casas e conversar com as pessoas também toma muito tempo, muito tempo de sair da minha casa de madrugada ou a noite, mas vou fazer um dia.**

Mas sábado eu saio pouco porque tenho que estudar um pouco e ajudar, para saber um pouco aqui. Joinville tem lugar mais lindo, mas tem que programar.(4)

S: Sim.

J: Tem que sair. Na escola também fazem algumas coisas, esse ano não. Mas as vezes eles saem fora de Joinville com os alunos.

S: Obrigada Jackson.

Terceira entrevista

A terceira entrevista não foi possível realizar dentro do prazo deste trabalho devido ao fato de o entrevistado ter contraído o COVID 19.

Participante 5: Izabel

Primeira entrevista

S: Olá Izabel, você poderia falar um pouquinho de você, onde você cresceu, se você nasceu perto da natureza ou longe.

I: Bom, eu nasci em Doutor Camargo né norte do Paraná, cidade bem grande assim, até estive lá faz um mês atrás conheci, voltei para ver como estava. Mas fui criada assim de pequenininha até uns cinco anos numa chácara, fazenda que meus pais tiram arrendado em Maringá e daí vim para Curitiba em 75 tinha cinco anos de idade.

S: E agora está aqui em Joinville.

I: Agora em Joinville.

S: Quantos anos você está aqui, Izabel ?

I: Seis anos, vim junto com a minha mãe e o pai. Ele é um amigão fora de série, não tem... Eu fui criada com as minhas irmãs e irmãos, o quintal da nossa casa era muito grande, sempre muita brincadeira ao ar livre.

S: Legal.

I: Foi uma infância assim muito boa, a gente brincava, brigava e irmãos né? Já viu, irmão tudo junto. E tinha muita coisa...eu gostava muito de plantas e amava muita coisa, assim, sabe, de flor, de árvore, de minha vó, tinha coleção de pés de café e meu avô plantava dália, não sei se você conhece?

S: Sim...

I: Tinha árvores e plantas de tudo quanto era cor e qualidade.

S: Olha só...

I: E hoje não existe mais essa diversidade por que o tempo vai passando, a geração vai mudando e os filhos vão cada um para um lado. Aí acabam as vezes as coisas da natureza, porque vamos arrancando, é mato, não se valoriza, porque isso? Então, mesmo assim, as crianças amam ir lá ver a bisavó, minha mãe, e brincar, pular lá porque é um lugar assim, todo mundo quer ir, e até hoje eu não deixo de ir lá... é um lugar assim que a gente foi criado, né? Teve uma infância boa, bastante dificuldade também. Uma coisa assim que fica no íntimo da gente, são coisas vai lembrando guardando.

S: Tem alguma que você lembre?

I: Tenho, lembro de uma ocasião assim brincando com a minha irmã e eu, sempre fui muito mais homem do que mulher, pelas atitudes e eu estava arrumando a cerca da minha vó com martelo e a minha irmã invocou comigo que queria o martelo, e queria

tomar o martelo da minha mão e eu na hora com raiva peguei o martelo. Eu ia acertar ela, por sorte a minha vó chegou e tirou o martelo da minha mão.

S: Coisa de criança, né?

I: Coisa de criança, mas assim, foi uma coisa que ficou marcada em minha lembrança né e sei lá...

S: Mas passou e tudo bem, todas crianças têm alguma coisa, todo mundo tem coisa para contar da infância né?

I: Meu, quando a gente se reúne, eu e meus irmãos, só por Deus!

S: Quantos vocês são?

I: A gente é em cinco comigo, três mulheres e dois homens.

S: Todos moram para lá ainda?

I: Todos para lá, pra cá é só eu, fui a desgarrada que saiu primeiro assim, né porque há um tempo atrás eu me separei, criei meus filhos sozinha, depois deles adultos, consegui meu serviço também, e desde lá tive convite pra vim.

S: E aonde você mora em Joinville na região norte?

I: Eu moro ali no Jardim Paraíso, bem na entrada do Jardim Paraíso. A gente mora de aluguel.

S: Perto da escola que tem ali?

I: Isso, passando a lombada ali, então moro ali, chegando à lombada ali a escola, e a minha rua é a de cima, segunda quadra alí. É um lugar muito tranquilo.

S: Muito bom.

I: Lá eu também não deixo de ter as minhas plantas e estar cuidando, estou pensando em fazer uma horta agora, tenho um cachorrinho, ele é terrível, só que como ele já está com 16 anos, ele já está ceguinho e surdinho né, então agora dá para eu fazer uma hortinha de planta que ele não vai pular lá e revirar tudo, porque a gente já tinha feito ali e não deu certo e ele foi lá e tirou tudo.

S: É, quem tem cachorro em casa é um drama, eles não deixam nada mesmo. Quem vem da natureza, assim como você que tem essa história, gosta.

I: É muito bom estar mexendo na terra e conversando com as plantas né, o meu marido Edson diz que eu sou louca, desde que nos casamos, diz que eu sou louca conversando com as plantas, eu digo, não tem problema eu me acho na minha loucura. A gente foi se casar aqui em Joinville, eu já o conhecia de muitos anos, história vai, história vem, não sei porque cargas d'água, e a gente acabou se achando. Ele tem três filhos homens e eu tenho três .

S: Então vocês têm 6 ao todo.

I: Tudo adulto, não tem mais filhos pequenos, agora é aproveitar os netos. Eles moram com a gente, agora em janeiro vai fazer um ano que eles vieram para cá e eles precisavam um pouco de ajuda e conversei com o Edson e eles precisam da ajuda, então a gente os trouxe para cá e estão aí com a gente. No final de semana chegam outros, quase tudo junto, aí, volta e meia eles passam lá em casa, só um que não, mora em outra cidade, mas passam todos lá comigo.

S: Daí vocês ficam em casa, ou vão passear um pouquinho? Assim para a natureza, saem para pescar, ou alguma coisa?

I: A gente saía muito, agora, de um tempo para cá, com essa pandemia, a gente não tem saído, mas eu e o Edson a gente gosta do mundo, assim, eu falo gosto do mundo porque, estar na praia, conhecer um lugar novo, conhecer um parque. Até eu falo para ele que o único defeito de Joinville é não ter parque, porque a gente veio de Curitiba e lá tem muitos parques.

S: Muito lugar para ir... isso.

I: Aqui a única coisa assim que dá de ir, é o mirante é o zoo botânico.

S: É...

I: Daí não tem mais nada assim atrativo da cidade.

S: Às vezes na Expoville eles fazem alguma coisa né, mas é coisa assim pontual, não como assim parque que dá de caminhar, a Expoville é muito pequena.

I: É por causa da criançada né, hoje eu penso mais nas crianças. A criançada gosta de sair e brincar.

S: Adoram.

I: **Então eu acho assim que “deixa muito a desejar” para as crianças e para os idosos que gostam de andar passeando né, e aqui não tem isso (1).** Lá em Curitiba final de semana, a gente saía com as crianças. Íamos para os parques, pescar. E a gente gosta muito de pescar.

S: Perto do Jardim Paraíso tem um canal, que vai dar lá adiante no Rio Cubatão.

I: Na Vigoreli, se eu não me engano, para o lado da Vigoreli.

S: Isso! Mas é, segue por trás do aeroporto. Existe uma marina.

I: Eu sei, essa marina eu não conheço, mas o Edson conhece, até porque teve um sobrinho dele que foi lá, ele vende seguros para os barcos.

S: Tem bastante chácaras para lá ...

I: A gente mora ali, próximo ali a entrada, mas lá pra baixo eu sei que tem bastante chácaras por ali, bastante...

I: Você sente a diferença da sua infância e a dos seus netos, agora aqui, que para achar um lugarzinho legal, que esteja tudo bom para eles aproveitarem, tem que ficar procurando lugares né?

I: É, até quando eu vim pra Joinville, eu liguei para os meus filhos lá, porque quando eu vim, eu vim sozinha, daí passados uns dias, eu conhecendo né assim, dois, três meses eu peguei a minha filha e falei, olha aqui é um lugar muito bom para criar filho, daí ela disse, credo mãe, porquê? Minha neta estava a caminho, eu vim para cá, em setembro e em outubro ela nasceu. A primeira neta, a gente ainda via a crianças brincando na rua, porque em Curitiba você não vê essas coisas.

S: Você não acha perigoso?

I: Mas de jeito nenhum, nas casas aqui, os muros são tudo baixinho, outras não tem muro, a criançada lá brincava numa rua sem saída, as crianças brincavam muito. E daí corriam no meio do pátio, e passavam pela varanda assim, e eu achava aquilo muito sensacional. Aí eu contava pra eles assim, e eles falavam, esse lugar não existe, e eu disse existe sim! Ai até que eles vieram para cá. Hoje eles já vêem a vida de outra maneira.

S: É...

I: Então, eu falo para eles que aqui é muito bom pra criar filho, porque é totalmente diferente de Curitiba, lá as crianças são presas o dia inteiro e chega o final de semana, e os pais têm que sair com as crianças pra dar uma “desbaratinada” na cabeça e eu falo pra eles, aqui é, graças a Deus, tranquilo.

S: É, mas mesmo no Jardim Paraíso tem núcleos lá que também não é bem assim, né?

I: Tem, porque o lugar que a gente está é tranquilo.

S: Entrada ali ainda é.

I: Lá para o fundão lá, a gente sabe que o núcleo é quente!

S: Lá tem uns lugares meio perigosinhos.

I: Tem.

S: Mas isso para um determinado canto do bairro.

E: Isso.

S: Não é o bairro todo.

I: Até eu acho assim, quando eu fui para lá, disseram que o lugar era perigoso e a casa iria ficar sozinha o dia inteiro. Eu já fui assaltada quatro vezes.

S: Sua casa já foi assaltada?

I: Já, minha casa já..., se for contar tudo...

S: Lá no Jardim Paraíso?

I: Não, em Curitiba.

S: Curitiba, Curitiba a violência está muito grande.

I: É... aí quando eu vim para o Paraíso ali eu me admiro assustar...

S: Fica traumatizada.

I: Eu morei três anos no Jardim Sofia, ali perto do Garten Shopping, ali é tranquilo, e daí também era uma chácara. Nós “pintava e bordava” ali dentro e daí, depois dali a gente foi para o Paraíso e no Paraíso vai fazer quatro anos que a gente está ali, mas também num lugar assim, se pode sair tranquila, vai no mercado e deixa a casa aberta, sabe não tem esse negócio de roubo.

S: Deixa a casa aberta, é?

I: Deixo, vai no supermercado volta e na farmácia.

S: Nossa...

I: Tranquilo, tranquilo, tranquilo graças a Deus né?

S: Que legal né?

I: A casa que a gente está lá nunca aconteceu nada, é bem tranquilo.

S: Eu até estou bem impressionada, pois você é a primeira pessoa que eu estou escutando assim, falando tão bem, sabia?

I: É que nem diz né, a gente não, uma que a gente não tem tempo né e quem tem tempo livre na rua atoa, boa coisa não é... a gente sai cedo, chega de tarde. Os vizinhos da gente de um lado um senhor e uma senhora, a senhora faleceu a pouco tempo, do outro lado são dois casais, duas casas em um terreno, mas também assim, não incomodam, de frente também são dois casais de velhinhos, então a maioria do povo que mora ali naquela rua, três, quatro ruas em seguida, é só morador muito antigo, então é muito bom.

S: Que sorte que vocês tiveram num lugar bem bom mesmo.

I: Graças a Deus né? A gente alugou a casa lá, moramos de aluguel bem assim, não sei se nesse ano, ou ano que vem a gente quer comprar alguma coisa. É o que eu falo para o Edson, acho que Deus põe tudo na mão da gente na hora certa porque falei para ele, já aconteceu tanta coisa e a gente está de pé, quem esperou até agora, espera mais um pouquinho

S: Isso mesmo, está bem Izabel, para o nosso primeiro encontro acho que está bom, falando um pouco da natureza, para ver assim os sentimentos em relação ao meio ambiente e a situação da poluição aqui na Bacia do Rio Cachoeira, está bem?

I: Está bem então.

S: Obrigada.

Segunda entrevista

S: Então... bom dia, Izabel! Tudo bem?

I: Bom dia, tudo! (risos)

S: Aqui estamos nós, depois de alguns dias fazendo a segunda entrevista, né? E... lembrando um pouquinho das coisas que você falou na primeira entrevista, você contou da sua vida, o quanto, também, você gosta de plantas e sempre teve contato com a natureza... como você levou até hoje os seus netos, né, para esse contato. E

você tem pensado nesse assunto, pensou depois que a gente terminou a entrevista, em alguma coisa?

I: Olha... **pensar, a gente sempre está pensando, né? No nosso mundo, no nosso ambiente, na nossa vida, né? E... mas ainda continuo achando que o Rio Cachoeira pode ser melhorado bem (3)**, porque a gente passa ali à noite e a gente vê quanta gente fazendo, por exemplo, corrida, né, caminhada. É um lugar muito, assim, chamativo, né, e com muitas árvores. Mas eu acho assim... até comentei com o meu marido, esses dias, a gente passou por ali e eu falei para ele “nossa, esse rio deve ser uma benção mesmo”, porque se você olhar dentro dele, as beiradas dele, você vê o quanto tem de árvores nascendo e folhagens, né... falei “isso aqui dá, assim, que é maravilhoso, tudo super vivo, né, as cores”... não sei se a senhora já chegou a visitar.

S: Já, antigamente eles cortavam, a gente chama isso de mata ciliar, isso é muito importante para recuperação do rio, e é moradia de muitos bichinhos e pássaros...

I: Verdade... então eu observo muito isso. Tanto de dia quanto de noite eu sempre falo “nossa, isso aqui é uma riqueza muito grande”, né?

S: Vocês passeiam de vez em quando lá, ou mais de carro?

I: Mais de carro, mas sempre que a gente passa por ali, sempre muito próximos os sinaleiros, né... a gente fica observando. Aí eu até comentei, né, com ele falei “nossa, é muito “10” isso aqui “ aí ele falou assim “é, é bonito”, mas... meu marido questiona muito, assim, quando sobe, né, a maré ou chove demais, aquilo ali, né. **Eu acho que aquilo ali devia, assim, arrumar uma maneira de cuidar, de a gente arrumar aquilo ali, deixar organizadinho. Porque é um lugar que o público não deixa de ir, de passear, não deixa de fazer suas caminhadas. Que tem muita gente que trabalha durante o dia, daí deixa para fazer as caminhadas ou cedinho, ou à noite, né...(4)**

S: Percebo isto também.

I: E ali, à noite é um lugar muito bom para se andar ali em volta, tem... nossa, eu acho muito “10” aquilo ali. **Eu, de verdade, torço para que a gente possa melhorar ali...(3)**

S: Você já escutou algum jornal, televisão, falar de alguma coisa que se pensa para melhorar o Rio Cachoeira?

I: Olha, eu assisto muito pouca televisão, né, mas até hoje, no momento, eu não me recordo, assim, de... **recordei até, agora, mas foi de... acho que foi um corpo que encontraram lá dentro(6)**. Mas, assim...

S: Ah, é? Me conta disso, não lembro.

I: Acho que uns 10, 15 dias atrás, que um rapaz estava caminhando ali, acho que teve algum surto, se jogou lá para dentro do rio e morreu afogado. E até, nesse dia, eu e meu marido estávamos indo para o centro, a gente saiu no horário de almoço aqui, estávamos indo para o centro resolver uns problemas, e a gente passou por ali e um bombeiro estava lá, foi aí que foi que chamou a atenção da gente... perto da Havan, ali, chegando...

S: Perto de onde?

I: Antes da Havan.

S: Na Havan?

I: Que tem um caminho ali...

S: Ah, é um pouquinho já em direção ao sul, né?

I: Isso... então, daí meu marido “o que será que aconteceu?” e até falei “deve ser o jacarezinho que tá aí, né”...

S: É...

I: Daí ele disse “ai, tomara que seja”. Aí, quando foi a noite a gente ficou sabendo, que daí a gente chegou em casa e ele falou “vou ligar a TV pra ver se a gente vê alguma coisa”. Daí foi que saiu, que um rapaz... não me recordo a idade, estava caminhando, teve um surto e acabou se jogando no rio e acabou morrendo afogado. Acho que já fazia um dia... e aí ele apareceu boiando... aí foi onde a gente soube.

S: Quando você soube disso, você pensou alguma coisa em relação, assim, por exemplo “nossa, se o rio não tivesse aí, talvez ele não tivesse morrido?”

I: Eu até, né... não, na hora nem pensei. Se tivesse alguém próximo, né. Se tivesse alguém que tivesse prestado um pouco mais de atenção. Porque o que faltou, acho, também, um olhar mais uns pelos outros, né. E... se tivesse alguém próximo que visse que ele estava tendo um surto, ou coisa parecida, e tentasse mesmo ajudar, ou coisa parecida. Ajudar o próximo, né. Mas... foi o que passou na minha cabeça na hora. Porque eu tenho sempre na minha cabeça, sempre você procurar ajudar o próximo né... hoje em dia está bem difícil.

S: É, o rio não tem culpa de nada, né (risos)

I: O rio, o caminho dele é aquele, né (risos)

S: É...

I: Então a gente tem que fazer coisas para melhorar ele, né. E... mas às vezes, também, como diz, né, o ser humano faz coisas assim que às vezes é, né... fora de si. Mas, o rio estava no curso dele, e a gente que está meio que invadindo.

S: É... Quando você fala assim “teria que fazer alguma coisa para melhorar o rio”, o que você faria, assim? O que estaria ao seu alcance para fazer? O que você acha, assim, que poderia ser feito por você ou pelos outros?

I: Ah... eu digo assim, você procurar não estar jogando lixo, né? E procurar manter mais limpo como as pessoas pudessem sentar-se, ler um livro debaixo de uma árvore, das árvores que tem em volta dele, né? **Fazer um... tipo uma pracinha ou um... né? Uns quiosques para o pessoal poder descansar embaixo duma árvore daquela. Observar mais o rio, a vegetação que está em volta dele, as crianças podem brincar... claro, sempre com o cuidado, né, do pai e da mãe. Mas, assim, ter um acesso mais próximo do rio, porque eu acho assim: às vezes o rio está ali, mas as pessoas passam tão na loucura do dia a dia que eles não param para ver “nossa, colocaram um banquinho ali”, não é?(5)**

S: Verdade.

I: Porque as pessoas não encontram um lugar assim próximo do rio para poder observar um pouco mais ele... todo mundo vai achar um pouquinho para melhorar ele. “Nossa, podia fazer isso, podia fazer aquilo”, né? **Então eu acho que o que falta é o pessoal ter mais comunicação com o rio, mais próximo dele, né?(5)(7)**

S: Boa ideia!

I: Acho que ia melhorar bastante.

S: A conscientização, né?

I: Sim, porque eu digo que, aqui em Joinville, são poucos os lugares que temos para ir. **E os que tem, o... eu digo assim, não sei se é culpa dos nossos governantes, né? (3)**

S: Mas é, também, pode falar o que você acha.

I: Mas eu digo, assim, **a prefeitura devia arrumar mais próximo dos rios... para a população se sentir um pouco mais acolhida aqui em Joinville (3)**. O pessoal sai daqui de Joinville para ir para outros lugares no final de semana...

S: Sim...

I: Porque final de semana em Joinville não tem o que fazer. Eu digo, assim, um parque, um local de lazer maior né? Alguma coisa assim para a família passear. Então, eu

acho que Joinville... o que falta mesmo é um parque bom, assim, que possa passear, caminhar. **O povo precisa da natureza, né?(5)**

S: Sim, muito.

I: Então, e o rio que tem aqui, ele não... ele ainda não chama a atenção dos moradores, ele está ali. A gente sabe que ele está ali, só que ele ainda não chama a atenção do povo, do ser humano, né? Quem passa ali. Porque eu acho que se ele chamasse um pouco mais de atenção, **que nem eu falo, né... ter um modo de estar mais perto dele ia chamar mais a atenção.(5)**

S: É... Até porque, também, né... está com mau cheiro.

I: É. É que nem eu digo, né? Tudo falta um cuidado. Porque se cada um, se eu chegar ali, né, e ver que tão melhorando, eu vou procurar incentivar os outros a procurar melhorar muito mais, né? E, que nem diz, até o cheirinho dele vai melhorar (risos).

S: (risos) Porque precisa de ações que melhorem isso, né?

I: Sim. Porque, eu falo, a gente tem muita beleza aqui, né? O que falta é a gente descobrir. Procurar saber ser... ser curioso, né? Porque eu sou curiosa, né? Então se eu vejo alguma coisa, eu vou lá, eu vou procurar ver, se me interessar eu vou procurar ver, ou procurar me informar, né?

S: É, às vezes as coisas nem chegam até a gente, né? Você tem razão. Se tivesse alguma iniciativa de indagar mais a população, e oferecer mais iniciativas. Talvez a população se sentiria mais convidada a participar, né?

I: **Então, ali tem tanto comércio, ali, em volta do rio, né? O pessoal no final de semana pode comprar um lanche, sentar-se, né? Claro, tudo organizado em volta do passeio, das beiradas do rio. O pessoal se senta, come, faz um lanche, toma um sorvete. Ia ser bom tanto para o pessoal quanto para o comércio à sua volta, né? (5)**

S: É...

I: Então, tem que pensar, que nem diz, né... E seguir a vida, né? Olhar para o próximo, cuidar do nosso país, né? Da nossa natureza, que hoje em dia a gente não vive sem ela, precisa cuidar muito, incentivar os filhos da gente, filhos, netos, né, também. Estar cuidando da nossa natureza para a gente ter um futuro melhor. Para os filhos, para os netos da gente no futuro.

S: Eles contam para você, os filhos, os netos, que a escola faz alguma coisa, assim? Para conscientizar?

I: Até semana passada minha neta de 4 anos, ela trocou de escola...está na creche ainda, né? E ela disse assim “vovó”... ela me fez uma ligação de vídeo, daí ela contou “vovó”, eu falei “oi”... “sabe que na minha escola tem uma hortinha” ela falou “uma hortinha”, eu falei “nossa, que legal!” ela disse “sim, nós plantamos...” né, do jeito dela “a gente plantou alface, plantou cenoura...” eu falei “nossa, que legal! E você gostou?” ela disse “eu adorei” (risos).

S: É, as crianças têm uma relação com a natureza que parece que o adulto já esqueceu, até, né?

I: Verdade. Daí ela disse assim “e tem que comprar um regador agora, pequenininho, para gente regar, porque as plantas estão tudo pequeninhas ainda. Aí quando elas estiverem maiores precisa comprar um regador”.

S: Parece ser uma boa escola.

I: Então, são coisas, assim, que a escola também devia estar se preocupando, ensinando para eles, né? E eu fiquei muito feliz com isso, porque além de ela... da gente ver a euforia dela, de saber que tem que cuidar, tem que mexer, tem que plantar, tem que regar, né? E daí as professoras também fazem um teatrinho lá, na hora, com

os palhacinhos e tudo, né, mostrando para eles a semente que tem que plantar, cuidar. Nossa, ela voltou para casa, assim, que aquilo era tudo para ela.

S: Pois é. Esses dias eu vi uma foto de um grupo no Facebook que chama “Parque da Bacia de Cachoeira”. Uma pessoa postou quatro filhotinhos de passarinho lá. Imagina levar a tua neta, passear e mostrar, né? Ela vai olhar para aquele rio sujo, vai olhar para aqueles passarinhos e vai dizer “ah, mas tem que cuidar, vai ter que regar as plantinhas, tem que cuidar, senão os passarinhos não vem mais aqui”, né? Então, tem uma importância mesmo, na paisagem, na qualidade de vida das pessoas.

I: É, é o que eu digo, a gente conseguir despoluir mais aquele rio, né, cuidar para o povo não estar jogando lixo, né? Na beirada... porque a gente sabe como ele enche depois, na época da maré. Aí leva lixo para todo canto e para o mar. Isso aí é ruim para gente no futuro, né?

S: É.

I: **Então a gente tem que conscientizar o pessoal, né? De cuidar.(3)**

S: Verdade.

I: Ter mais lixeiras ali perto. É que nem eu digo, se você conseguir fazer um bosque, vamos dizer assim, né, beirando todo o rio, e vários lixeiros as pessoas vão ter conscientização. E sempre tem aquelas plaquinhas desenhadinhas, né? “Lixo no lixo”. Então, manter o ambiente limpo, né? Para o povo ter consciência. Às vezes eles não fazem porque é mais prático, às vezes, você passar correndo e jogar a garrafinha ali no canto do que você colocar no lixo.

S: É verdade.

I: Só que isso é ruim para eles no futuro.

S: Sim.

I: No presente e no futuro.

S: É.

I: **Mas eu tenho fé que nós vamos conseguir recuperar ele (5).**

S: Está bem, então, muito obrigada.

Terceira entrevista

S: Olá, Izabel. Tudo bem?

I: Tudo!

S: Então, hoje nós, como é a proposta do trabalho, nós estamos fazendo a terceira entrevista sobre a poluição do Rio Cachoeira, das margens, né? Essa área que fica no centro de Joinville, passa por todo o município, nasce lá em cima, continua na bacia do Rio Cubatão, que é mais próximo da área que você reside, né? Área norte... e desemboca lá na lagoa do Saguassú, na baía lá, né?

I: Sim.

S: Então eu trouxe aqui... o que você acha, né, de umas fotos, assim, que você está vendo aqui. Deixa-me mostrar essa foto aqui... essa foto, então, ela é da área central da cidade, onde a gente vê o rio bem mesmo pelo centro, né?

I: Isso mesmo.

S: Na outra entrevista você tinha falado dos passeios na beira do rio, né?

I: Eu... nessa foto eu reparo assim, o verde dela e a água muito suja, né? Então, a gente devia melhorar muito mais essa parte, a gente pode melhorar, né? Muito mais esse lugar.

S: Tem parques, inclusive, que essa mata foi retirada. A gente ainda percebe, né?

I: E o quanto que é bonito o verde, né? Da ponte para lá. E do lado de cá... coitadinho, está assim. Meu Deus...

S: Meu Deus? (risos)

I: **Você vê, é o que eu digo para você, se o pessoal tivesse paciência e quisesse, beirando esse rio, né? Uns quiosquinhos, plantasse umas árvores, teria mais motivo, né? O pessoal ficaria mais atraído para sentar-se, tomar um sorvete, passear com os filhos, tirar um descanso, namorar, né? Mas vai fazer como com o tanto de lixo, né, entulho beirando o rio, não tem como. Por que a gente olha, assim, e a gente fica até triste, né, porque é muita sujeira beirando o rio. E podia ser muito melhor... podia ter uma visão diferente, né?(3)**

S: Sim... aqui até tem a placa dizendo, se eu não me engano, "Preserve a nascente do Rio Cachoeira".

I: Como, né?

S: Embaixo da placa...

I: Com tanto lixo. Não tem como. É falta de conscientização.

S: Né? Eu acho, assim, uma afronta até, né, as pessoas embaixo da placa onde está o aviso...

I: Tem um monte de lixo, né?

S: É. O que será que tem na cabeça das pessoas, né? Por que fazem isso?

I: É, às vezes é o que eu digo, é mais prático, às vezes, na correria do dia a dia você sair só jogando, só jogando. Só que isso aí vai repercutir para frente. Esse lixo aí.

S: É, aqui até aparece um mutirão de pessoas tentando recolher, né?

I: Fazer a limpeza, né?

S: É. Mas, o que eu fico pensando é: se não tivesse a placa ainda, tudo bem, né? Uma pessoa vai lá jogar um pneu, um outro vai lá, joga um pedaço de madeira, outro vai lá e joga uns sacos plásticos..., mas cada um que continua a fazer o que o outro está fazendo... tem uma placa dizendo que não é para fazer, e por que as pessoas fazem, né?

I: É falta de... que nem eu disse, na correria às vezes não pensa ou uma falta de conscientização, não... parece que cega a pessoa. É, uma afronta, né? Com a...

S: É. Você acha que a prefeitura deveria fazer mais esse tipo de trabalho?

I: Sempre, né? Pelo menos uma vez por mês, no mais tardar, a cada dois meses, fazer uma vistoria na beirada do rio todo, né?

S: De fato.

I: **Desde o começo até o fim dele... para ver se está tudo em ordem. Ou começar a arrumar uma maneira de cobrar mais, né? Do povo que mora próximo, porque geralmente, nesse caso, quem mora próximo, né, que joga o lixo... arrumar uma maneira de conscientizar o povo, né, mais próximo dali. Para ter noção de que o rio é importante para gente, e que a gente precisa cuidar dele.(3)**

S: É verdade.

I: Aí caminhões, né, foram... de terra, com entulho.

S: Então, você vê que já não é só no nível da pessoa chegar e jogar, né?

I: É, os de fora estão fazendo.

S: É um caminhão, né, é caminhão.

I: Porque isso tudo tem que ter um destino certo, né, cada um com os seus dejetos, cada um no seu lugar, né?

S: É.

I: **Meu Deus, que tristeza...! Mas isso aí é de muito tempo?**

S: Quantos peixes você acha que tem aqui?

I: Ah... tem milhões aí, né?

S: Matou tudo, né?

I: Sim.

S: Não é de tanto tempo. Olha, é um ano e pouco, dois anos.

I: Pois é. De alguma empresa, alguma... porque para matar tanto assim a poluição tem que ser muito grande, né?

S: Pois é.

I: É algum produto químico na água.

S: Certamente.

I: **Mas é triste de ver.(2)**

S: É, né? Da uma sensação ruim... morte, assim. Uma coisa que não precisaria, né?

I: Ia alimentar muita gente, né?

S: Além disso. Deixa-me ver se tem mais alguma... ah essa aqui também eu acho interessante.

I: Nossa, que legal!

S: Já tinha visto alguma foto assim?

I: Não, é que lá, até no face book, eu sempre olho as... tem um pessoal que eles postam fotos bem antigas de Joinville, de pessoas que... de anos atrás. Eu acho muito dez as postagens que eles colocam, tipo de casas muito antigas, de moradias, de mercado, de venda... porque nas antigas era venda, né? E agora olhando isso aí eu lembrei. Nossa, muito dez!

S: É. Então, aqui é o moinho, é o mercado municipal, e aqui era um porto, foi aqui que chegaram os imigrantes, né?

I: sim.

S: Legal, né?

I: Aham... era tão diferente, né? Dá para ver que o rio teria uma outra visão, né? De limpeza, de cuidado, né?

S: Exatamente. Muitos anos, né, sem cuidado, jogando coisas dentro que não pode. Então, agora vamos ver umas bem bonitinhas aqui, desse rio também, né?

I: São muito lindas, né?

S: Que amor, né?

I: Aham (risos). Mas isso ainda existe aqui?

S: Isso é aqui! Chama-se Guarás.

I: Eu vi isso aí, mas indo lá pro..., como é que é o nome daquele lugar?

S: Lá pra Barra do Sul? Para os Espinheiros?

I: Isso! Pelos Espinheiros.

S: Aham. Então, ali no final do Rio Cachoeira tem uma ilha, né, eles chamam de Delta do Cachoeira. É uma ilha que tem, aonde eles moram, eles se recolhem de noite esse espaço ali, sabe?

I: Que legal!

S: Aham... bem legal mesmo.

I: Olha, que lindo! Nossa, que show de bola!

S: E quanto menos poluição, mais eles estão voltando, sabe?

I: Sim, mas aí nessa foto já dá para ver que aí é um lugar mais limpo...

S: Aquela lá é a Foz do Rio Cachoeira, né? Já é a saída.

I: Olha, é o que eu digo, né, se a gente pudesse fazer uns... banquinhos, uns quiosquinhos, né? Entre as árvores, ali. Nossa, pensa que lugar gostoso.

S: É. Eu tenho uma foto aqui, que mostra um pouco. Aqui seria o início dos dois rios, esse é o Cachoeira, né, o Rio Cachoeira... e então aqui tem essa ilha dos Guarás, bem aqui na saída. É muito legal. Mas é em todo lugar, ali lixo para tudo que é lado, né? Ó o Fritz que você falou.

I: (Risos)

S: E o pessoal passeia de bicicleta... isso aqui é uma televisão, fui eu mesma que tirei essa foto, outro dia. Isso é a ponte do trabalhador. Aqui o pessoal pescando mesmo assim, né? O pessoal do balé, as crianças, não tem banquinho, sentam-se na madeira mesmo. E aqui é o uso da avenida para uma exposição de carros, e lazer nos finais de semana.

I: Essa é uma capivara?

S: Essa é uma capivara!

I: Em Curitiba a gente ia no Parque Iguaçu, mas lá tem de monte. Aí nos domingos, tem um parque aberto, assim, né? Nos domingos se vê a família toda sentada, de capivaras, tem mãe, pai e os filhotinhos. Coisa mais linda!

S: Que amor..., mas é difícil, né, ter no meio da natureza essas coisas.

I: Verdade.

S: Essa foto aqui também... olha que interessante, é lá... não sei se é isso que você quis dizer, também, um pouco, né? É uma pessoa que utilizou as margens do Cachoeira, ali, aproveitou e fez uma exposição de fotos, então, da fauna, né, do Rio Cachoeira

I: Sim... e é uma forma de chamar a atenção. É o que eu digo, né, é uma forma de chamar a atenção, porque ali o povo é curioso, eles querem ver, eles querem saber, né? Fizerem esse... quem fez essa exposição está de parabéns, porque assim, chama a atenção. O povo para ver e já começa a olhar em volta dela, né? O que precisava melhorar, o que está bom, o que não está, né?

S: É.

I: É uma maneira de chamar, de convidar as pessoas.

S: Sim.

I: E essas pessoas... pôr para fora.

S: Sim.

I: Se fizessem um, a cada mil metros, né, fizesse uma exposição dessas, e uma pessoa pergunta o que poderia melhorar para o Rio Cachoeira, né? Mesmo em volta dele. O povo ia pôr a boca no mundo e mudar alguma coisa.

S: É, né? Tem uma coisa aqui, sabe, Ivani, que ainda para finalizar eu queria mostrar para você..., uma foto que a gente passou há pouco. Essa daqui, né?

I: Nossa!

S: Então, essa foto é muito chocante, né?

I: É. É porque ali dentro do rio ia muita poluição, né? Vamos dizer assim, acho que o nome certo...

S: Esgoto mesmo, né?

I: É. Porque ali é esgoto, é... sabe Deus o que sai de dentro dessa tubulação aí para desbocar no rio, né?

S: É.

I: Aí é, que nem diz o outro, vai matando o rio aos poucos, né? **Você está poluindo cada vez mais... o pessoal tem que ter mais conscientização disso, né, a prefeitura também, procurar olhar mais, né... saber o porquê está desembocando no rio, de onde que está vindo. Para cortar isso, né? (3)**

S: É.

I: Então...é uma, que nem diz, é uma imagem assim... de verdade chocante. Porque ela... as vidas que tão morrendo pouco a pouco... que tão agonizando, tão pedindo socorro.

S: Pedindo socorro... Então está bem, Izabel, então é isso que eu tinha pra explorar um pouco com você hoje, né? Essa parte aí tão linda da nossa paisagem urbana, e que as pessoas realmente, né...

I: Se conscientizem.

S: Né? Chegar a jogar objetos, assim, sem necessidade, né?

I: Verdade.

S: Então, está bom, muito obrigada, então pela sua participação, é de muito valor.

Participante 6: Roberto

Primeira entrevista

S: Bom dia Roberto, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre você, onde você cresceu?

R: Sou natural de Joinville.

S: Aqui no questionário você coloca Região Sul. Em qual região você mora mesmo?

R: Então... hoje em dia eu não moro mais na zona norte. Eu moro mais ao sul de Joinville. Mas isso em torno de 2 anos que eu moro na outra parte da cidade. Eu me criei no bairro do Itaum. E sempre fui uma pessoa assim que passeava bastante pela cidade né? Tinha um número de amigos ali, que a gente ia ali no centro no entorno do Rio Cachoeira, às vezes fazer um social na própria rua das palmeiras, ou às vezes a gente ia fazer uma social ali atrás do Cau Hansen...

S: Muito bom ter amigos.

R: Então a gente sempre frequentava bastante ali as redondezas do centro né? Principalmente na minha adolescência para minha fase jovem-adulto, né? Sempre frequentei bastante aquele ambiente, desde vamos dizer assim, dos meus 13, 14 anos..., que eu frequentemente andava por ali junto com o meu grupo de amizades.

S: Certo. E... como que você sente assim... essa interação com o rio cachoeira... vocês já constatavam na época a poluição do rio, como era?

R: Então isso é uma coisa bem antiga, né? **Desde que eu me entendo por gente, vamos dizer assim, desde que eu passei pela primeira vez ali, eu nunca vi o rio limpo...(1)**

S: É né?

R: É... **sempre teve... um... um certo descaso, vamos dizer assim, das autoridades com relação ao cuidado com esta parte da cidade.(3)**

S: Entendi.

R: **Antigamente era mais poluído, porque tinham algumas empresas que se situavam ali nas margens ou nas redondezas do rio, que colocavam seu descarte ali para dentro do rio mesmo.(4)**

S: É verdade...

R: Eles meio que ignoraram o fato mesmo durante anos, mas depois da população começou a pegar um pouco mais em cima né? Porque querendo ou não às vezes... isso é uma coisa que acontece muito de a gente estar lá, por exemplo pelo centro, às vezes na social, o rio enche. Quando comecei já minha vida adulta no mercado de trabalho, um dia, de repente veio uma chuva e em questão de 15 minutinhos a água entrou nas ruas do centro e fica tudo embaixo da água, e isso muito... muito por causa da... da poluição, né...

S: Da poluição...

R: Como o rio suporta tanta coisa, né? Não é só água que tem dentro...então isso querendo ou não acabou prejudicando o rio, a profundidade do próprio rio ali, né? Que antigamente passavam até navios, né? A gente lê assim, nos livros de história... que... os colonizadores de Joinville chegaram por ali, né?...

S: Sim...

R: Foi por ali que eles chegaram, então... passava navio ali. Está certo que não era navio, era... era...

S: Sim, eram barcos grandes, né?

R: Mas eram barcos muito grandes, né?

S: Verdade.

R: Não chega... não chega a conseguir comportar um barco desse porte hoje... Porque... sabe né? **Então fico assim... isso deixa a gente triste, né? Tanto que a gente não consegue... a gente acaba perdendo um pedaço da história da cidade... para um monte de lixo que acaba se tornando aquilo ali, né?(2)**

S: É.

R: Então... a gente se sente triste, né? Não tem como a gente ficar feliz com uma situação dessa, né?

S: Pois é. Mas assim, essas enchentes, esses transbordamentos, isso algum dia entrou na tua casa ?

R: Não, na minha casa propriamente não, que eu moro... sempre morei longe do Rio Cachoeira, morava, por exemplo, no Itaum, mas isso já me impediu várias vezes de transitar até minha casa... (vamos dizer assim...)

S: Entendi.

R: Eu trabalhei na rede de supermercados Giassi lá da João Colin, não tem muito tempo... tem mais ou menos... é... tem 4 anos... 4 anos atrás eu trabalhei... na rede Giassi, no açougue... e... já aconteceu, não foi uma nem duas vezes, de uma pequena chuva, mas depois ali, pega de repente uma lua cheia, acontece uma chuva de 15 minutos, perto do horário da gente sair pra ir embora, e **a gente simplesmente não tem como ir embora, não tem como ficar na própria loja, porque ela fecha, e... a gente fica no meio da madrugada à deriva na rua, ilhado no centro, sem ter como sair pra casa ou pra lá do centro, que quem tá lá no centro não consegue sair nem pra norte nem pra sul, e não tem o que fazer tem que esperar baixar...(2)**

S: Sim.

R: ...e às vezes demora horas, imagina você cansado de um dia inteiro de serviço...

S: É...

R: **...ter que aguardar ainda a boa vontade da natureza para poder ir para casa. É um problema... um problema que, a meu ver, é grave na cidade é....(2)**

S: Muito grave.

R: E claro, né? **Sem contar as... as... nas perdas aí, materiais, né? Das outras pessoas que... das pessoas que têm loja no centro mesmo, eu às vezes me coloco no lugar dessa pessoa, imagina....(6)**

S: Pois é.

R: você trabalhar a vida inteira, e de repente vem uma chuva de 10 minutos e leva embora metade daquilo que você suou tanto para conseguir, é uma coisa que deixa qualquer um a... à deriva ali com... porque foi.

S: Verdade.

R: **E o rio cachoeira está até no meio de Joinville, uma coisa que deveria ser muito mais, muito mais cuidada, ter muito mais importância para o bem-estar dos moradores da cidade.(3)**

S: Alguém da tua família teve, no passado assim, contato com o rio Cachoeira quando ele ainda era limpo ou não?

R: A minha mãe. Minha mãe, ela... ela conta...

S: Ela conta?

R: Sim, ela conta...

S: Me conta um pouquinho disso.

R: **Ela conta, que ela... ela se banhava, não só no rio Cachoeira, como também no rio Itaguaçu...em alguns outros rios, que tem ali nas redondezas. Eles se banhavam ali. Quando eles eram adolescentes, a minha mãe, o meu tio Luciano que é irmão dela... mesmo a minha avó, né? Só que... eles contam com muita saudade e com uma tristeza grande no coração deles. (5)**

S: É, porque, é como para a gente hoje, ir aos finais de semana até uma praia, até um rio que fica mais longe, né? O Rio Cachoeira era assim para algumas pessoas, né?

R: Justamente, imagina no verão, eles indo com carro...

S:É...

R: ...de bicicleta, ou muitas vezes a pé...

S: Isso...

R: E era... Joinville toda era diferente, né? Era um ambiente mais... mais rústico, tinha mais mata fechada...

S: Sim.

R: ...tinha mais... era mais trilha, né? Você pegava a bicicleta...

S: Sei.

R: Eles contam assim, né? Eles pegavam a bicicletinha deles ali... tanto que... até a cidade, era chamada de A Cidade das Bicletas, né?...

S: Isso mesmo.

R: Tinha mais bicicleta do que automóvel, né?

S: É.

R: Eles pegavam as bicicletinhas deles, iam para o rio, iam para outros rios também. Não tinha só o Cachoeira, tinha os braços do Cachoeira também...(iam para lá também).

S: Sim. Tudo é a Bacia do Cachoeira e do Cubatão.

R: Isso. E aí... tinha rios assim, aqui no Itaum, lá no Guanabara, é... tem mesmo lá na rua Dona Francisca também, uma parte do rio Cachoeira que é mais estreita, né?

S: Isso.

R: **E todos esses rios eram limpos, né? Eles podiam até escolher aonde eles iam tomar banho...(5)**

S: Verdade.

R: Mas a falta dos rios tratados acabou com os rios da cidade.

S: É... acabou mesmo. O pior é que... a gente não consegue assim... entender porque que não tem um trabalho de recuperação eficiente, né?

R: **Eu acredito que a questão das autoridades não... não conseguirem fazer uma coisa eficiente em relação a isso, deve-se ao fato de que... hãã... sempre... a coisa a ser feita é uma coisa mais paliativa pra... pra agora, nunca se pensa a longo prazo. (3)**

S: É verdade.

R: Porque... "Daqui a 8 anos, eu não serei mais o prefeito."....

S: Certo.

R: "Daqui a 8 anos, eu não serei mais o governador." , governador eu não sei se tem esse.... esse empecilho, mas enfim, de qualquer forma, nenhum deles governa, nenhum... nenhum... nenhum dos que estão no poder governa para amanhã, eles sempre governam para agora.

S: É verdade.

R: "Então agora, eu quero PIB, eu quero isso, eu quero aquilo..." , mas não pensa que daqui a 30 anos, o que ele fez hoje pode trazer algum benefício para o mundo.

S: Entendo.

R: Então eu acho que isso é um dos grandes problemas, no modo como... todo o Brasil, não só Joinville, no modo como todo o Brasil faz política.(3)

S: Estava falando até, antes... com o Flávio que... a gente não escutou um candidato a prefeito de Joinville, falando no meio ambiente, né? Eu não escutei pelo menos.

R: Justamente, eu não tenho viés político de esquerda nem de direita...nem tampouco exerço, eu na verdade eu sou descrente politicamente, vamos dizer assim... Eu tendo mais ao...ao liberalismo político...

R: Uma coisa que nunca foi proposta em... lugar nenhum, na história até hoje...

S: Uma anarquia?

R: Não exatamente uma anarquia, eu diria uma... uma sociedade de governo privado, uma coisa onde você pudesse escolher onde você vai colocar o dinheiro e não ser tomado a força da maneira que ele é...pra criar aquilo que a população realmente demanda, seja o que seja feito...vamos dizer.

S: É...

R: Por exemplo, não você... você não ser obrigado a votar num candidato, porque ninguém concorda cem por cento, todo mundo tem suas divergências, imagina que se tal pessoa ganhou, aquelas pessoas que não votaram e não concordam, mas elas vão ter que engolir ela durante 4, 8 anos...

S: É...

R: ... o que quer que seja, então isso eu acho uma coisa forçada. Mas se você pudesse escolher: "Olha, eu vou financiar tal projeto..."

S: Entendo.

R: "E eu vou financiar tal projeto." Aí... todos lá saem ganhando, que aqueles que querem tal coisa vão conseguir o que querem, e aqueles tal coisa vão conseguir o que querem...

S: Talvez o país não esteja nessa maturidade política ainda, né?

R: Eu acho que... querendo ou não um dia, o mundo todo vai se encaminhar para isso, porque cada vez mais fica evidente que os não políticos são os que estão se preocupando com as necessidades da sociedade. Então se parar pra pensar, as últimas eleições aí, tanto aqui no Brasil quanto nos Estados Unidos... aqui no Brasil muito pouco não políticos participando...,Mas eles têm cada vez mais voto... tanto que é... nos Estados Unidos, por exemplo, um não-político virou presidente... dois, né?...seguidos...

S: É...

R: O Obama e em seguida o Trump, eram dois que não eram políticos... surgiram... e já conseguiram se eleger, se eleger no caso ao estágio mais alto, né? Do próprio país...

S: É...

R: Então, eu vejo isso como... pontinha de esperança...porque talvez assim os políticos enxergam que a humanidade não tá tão... com tanta fé assim na maneira como estão as coisas...

S: É, por exemplo, a gente fala político de carreira a gente não se refere aquela pessoa como uma pessoa que faz carreira no mundo de saber fazer política...não, ele vai lá para roubar....

R: É isso que ele faz...

S: ...ele vai aprender com os políticos antigos como é que faz as tramoias (risos).

R: Justamente, isso, tanto que ele não faz outra coisa a não ser isso. Um político de carreira não produz absolutamente nada...Ele só consome a produção alheia e diz o que vai fazer com ela.... e... infelizmente, a gente vive nesse sistema. Só que assim, eu acredito que aos pouquinhos a humanidade está amadurecendo ...

S: Sim.

R: Vai ser uma coisa que vai demorar alguns anos a... eu talvez não esteja vivo para ver esse dia, mas um dia eu acredito que a humanidade vai melhorar.

S: É, porque a hora que as coisas ficarem tão ruins, tão ruins, daí não vai dar para aguentar, né?

R: E outra coisa que ajuda muito a sociedade privada, vamos dizer assim, é a informação, hoje em dia a informação é muito fácil, muito acessível, qualquer um sabe tudo, todo mundo consegue a informação que quer na palma da mão, ah se de repente chega uma *fake news* pra mim por exemplo, eu consigo na hora, buscar fonte e verificar se aquela notícia realmente faz sentido, realmente condiz com a verdade ou é uma *fake news*, eu não preciso de um jornal me dizendo que é ou não é *fake news*, inclusive algumas vezes a gente pega uma notícia no jornal e vou verificar e descubro que não é aquilo, é uma interpretação... não que seja falso, porque...se você pegar uma informação, geralmente ela sempre tem uma ponta de verdade, sempre tem alguma coisa ali que faz sentido...

S: É a fumacinha, né?

R: É. Só que você precisa... ver o contexto, para daí dar o seu ponto de vista, né?

S: Sim.

R: E hoje em dia, todo mundo tem acesso a isso, são muito poucos os que não tem acesso a isso, então a humanidade acho que vai evoluir.

S: Tomara, eu acho bom isso. Porque às vezes a gente tem coisas sendo divulgadas tão boas, e a gente pensa: "Pena que só parte da população vê isso.", não é mesmo?

R: É. Mas aos pouquinhos...

S: Tem que ter fé, né, Roberto?

R: ...a informação... aos pouquinhos a informação vai chegar...

S: É...

R... isso é uma coisa inevitável, eu diria, eu diria que isso é uma coisa inevitável, porque a 10 anos atrás, a 15 anos atrás, eu jamais sonharia que eu teria um computador na palma da minha mão...

S: É...

R: E isso é uma coisa que hoje em dia é simples de ter...

S: É verdade...

R: **Então eu acredito que a tecnologia e a informação, vai salvar a humanidade do abismo da política que tem responsabilidade sobre o meio ambiente.(5)**

S: É se não cortarem, né? Porque quem tem o poder, também pode ir lá e dizer: "Não pago mais o satélite e ninguém mais vai se comunicar por..."...

R: Só que ah... eu acredito que a informação dá um jeito, uma vez que a informação começou a se espalhar, ela é igual a vida, vamos dizer assim...

S: Você acha isso?

R: Sim.

S: Ah, eu tenho um certo medo do controle...

R: Mesmo... mesmo num... mesmo no... sim, quem tem o controle, claro, né? O monopólio da violência, que eu... que eu diria... que eu chamaria assim, o estado, o monopólio da violência, ele pode praticar violência contra qualquer um, e mais ninguém pode praticar violência, acha a violência errado, mas ele não acha a violência errada em qualquer aspecto...mesmo quando...é o estado colocando violência ali. Mas assim, eles podem usar a violência, podem usar censura, porém existem alternativas sendo colocadas. Tem várias alternativas aí, sendo inventadas ainda, e embora eles tentem, eu não acredito que eles consigam, porque informação é uma coisa que vicia, e uma vez que a humanidade aprende a consumir informação, eles

não...não conseguem mais viver sem. Por exemplo você, você consegue viver sem seu Smartphone hoje?

S: É, de jeito nenhum, né?

R: Então...

S: A gente fica doido quando não está funcionando, né?

R: Então eu digo assim, a informação é uma coisa viciante, não tem como você ficar sem mais uma coisa que você tem acesso a ela...

S: É...

R: Então eu... eu acredito que tentar, eles podem, mas eu acho que é uma coisa que já fugiu do controle deles... Tanto que a internet já ganhou duas eleições aí...

S: É... Pois é. Então Roberto, nós temos 3 entrevistas, essa é a primeira, vou tratando desse assunto sempre com perguntas um pouco diferentes, né? A gente vai chegar num ponto onde você vai poder falar um pouco de outras ideias a respeito disso...

R: Aham...

S: Mas... e... gostei muito assim do que você escreveu no seu questionário e que você foi sincero com relação a isso tudo, né? Que você trouxe aqui, sabe?

S: É... como você diz aqui, né? “É um rio que tem mal cheiro e me dá raiva.”. né?

R: **Mas ele causa revolta mesmo.(2)**

S: É...

R: Imagina que... **você sabe que é possível fazer algo para mudar isso, e não é uma coisa tão fora de alcance assim, né? Basta você ter divulgação, basta você se preocupar em mostrar o que tá acontecendo ali pro máximo de pessoas possível, para aqueles que realmente conseguem ajudar a se sentir no poder de se mexer ou até ressentir, já que a gente vive nesse sistema em que tudo tem que ser citado e tudo tem que ser colocado no papel, então que fosse tentado, né? Mas a gente não vê isso, a gente vê um... um... um “Deixa pra lá, amanhã a gente vê...de repente o próximo prefeito de repente vem uma proposta de campanha ou coisa assim...”, é como se fosse uma bala na agulha, para uma próxima campanha política, vamos supor assim, eu acho até impressionante que ninguém falou nisso agora, mas é porque não tá tão em pauta, né? Agora a partir do momento que começar a ficar muito em pauta, eu garanto que aquilo ia se tornar a próxima campanha eleitoral.(7)**

S: Talvez.

R: E isso é uma das coisas que me dá raiva, né? Ao invés da pessoa resolver o problema, a pessoa deixar o problema acontecer, para posteriormente poder usar como arma política, ou como qualquer outra coisa, nesse sentido, para falar, isso é uma coisa que prejudica, né? Gera perdas materiais com a enchente, gera o mal cheiro ali, a questão ambiental, o próprio rio, como é que eu vou dizer assim, negligenciamento do rio ali, gera também problemas econômicos, porque imagina você não poder usar esse rio para poder receber cargas de maneira mais eficiente, né? Sem precisar passar o trânsito da cidade, imagina o tanto de coisa que não daria para fazer usando esse rio, e a gente deixa de nutrir isso justamente pelo descaso com o rio.

S: É... A gente que não mora na beira do rio, até nem sente os efeitos diretos até da maré, de estar ali na enchente, no mal cheiro, tudo, né? Imagina quem está perto, né?

R: Talvez assim a gente possa... ter uma... uma noção, mas nunca é igual a quem está perto... mesmo quem tá perto eu acredito que se acostumar com o tempo, acaba esquecendo.

S: Olha, eu vou te dizer, deve acostumar-se, porque se ficasse revoltado, o rio já estava limpo também, né?

R: Sim, e ali é muito mau cheiro.

S: Porque eu não sei como é que aguentam.

R: E ali também é uma região que o pessoal que mora em... nos redores ali é bem valorizado, hein, financeiramente falando...

S: É...

R: **Então eu acho que eles têm uma pressão maior política, eu acho que se eles estivessem realmente incomodados com a poluição seria diferente.(3)**

S: Exato.

R: **Eu acho que algo já teria sido feito. Embora, uma vez, o ex-prefeito da cidade de Joinville Carlito Mers, tenha proposto isso, e tenha até colocado em prática ali, um sistema chamado Flot Flux para fazer uma espécie de limpeza lá, assim que ele saiu... da prefeitura, já desativaram tudo e... enfim, sucatearam lá o equipamento, embora assim eu não tenha... como é que eu vou dizer assim uma afinidade política nem pela esquerda, nem pela direita, eu sou obrigado a reconhecer que, nessa questão, o único que botou isso em prática, e colocou isso em pauta, que eu conheço, que eu tenha visto e revisto, seriam aquele Carlitos Mers...(7)**

S: O Carlito, né?

R: Do PT, né?

S: É...

R: Isso. Ele também fez algumas limpezas em rios... lá no Itaum, lá no Guanabara, e isso... isso afetou a população lá, porque aquele rio que estava próximo à rua Fátima...

S: sei.

R: É... ele vivia enchendo, ele enchia, acho que... qualquer chuvinha, ele já enchia, e depois que ele fez uma dragagem naquele rio lá, quando vem aquelas águas e tira a lama do fundo do rio...para aumentar a profundidade, depois que ele fez aquilo ali...

S: Melhorou?

R: **...durante a eleição dele, ali não teve mais enchente. Depois, né, quando começou, foi quando já havia trocado, né, o prefeito, e ficou, como é que eu vou dizer assim, largado ali, e ficou enchendo de volta, voltou a encher ainda, uma, duas vezes,, mas não na mesma...(5)**

S: A mesma coisa...

R: ...não na dimensão que era antes desse mandato.

S: Pois é, mas aí eu te pergunto, né? Por que que durante a campanha, quando as pessoas veem os candidatos, essas pessoas, elas não vão forçar, não vão na televisão pedir para o candidato novo falar sobre isso....?

R: É uma coisa interessante...

S: O que eu quero, é saber, porquê que a população não faz nada....?

R: Isso é uma coisa...

S: Entendi. O que é que passa na cabeça das pessoas? Será que elas estão abatidas? Será que elas estão assim, apáticas? Estão sem fé que pode mudar alguma coisa, que ninguém faz nada...

R: Isso é uma realidade....

S: Ou será que porque a maneira com que alguém está tentando fazer alguma coisa não é a maneira certa?

R: Ou de repente não é uma maneira com que elas concordam...

S: Porque no final do meu trabalho, claro que eu vou fazer a pesquisa, vou demonstrar o que as pessoas estão dizendo para mim, mas o que eu acho que eu estou pensando, que é minha hipótese, né? É que os programas, eles existem, ah... as propagandas...

“Cuide da natureza” existe, as indústrias falam, o governo dum jeito ou do outro fala, mas por que que não acontece na prática alguma coisa? Porque eu acho que essas campanhas, elas têm que incluir grupos de pessoas treinadas para ir às comunidades e escutar um pouco as comunidades, não chegar e dizer “Olhe, faça isso, faça aquilo, faça aquele outro...” como se eu fosse a dona da verdade, o mestre, que eu vou dizer o que tem que fazer, eu acho que as pessoas responsáveis devem ir lá e escutar qual que é a realidade da comunidade, sabe?

R: Sim...

S: Por que que vocês tão sofrendo um mal tão grande na região de vocês e vocês não falam nada?

R: Ou quando fala...é um falando isolado.

S: É... ou então pensa assim “Ah eu tenho tanto problema, tanta conta para pagar, eu não. Eu acho errado, mas eu não tenho nem tempo, daí como que eu vou me reunir? Vou estar sozinha, ninguém que vai me ajudar?”

R: **É... está complicado...(4)**

S: Isso tudo que você está falando também, é isso que eu quero escutar, sabe?

R: É muito isso mesmo. Porque assim, quando a gente fala desses assuntos, geralmente a gente fala entre rodinhas de parentes, ou coisa assim, geralmente com quem nem de fato entende sobre isso...

S: É mais um desabafo, né?

R: É mais... isso. É mais quando a gente está... discutindo política domiciliar... mais ou menos...

S: É

R: Eu estou falando com meu tio, eu estou falando com meu primo sobre política e eu falo com meu pai...

S: Isso...

R: **É difícil a gente chegar numa comunidade/autoridade com esse assunto...(4)**

S: É...

R: Entende? Mesmo porque a gente também não tem um portal, vamos supor assim, claro, que a gente possa deixar essa opinião assim....

S: É...

R... de forma enfática, vamos dizer assim...

S: Sim...

R: ...que chegue lá dentro, no gabinete do prefeito, ou que chegue na câmara dos vereadores...

S: Sim...

R: A gente não tem assim... a não ser, é claro, aquele... aquela associação de moradores, que muitas vezes consegue chegar em alguns vereadores pra colocar as ideias.

S: Entendo.

R: Mas daí, **depende a gente conhecer, no caso assim, um vereador, de repente alguém que conhece o governador, eu conheço alguém que conhece um vereador eu já não conheço ninguém.(5)**

S: Mas a gente mesmo conhecendo um vereador, se você não tem contigo um grupo expressivo de pessoas, um número maior de pessoas, o governador vai dizer: “Ah, é só meia dúzia que querem...”, né? Né? Mas se for mais pessoas, talvez alguma coisa se faça, né?

R: É, eu acredito..., Mas assim, o que eu acho que pode... é... ocasionar nas pessoas não se expressarem, seria mais isso mesmo, né? Porque a pessoa já se satisfaz em se abrir, vamos supor, para um conhecido, um parente, a pessoa se abriu ali,

desabafou, “Pronto, falei mal, do descaso do rio Cachoeira.”, um monte de pessoas está preocupado se vai ter bebida na festa...entende?

S: É. Isso.

R: Então acho que é mais isso que causa esse descomprometimento da população com esses assuntos, é mais a falta, digamos assim... tanto de... uma ouvidoria... clara, porque muita... eu... eu mesmo não conheço assim um portal que eu possa ligar, e levar mais pessoas, e ir atrás, para poder colocar isso lá dentro no gabinete do prefeito, eu não conheço...

S: Entendo.

R: ...e enfim, se tivesse uma coisa clara assim, não digo que... eu seria a pessoa, o líder por trás de alguma coisa assim, mas eu acredito que tem pessoas que tentariam erguer essa bandeira, vamos dizer assim, só que eles sempre colocam de uma maneira muito escura, né? “Ah, que teve isso, teve aquilo...”, mas sempre... sempre... é... sem ser grupos, a não ser que você fizesse... fizesse assim, organizasse um protesto em frente da prefeitura ou alguma coisa assim, mas aí quem tem tempo, né?

S: É, só que só o protesto, ele vai acabar, quando acabar o protesto, você não tem um projeto, você não tem uma proposta, para dizer “Olha prefeito, a gente... a gente quer fazer um mutirão de pessoas, que vá pra vários bairros escutar as pessoas...” né? “Qual é o sofrimento delas? O que que elas tão passando? Que elas veem uma pessoa jogar lixo no meio da rua, elas vão pro cara do caminhão indignadas dizendo “Moço, isso aqui não é lugar de jogar lixo.” e ele vai dizer “Ah, mas eu vou jogar do mesmo jeito, porque todo mundo joga.”, e tu vai fazer o que com um... com um cara desse, e ele não tá consciente, né?

R: Se você prestar atenção, enquanto estiver andando, você vai ver que de vez em quando você vai encontrar um saco de lixo, um sofá etc.

S: Na sua região?

R: Sim...

S: Ah, é?

R: Isso é uma coisa que deixa a gente perplexo, sabe? Uma pessoa que tem a mínima noção, sabe que isso é totalmente errado...

S: Pois é...

R: Não precisa nem ser muito esperto para isso. Até o meu filho, meu filho... mais velho tem 8 anos, ele quando olha ele fala “Isso é porquice pai, olha ali...”, e é, ele não está errado, se você olhar, ao longo da via por onde você está passando...

S: Mesmo?

R: ...é... tem sacos de lixo grandes, tem entulho de coisas que jogam, tem... tem sofá, tem fogão, tem de tudo que eles jogam ali, é uma coisa absurda...

S: Ah... Eu precisava de umas fotos.

R: Então está bom, na próxima entrevista eu vou trazer umas fotos...

S: Isso, isso.

S: É, porque... nossa, é assim uma coisa que... né? A pessoa-...

R: Não faz o menor sentido, eu acho que a gente perde o senso de humanidade quando a gente faz esse tipo de coisa...

S: É...

R: ...porque tem lugar ali do lado para você botar isso, e não é uma coisa que “Nossa senhora, eu vou... perder...”

S: Eu não sei se eles pensam “Ah, os outros deixam, eu vou deixar também.”, eu acho que não é mais, porque tem tantas pessoas já que são conscientes, né?

R: Isso é uma coisa absurda... eu acho que isso já é fora do comum...isso não é uma coisa que acontece...

S: Pois é, o que que é isso, né? Que assim, é uma sem-vergonhice.

R: É.

S: Né? É uma coisa assim...

R: **E é uma coisa que a própria pessoa que está fazendo sabe que é errado, porque se ela parar o carro pra fazer, e estiver passando outro carro, ela para de fazer e fica esperando o carro passar, porque ela sabe que se for vista fazendo, ela sabe que ela tá fazendo.(5)**

S: Então, um tem um filho especial, cada um tem alguma coisa, sabe? Outros dizem "Não, tudo vai ficar... melhor, alguém vai dar jeito." "Alguém". Aham.

R: Eu acho que a mudança para melhor, sempre tem que partir do pessoal, sempre tem que ser pessoal...

S: É, e nas pequenas coisas, né?

R: É, se você pode fazer melhor, faça melhor...

S: É...

R: ...não importa o que seja, pode ser desde pegar papel de bala do chão, ou sei lá comprar alguma coisa pra alguém que tá com fome na padaria, e., tudo o que você pode fazer de bom e de melhor você deve fazer, porque... se não... se não tiver pessoas dispostas a fazer o que puder fazer melhor, o mundo vai ser sempre essa desgraça.

S: É, porque as pessoas têm problemas, né? Então às vezes a gente cobra isso das pessoas, e as pessoas vão dizer "Ah, mas eu tenho problema de saúde.", "Ai, eu tenho problema de dinheiro.", "Ai...", sempre aquilo lá não é tão importante, sabe?

R: É todo mundo tem problema sempre.

S: É.

R: Eu acho que hoje em dia as pessoas têm dificuldade em enxergar o problema do outro. Todo mundo olha para o próprio problema, mas ninguém vê o problema do outro.

S: É.

R: Claro que tem países desenvolvidos aí que dão um show nesse quesito, né? Mas... aqui a gente está perdendo feio, por enquanto...

S: É... E não precisava, né? Que nós tamo em vantagem, a gente pegou um país tão bonito, tão limpinho, né?

R: Tão rico.

S: Se já tem tecnologias para não poluir, porque não usar, né?

R: Sim, justamente.

S: É.

R: Aí, a gente, vendo um caso assim, a gente vê essas coisas... e... o que a gente acha que pode fazer, vamos dizer assim, no sentido mais cru da palavra, o fazer, "Vou fazer para poder... para evitar isso", a gente acaba... mesmo que até eu, me polio por isso às vezes, a gente não... não colocar, digamos assim, à frente disso...

S: É...

R: **Vamos supor que, você... tenha uma ideia, não, eu vou fazer tal coisa, e isso vai... vai... melhorar aqui, vamos supor assim, vou colocar aqui na frente à comunidade o local onde a gente vai poder fazer aquele, vamos supor, uma incineração de um material aí que seja nocivo de forma tóxica, que não vai... é... eu poderia colocar isso aqui, ou poderia pagar pra... pra uma empresa vim, a gente fazia um acolhimento aqui, dos valores das pessoas que vão depositar esse tipo de lixo, e pagar para empresa vir, uma pessoa... uma empresa que é especializada e levar isso, muitas vezes a pessoa prefere se expor ao risco, né?(7) Queimar ali, liberar fumaça tóxica.**

S: Mas a Ambiental leva.

R: Justamente.

S: A Ambiental leva.

R: Está certo.

Segunda Entrevista

S: Olá Roberto, bom dia, tudo bem?

R: Sim, bom dia, eu tirei as fotos dos locais de lá onde costumam depositar lá. Inclusive saiu, depois de um tempo, saiu até naquele jornal do Facebook que tem, acho que é Aconteceu em Joinville. Não sei se é um jornal sério mesmo, mas ali sempre dá as notícias.

S: Importante isso!

R: Eles tiraram fotos daquela rua que eu estava falando aquele dia para você e postaram também lá, mostrando a situação. Eu também tinha tirado fotos daqueles mesmos locais ali, sabe... não exatamente as mesmas fotos porque a quantidade de lixo que estava, sempre vai alterando, né, mas enfim... ali é assim, eles não dão muita importância. Um ou outro vem, ajunta. Eu mesmo de vez em quando, quando é alguma coisa que eu consigo tirar de lá ou talvez possa até aproveitar, tem coisas que dá para aproveitar do lixo que eles jogam.

S: Reciclável?

R: Às vezes eles jogam coisas lá que...

S: Que são boas?

R: Isso. Por exemplo, eu estava com falta de umas bocas para um fogão que eu tinha em casa da Brastemp e eu peguei duas bocas de fogão (risos). Estava lá, estava jogado lá, ia fora, não iam usar mais... Eu peguei. Mas assim, só que se aproveita pouco para quem está lá passando né... ali é geralmente mais lixo mesmo, que vai para descarte mesmo. E ao invés de eles procurarem um descarte adequado chegam e botam ali, então... isso é uma coisa que prejudica muito né.

S: Você chegou a ver, assim, você... a vizinhança sabe se o pessoal que faz o descarte é autorizado ou é algo totalmente irregular?

R: Olha... eu não acredito que seja autorizado porque é na beirada da rua né. O pessoal simplesmente chega e... às vezes param... Eu nunca cheguei a ver alguém fazendo porque quando se faz, se faz escondido né. Mas eu acredito que seja sem autorização mesmo, porque é na beirada da rua.

S: Escondido você diz em certas horas do dia...

R: Quando não tem movimento provavelmente, porque assim... eu sempre passo ali para ir à minha sogra, toda sexta feira a gente tem esse hábito. A minha sogra quando serviço me arruma a gente vai lá. E a gente só vê o lixo lá, a gente não vê ninguém depositando nem nada assim. O lixo está sempre crescendo, mas...

S: Tua sogra mora pertinho ali?

R: Ela mora lá no Estevam de Matos. Para eu chegar na casa dela é mais perto ir por ali.

S: Estevam de Matos?

R: Isso... ali o bairro é... acho que o bairro ali é Paranaguamirim, Estevam de Matos é o loteamento né, no Paranaguamirim.

S: Entendi...

R: Então para eu chegar lá mais perto fica... é o caminho mais simples.

S: Que triste isso, né?

R: É terrível...

S: E o que a tua sogra fala disso?

R: Ah... a minha sogra, na verdade, ela não se incomoda muito com isso.

R: Então, ela não sai muito. Ela não dirige também, ela é uma pessoa bem simples.

S: Mas você ouve, assim, algum comentário de alguém ali da vizinhança que isso incomoda? Porque é interessante ouvir um pouco o que as pessoas que moram ali perto pensam disso, né. Elas... será que elas gostam disso?

R: Muito provável que não, mas ali assim é uma... é uma área rural né. Então, assim, não tem casa né, não tem nada assim... Tem uma igreja ali na rua assim. Mas o pessoal que mora mesmo mora para dentro ali. Sempre tem um cercão comprido e aí a casa é lá, entende, na colina, vamos supor assim. É uma coisa isolada.

S: Isolada?

R: Isso, bem isolada. Então, assim... eu não conheço pessoalmente ninguém dali que mora exatamente naquela região ali. A minha experiência nessa rua ali é mais pela passagem mesmo, né. Tem uma rua semelhante...

S: É uma passagem, mas eu estou achando interessante, Roberto, que chamou a sua atenção.

R: Chama, chama a atenção...

S: Por quê? Me diga, por quê? Por quê chama a tua atenção?

R: Porquê estraga totalmente a visão ambiental do local... vamos supor, assim... a estrada do Rio Velho, quando ela foi pavimentada, né, e o acesso foi facilitado, vamos supor assim... para as pessoas fazerem esse trânsito ali de uma maneira mais confortável, ela se tornou uma estrada muito bonita porque tem ali os seus... as suas plantações, vamos supor, de eucalipto, que tem bastante ali... então você entra ali naquela estrada, é uma estrada com curvas, é uma estrada.. prazerosa de você dirigir. E tem lá a sua paisagem né... e aí depois, com o tempo, depois dessa pavimentação, foi se depositando esses resíduos lá, esses lixos lá... e aí a paisagem vai se estragando né. Então deixa de ter aquela visão bonita. Tem alguns locais que ainda preservam a visão bonita, mas deixa de ter a visão bonita e passa a ter esse tipo de poluição e estraga ali o momento do motorista, né... que tá curtindo a viagem... até do passageiro. E como eu passo ali toda semana, então a gente acaba notando, né... a gente vê acontecer. Aí por isso eu reparei pela primeira vez, eu vi um sofá jogado lá no canto. E aí depois daquele sofá o pessoal achou que era um depósito mesmo e ali começou a aproveitar.

S: Interessante isso, né. Você vê como as pessoas pensam, né...

R: Um fez, e o outro copia.

S: Um fez e o outro copia.

R: Ao invés de corrigir o outro ele diz "Ah, esse erro está confortável, vou fazer também."

S: Isso, é isso que para mim é interessante, sabe, assim, ver essas atitudes que... eu não sei, eu acho que as pessoas daí, nesse caso, elas acabam não evitando de que venha à mente delas que aquilo é errado. Porque aquilo vai trazer pra elas um sentimento de que elas não estão sendo boas (risos). (6)

R: Mas assim, ó, no fundo eles sabem que estão errados, mas eles imputam a culpa de tudo isso à pessoa que colocou aquele primeiro sofá. Vamos supor, assim, ele vai fazer porque o outro fez, então a culpa é do outro. E... de certa forma ele só está mascarando o erro dele, né? **Mas na verdade... no fundo, no fundo quem faz sabe que está errado, na verdade, né?(3)**

S: E você acha que, por exemplo, isso chamou a tua atenção, você fica grilado com isso, né? Isso te incomoda, de certa forma, senão você seria mais um a passar por lá

e não ficar incomodado, né? E que ações você acha que seriam produtivas? Como é que a gente pode lidar com isso?

R: Para começar, eu acho que uma exposição do que está acontecendo ali de uma maneira mais abrangente é um primeiro passo, vamos dizer assim. Você falar sobre aquilo de maneira que muitas pessoas escutem, e até aqueles que estão, de repente, de alguma forma fazendo isso, pensem duas vezes antes de fazer.

S: Parece bom...

R: E... aí juntar aí o pessoal de maneira voluntária para poder tentar limpar, e tentar manter, né.

S: Sim...

R: Talvez de repente, aí, como a gente tem as prefeituras, as subprefeituras, dependendo dos locais aí, se pudesse... fazer essa limpeza. É que na verdade, acontece... não vou dizer que não acontece, acontece, porque... esse primeiro sofá, por exemplo, já não está mais lá, são outros lixos que se acumulam, vamos dizer assim, vai rotacionando ali. Então, não vou dizer assim, **eu acho que o primeiro passo e o passo mais importante seria demonstrar para todo mundo, para o máximo de pessoas possíveis que isso está acontecendo e que isso é errado. Para daí então estar fazendo se segurar um pouco, né? De repente, sei lá, dar um fim adequado para o lixo que está acumulando ali.(5)**

S: É...

R: Seria um primeiro passo na minha opinião.

S: Você teria alguma ação que faria diferença no teu alcance?

R: Sim, eu poderia ser um desses voluntários ali na hora de fazer a limpeza sem problema nenhum. Acho que eu consigo tirar bem “facinho” ali uma tarde ou uma manhã de algum dia pra fazer isso.

S: E o que te falta, vamos dizer assim... a gente só está investigando, ok? Isso aqui não é para cobrar nada de ninguém.

R: Não, sim...

S: Dizer que... daqui a pouco vou te convidar para ir lá, não, né...

R: É só o que falta (risos). Agora o que falta, digamos assim, é um engajamento, né, um engajamento um pouco maior. Se tivesse alguém que... não que eu não tomaria essa liderança, mas se tivesse... companhia nisso, entende? **Acho que eu sozinho sou muito pequeno, né, para a quantidade de coisas que tem lá. Eu posso parar o carro lá e botar o que eu conseguir dentro do carro e tentar dar um fim... posso, claro.(1)** Inclusive algumas vezes, dessa vez que eu peguei o fogão foi para isso que eu parei né, tinha um... era um saco de alguma coisa que estava mais ou menos perto daquela área de refúgio lá. E aquilo ali me incomodou um pouco. Eu na verdade pensei que fosse um animal morto ou alguma coisa assim e eu ia tirar dali, porque... às vezes o pessoal precisa, porque ali não tem acostamento, né, tem só essas áreas de refúgio ao longo da maioria da via. Então eu fui para tirar aquilo e eu já vi lá um ajuntado ali... daí eu vi o fogão. Me trouxe uma coisa boa, vamos dizer assim, fazer isso. Mas é uma gota no oceano isso, né... o ideal seria se tivesse uma comoção mesmo, né, pessoal, assim. Uma “galera um pouquinho maior (risos).”

S: É, né?

R: **Com estrutura, com um caminhão para poder jogar as coisas dentro e mandar pra longe... já com “bota fora” próprio... por exemplo eu enchi o porta-malas do meu “hondinha” uma vez com lixo e em casa eu tive que me virar lá.(3)**

S: Selecionar alguma coisa.

R: É, isso...

S: Foi sozinho ou foi com mais pessoas?

R: Não, estava com a minha esposa estava voltando da minha sogra... aí eu parei na rota.

S: E a tua esposa, ela também tem esse espírito, assim...?

R: Ela é um pouco chata com essas coisas, ela até reclama bastante quando eu falo, mas só que...

S: Ela não é ligada assim, nessa...

R: Mas ela entende, assim... ela não... não vê necessidade, vamos dizer assim... ela acha que "Ah, alguém vai tirar"...

S: Alguém né...

R: É...mas claro...

S: Mas quem é esse alguém?

R: O prefeito, o padre, Deus, são os últimos que vão fazer qualquer coisa, porque... isso tem que vir da população, não adianta, se a população não se conscientizar e não fizer alguma coisa, não existe presidente da república que venha arrumar uma forma de tirar.

S: E que daí depois eles colocam de novo se não tiver um trabalho que...

R: É como eu falei, se...

S: Evitar trazer para lá. Porque a gente tem o serviço de coleta de lixo em Joinville, ambiental, né?

R: Sim. E assim, por mais que lá não seja um local, né, de vamos supor assim, coleta de lixo adequado, que não tenha lá a cesta, não tenha lá uma estrutura para isso... eu acredito que alguém faz esse controle. Por que não fica o mesmo lixo lá sempre, a gente passa lá, tipo, às vezes tem um objeto lá que está lá, mas aí passa uma semana depois e já não está mais. E eu não acredito que seja aqueles "caras" dos carrinhos que fazem reciclagem, que pegam, porque tem muita coisa que não é reciclável... tem coisas que são jogadas lá porque não tem outro fim para dar. E acaba sumindo, então tipo assim... é a rotação mesmo né, as pessoas que continuam indo lá, continuam depositando lixo lá, continuam fazendo esse... esse mau hábito né... que acabam mantendo essa poluição e esse... vamos dizer assim, esse desgosto, né... (risos) para quem passa ali. Para quem se importa e passa ali.

S: E até para quem mora ali, né... para quem mora ali não deve ser legal pensar que a sua área está se transformando num canteiro de lixo, né.

R: É. Eu acho assim, ó...

S: Quem será que é dono dessa terra, né, que também não toma uma atitude?

R: É... eu acho que assim, se os donos... os donos talvez também não estejam sempre ali também, tem isso. **Os donos poderiam estar fazendo, né, um controle mais rigoroso(5)**, mas eu não tenho como te dizer se os donos sempre estão ali, se... porque como é um lugar retirado, né, nem sempre o dono mora no lugar, né, às vezes o dono só vem para fazer a manutenção. Ainda mais que a plantação que tem ali geralmente é eucalipto, né, é árvore... demora muito até ela realmente dar uma colheita. Então não tem necessidade de o dono...

S: Deve ser uma empresa, um reflorestamento, né... reflorestamento comercial, claro.

R: Sim... possivelmente ali é uma madeireira, alguma coisa. Mas tem, assim, algumas casas ali... tem a igreja também lá. Mas acho que não tem um dono assim que seja morador, assim. Talvez um caseiro, talvez um caseiro tenha. Uma pessoa para controlar a área.

S: E, Roberto, você falou, assim, que quando você passa lá a sua esposa não gosta, mas que ela é chata também, consciente disso, né...então, como é que é você com essa consciência que você tem, né, como é que é em casa a vida de vocês em relação a essas questões de consciência ambiental?

R: Bom, a minha esposa, ela... embora ela não seja assim a pessoa mais, vamos dizer assim... mais de atitude nesse quesito, ela também não atrapalha. Ela não gosta de fazer, por exemplo se eu estou lá, se eu estou mexendo em alguma coisa, vamos supor que eu parei o carro para pegar alguma coisa para levar para casa ela reclama... “está levando lixo pra casa, não sei o que...” ela fala assim. Mas ela não me atrapalha, não deixa... não é uma coisa... ela não é muito incisiva, ela só reclama...

S: Ela não impede que você leve?

R: Mas também não bota a mão, né (risos). Só que ela não impede. Inclusive nesse dia do fogão aí ela até agradeceu, né, porque era o fogão dela que estava faltando boca.

S: Entendi

R: Aí ela não reclamou nesse dia. Só reclamou das coisas que eu deixei no portamalas... sujou um pouco... ela gosta mais limpo e organizado.

S: Vocês separam em casa... O lixo orgânico do reciclável?

R: Sim... eu vendo às vezes, né, quando junta bastante lá, latinha, essas coisas.

S: Que legal...

R: Mas é a mesma coisa, daí ela fica também incomodando... ela fica reclamando.

S: É?

R: É. Às vezes eu estou num cantinho... porque eu tenho terreno próprio, né... e aí quando tem terreno próprio a gente tem condição de fazer isso. Antes eu morava em apartamento, daí não dava, né... daí eu separava assim, mas daí eu mandava tudo para... lá na frente né... o lixeiro. O reciclável que pegava. E agora nem passa, né, porque é ali no corveta nem passa aqueles homens do carrinho, então... eu separo e daí eu mesmo vendo.

S: Você que tem que levar para o outro ponto, ou vender?

R: Eu vendo, eu vendo... tem um ferro velho aqui na frente do mercado Hipermais ali, e eu vendo ali. Daí quando eu vou no mercado já paro ali na frente deles lá e aí já levo.

S: E sempre dão...

R: Só o plástico que não... os PET assim, eu uso mais para botar água na geladeira e depois eu separo, mas eu mando para o... para o aterro ali dos meninos fazerem a seleção daí eu não sei se eles separam ou não, mas eu mando pra eles.

S: Sei.

R: Agora, ferro, lata, essas coisas... eu separo tudo. Porquê daí tem o ferro velho, é a opção mais simples né.

S: Claro.

R: Se eu tivesse... antes, quando eu morava lá no Itaum, lá tem uma empresa que é de reciclagem mesmo, lá faz de tudo, né. Lá eles separam papelão, separam tubo, aí dá para vender o resto, né, garrafa, garrafa de vidro. Agora aqui a gente não tem nada assim, né..., mas se tivesse eu faria também. Quando eu era criança, né, quando eu era ali, tinha meus 6, 7 anos, do lado da minha casa tinha um casal que vivia só de reciclagem. Então um pouco dessas coisas eu aprendi com eles, né. Eu ia na casa deles, não tinha rua...

S: Que bacana!

R: Eu peguei esse hábito mais por causa deles ali. Eles encontravam bastante coisa, assim, legal quando eles estavam procurando reciclável... brinquedo, coisa de... para mim, que era uma criança, eles sempre davam um presentinho ou outro. Imagine que eles achavam brinquedos... às vezes um brinquedo bom, assim, que as pessoas jogavam. Aí eles não iam fazer nada com aquilo mesmo de plástico... aí eles me davam. Essa recompensa, assim, de você estar fazendo essas coisas e acontecendo

essas recompensas talvez tenha ajudado um pouco a minha maneira de pensar aí, nessas coisas. Mas, assim... eu sempre cuido muito com essas coisas. Não é só isso, né... também tem aquelas coisas que não tem nada a ver com isso, mas também ajudam. Por exemplo quando quebra alguma coisa de vidro em casa não sair jogando na lixeira... primeiro lavo uma das minhas PET, coloco tudo dentro, passo uma fita, identifico que é vidro, para não machucar também o coletor, né. Porquê, querendo ou não, eles são ali seres humanos, estão trabalhando, estão ganhando o dinheiro deles ali honestamente e imagino que você não quer sair para trabalhar e voltar cortado para casa.

S: Certamente.

R: Então, eles também não querem. A gente tem que manter sempre esses cuidados... na verdade cuidar com o outro é cuidar consigo mesmo, né. Porquê se eu mantenho esse tipo de coisa evitando acidentes com as pessoas que vêm ali fazer... prestar serviço para mim, que de certa forma é o que eles estão fazendo, eles vão sempre estar disponíveis para vir, né... então eu vou ter sempre o serviço prestado. Assim que eu penso, né. **E com o ambiente é a mesma coisa, se você mantém o lugar que você trabalha limpo, eu sempre procuro deixar limpinho ali, varrer. Eu também cobro às vezes também dos colegas de trabalho... alguns não gostam, é normal, mas a gente precisa. Porquê imagina que vem uma visita pronta para fazer negócio aqui na empresa... aí ela entra no ambiente e o ambiente está... o material jogado ali, tem pó de alguma coisa aqui, e... não tem ninguém trabalhando aqui, tem só o pó. Então, tipo assim, isso influencia assim se o negócio vai ser fechado ou não. Assim é... no meio ambiente também, se você cuida do lugar onde você passa, se você não joga sujeira ali, se você às vezes tira, quando é uma coisa simples que você consegue fazer... você sempre vai ter uma... um lugar harmonioso, sabe? Prazeroso de você estar, prazeroso de você andar. (7)**

S: Sim.

R: É mais para você manter isso mesmo, entende?

S: Sim. Está bom então, muito obrigada, podemos encerrar a entrevista.

Terceira entrevista

S: Então... vamos lá, Roberto... tudo bom? . Então, hoje a nossa entrevista é a terceira entrevista... você tem contribuído bastante já, né, com as suas vivências, seus sentimentos. E nessa terceira entrevista, então, a gente vai trazer algumas imagens, aqui, né, do nosso tema que é o Rio Cachoeira. Então, inicialmente, eu vou colocar para você essa imagem. Então, isso aqui é... poder-se-ia dizer que é onde vai parar aqueles detritos jogados no solo, né, que são carregados para a água e vão, então, poluindo o nosso Rio Cachoeira, né...

R: **Muito triste.** Eu diria que ali... **tem coisas ali que não precisavam mesmo estar ali. Não tinha a menor necessidade.(2)**

S: Aqui é uma imagem... uma TV, né, uma tela que eu tirei essa foto passeando pela margem do Rio Cachoeira no centro. Daí tinha um pé de pitanga, e eu entrei para pegar uma pitanga, e, nisso, eu tirei o arbusto e olhei para baixo no rio... ali no centro!

R: É uma coisa que não faz o menor sentido. Um rio ali de... é um dos símbolos da cidade, né, e... é muito negligenciado. Pela própria população, né, não diria só pelos governantes, eu diria pela própria população. Por que não foi um prefeito, um vereador que pegou uma televisão e jogou ali, então...

S: De novo né... essas imagens, assim, que eu estou mostrando, elas mostram, então, coisas, né, objetos que estão ali sendo jogados no rio, né... em meio a algumas cenas que... elas dão a impressão de que não, né, que a gente passa ao lado desse rio e que está tudo bem, né. Então, novamente, isso aqui é similar àquilo que você estava trazendo, né, a respeito da diversidade de objetos que se encontram nesses descartes.

R: **São coisas que, sinceramente, não dá nem para acreditar que é colocado onde é colocado. Coisas que não faz o menor sentido estar ali.(2)**

S: E aqui então, nós temos...

R: O resultado...

S: O resultado, exatamente. Eu queria... voltar aqui para essa foto aqui que também é uma foto que mostra uma afluyente do rio, né. Então não são só objetos, né, que se encontra.

R: Parece que a população gosta mesmo de botar as coisas dentro dos rios.

S: Isso é um grande problema, né?

R: **A falta de saneamento adequado.(3)**

S: Isso. E essa parte de saneamento... a gente sabe que existem soluções para os locais que não tem ainda a via pública, nas vias...vamos dizer assim, a rede de esgotos, né... as fossas sépticas.

R: A gente usa aqui as fossas sépticas, né, os sumidouros que a gente chama. Não é necessário, não tem a menor necessidade disso aí. Isso aí é meio que um modo primitivo de agir, vamos dizer assim. Acho que nem os primitivos agiriam assim.

S: Mas agem!

R: Até o gato enterra. Às vezes a população humana consegue ser mais animalesca que os próprios animais.

S: Pois é... eu acho interessante... eu estava discutindo isso até, com outro colega, sobre porque algumas pessoas, elas têm esse cuidado na sua casa e no destino dos seus resíduos, e outras pessoas... elas não atentam que isso é até preventivo pra doenças, né...

R: Exatamente. Imagina você comer um peixe banhado por essa água. É uma coisa que está comendo toxina pura.

S: Pois é.

R: É uma coisa... totalmente... sei lá, não tem nem palavras para um “troço” desses.

Eu acho que... como é que eu vou dizer, assim... isso só aflora o pior da gente, né. Imagina... eu acho assim, você pega, vê o seu vizinho fazendo um erro e em vez de você chamar a atenção dele para a correção daquilo ali, você pegar e fazer igual. Que é o que acontece nessas situações... alguém foi lá e colocou o primeiro cano e o vizinho olhou e falou “ah, dá pra mandar por ali, não precisa cavar buraco, não precisa fazer fossa, não precisa fazer nada, só mandar o cano pra lá, então vou mandar também...” não se atentou que isso...(2)(6)

S: Ah... eu gostei muito dessa tua fala.

R: Mas é o que acontece.

S: É... eu nunca tinha pensado desse modo. Eu só pensava “meu Deus, porque que as pessoas não fazem uma fossa séptica?”, e agora você está trazendo um dado superimportante. porque elas viram um facilitador ali, né...

R: Exatamente. Ah, aquilo ali funcionou para ele, vai funcionar para mim. Ao invés de ele pensar “não, o rapaz está fazendo ali, vai dar errado isso aí. Por que que eu vou fazer igual? Eu vou é falar com ele para ver se ele para de fazer aquilo ali... porque o peixe que eu vou comer daquele rio...

S: Pois é...

R: Vai estar contaminado com os coliformes dele”..., mas a pessoa pensou “não, olha só que fácil, você chega ali, coloca lá e está bom”. E aí é como um vírus, né, o primeiro fez, o segundo fez, o terceiro fez...

S: Que triste isso, né?

R: É...

S: Porque todo mundo tem filhos, tem um futuro para os filhos... se um faz, outro faz, hoje em dia em Joinville a gente já está com esse problema, né. Porque já, de certo, veio isso né, de avô, bisavô, né. Vão fazendo.

R: Eu acho que muito disso vem da... vem de às vezes a pessoa tentar economizar um lugar que aonde você não pode economizar, né. Aí...

S: É, a questão financeira pega, né... eu acho.

R: Mesmo assim, eu acho que um buraco, para você fazer o mínimo para o seu descarte ali, um buraco não é uma coisa que vá acabar com o seu financeiro, vamos dizer assim. Mas as... principalmente porque a gente está falando ali do centro, né... ali, quem está ali é abastado financeiramente.

S: Sim.

R: Então... eu acho que ali foi mais a tentativa de economizar numa coisa que você não poderia economizar de jeito nenhum. Então, pessoas que, digamos assim, não pensavam no outro, não pensavam que alguém vai tirar o sustento desse rio ou a própria fauna mesmo, do rio. **Então, tipo assim... é uma coisa triste, não tem uma explicação lógica para isso. É um erro histórico, vamos dizer assim... que já vem acontecendo há tempos(1) (4).** Agora está se corrigindo, aos poucos, né, porque da forma que a gente está conversando sobre isso, é uma coisa que traz esperança. É um sinal de que a humanidade, ao menos, está tomando consciência dos erros que já cometeu no passado, e tá tentando de alguma forma corrigir. Mas a gente ainda tem muito trabalho para fazer, nesse sentido. Imagina quantos anos teve de briga para poder conseguir fazer a Buschle & Lepper tirar o cano deles de esgotamento de produtos químicos deles do Rio Cachoeira, foi muita luta, muita luta mesmo... e ainda hoje...

S: Conhece essa história?

R: É... a gente ouve falar, assim, por populares ali. Mas a gente não tem os detalhes, né. Mas levaram anos aí, com briga na justiça, né... briga judicial mesmo. Da prefeitura com essas empresas que tem ali ao redor, não só a Buschle & Lepper, tem outras empresas ali ao redor que também fazem parte dessa...

S: Buschle & Lepper que tu falas é essa empresa que está ali do lado do estádio do JEC?

R: Ela está... eu sei que ela tem uma placa na entrada, em uma das entradas da Otto Kardoeffel, se não me engano...

S: Ah é! Lá em cima do morro da entrada de Joinville.

R: É. Ela... antigamente eles tinham, parece, uma saída nas margens do rio. Não sei certinho qual foi a época...

S: Era perto da Ponte do Trabalhador, eu acho.

R: Eu sei que eles tinham uma sede em algum lugar por ali para jogar os descartes. Tem também a Ciser, se não me engano, tinha também, alguns descartes também que davam lá. Mas a Ciser eu acho que era mais esgoto mesmo.

S: Não sei, mas que tinha, tinha.

R: E a Ciser era bem no centro mesmo. Enfim...

S: Aqui a Ponte do Trabalhador, e aqui tem uma imagem que... ela está pegando toda essa parte que junta aqui, ó, o Rio Cachoeira com outro afluente, né. Aí lá é a foz, lá

na Tupy, né, o Morro do Amaral, por ali... né, e aqui é tudo meio mangue, né, e aqui é a zona... bem a zona sul.

R: Guanabara, esses lados.

S: É. Então Joinville é uma rede de rios, né, onde essas regiões que você está falando tem afluentes que vão pra lá, né...

R: Elas todas chegam no mesmo lugar, né.

S: É.

R: Aí, assim... **eles já tiveram muita briga na justiça por conta disso. E, de certa forma, significa que tem luta a favor, né, digamos assim, do Rio Cachoeira. Tem uma luta acontecendo, já aconteceu e que continua acontecendo. Porém, não adianta nada o juiz bater martelo se a população também não colaborar, né. Então por isso que eu digo, o ideal é uma conscientização, digamos assim, bem... não tanto informal, mas digamos assim... não tão focada apenas no corporativismo ali ao redor, mas também na população em si. Uma informação...(5)**

S: Nos bairros, né...

R: É, jogar informação de maneira descentralizada para todo mundo, para que todo mundo que cansa de ouvir falar sobre isso... e de alguma forma tome consciência. Porque quando estiver fazendo alguma coisa errada nesse sentido, está fazendo uma besteira... para que o colega que está do lado possa cobrar também, e aí assim... tentar melhorar, de certa forma. Porque aos poucos a consciência vai acontecendo.

S: É, esse meu trabalho ele busca, justamente, a minha contribuição como psicóloga para o lugar onde se faz ciência, que é a Universidade, né. Então, eu penso assim, com o que que eu posso ajudar? Com aquilo que eu entendo, que é a cabeça, né? Então, como que a gente pode ajudar as pessoas, do meu ponto de vista, da psicologia? Então, eu trabalho a partir de uma autora americana que já fez um trabalho parecido nos Estados Unidos, sobre você ir para as comunidades e conversar, escutar as pessoas. Então, o meu trabalho até está fazendo isso... eu estou escutando vocês. Porque eu penso, assim que isso que você está falando é bem importante, disseminar a situação, tentar engajar as pessoas numa conscientização através disso, mas as pessoas... elas não são ouvidas também, sabe? Sobre a tristeza delas, sobre os problemas financeiros, elas não... não vão ajudar muito.

R: Sim...

S: Porque elas vão fazer como aquele outro lá. Alguém errou, jogou o sofá... “eu não estou nem aí. Ninguém está escutando, por quê? Eu não tenho dinheiro para chamar uma caçamba” né?

R: Justamente...

S: Então... a pessoa quando ela é ouvida, eu acho que ela vai, assim, ter outra visão. Ela vai dizer “não, olha só, tem uma pessoa vindo aqui, vendo a minha realidade difícil... realmente, vamos fazer junto, não me custa...”

R: Sim, é importante, claro. E é bem dessa forma que você colocou, cada um vai ter alguma forma de contribuir. Tem pessoas, por exemplo, que não tem... vamos dizer assim... uma disposição física, ou uma disposição de tempo mesmo para estar lá na hora. Então, claro, de alguma forma que ela puder contribuir, ela vai contribuir. Vamos supor, mesmo falando, não precisa nem ser fazendo, pode ser falando... falando para um vizinho, falando para um parente, tal. Ou mesmo uma pessoa que conheça alguém que mora na região, ou qualquer coisa assim... sempre tem uma forma de alguém ajudar, sempre tem uma forma de a pessoa fazer alguma coisa. Mas, para isso, a pessoa precisa primeiro estar informada da situação, né? Por isso eu digo, a disseminação da informação de como está, na minha opinião seria o primeiro passo

por isso... porque se você sabe como está acontecendo, o que está acontecendo, você pode tomar uma atitude ou não, né. Você pode ignorar..., mas você vai ignorar com consciência, né... sabendo que está ignorando o uma coisa, né, que está acontecendo ali e que pode te prejudicar lá no futuro. Mas, por exemplo, esse pessoal aí que ignora, vamos supor assim, a poluição do Cachoeira, quando precisa sair no centro e está cheio lá... eles tão passando simplesmente pelo resultado da ignorância deles com aquele assunto.

S: Quando toca, como é que a gente diz... quando a água bate no sapo é que o sapo pula né... (risos).

R: Sim, quando chega no iceberg é que o navio afunda (risos).

S: É, isso (risos). Não, se Deus quiser não vai afundar, né.

R: Tomara que não..., mas, é por aí que acontece, entende? Claro, eu não nasci com uma super consciência ambiental, eu...

S: Ninguém nasce.

R: Ninguém nasce... a gente é moldado ali pela vivência, pela sociedade em que a gente está.

S: Sim...

R: Até porque foi isso que aconteceu no passado que trouxe o resultado que está hoje. Era tudo muito abundante, né, as afluentes eram abundantes, tinha nascente abundante, tinha água para todo lado, né... tinha bastante mata, essas coisas por todo lado, então “ah, tem bastante mata, vamos desmatar, tem bastante água, então a gente pode jogar as coisas ali na água mesmo, porque vai desbocar no mar e no mar o caranguejo vai comer e acabou”. Mas, não é assim que acontece, né...hoje em dia a gente tem a cobrança... a cobrança natural de ver os erros do passado, e a gente tem que tentar corrigir hoje. Porque claro, a gente não vai poder hoje... se a gente mantiver limpo agora, se a gente buscar despoluir agora não vai ter resultado hoje. Porque é uma coisa que tanto tempo levou para sujar quanto vai levar tempo para limpar. Mas, da mesma forma que a gente está colhendo hoje os frutos dos erros do passado, a gente vai colher no futuro o fruto do acerto. Acho que se a gente “fazer” alguma coisa que está ao nosso alcance, mesmo que seja pequena, por exemplo... eu sei que quando eu paro lá para fazer qualquer coisa, vamos supor, morreu um animal lá no meio da pista... eu paro meu carro lá, claro, eu faço com cuidado, mas eu tiro o animal da pista, às vezes chamo uma autoridade para levar pra outro lugar. Porque vai ficar ali onde se tem população perto, vai ficar sentindo aquele mau cheiro. Então... às vezes se o animal só está machucado eu levo no veterinário, dou um jeito... a gente sempre tem que tentar fazer alguma coisa. Pode ser pouco..., é pouco, não vai fazer diferença no mundo assim, nossa senhora, amanhã vai o sol cantar junto pra todo mundo, mas se cada um “fazer” qualquer coisa que seja... mesmo varrer um chão, vamos supor, assim, quando você está aqui dentro da empresa, eu vou usar a empresa como exemplo, você está aqui dentro da empresa, você está vendo tudo sujo, você para, dá uma varridinha só no teu ambiente ali... já faz a diferença.

S: É, porque o contrário disso, se ninguém faz, é milhares, milhões que não fazem.

R: Justamente...

S: Né? Se cada um fizer um pouquinho, são milhares de pessoas que ajudam um animal, que reciclam...

R: E mesmo aquele que não... que, por exemplo assim, “ah, eu estou fazendo aqui e fulano lá não faz”, tudo bem, mas você está fazendo. Então, mesmo que seja uma gota no oceano é melhor uma gota no oceano...

S: É, a pessoa lá que vai botar o lixo em algum lugar inadequado, ele sabe que está errado.

R: Sabe, e faz escondido porque sabe. E não quer ser pego fazendo.

S: E não quer ser pego fazendo isso... vai passar vergonha.

R: Isso é uma coisa interessante. E hoje em dia a gente tem essa consciência, né. Antigamente se fazia de qualquer jeito.

S: É.

R: Inclusive, se você fosse repreender uma pessoa você era hostilizado, e tal...

S: Isso...

R: Agora, hoje em dia isso já não acontece. Hoje se a pessoa está jogando ali, se ele vê que você está chegando lá para chamar a atenção dele, ele já entra no carro e vai embora.

S: É...

R: **Então...querendo ou não, as coisas tão caminhando para um futuro esperançoso.(5)**

S: Sim. Então, muito obrigada, Roberto, eu gostei muito desse seu comportamento de ter tirado as fotos, bem como do que você já falou.

Participante 7 : Sílvio

Primeira entrevista

Sa: Boa tarde Sílvio, conte-me, conta um pouquinho assim onde você cresceu, me conta um pouquinho de você.

Si: Eu me criei estou até hoje no Bairro Fátima, na Rua Marechal Luz. Alí, próximo a nossa rua lá, fica do lado da Zona Sul, tem os rios que desembocam lá no Rio Cachoeira e mais lá naqueles lados.

Sa: Sei.

Si: E mais lá para o lado no final da Rua Fátima... que se chama o apelido de Areião, antigamente quando eu tinha lá pelos sete anos seis anos por aí, eles começaram a invadir aquela área ali, que era a área de mangue

Sa: Entendi.

Si: E começaram a invadir, fizeram aterro, começaram a fazer casas, colocar em cima de pilastra assim, e depois veio uma draga, começou a dragar o rio e jogar areia, por isso que chamado de Areião lá embaixo, começaram a jogar as areias e aterrar essa parte que eles tinham invadido já, e aí foram fazendo barraca foram desmanchando as casas, fazendo barracos, aí hoje em dia está tudo asfaltado, casa, tudo lá. Desde esse tempo aí já começaram a invadir e a estragar os rios né? Mas isso ali perto da casa da minha mãe lá, que eu estou morando com ela hoje, lá também, os vizinho lá no final da rua, não para de aterrar o mangue, tão entrando tão deixando cada vez o terreno mais comprido e ninguém vê isso né? Porque aí já está... isolando a água para vazar, aí nisso que dá de enchente, graças a Deus até na casa da mãe nunca chegou água ainda, mas na rua as vezes chega a alagar de água. E é mais ou menos isso daí.

Sa: Você sempre morou nesse local?

Si: É, 42 anos que eu estou alí, desde quando nasci, eu moro lá...

Sa: E como foi assim, a tua infância?

Si: **Ahh, foi uma infância boa, graças a Deus. Naquele tempo ainda tinha... a ... o rio era limpo. Estava começando a ser poluído, a gente tomava banho...(5)** eu não muito porque era pequeno né, mas muitos colegas que eram um pouco mais

velhos que eu, tomaram muito banho lá, a gente ia lá na beiradinha às vezes, se jogava e brincava, mas aí já estava começando a poluição, daí, dali para frente acabou-se, como está hoje.

Sa: Você considera a tua infância boa? Naquele tempo, naquele lugar, assim, vem lembranças boas da sua infância?

Si: Muito boas lembranças.

Sa: Lembra de alguma para me contar?

Si: Ah, lembro que a gente brincava de taco na rua, soltava pipa, jogava peca e jogava futebol, com a barreira de chinelo, fazia brinquedos com aquela lata de leite ninho com areia para puxar, brincava de bater lata, perna de pau, meu Deus era muito divertido; de pega-pega, era muito bom! Hoje em dia, a turma só quer saber de celular.

Sa: É né?

Si: Hoje em dia está bem difícil, a gente vai fazer uma brincadeira com as crianças, com o neto e eles até acham interessante né, porque nunca viram aquilo ali, só querem ficar na TV, no celular só no celular... aí faz uma brincadeira, o peão, tinha o peão também, bilboquê, ioiô, meu Deus, tinha muita brincadeira sadia, hoje em dia está bem difícil.

Sa: E não tinha tanta violência.

Si: Não.

Sa: As crianças podiam brincar na rua também. Ter amiguinhos da vizinhança.

Si: É, é isso mesmo. A minha infância foi muito boa. Não tenho o que reclamar.

Sa: Teu pai era operário? Ou autônomo?

Si: Meu pai era operário, meu pai trabalhou um tempo autônomo, e depois trabalhou numa empresa, mas trabalhou por um bom tempo como autônomo. Ele tinha oficina de carro, eu também trabalhava com ele, naquele tempo a gente podia trabalhar, hoje em dia já é escravidão, naquele tempo a gente podia trabalhar, ganhar um dinheirinho, o pai incentivava a trabalhar desde pequeno, hoje em dia se botar uma criança para trabalhar já é escravidão.

Sa: O que você acha disso?

Si: Isso daí eu acho errado. Eu, sempre ajudei o pai, sempre ajudei em casa, tinha horário de estudar, tinha horário de ajudar em casa, tinha horário de brincar, tudo certinho.

Sa: Você filhos?

Si: Eu tenho três, só que uma falecida, que mataram...

Sa: Mataram?

Si: Mataram minha filha...

Sa: Como é que foi isso?

Si: Faz três...vai fazer quatro anos já. É, foi se meter com um negócio de facção aí, casou-se com um rapaz aí...e esse rapaz foi preso e...e aí... ela foi visitar esse cara que tinha ido preso, e depois ela o abandonou e se casou com outro rapaz, aí depois de uns tempos lá, ela sumiu, Aí creio que este outro rapaz já estava sendo ameaçado, esse rapaz e sumiu. Não sei se foi para outro estado, não cheguei a conhecer esse rapaz, ela foi junto e se juntou com ele. Depois ele a abandonou e sumiu, Aí ela foi lá na casa de uma ex-mulher minha. Ficou lá uns tempos, pediu para morar lá, depois sumiu, Dali para frente que ela sumiu não apareceu mais. E aí acharam o corpo dela lá na Serra Dona Francisca enterrada na beira da estrada.

Sa: Que triste.

Si: Barbarizaram um monte. Aí ligaram e eu fui ter que ir lá reconhecer o corpo dela lá. E nesse mesmo ano foi ela, em março, ela tinha 18 anos, em maio ela ia fazer 19

anos. Em novembro morreu minha esposa de câncer e em dezembro morreu meu pai de infarto, Três paulada no mesmo ano.

Sa: Quando foi isso?

Si: Vai fazer 4 anos.

Sa: Quanta coisa difícil para você.

Sa: Ah é, aí, eu estava conversando com uma colega minha ontem, pelo WhatsApp ontem à noite. A gente está se conhecendo agora então eu falei da história, aí que a gente vê que Deus existe mesmo, que às vezes eu fico pensando como que eu estou seguindo para frente, que só Ele para dar força . Na época eu fiquei revoltado, eu só queria saber de beber e ficar na rua queria descobrir quem foi que matou lá ela, queria saber como foi. Acabou por isso mesmo. Não descobriram nada.

Sa: Não descobriram nada?

Si: Não, se for mexer mais, como dizem, pode ficar mais sério.

Sa: E não vai trazer a sua filha de volta.

Si: Não vai trazer, e capaz que eles vão num ponto mais fraco, A gente tem mais filho, a gente tem mãe, tem neto, aí eles vão no mais fraco para atingir a gente, então, às vezes é melhor a gente ficar mais quieto e não fazer nada.

Sa: E sentir a dor sozinho, né?

Si: É, eu via a mão dela toda cheia de barro, aí a gente imaginava o quanto que ela não tentou fugir, as unhas tudo cheia de barro, o quanto que ela não tentou fugir, o quanto que ela não pediu socorro. Não sei em quantos foi também, barbarizando-a, porque um sozinho não foi.

Si: Aí... converso muito com o meu outro filho... é um menino mais cabeça... converso muito...peço muito para ele não se meter nisso...graças a Deus só está me dando orgulho, não reprovou nenhum ano no colégio, mora com a mãe dele, mas a gente sempre está em cima...

Sa: Conversar é bom.

Si: Graças à Deus só está dando orgulho ele, converso muito com ele para ele se manter no bom caminho. Ele fala: "Não pai, eu só vou te dar orgulho, tu podes confiar, não esquenta a cabeça, eu vou te dar só orgulho,"

Sa: Que bom que tua infância foi boa, hein Sandro, porque a sua vida adulta está puxada, né?

Si: É que eu quero te contar também que eu sou filho adotivo. Eu sou adotivo desde muito pequeno.

Sa: Entendo.

Si: A minha mãe me pegou com um dia de vida.

Sa: Ah, mas então...

Si: É para mim é ela... é minha mãe e....

Sa: É claro.

Si: Com um dia de vida só... minha mãe de sangue me ganhou, ela já me trouxe para casa, então eu estou sempre, desde quando eu nasci, com ela. Eu me criei nesse bairro, nesse lugar, né?

Sa: É tranquilo né?

Si: Sim.

Sa: Porque ela foi mais mãe para ti do que talvez a mãe biológica, que te gerou e poderia não ser uma boa mãe.

Si: Desde quando eu comecei a entender as coisas ela me explicou, ela nunca escondeu nada, que nem aí quando eu fui atrás da minha mãe verdadeira e dos meus sobrinhos, que aí eu queria, porque queria conhecer a minha família biológica. Minha mãe apoiou, a gente foi atrás, conheci meu pai de sangue que é falecido hoje conhecia

minha mãe de sangue que mora no Itinga, volta e meia eu venho ali e visito meus irmãos. E ela nunca escondeu nada e nunca negou, assim, de eu ir atrás. Encontrei o meu irmão de Joinville, um irmão do meio que mora em São Paulo, só um irmão que eu não consegui encontrar até hoje, que esse daí não temos pista de nada, parece só a única pista é que ele mora São Francisco. Mas o de São Paulo, no dia em que ele veio para a gente se conhecer, ele veio na minha casa, ele chorou muito, por causa que já, a mãe dele escondeu que ele era adotivo, ele descobriu sozinho. A mãe dele escondeu e ele com 26 anos foi descobrir a verdade, e ele não aceitou, ele ficou bem revoltado, tal, aí depois, que ele foi aceitando aos poucos, aí foi nisso que ele veio também atrás de nós, para conhecer nós e tal.

Sa: São por parte de mãe?

Si: Por parte de mãe e pai, nós três que fomos dados...

Sa: Tão novinhos, como você?

Si: Eu acho que eles foram também. Mas graças a Deus eu, não tenho nem o que reclamar.

Sa: E como você mora?

Si: Hoje eu moro com a minha mãe. Eu estava com uma pessoa aí, mas não deu certo, aí eu voltei para casa, eu tenho minha casa, mas foi alugada, está tudo alugado lá e aí eu estou morando com ela por enquanto, até janeiro, fevereiro do ano que vem eu quero ver se arrumo alguma coisa pra mim e é isso aí.

Sa: E é isso aí. O negócio é viver com a cabeça no dia de hoje e trabalhar.

Si: É

Sa: Que isso salva a gente, né Sandro? Não ficar no passado, não ficar com muitos pensamentos ruins, a cabeça nos problemas... porque a gente não consegue dar conta de tudo mesmo, né? Então tem que viver um dia de cada vez, né?

As: Voltando a infância dos seus filhos, você levava as crianças para passear também, na natureza, mostrando o passarinho, bichinho?

Si: Sim, uma vez eu fui para São Francisco na casa de uns colegas do pai lá, que tinham cavalos e tal, botei eles em cima do cavalo, andamos com o cavalo, volta e meia a gente ia para o sítio... em Piçarras, que a minha mãe é de lá, meu falecido pai também, nós íamos para lá, sempre... quando a gente podia a gente estava passeando assim.

Hoje em dia graças a Deus, estou bem melhor, mas...meu, recém quando perdi a minha filha, meu Senhor, não dormia direito... Foi bem perturbante mesmo, mas graças a Deus, meu... foi melhorando...

Sa: Sim. sim. Fé, a gente nunca deve perder a fé, né Sandro? E o que você gosta de fazer na natureza?

Si: Gosto de pescar, sempre fui pescar.

Sa: Me conta um pouco dessas pescarias, é limpo o rio?

Si: Limpo, limpo, limpo. É bem limpo. Aí, é um rio que ele... passa por dentro do... da cidade do... de Luiz Alves, é um... é... dá pra... a turma vai tomar banho e tudo, é bem legal aí... é igual o rio Piraí aí, eu... no Quiriri, e... aí quando chove demais, transborda e enche as casas dos moradores, Os peixes vão tudo para a vazão da água lá, para ir tudo no rio, aí tem bastante peixe praquele lado...

Sa: Legal.

Si: Aí eu não conhecia lá, eu conheci através dessa última mulher que eu estava agora esses tempos atrás. Ela é de Luiz... ela na verdade é de Blumenau, mas morou um bom tempo em Luiz Alves, aí conheci através dela, achei muito legal aí comentei aqui com os meus amigos e marcamos.

Sa: Então ela mostrou também o caminho da pescaria legal, né?

Si: É, nós íamos.... nós íamos bem... quase que direto pescar, quando a gente não ia pescar, a gente ia para a praia, que nós temos uma casa... família... da minha família lá na enseada...

Sa: Beleza.

Si: Aí quando nós não íamos pra lá, pra Luiz Alves, nós íamos lá para a Enseada pegar siri, que ela gostava muito de pescar e essas coisas assim, a gente passeava bastante... na ponte entre Ubatuba e Enseada.

Sa: Não está tudo poluído lá?

Si: Por enquanto não, tomara a Deus que nunca poluem, mas por enquanto não...

Sa: Você percebe como a natureza é importante, quando ela é assim, as diversões da gente são sempre ligadas à natureza, não é mesmo?

Si: É.

Sa: É o sítio de Piçarras, né? O andar a cavalo, é, Luiz Alves, né?

Si: Ah, eu gosto muito de passear, gosto muito, até nessa parte... assim... eu com ela, nós... batia, por causa que... chegava final de semana, perto de sexta-feira, nós chegávamos combinando para onde que a gente ia, dificilmente a gente ficava um final de semana em casa.

Sa: Tempo bom então!

Si: Que a gente já se acostumou a sair... aí tinha a vez que também estava ruim de dinheiro, tinha que ficar em casa e tal, mas aí já ficava assistindo um filme e tal, combinava outras coisas, mas a maioria dos finais de semana a gente ficava passeando.

Sa: Que legal. Acho que é isso Sandro, hoje ficamos por aqui.

Si: Tudo bem.

Sandra: Então nós vamos ter mais duas conversas. Iremos nos focar mais na poluição e na degradação do Rio Cachoeira e das áreas ao redor dele. Mas eu lhe agradeço muito por hoje, inclusive por ter confiado muitas passagens de sofrimento da sua vida. Faz bem colocar para fora coisas que ainda trazem muita angústia.

Si: Show, Uhummm. Foi muito bom para mim ter esta oportunidade, muito obrigada.

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 29/11/2021.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (X) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Sandra Tireck Junqueira

Orientador: Rodolfo Coelho Prates

Data de Defesa: 21/09/2021

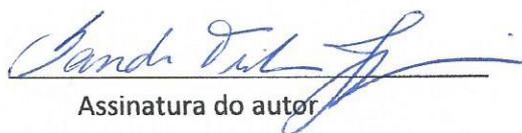
Título: Avaliação das Interações entre Conservação Ambiental e Mecanismos de Defesa dos Residentes Próximos ao Rio Cachoeira.

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville - UNVILLE

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (X) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.


Assinatura do autor

Joinville, 29 de novembro de 2021